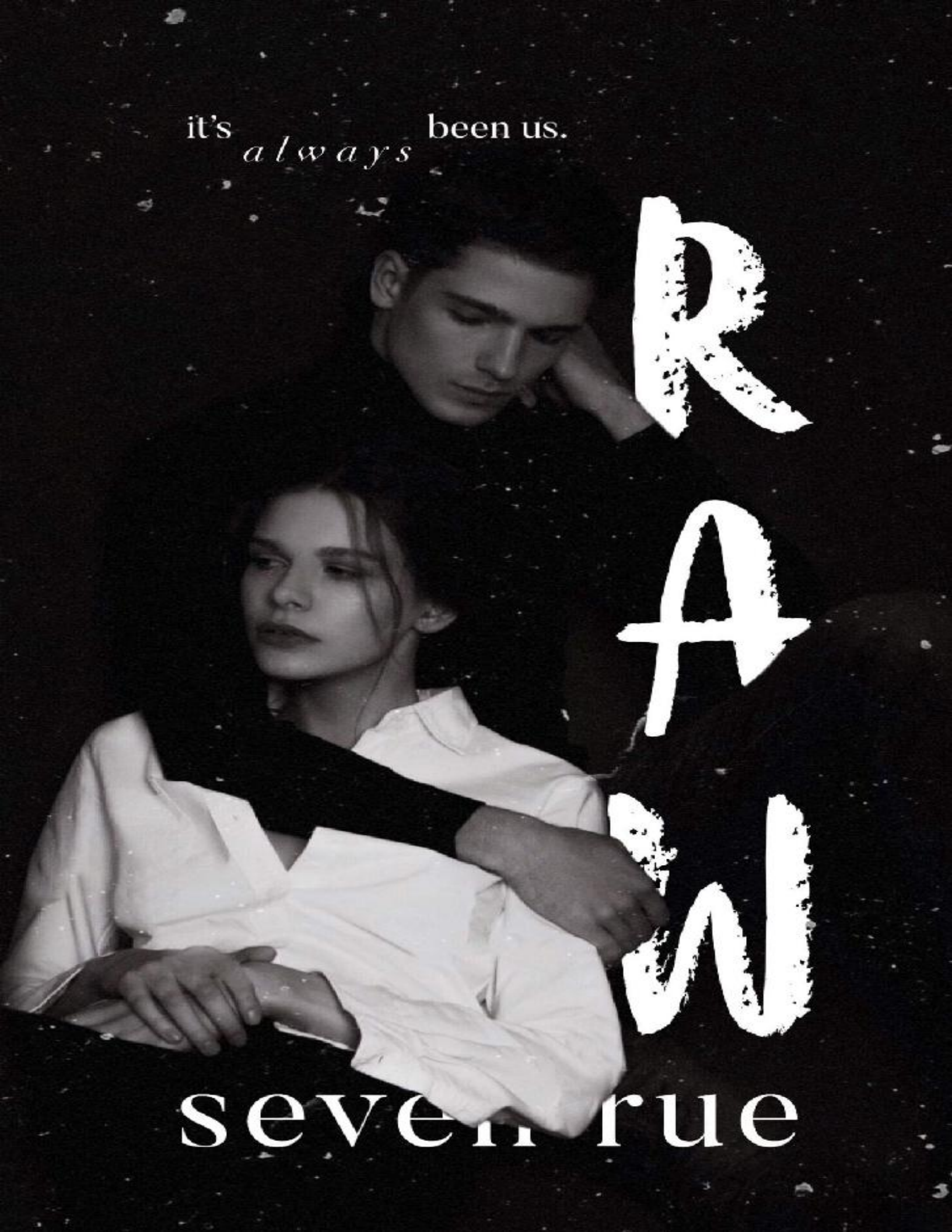
it's *always* been us.



RAW

seven rue



2021

AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Luxury Traduções (LT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo LT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo LT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Sinopse

Vespyr

“Quando a vida parecer um sonho febril, não acorde.”

Fennec e eu fomos próximos durante toda a nossa vida, mas as coisas não são mais as mesmas desde o verão.

Percebi coisas que nunca tinha percebido. Não só sobre mim, mas também sobre ele.

Ele mudou. A maneira como o via mudou.

Manipulador.

Doente.

Possessivo.

Palavras que eu nunca teria usado para descrevê-lo.

Até agora.

Ele me arruinou lentamente, me fez ver o pior nele. Mas por mais sombrias que as coisas entre nós se tornassem, eu nunca deixaria seu lado.

Aviso de Gatilhos

Por múltiplas razões.

Este é um tabu extremamente autônomo que ocorre no deserto do Alasca.

Este livro contém temas sombrios e, se você ousar ler, entre com a mente aberta.

Gatilhos incluem: *doença / abuso mental, jogo com faca, jogo com sangue, escravidão, jogo com fluídos, jogo de asfixia, cenas sexuais de natureza muito tabu (ralações entre irmãos de sangue).*

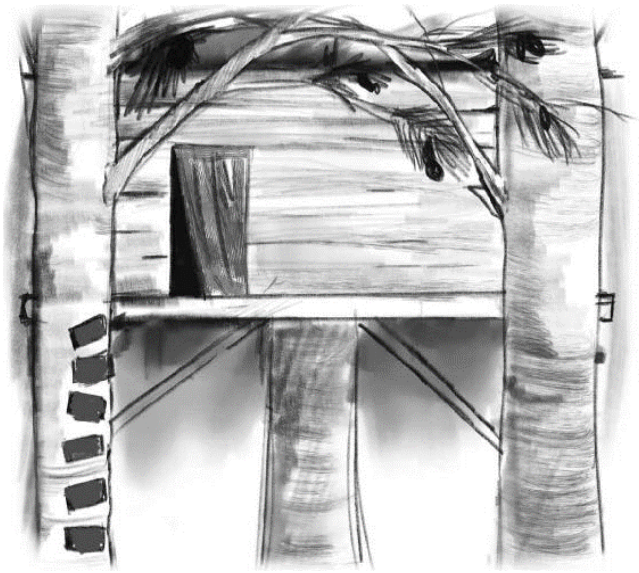
Este livro é cru.

Não diga que não foi avisado.

A cada um dos meus leitores leais, doces e de mente aberta, que nunca se esquivam do proibido.

E a Zandria, que é a talentosa artista por trás das ilustrações neste livro.

"Ser diferente é uma coisa boa."



PROLOGUE
VESPYR

“Fennec!”

Sempre que eu via seu rosto, meu coração batia forte.

Isso era normal. Sempre pareceu normal, mas desta vez, ao vê-lo caminhando em minha direção com o sorriso mais brilhante espalhado em seus lábios, havia algo mais que eu senti no fundo do meu peito.

Meu corpo aqueceu, e quando ele me alcançou, ele passou os braços firmemente em volta de mim, me levantando, embora fôssemos quase da mesma altura.

Tínhamos pais altos e, como não tínhamos nem um ano de diferença, eu tendo nascido apenas onze meses depois dele, as pessoas muitas vezes pensavam que éramos gêmeos.

Mama engravidou de mim quando Fennec tinha apenas dois meses e, apesar dos médicos quererem convencê-la a não fazer isso, ela decidiu ficar comigo.

Não importando os riscos.

Eu era um bebê saudável, porém, crescer com Fen foi a melhor coisa do mundo.

Ele sempre esteve lá por mim, nós brincamos e aprendemos coisas novas juntos, sempre sentávamos um ao lado do outro na mesa de jantar e na escola, e sempre que íamos dormir, nós encontrávamos maneiras de entrar furtivamente no quarto um do outro para brincar até que ambos adormecêssemos.

Fen tem sido meu melhor amigo desde então, mas havia mais nisso.

Muito mais.

Nós apenas não sabíamos ainda.

“Finalmente livre,” ele sorriu, me deixando ficar de pé e esfregando minhas costas antes de me soltar e abraçar a Mama.

“Parabéns, Fen. Estou orgulhosa de você,” disse ela em voz baixa.

Todos nós sabíamos que Fennec se formaria no ensino médio com sucesso, o que não poderia ser dito sobre mim.

Tinha problemas para me manter concentrada na escola, e sentar sempre perto da janela era um dos motivos.

Eu adorava ver a natureza fazer o que quer que fosse para ficar tão bonita e, embora não houvesse muita mudança enquanto olhava para as árvores e a grama lá fora, eu sabia que preferia estar lá do que presa dentro de casa.

É por isso que eu não tinha certeza se terminar o ensino médio era o que eu queria.

Seria estúpido não fazer isso, agora que eu estaria no último ano depois do verão, mas saber que Fennec não estaria mais por perto foi o que me fez querer largar a escola.

Peguei sua mão quando ele soltou o abraço da Mama e apertou minha mão gentilmente, dando-me um sorriso suave enquanto seu polegar esfregava o meu.

“Fiz um bolo para você antes de virmos aqui. Você tem que provar. É bolo de cenoura,” eu disse a ele, sorrindo.

“Nosso favorito. Mal posso esperar para experimentar. Vamos,” disse ele.

“Espere. Você não quer ficar e comemorar com seus amigos?” Mama perguntou, imediatamente me fazendo sentir aquele ciúme estúpido que sempre aparecia quando alguém mencionava seus amigos.

Eu não tinha nenhum, porque não era muito boa com as pessoas em primeiro lugar, mas Fen era diferente.

Nós dois éramos diferentes, mas... ele era simpático.

Ele jogou futebol e fez alguns amigos, e também frequentou outros clubes durante seu último ano letivo, o que o tornou um cara um tanto popular.

Não era difícil ser popular em uma escola como essa.

Vivíamos em Fairbanks, Alasca, e embora fosse uma cidade razoavelmente grande, as pessoas falavam e certas coisas circulavam pelos lares em toda a cidade.

“Comemorei com eles antes da cerimônia, Mama. Estou feliz em voltar para casa com vocês,” disse ele, fazendo aquele ciúme no meu peito

desaparecer imediatamente.

“Vamos! Devíamos assistir a um filme. Lembra daquele que eu te falei? Onde eles estão em uma nave?”

“Passengers[1]?” Ele perguntou com um sorriso quando começamos a caminhar em direção ao estacionamento.

“Isso! Devíamos assistir,” eu disse a ele.

“Ei, Fen!” Uma voz familiar chamou, e todos nós nos viramos para ver Kody e Duke caminhando em nossa direção.

“Você já está indo embora? Nós vamos festejar no Duke's. Você deveria vir,” Kody disse, me dando uma olhada, mas desviando o olhar rapidamente.

Isso é tudo que recebia dos meninos desta escola.

Ou nas ruas.

Ou em qualquer lugar.

Apertei a mão de Fen com força, silenciosamente dizendo a ele que não queria que ele fosse à festa com eles.

Ele ao menos se divertiria? Ele nunca foi a festas.

Geralmente assistíamos a filmes à noite ou íamos ao restaurante do outro lado da rua para comer nossos hambúrgueres com batatas fritas favoritos.

“Foi mal, cara. Prometi a minha família que ficaria em casa hoje à noite. Logo irei embora e quero ficar com elas antes de ter que dizer adeus,” explicou.

Iria embora.

Ele iria morar com o Papa em Wiseman.

Na região selvagem.

“Ah, certo. Esqueci disso. Tem certeza que quer viver na floresta? Fica muito frio lá fora à noite,” Kody o lembrou.

Como se não soubéssemos.

Passamos todo verão com Papa, dormindo na casa da árvore e caçando nossa própria comida.

É onde eu também queria morar.

Eu não conseguia encontrar uma ligação com a sociedade, assim como Papa, e estar perto dele, aprender coisas novas e como sobreviver na selva era o que eu queria fazer quando me formasse.

“Sim, ouvi falar disso,” disse Fen sarcasticamente, depois estendeu o punho para dizer seu último adeus.

Kody e Duke deram um soco nele, mas antes de nos virarmos para ir embora, Kody olhou para mim novamente. “Você vai viver na selva também?”

O súbito olhar julgador que ele me deu foi a prova de que a escolha da Fennec de viver com o Papa estava ok, mas eu querer sair da sociedade e fazer minhas próprias regras era reprovado.

Fodido sexista.

“Ela vai, assim que se formar,” Fennec respondeu por mim.

Duke soltou uma risada enquanto Kody sorria. “Certifique-se de que ela não seja comida por um urso.”

Ignorei seu comentário, visto que já ajudei Papa a caçar um urso antes.

Eu era pequena, mas foi minha maior conquista.

O pelo daquele urso estava agora na minha cama, me mantendo aquecida à noite.

Quando nos viramos e voltamos para o carro, Mama acariciou minha nuca sem dizer uma palavra, mas mostrando compaixão.

Ela não concordava com as escolhas de estilo de vida do Papa e em como ele estava fazendo Fennec querer viver lá também, mas ela certamente odiava meninos como Kody e Duke, cujos pais deveriam ter repensado suas escolhas de nomes, já que pareciam nomes de cachorros.

Entramos no carro, Fennec no banco do passageiro e eu no banco de trás. “Tem certeza que quer ir morar com o Papa? Você sabe que ainda tem tempo. Nós conversamos sobre ir para a faculdade. Tem certeza de que não é algo que você gostaria?” Mama perguntou.

“Prometi ao Papa que estaria com ele na próxima semana. Não posso abandoná-lo, e você sabe o que penso sobre a faculdade.”

“A faculdade é chata,” anunciei, fazendo Fennec rir e virar a cabeça para olhar para mim.

“Sim? E como você saberia, Ves?”

Sorri e encolhi os ombros. “O ensino médio é chato, então não acho que a faculdade seja melhor.”

“Faculdade é útil,” disse Mama, fazendo com que ambos olhássemos para ela. “Ensinam muito sobre a vida para o futuro.”

“Eles não me ensinarão como caçar e capturar animais. Ou como sobreviver na selva. Como navegar de volta para casa quando se está perdido,” apontou ele, me fazendo sorrir brilhantemente.

“Papa é o melhor professor universitário que existe,” eu disse com orgulho, mas Mama balançou a cabeça.

“Seu pai nem terminou o ensino médio. Ele sempre nadou contra a maré, sempre fazendo suas próprias coisas.”

“Ser diferente é uma coisa boa, Mama. Eu te amo, mas quero ficar com o Papa. É onde eu deveria estar.”

Ela ficou quieta por um momento, segurando o volante com força em suas mãos até que os nós dos dedos ficassem brancos.

“E você?” Ela perguntou, olhando para mim pelo espelho retrovisor. “Você quer ficar com seu pai também?”

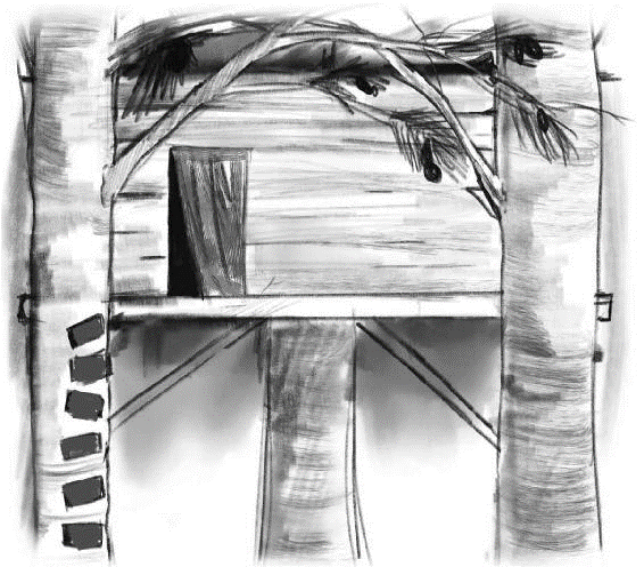
Olhei em seus olhos, sentindo o nó na minha garganta apertar.

Não, Papa não era com quem eu queria estar.

Era com Fennec.

Sempre foi Fennec.

"Tão estranha."



CHAPTER 1
VESPYR

Um Ano Depois

“Você ainda tem tempo para pensar sobre isso, Ves. Você não tem que tomar uma decisão agora,” Mama disse enquanto me seguia para o meu quarto.

Eu tinha finalmente me formado, assim como Fennec um ano atrás, e embora eu tenha lutado muito para chegar às provas finais, fiz isso apenas para que Mama pudesse dizer com orgulho que seus dois filhos conseguiram terminar o ensino médio com sucesso e se gabar disso para as amigas.

Além disso, eu não queria ir para o ensino médio por mais um ano e, embora eu só tenha concluído com minhas notas horríveis, fiquei contente por ter conseguido passar.

“Queria isso desde o início da escola, Mama.”

Eu já havia embalado minha mochila com todas as coisas que queria levar para a floresta.

“Podemos falar sobre isso primeiro? Eu sei que você nunca quis ir para a faculdade, mas há outras coisas que você pode fazer. Tenho certeza que você encontrará um bom trabalho do qual gostará. Talvez no lanchonete,” ela sugeriu, e infelizmente, aquele era provavelmente o único lugar que me deixaria trabalhar sem verificar meu currículo.

“Não quero trabalhar na lanchonete. Ou em qualquer outro lugar. Eu quero ficar com Papa,” disse a ela, virando-me para encará-la e então sentando na beira da cama.

Eu amava meu quarto.

Desde pequena, decorava minhas paredes com pedaços de jornais e revistas, a maioria deles com fotos de caçadores, ursos, raposas e outras coisas relacionadas com a natureza nelas.

A pele de urso que Papa me deixou trazer para casa depois de um feriado de inverno anos atrás estava quente e fofa debaixo de mim, e eu esfreguei minhas mãos contra ela antes de segurá-la com força.

Mama suspirou, me olhando com atenção.

Eu parecia exatamente como ela.

O mesmo cabelo escuro, quase preto, sobrancelhas grossas e olhos cinza-escuros.

Nossos narizes tinham uma pequena protuberância na ponte, mas a ponta era ligeiramente empinada.

Teria sido um nariz perfeito sem a protuberância, mas é claro, sempre havia algo que incomodava em seu próprio rosto.

Uma razão pela qual eu odiava espelhos. E não havia espelhos na floresta.

Nossas bocas eram largas, com lábios não muito cheios, mas tinham um belo arco de cupido.

Por mais beijáveis que meus lábios parecessem, ninguém nunca quis beijá-los.

Mas já houve alguém que me beijou antes. Embora fosse apenas em meus sonhos.

Fennec, por outro lado, parecia exatamente como o Papa.

Os mesmos cabelos escuros, encaracolados nas pontas.

Seus olhos eram marrons, quase dourados, com manchas de preto.

Assim como no Papa, suas maçãs do rosto eram altas e firmes, fazendo aparecer covinhas em suas bochechas quando sorriam.

Eles tinham mandíbulas fortes, embora as do Papa estivessem cobertas por uma barba grossa.

“Vamos jantar mais tarde e vamos resolver isso juntas. E se fôssemos ao Brian's? Ouvi dizer que ele e Dianna acrescentaram novos itens ao menu, perfeito para o verão,” ela anunciou num tom esperançoso.

Apesar de vivermos no meio do Alasca, o verão esquentava o suficiente na maioria das vezes, e com o mês de julho se aproximando, o sol ficava mais quente a cada dia.

“Tudo bem, podemos ir comer. Mas eu não acho que você possa mudar minha opinião sobre ir embora.”

Eu sairia para o verão de qualquer maneira, como fazia todas as férias de verão.

Bem, todas, exceto a última.

Mama queria que eu ficasse em casa para estudar, então eu estaria preparada para o meu último ano do ensino médio.

Funcionou, mais ou menos.

Poderia ter funcionado melhor.

“Meu objetivo não é mudar sua opinião, Vespyr. Quero saber suas razões. Entendo porque Fennec queria ir morar com o pai, mas você…” Ela soltou um suspiro e inclinou sua cabeça para o lado com um olhar preocupado.

“Eu quero estar com eles,” disse a ela.

Eu sabia que ela não estava feliz por sua única filha deixá-la assim como seu filho tinha feito, mas não havia como ela decidir o que queríamos da vida.

Quando Papa decidiu viver na região selvagem, longe da sociedade para fazer suas próprias regras e ser dono de si, Mama não ficou muito feliz com sua decisão.

Ainda éramos pequenos e não entendíamos muito sobre o que estava acontecendo, mas a primeira vez que lembro de visitar Papa em sua nova casa, sabia que era onde queria estar pelo resto da minha vida.

Fennec queria o mesmo, e parecia que Mama não tinha problemas com ele ficar com Papa.

Ela soltou um suspiro e acenou com a cabeça, então sorriu para mim suavemente. “Prepare-se. Sairemos em algumas horas.”

Eu a observei sair do meu quarto, deixando a porta aberta já que privacidade não era uma coisa existente nesta casa.

Caí de costas no colchão, com a mão na barriga e os olhos fixos nas muitas caudas de animais penduradas no teto.

Eu amava animais, mas na natureza, você tinha que matá-los para sobreviver.

O único animal que eu não tinha uma cauda era uma raposa. Desde pequena, eu tinha essa estranha conexão com as lindas criaturas, e sempre disse ao Papa para não atirar nelas quando visse uma.

Ele manteve sua promessa e nunca mais matou uma raposa desde que eu tinha idade suficiente para lhe dizer que não fizesse isso.

Fennec me prometeu que também não as mataria, e como o melhor irmão do mundo faria, ele também cumpriu sua promessa.

Fiquei olhando para o teto por alguns minutos, pensando na conversa que Mama e eu teríamos no restaurante sobre minha vontade de partir.

Talvez eu devesse ter planejado isso.

Garanti que eu dissesse as coisas certas para que fosse mais fácil para ela aceitar minha decisão, mas decidi deixar tudo acontecer sem pensar muito sobre isso.



Quando entramos no restaurante de Brian do outro lado da rua de nossa casa, eu não esperava que garotas da minha escola estivessem sentadas em uma cabine, olhando e rindo enquanto eu ficava ali atrás da Mama, esperando que Dianna nos mostrasse uma cabine livre.

Tirei meus olhos delas, sabendo que ou elas estavam zombando de minhas roupas, ou de mim como pessoa.

Elas não tinham nada melhor para fazer do que falar rudemente sobre outras garotas que não se encaixavam em seu padrão.

Rosa deveria ser a cor associada ao inferno, não o vermelho.

“Temos uma nova sopa de frango no menu. Você vai adorar, Vespyr,” disse Dianna alegremente, e eu dei a ela um pequeno sorriso antes de a seguirmos para chegar a nossa cabine.

“Tão estranha,” ouvi uma das garotas murmurar enquanto passávamos por sua mesa. “Você não pode nem mesmo dizer que o irmão dela é seu gêmeo irlandês[2]. Fennec é muito mais bonito que ela,” comentou outra, e antes que eu parasse para encará-las e mostrar como suas palavras eram rudes, Mama agarrou meu pulso e me puxou com ela, me dando um olhar que significava que eu não deveria lhes dar nenhuma atenção.

Ela ouviu tudo e, embora fosse a única a dar à luz a *gêmeos irlandeses* nessa cidade, ela era a última a se importar.

Quando nos sentamos, ela acariciou minha nuca e me entregou um dos menus que Dianna havia entregado.

“Sopa de frango no verão?” Perguntei, tirando aquelas garotas da minha mente e mudando de assunto.

“Eu sei, não é um prato de verão, mas é delicioso,” disse Dianna, segurando seu bloco de notas e caneta prontos para escrever.

“Vou querer um hambúrguer de salmão, por favor,” eu disse, decidindo sobre algo que sabia que iria devorar em segundos.

“Batatas fritas para acompanhar?”

“Sim, por favor.”

“Eu quero a sopa de frango então. Coloque um pouco de pimenta nela, sim?” Mama pediu.

“Perfeito. Já volto com suas bebidas.”

Embora ela não tenha perguntado o que gostaríamos, ela sabia que nós duas tomaríamos coca.

Mama estendeu o braço sobre a mesa para puxar minha mão para a dela, apertando suavemente e sorrindo para mim como as mães costumavam fazer.

“Estou orgulhosa de você, Vespyr. Você sabe disso, certo?”

Balancei a cabeça, sorrindo para ela, mas rapidamente deixando os cantos da minha boca caírem novamente.

“Quando eu tinha sua idade, seu pai e eu já estávamos juntos há um ano inteiro. Nos conhecemos no ensino médio e, assim como você, seu pai era ele mesmo.”

Eu sabia disso.

Por mais semelhantes que fossemos, nós éramos exatamente opostas em personalidade.

Eu era como o Papa e Fennec como a Mama.

Ambos eram confiantes, não se importavam com as opiniões dos outros e tinham amigos que os aceitavam do jeito que eram.

Papa e eu também éramos confiantes, mas só mostrávamos essa característica quando estávamos sozinhos, nas profundezas da floresta.

A confiança era necessária quando se vivia a quilômetros de distância da sociedade, tendo que lutar contra animais selvagens e viver através de tempestades de neve.

Nós nos preocupávamos com as opiniões dos outros, mas apenas se elas pudessem se transformar em algo útil.

Não precisávamos ser criticados por pessoas que nunca tinham vivido na natureza ou sabiam como era viver na selva, mas a parte triste era que a maioria das pessoas não sabiam que existia uma coisa chamada crítica construtiva.

Era uma coisa útil, mas assim como aquelas garotas tirando sarro de mim, as pessoas não conheciam.

“Você sente falta do Papa?” Perguntei.

“Claro que sinto falta dele. E também sinto falta de Fennec.”

“Então por que você não vem morar conosco no verão? Eu sei que eles sentem sua falta também, e você não vai sair da cidade de qualquer maneira.”

Ela riu baixinho e balançou a cabeça. “Você sabe que não posso viver em uma tenda por tanto tempo,” ela me disse.

“Nós temos a casa da árvore, Mama. É quente e aconchegante lá. Por favor... Papa e Fen adorariam ter você lá,” eu disse, minha voz cheia de esperança.

Ela sorriu para mim, seus olhos me mostrando que ela estava pensando sobre isso. “Não posso. Não é o meu mundo lá fora, mas ficaria feliz se seu pai e Fennec viessem aqui e passassem alguns dias conosco.”

Eu tinha que respeitar suas decisões, e ela tinha que respeitar as minhas.

“Você pode pelo menos me levar até lá?” Perguntei, visto que nós já tínhamos concordado silenciosamente em eu partir.

“É uma viagem de seis horas,” afirmou ela.

“Aqui está,” disse Dianna enquanto colocava nossas bebidas na mesa.

Eu sorri para ela e soltei a mão da Mama para tomar um gole. “Indo viajar?”

“Uh, mais ou menos. Vespyr quer morar com seu pai em Wiseman. Não tenho certeza se posso dirigir por 12 horas.”

“Oh, por que você não fala com o Jason? Ele está bem ali,” disse ela, apontando para uma mesa do outro lado da sala. “Ele disse que vinha buscar algumas coisas e depois voltar para Wiseman. Tenho certeza de que ele te levaria até seu pai.”

Olhei para Jason, um cara mais velho que morou em Wiseman durante toda a sua vida. Papa o conheceu quando ele decidiu se mudar para uma cabana em Wiseman e, pouco tempo depois, ele se mudou para a floresta.

Embora o acampamento do Papa não fosse muito longe de Wiseman e dos poucos moradores que viviam naquela pequena cidade, você poderia facilmente se perder procurando o caminho para sua casa.

“Parece uma boa ideia. Vou perguntar a ele mais tarde,” disse Mama com um sorriso que não alcançou seus olhos.

Ela não estava feliz, mas sabia que não poderia me fazer mudar de ideia.

“Não. Eu vou perguntar a ele,” eu disse.

Dianna saiu, e eu levantei da mesa para caminhar até Jason, cujo Malamute do Alasca[3] imediatamente sentou quando percebeu que eu caminhava em sua direção.

“Olá, Sitka!” Eu me ajoelhei e esfreguei seu pelo grosso, deixando que ela farejasse meu rosto e finalmente me reconhecesse como a garota que encontrou algumas vezes antes.

Ela era uma gigante dócil, e Jason não se importava que eu tocasse seu cão sem pedir.

“Ei, Vespyr. Não vi você entrar aqui,” disse Jason quando me levantei e sorri para ele, continuando a esfregar a cabeça de Sitka.

“Estou bem ali com a Mama. Posso te fazer uma pergunta?”

“Claro,” ele disse em sua voz profunda e rouca.

Ele tinha quase sessenta anos, não tinha esposa ou filhos e estava vivendo sua melhor vida em Wiseman, longe das grandes cidades.

Ele costumava ir a Fairbanks buscar comida para Sitka e para si mesmo, e para cumprimentar seus velhos amigos.

“Dianna me disse que você vai embora em breve. Você se importaria de me levar com você para que eu possa ir para a casa do Papa? Vou morar com ele, assim como Fennec.”

“Ah, você se formou no mês passado, hein?”

“Sim,” eu disse, não me sentindo tão orgulhosa quanto deveria.

“Claro que posso levá-la a Wiseman, mas vai ficar um pouco apertado no caminhão. Tenho algumas coisas para levar para casa e Sitka está comigo também.”

“Posso me espremer onde quer que haja espaço. Eu não vou ocupar muito disso, prometo.”

Ele me estudou por um momento, depois olhou para Mama sentada na mesa atrás de mim e, com um aceno rápido, olhou de volta para mim.

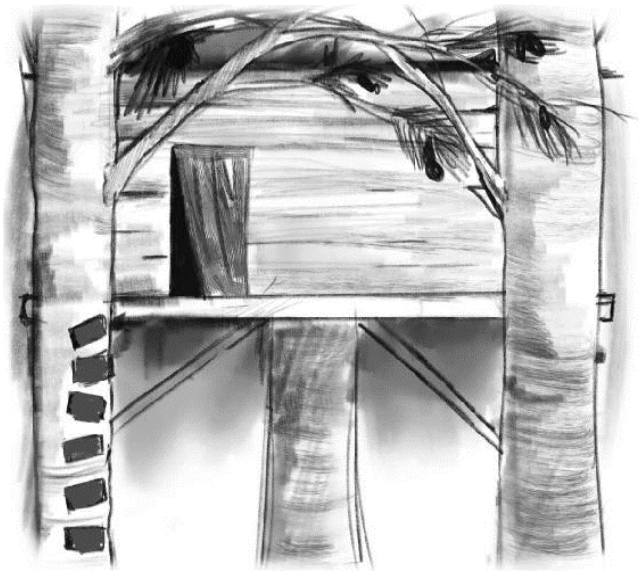
“Tudo bem. Estarei saindo na sexta-feira. Perto da hora do almoço.”

Balancei a cabeça e sorri brilhantemente. “Obrigada! Estarei pronta.”

Dois dias.

Apenas mais dois dias e eu estaria voltando para o Papa e Fennec.

"Eu posso me proteger."



CHAPTER 2
VESPYR

Eu não tinha feito muito nos últimos dois dias além de empacotar minha mochila animadamente e verificar a hora a cada minuto.

Era hora do almoço e eu tinha colocado minha bolsa com roupas quentes e três pares de botas ao lado da porta da frente, esperando Jason parar com sua caminhonete.

“Por que você não vem sentar e comer mais um pouco? Você só comeu metade das asas de frango que fiz para você,” Mama gritou da cozinha.

“Estou muito animada para comer. Já comi o suficiente,” eu disse a ela, mas por algum motivo, meus pés me arrastaram para a cozinha onde me sentei à mesa.

“Mais duas asas,” sugeriu ela, e eu suspirei para ela insistindo para eu comer.

Se eu não comesse, ela me obrigaria a levar para a viagem até Wiseman, onde Sitka definitivamente me perturbaria por causa do cheiro, querendo que eu desse as asas para ela.

Os cães não deveriam comer carne assada, porque ossos assados eram perigosos para eles, então manter os ossos longe dela seria uma dor de cabeça.

Peguei uma asa e comecei a comê-la enquanto meus pés não ficavam quietos, fazendo meus joelhos tremerem e se movimentarem para cima e para baixo em movimentos rápidos.

“Você embalou tudo? Não vou dirigir até lá apenas para levar uma camisa ou um par de calças.”

“Empacotei tudo.”

Roupas, sapatos, escova de dentes e meu caderno.

“E quanto ao shampoo?” Mama perguntou com uma sobrancelha levantada.

“Papa faz shampoo de plantas. Não preciso levar o meu.”

“Entendo,” respondeu ela, tentando descobrir se era interessante ou estranho demais.

Eu gostava da maneira como tínhamos que encontrar maneiras de nos limpar na floresta, tomando banho e lavando nossas roupas no rio, onde também tentaríamos capturar peixes para comer imediatamente ou os deixaríamos secar para depois petiscar durante todo o dia.

Viver no meio do nada era emocionante, e nenhum dia era igual ao outro.

“Você tem certeza disso, hein?” Ela disse, sua voz suave.

“Sim, mas prometo visitar você sempre que Jason voltar para a cidade.”

Eu sentiria falta dela, mas ter o Papa e Fennec comigo distrairia minha mente.

Eu não queria passar meus dias com saudades dela, porque eu sabia que ela ficaria bem sozinha.

Bem, ela não estava completamente sozinha.

Ela tinha seus amigos e, sem os filhos em casa, finalmente poderia fazer todas as coisas que gostava de fazer, como nos velhos tempos.

Mama gostava de sair e festejar, de beber vinho e ser descuidada.

“Pense nisso como se eu fosse para a faculdade. Você também ficaria sozinha,” eu disse a ela.

“Isso é verdade. Mas é diferente. Você estará na selva sem proteção—”

“Papa e Fen vão me proteger. E eu também posso me proteger, sabe?”

Ela soltou uma risada suave e acenou com a cabeça. “Você tem razão. Você vai ficar bem.”

Ouvi um carro estacionar do lado de fora e rapidamente dei outra mordida na asa antes de me levantar e lavar as mãos na pia, sorrindo amplamente enquanto olhava para fora da janela da cozinha para ver a caminhonete de Jason estacionada logo atrás da de Mama.

“Ele está aqui!” Anunciei, e com certeza, Jason saiu do carro e caminhou em direção à nossa porta, deixando Sitka no carro.

Corri para a porta e peguei minha mochila do chão, então abri a porta para ver Jason já parado ali, acendendo um cigarro.

“Pronta?” Ele perguntou em um rosnado baixo, e eu rapidamente balancei a cabeça com um sorriso brilhante no rosto.

Mama veio até nós e sorriu para Jason, dizendo olá e, em seguida, olhando para mim com um olhar preocupado.

“Cuide bem de você mesma. Fique aquecida e coma o suficiente, ok?”

“Eu vou. Você sabe que vou,” eu disse a ela, deixando a mochila cair de volta aos meus pés antes de abraçá-la com força.

Seus braços envolveram meu corpo, esfregando minhas costas suavemente e deixando escapar um suspiro pesado.

“Ligue aquele telefone de vez em quando, ok? Eu preciso ter algum tipo de garantia de que você está bem.”

Ao contrário de mim, Fennec nunca precisou ligar seu telefone na selva. Era apenas para emergências, e desde que ele se mudou para lá, recebemos exatamente três ligações dele e do Papa.

Uma no meu aniversário, a segunda no da Mama e a terceira no Natal.

Quando tentamos ligar para eles no aniversário de Fen ou no de Papa, eles mantiveram o telefone desligado.

Os aniversários não eram tão importantes assim, certo?

“Enviarei uma mensagem sempre que algo divertido acontecer. Amo você, Mama,” sussurrei, inclinando-me para trás para olhá-la nos olhos.

“Também te amo, Ves. E diga a Fen que eu também o amo.”

Balancei a cabeça e beijei sua bochecha antes de me virar para Jason, que pegou minha mochila e já tinha fumado o cigarro inteiro.

“Ela vai ficar bem. Não se preocupe com ela.”

Apertei a mão da Mama mais uma vez antes de correr para a caminhonete e entrar, fazendo a Sitka deslizar para o meio do banco.

“Oi, garotona,” eu disse, esfregando sua barriga e deixando-a lamber meu rosto com sua língua áspera.

Mama ainda estava conversando com Jason, e com os braços cruzados sobre o peito, eu sabia que ela estava preocupada novamente.

Suspirei, esperando que ela logo superasse isso e aceitasse o fato de que agora eu tinha idade suficiente para ir morar com Papa.

Sitka choramingou ao meu lado, olhando para seu dono com saudade e esperando que ele voltasse.

Mas assim que Jason se virou para caminhar até o carro, Sitka levantou em suas quatro patas e abanou o rabo com entusiasmo.

Olhei para a Mama que estava acenando para mim e sorri, acenando de volta e dando a ela um olhar promissor de que tudo ficaria bem.

Depois que Jason colocou a mochila na parte de trás, ele entrou no carro e empurrou Sitka para trás para que tivesse espaço suficiente no banco do motorista.

“Sua mãe não está muito feliz com a sua partida, hein?”

Fiz uma careta. “Ela está preocupada que eu não sobreviva. Não é sobre eu ir embora.”

Jason riu e ligou o motor, deixando-o rugir antes de pisar no acelerador.

Com um último aceno para Mama, me virei para olhar para frente com o braço em torno de Sitka, que agora estava confortavelmente deitada no meu colo.

“Por que você não quer ir para a faculdade como a maioria das crianças faz depois do ensino médio? Fui para a faculdade e ainda moro no meio do nada, fazendo minhas próprias coisas.”

“Por que você fez faculdade em primeiro lugar se optou por não usar as coisas que aprendeu?” Perguntei, pensando que era um pouco desnecessário.

Ele franziu as sobrancelhas e encolheu os ombros. “Do jeito que você fala, parece que passei quatro anos da minha vida aprendendo coisas que nunca mais usei. Acho que você está certa.”

“Veja? E eu nem sei o que gostaria de estudar na faculdade. Não sou uma boa aluna de qualquer maneira. Com Papa é onde eu quero estar.”

Mas ele não era a verdadeira razão pela qual eu queria viver na selva.

Era Fennec.

Eu sentia falta dele e, finalmente, estar perto dele novamente fez meu coração acelerar e bater forte no meu peito.

“Bem, sempre que você precisar de algo, você sabe onde me encontrar.”

Sua cabana ficava a alguns quilômetros de distância do acampamento de Papa, perto do grande rio, e eu conhecia o caminho para a casa de Jason às cegas, mesmo que nos levasse pela parte mais densa da floresta.



Seis horas e meia depois, finalmente chegamos a Wiseman.

Por mais cansada que estivesse das noites sem dormir que antecederam esse dia, não conseguia fechar os olhos.

Sitka podia, e enquanto ela dormia com a cabeça no meu colo, ela babava em toda a minha calça.

Não me incomodou muito, e a mancha molhada logo secaria.

“Seu pai ou Fennec vem buscá-la?” Jason perguntou enquanto estacionava o carro ao lado de sua casa.

Wiseman era um lugarzinho agradável, com apenas algumas cabanas, rodeado por árvores e com uma grande montanha atrás.

“Uh, acho que Papa. Mandei uma mensagem para eles sobre vir hoje e eles leram, mas não responderam. Posso ir lá sozinha, no entanto,” eu disse a ele.

“De jeito nenhum. Você vai ficar aqui até que um deles venha buscá-la. Não vou arriscar que você se perca.”

Fiz uma careta.

Não me perderia.

Eu sabia meu caminho para casa.

Cutucando Sitka, fiz com que ela se levantasse e saísse do carro antes de fazer o mesmo.

Mesmo sem querer usar muito nossos telefones, tive que contatá-los novamente para que soubessem que eu estava aqui, esperando para ser pega.

Fui até a parte de trás da caminhonete para pegar meu celular da mochila.

Enquanto eu o ligava, Jason começou a descarregar o caminhão, fazendo com que Sitka pegasse algumas coisas que não eram muito pesadas para puxar ou carregar até a porta da frente e a garagem.

“Também está escurecendo, Vespyr. Que tal você ficar uma noite e deixá-los buscá-la amanhã de manhã? Você pode fazer uma última boa refeição antes de ter que caçar sua própria comida.”

Balancei minha cabeça, não querendo esperar mais um minuto para estar com eles, mas quando a tela se iluminou, vi uma mensagem do número do Papa.

Vou buscá-la amanhã. - F

Um texto simples que teve o poder de fazer meu coração doer. Não tenho certeza se era uma dor boa ou ruim.

Passar uma noite aqui com Jason antes de finalmente estar onde eu deveria estar me deixou ansiosa, mas a única letra no final do texto me excitou mais do que tudo.

“Fennec virá me buscar amanhã de manhã. Ele mandou uma mensagem,” expliquei.

“Bom. É muito tarde para andar pela floresta agora. Pegue algumas coisas e me ajude a colocar tudo dentro.”

Suspirei, empurrando meu celular de volta para a mochila e, em seguida, ajudando Jason com tudo que ele trouxe para sobreviver mais seis meses aqui.

“Pare de franzir a testa assim, garota. Vou fazer algo bom para nós e você pode ir dormir para que amanhã chegue rápido. O que você gosta de comer?” Ele perguntou.

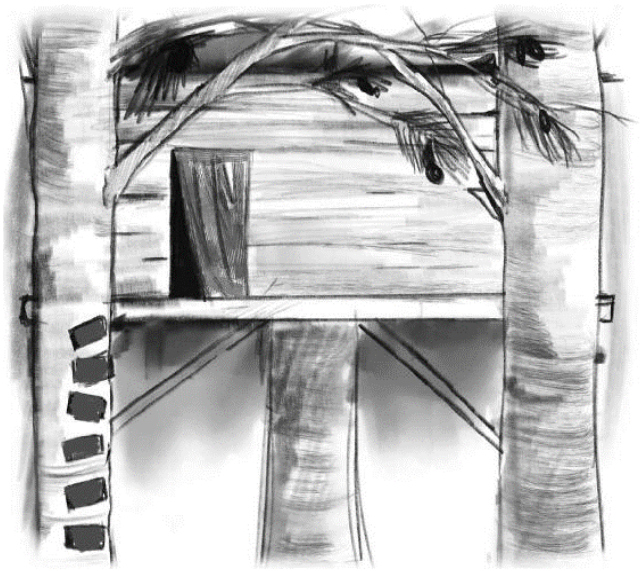
“Eu como de tudo,” eu disse a ele com um encolher de ombros.

“Não esperava menos de você,” disse ele com uma risada. “Que tal um grande bife com purê de batata?”

“Parece delicioso,” respondi, tentando fazer meu sorriso encontrar meus olhos.

Eu queria que hoje já tivesse terminado, e queria que a noite passasse por mim num piscar de olhos para poder finalmente correr para os braços de Fennec.

"Feliz por ter você de volta, doce menina."



CHAPTER 3
VESPYR

Ontem à noite, minha excitação não foi a razão pela qual eu não conseguia dormir.

Foram os ruídos estrondosos que Jason fez durante o sono.

Ele parecia um carro de corrida misturado com um trator, roncando como se fosse a única coisa em que ele fosse bom.

Não conseguia fechar os olhos, mas meu cansaço acabou me dominando, me fazendo cair num sono rápido mas profundo até as seis da manhã, quando Jason já estava acordado, falando com Sitka.

Ele me deixou ficar com o quarto de hóspedes, o que por alguma razão ele tinha.

Ele nunca tinha convidados.

Nenhum que eu soubesse.

Eu me levantei para me esticar, e uma vez vestida, deixei o quarto para ver Jason de pé na cozinha, cortando uma galinha ao meio para alimentar Sitka.

“Bom dia,” anunciei.

Os dois se viraram, e Sitka foi a primeira a me cumprimentar correndo em minha direção e pulando com as patas em meus ombros.

Esfreguei sua cabeça com as duas mãos e dei um beijo nela antes de fazê-la descer novamente.

“Dia. Dormiu bem?” Jason perguntou.

“Uh, sim. A cama é muito confortável,” respondi, sem mencionar a luta que tive para adormecer por causa dele.

Nem mesmo os latidos de Sitka eram tão altos.

“Bom. Vou dar o café da manhã a Sitka, depois vou preparar um pouco para nós. Quer ovos e bacon?”

“Sim por favor.”

Ele colocou o frango cru no chão, deixando Sitka atacá-lo como um animal selvagem.

Papa também teve um cachorro, mas morreu há alguns anos de velhice.

Ele era o ajudante do Papa na floresta, carregando lenha para o acampamento e ajudando-o a caçar animais como lebres, alces e até ursos.

“Posso ajudar?” Perguntei, me aproximando dele e olhando para a outra metade do frango no balcão.

“Você pode tirar o pão do freezer e pré-aquecer o forno,” ele me disse.

Balancei a cabeça e caminhei até o grande freezer ao lado da geladeira, abrindo a tampa e procurando por um pão que eu sabia que ele tinha trazido consigo de Fairbanks.

“Sua mãe mandou uma mensagem. Queria saber se você já estava com seu pai e irmão.”

“Oh.”

Já? Eu nem estive fora por um dia inteiro.

“Você respondeu a ela?” Perguntei, levando o pão para a mesa e depois indo para o forno.

“Sim. Disse a ela que você ainda estava aqui esperando para ser pega. Ela está muito preocupada, você não acha?”

“Ela está, mas não tem razão para isso. Vou ficar bem. Posso cuidar de mim mesma.”

Eu havia repetido essas últimas palavras muitas vezes desde que me formei e anunciei à Mama que queria morar com o Papa.

“Você tem certeza sobre isso?”

“Sim.”

“Tudo bem,” disse ele com uma risada e um aceno de cabeça. “Você está determinada a viver no meio do nada. Entendo. Não pense que eu deixaria minha filha fazer isso.”

“Sorte eu não ser sua filha, então,” murmurei, olhando para ele com uma carranca. “Você mora no meio do nada também.”

“Mas eu sou um homem velho. E também tenho eletricidade e água quente.”

“Não precisamos dessas coisas na casa do Papa. Podemos fazer fogueiras e temos o rio próximo.”

Jason encolheu os ombros, obviamente não querendo continuar essa conversa.

Por mais agradável que ele fosse, eu precisava que ele se preocupasse com suas próprias merdas em vez das minhas.

“Mexido?” Ele perguntou em vez disso, tirando os ovos da geladeira.

“Claro.”



“Traga de volta, Sitka!” Eu a chamei.

Eu tinha jogado sua bola de tênis favorita e Sitka correu atrás dela para buscar, mas não voltou.

Em vez disso, ela deixou a bola cair de sua boca novamente, olhando para a estrada de terra que levava para a floresta e latindo como se um intruso estivesse caminhando em sua direção.

“Sitka, venha!” Chamei. “Traga a bola de volta!”

Ela ainda não se movia, e quando comecei a andar em sua direção, passando por algumas árvores e finalmente tendo uma visão clara do que ela estava vendo, meu queixo caiu quando avistei Fennec vindo em nossa direção.

“Fen!”

Eu não esperava que ele estivesse aqui tão cedo, mas a maneira como meu coração bateu forte no segundo em que o vi me disse que provavelmente não teria sobrevivido mais uma hora esperando por ele.

Seu sorriso largo me fez sorrir brilhantemente, e quando eu corri em sua direção, ele parou e estendeu os braços para que eu pulasse.

Sitka também estava correndo, pensando que estávamos jogando um jogo diferente agora, e como ela era um cachorro, ela alcançou Fennec antes de mim.

“Calma, garota,” ordenou Fennec, empurrando Sitka para baixo para dar um passo para o lado e me deixar abraçá-lo com força.

“Finalmente,” sussurrei, pressionando meu corpo contra o dele enquanto seus braços envolviam meu corpo.

“Senti sua falta, doce menina. Desculpe por ter demorado tanto para vir buscá-la,” ele disse, esfregando minhas costas suavemente antes de me soltar para olhar nos meus olhos.

“Já faz um tempo, hein?” Ele disse, seu sorriso largo ainda preso em seu rosto.

“Senti a sua falta. E sentia falta do Papa. Como ele está?” Perguntei, mantendo meus braços em volta de seus ombros enquanto ele continuava a acariciar minhas costas, mantendo um pouco de distância entre nós.

“Papa está bem. Ele está animado para ver você. Você embalou tudo?” Ele estava estudando meu rosto de perto, absorvendo cada parte dele enquanto eu fazia o mesmo com o dele.

Seu cabelo tinha crescido e estava saindo do gorro preto, ondulado nas pontas.

Não podia negar sua beleza e tinha que concordar com aquelas garotas em Fairbanks.

Fen era um rapaz bonito.

“Eu empacotei tudo. Mal posso esperar para vê-lo. Algo mudou? Como está a casa da árvore?”

Papa construiu a casa da árvore quando éramos pequenos, nos deixando dormir lá enquanto ele continuava dormindo na barraca a alguns metros de distância da árvore.

A terra em que vivíamos na floresta era do Papa, que ele comprou antes de nascermos, então ele tinha permissão para fazer o que quisesse com as árvores e o espaço ao seu redor.

“Nada mudou. A casa da árvore ainda está lá,” ele assegurou. “Vá dizer a Jason que estou aqui,” ele disse, e eu rapidamente balancei a cabeça enquanto o soltava, mas agarrava sua mão e o puxava em direção à cabana.

“Jason?” Gritei, abrindo a porta e deixando Sitka entrar primeiro, anunciando a chegada de Fennec latindo.

Ele saiu da cozinha, acenando para Fennec e depois olhando para mim. “Coloquei sua bolsa ao lado da cama.”

Balancei a cabeça e apertei a mão de Fennec antes de soltá-la para pegar minha mochila.

“Está tudo bem lá em cima?” Ouvi Jason perguntar.

“Sim, estamos todos bem,” respondeu Fen. “Papa quer saber se você tem lenha suficiente para o inverno, ou se quer que nós tragamos alguma no final desta semana.”

“Eu estou bem. Vocês guardem essa lenha para vocês. Precisam dela mais do que eu.”

Voltei para Fennec, permitindo que ele pegasse minha mochila e puxasse as alças curtas sobre seus ombros para carregá-la até a montanha.

“Podemos ir agora. Obrigado pelo jantar e café da manhã, Jason. E pela viagem,” eu disse a ele com um sorriso.

“De nada. Se você precisar revisitar a realidade, me avise. Estou voltando para Fairbanks perto do Dia de Ação de Graças.”

Eu concordei.

Porém, morar com Papa era a minha realidade.

Não há necessidade de voltar para a sociedade e seguir todas aquelas regras estúpidas.

A floresta era minha casa, e lá fora, nós fazíamos nossas próprias regras.

Dissemos adeus a Jason e Sitka, que latiu para nós enquanto seu dono a segurava enquanto caminhávamos pela estrada de terra de onde Fennec tinha vindo.

Ele cutucou minha lateral com o cotovelo, sorrindo para mim. “Parabéns pela formatura. Eu sabia que você faria isso. Mama deve estar orgulhosa de você,” disse ele.

“Ela não está feliz por eu estar aqui,” confessei, mas ele deu de ombros, deixando-me saber que não se importava com isso.

“Mama não sabe o que está perdendo. Ela deveria ter ficado com Papa e criado nós dois na floresta. É onde deveríamos estar.”

Sua opinião sobre a Mama muitas vezes mudava.

Um dia ele a amava incondicionalmente, o outro a xingava por não ter ficado com o Papa. No entanto, Papa nunca a incitou a viver na selva, o que mostrava o quanto ele se importava com ela.

Eles se conheceram quando tinham nossa idade, mas não poderiam ter sido mais diferentes.

Apesar de suas escolhas, eles ainda estavam juntos, e não importava a distância ou a pouca comunicação, nossos pais nunca se separariam.

“Estou aqui agora, e estou esperando por esse dia desde que você partiu no ano passado,” eu disse a ele com um sorriso.

Ele riu suavemente, estendendo a mão para esfregar a parte de trás da minha cabeça da mesma forma que a Mama tantas vezes fazia.

“Estou feliz por ter você de volta, Ves. Eu te amo, doce menina.”

“Eu também te amo,” respondi, pensando na sorte que eu tive por ter um irmão que se importava tanto comigo e me protegia.

“Essa é a nossa felicidade, Ves.”



CHAPTER 4
FENNEC

Haviam coisas que as pessoas não precisavam saber.

Coisas pelas quais a maioria ficaria enojada, sentindo seu estômago revirar-se só de pensar nas coisas que fazíamos na floresta.

E eu não estava falando apenas sobre a caça.

Já passou um ano inteiro desde que deixei Fairbanks para viver com o Papa, para viver segundo minhas próprias regras e viver da maneira que eu esperava desde que eu tinha idade suficiente para pensar por mim mesmo.

Não importava quão bem eu me encaixasse na sociedade, ou quantos amigos eu tenha feito no ensino médio, aquela cidade não era onde eu deveria estar.

Ter Vespyr conosco agora me trouxe de volta tantas lembranças.

Lembranças doentias e distorcidas.

Não sei se ela lembrava delas, ou se alguma vez sentiu que certas coisas que fizemos estavam erradas, mas uma coisa era certa: nosso amor um pelo outro e a forte ligação entre nós nunca se romperia.

Somos próximos desde que éramos bebês, e não importava o quanto os outros alunos fossem difíceis para ela na escola, eu estava sempre lá para protegê-la.

Ela não era fraca, nem um pouco, mas era meu dever estar sempre ao seu lado.

Estávamos andando há quase uma hora, seguindo o rio até o nosso acampamento.

Quando olhei para trás para ter certeza de que ela estava me acompanhando, sorri e parei para colocar minha mão em seu ombro, apertando suavemente.

“Parece mais longo quanto mais velhos ficamos, hein?”

Ela riu baixinho, fazendo aqueles olhos cinza brilharem intensamente. “Na verdade. Estou apenas observando meu entorno. Senti falta desse

lugar.”

“Você se lembra de cada parte dele?” Perguntei.

“Na maioria das vezes. Eu saberia o caminho até o acampamento, mas Jason não me deixou sair por conta própria.”

“Eu sei que você teria conseguido. Porém, Papa não teria ficado feliz com isso também.”

Ela me deu um aceno rápido e, depois de um tempo, sorriu. “Lembro de uma vez que passamos as férias de inverno com Papa e corremos até o rio e tentamos quebrar o gelo para ver se conseguíamos pescar. Nunca consegui quebrar, mas você sempre fazia,” ela me disse.

“Eu lembro. E então eu sempre deixava você dizer ao Papa que você tinha quebrado,” eu disse com um sorriso.

Ela deu uma risadinha. “Você tinha que fazer, ou então eu não falaria com você pelo resto do dia.”

Ela era teimosa, mas não de uma forma que incomodasse ninguém. Talvez fosse mais determinação do que teimosia.

Fosse o que fosse, Vespyr era ela mesma, e eu estava orgulhoso dela por tudo que ela havia feito e conquistado na vida.

“Vamos. Faltam apenas dez minutos e finalmente estaremos em casa.”

Ela sorriu, encostando-se ao meu lado antes de começar a andar à minha frente, movendo seus pés rapidamente para chegar mais rápido ao nosso destino.



“Papa!” Vespyr chamou quando o viu ajoelhado ao lado de sua tenda, consertando o buraco que um esquilo ou uma lebre tinham feito algumas noites atrás, quando estávamos caçando.

“Vespyr, meu amor!” Papa respondeu, sorrindo amplamente e se levantando para deixá-la correr para seus braços.

O vínculo deles às vezes parecia mais forte do que o que eu tinha com ela, o que era praticamente impossível, mas desde que eles eram tão

parecidos, não havia como negar que eles tinham sua própria conexão especial.

Assim como Mama e eu tínhamos.

“Olhe para você! Todo crescida e formada,” ele disse, beijando a testa de Vespyr e segurando-a em seus braços depois de abraçá-la com força.

“Estou tão orgulhoso de você, querida. Mama está bem?”

Ves assentiu e encolheu os ombros com o cenho franzido. “Eu tentei convencê-la a vir, mas ela não queria. Eu realmente queria ela aqui conosco. Sei que ela sente sua falta.”

Mesmo com aquela barba espessa cobrindo a maior parte de seu rosto, pude ver sua mandíbula apertar.

“Eu também sinto falta dela,” foi tudo o que ele disse sobre o assunto antes de sorrir para Vespyr novamente.

O ódio que eu sentia há meses por causa dele ainda permanecia no meu peito, e com todas aquelas quedas que tivemos nos últimos meses, eu começava a sentir coisas em relação a ele que nunca havia sentido antes.

Nenhum desses sentimentos era positivo, mas eu esperava guardá-los para mim para que Vespyr não suspeitasse de nada.

Estar aqui era seu sonho, e eu não o arruinaria para ela.

“Fennec e eu fomos caçar ontem à noite,” disse Papa, acenando com a cabeça em direção ao caribu[4] já preparado.

Ele vagueava pelo nosso acampamento há dias, mas antes de irmos atrás dele, ele havia desaparecido.

Não poderia ter ido muito longe e, com certeza, o encontramos perto do rio, não muito longe do acampamento.

Foi uma caçada fácil. Mesmo assim, sempre me fazia bem saber que, mesmo sem o Papa, eu seria capaz de sobreviver aqui fora.

“Oh meu Deus! Esse é um dos grandes!” Vespyr gritou enquanto caminhava em direção ao nosso jantar.

Havia muita carne naquele, então secaríamos o resto que não iríamos cozinhar essa noite para fazer charque com ele.

“Onde você colocou os chifres?”

“Limpei e coloquei para secar perto da casa da árvore. Estava pensando em fazer Jason levá-lo na próxima vez que for à cidade para vendê-los e dar o dinheiro para sua Mama.”

“Parece uma ótima ideia. Preciso ver a casa da árvore,” anunciou ela alegremente, dando um último abraço em Papa antes de decolar em direção às grandes árvores que Papa fez um bom uso quando éramos pequenos.

Eu a observei alcançar o tronco onde haviam sido pregadas tábuas de madeira para facilitar a nossa escalada.

A casa da árvore era suficientemente grande para mim e para Vespyr, mesmo agora que éramos adultos.

Quando olhei para o Papai, seu olhar permanecia em mim como se eu tivesse feito algo errado.

Mas esses olhares não eram raros nas últimas semanas.

Ele me dava um sempre que sentia que era necessário, mesmo sem que eu lhe dissesse uma palavra.

Ergui uma sobrancelha. “O que?”

O que quer que estivesse acontecendo entre o Papa e eu, de jeito nenhum eu deixaria Vespyr sentir a mesma raiva que eu sentia por ele.

Ela merecia ser feliz e viver sua melhor vida aqui conosco.

Era sua escolha.



“Quando vamos pescar?” Vespyr perguntou enquanto sentava ao meu lado no tronco da árvore em frente ao fogo que eu comecei enquanto ela desempacotava suas roupas na casa da árvore e Papa continuava a cortar o caribu.

“Estava pensando em ir amanhã. Encontrei um novo local onde há mais peixes do que costumamos ir. É mais longe.”

Ela sorriu. “Gosto de explorar novos lugares. É como se toda vez que eu viesse aqui, a floresta mudasse, e nada é igual a não ser o caminho que leva de volta a Wiseman.”

Ela estava certa sobre isso, mas quanto mais tempo você morava aqui, mais lugares você encontrava.

A floresta era um lugar perigoso, mas quando você sabia como se virar, não era tão ruim.

“Desde que eu não seja perseguida por você como quando éramos pequenos, eu não acho que vá me perder.”

Eu ri, pensando nos dias em que costumávamos brincar de pega-pega.

Papa sempre esteve de olho em nós, nos observando correr ao redor do acampamento. Mas quanto mais velhos ficamos, mais fugimos.

“Se perder foi completamente culpa sua. Eu disse a você para não correr até tão longe, mas você não quis ouvir.”

Por mais que eu amasse Vespyr, eu lembrava de ter esse sentimento estranho e pesado no fundo do meu peito, me dizendo que perseguir minha irmã e perdê-la não era bom, mas por outro lado... eu gostava de saber que ela provavelmente estava com medo e chorando, insegura de para onde ir.

Eu a perseguia apenas para poder segurá-la e dizer-lhe que estava tudo bem.

Mostrar a ela como eu a protegia e como me sentia mal por ter feito ela passar por uma experiência tão horrível com apenas oito anos de idade.

Você está doente, a voz na minha cabeça assobiou.

Aquelas vozes iam e vinham desde o início do ensino médio.

Eram desagradáveis.

Feias.

Mas, por mais que elas surgissem, eu nunca fazia o que elas diziam.

Mentiroso.

Talvez eu devesse ter ouvido Mama. Afinal, ir a um terapeuta não era uma má ideia.

“Bem, estou ansiosa para pegar alguns peixes amanhã. Senti falta disso.”

Passei meu braço em volta de seus ombros e puxei-a para mais perto de mim, beijando o topo de sua cabeça e, em seguida, olhando para o fogo na nossa frente.

“Eu sei como você sentiu falta. Quando finalmente voltei no ano passado, fiquei impressionado. O cheiro das árvores, da madeira, do fogo ... essa é a nossa felicidade, Ves.”

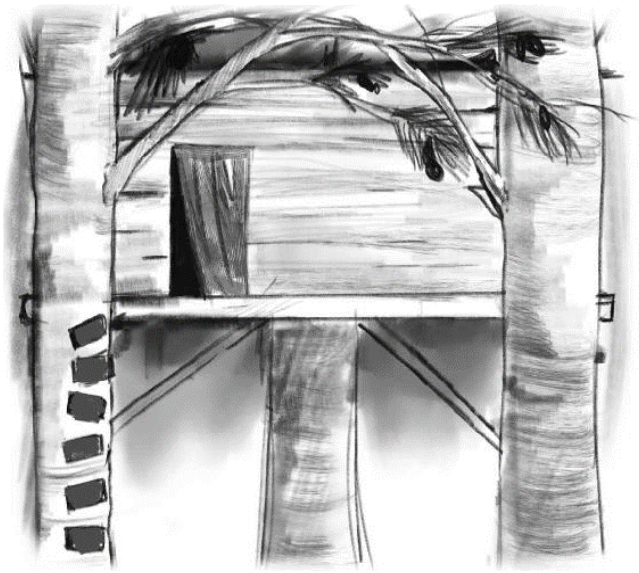
Ela se encostou em mim com a cabeça no meu ombro e, com certeza, outro pensamento que eu não achei apropriado apareceu.

Você pode finalmente persegui-la pela floresta novamente.

Afastei esse pensamento, abraçando-a com mais força a mim.

Haviam muitas razões pelas quais eu estava feliz por tê-la de volta, mas a maior delas eu tinha que guardar para mim mesmo.

"Fica mais aconchegante quanto mais velho ficamos."



CHAPTER 5
VESPYR

Algo não parecia certo no jantar.

A maneira como Fennec evitou os olhares de Papa e a repentina tensão entre eles me dizia que algo estava errado.

Olhei para o Papa que estava sentado do outro lado do fogo, enquanto eu estava sentada ao lado de Fennec, nossos joelhos se tocando e nossos braços se esfregando enquanto jantávamos.

Estava delicioso, e senti falta do sabor de carne de animais selvagens verdadeira e fresca.

“Fennec vai me levar para pescar amanhã. Você vem também, Papa?” Perguntei, esperando relaxar um pouco o clima.

“Isso é ótimo. Vou ficar aqui para consertar algumas coisas, mas vocês dois vão se divertir.”

Sim, algo estava definitivamente errado.

Pressionei meus lábios em uma linha apertada e olhei para Fennec, que estava mordendo o último pedaço de carne do osso, então ele o colocou de volta no prato com um suspiro baixo.

“É o primeiro dia dela de volta. Você poderia colocar essas coisas de lado e vir conosco. Você tem tempo para consertá-las,” Fennec disse a ele, me fazendo olhar para trás para ver sua reação.

“Eu quero consertá-las amanhã.”

“O que está acontecendo?” Perguntei, não sendo mais capaz de vê-los conversando assim.

“Nada. Tivemos alguns dias estressantes antes de você chegar, querida. Não se preocupe. Estamos juntos há muito tempo para não discutirmos ou irritarmos um ao outro para variar,” Papa explicou.

Isso fazia sentido, mas quão estressante poderia ser viver na floresta?

Sempre que eu vinha aqui no verão ou às vezes até mesmo nas férias de inverno, tudo o que tínhamos era diversão e momentos relaxantes o

tempo todo.

Fiz uma careta para o Papa. “Bem, você não precisa falar com ele, mas eu adoraria ir pescar com vocês dois amanhã. Como fazíamos quando éramos pequenos,” eu disse a ele com um sorriso.

Ele me estudou por um momento com seus olhos severos, então balançou a cabeça. “Eu tenho coisas para fazer, Vespyr. Outro dia.”

“Ok.”

Fennec se levantou e colocou o prato no balde cheio de água fresca ao seu lado, jogando o osso para a floresta.

“Vamos escovar os dentes,” ele me disse, e eu rapidamente levantei para segui-lo até nosso banheiro, que era apenas uma lata cheia de água limpa que enchemos diariamente para que tivéssemos água para limpar nossas mãos, escovar nossos dentes, e lavar nossos rostos.

Não tínhamos banheiro. Porque, bem... tínhamos espaço suficiente para fazer nossos negócios onde quer que quiséssemos na floresta.

Peguei o copo que trouxe de casa para enchê-lo com a água do balde, depois peguei minha escova de dentes e a molhei antes de molhá-la no pote cheio de carvão em pó.

Essa era nossa maneira de limpar nossos dentes, e uma vez terminado, usávamos folhas de hortelã-pimenta e seus sucos para nos livrarmos das manchas negras em nossos dentes.

Era um método simples.

“Você está bem?” Perguntei a Fen.

“Sim, eu deveria ter te avisado sobre isso. Ele está assim há semanas,” ele murmurou.

Olhei de volta para o Papa, que estava olhando para o fogo na frente dele.

Nenhum deles parecia feliz, mas eu não tinha ideia de como consertar seus humores.

Eu nunca os vi assim.

“O que aconteceu?”

Ele já estava escovando os dentes, então falar não era uma opção.

Comecei a escovar os meus próprios, tentando entender por que eles iriam irritar um do outro.

Eles eram próximos.

Talvez não tão próximos quanto Fen e eu, mas mesmo assim... eles nunca brigavam.

Pelo menos não que eu soubesse.

Assim que terminamos, tomei um gole da água e cuspi o carvão, depois peguei o outro pote cheio de folhas de hortelã mergulhadas em seu próprio suco para lavar minha boca.

“Nada que você precise saber. Foi apenas uma queda estúpida e ele ainda não superou.”

Embora Fennec estivesse falando baixo, o Papa ouviu cada palavra que ele dizia.

Com uma óbvia carranca chateada em seu rosto, ele fez o mesmo que nós com seu prato e ossos e foi direto para sua tenda sem dizer uma palavra.

Eu odiava isso e não ia tomar partido, então coloquei minha escova de dentes de volta na caixa prateada que trouxe de casa antes de caminhar até a tenda do Papa e rastejar para dentro logo atrás dele.

“Fale comigo, Papa,” eu disse enquanto ele se virava de joelhos.

“Lamento que você tenha que nos ver assim, mas não é nada com que você precise se preocupar, ok? Fennec e eu não concordamos em certas coisas, mas isso não é motivo para você ficar chateada.”

Eu sabia que nem todos podiam ter a mesma opinião sobre as coisas, mas parecia estranho que dois homens tão parecidos discordassem tanto que tivessem que ficar bravos um com o outro por semanas.

“Não gosto de você assim. Você é o adulto aqui, Papa. Você deveria conversar com ele.”

Ele olhou para mim com sua carranca ficando mais profunda, mas diminuiu depois de apenas alguns segundos.

“Você tem razão. Vou conversar com ele pela manhã,” ele disse com um sorriso.

“Promete?” Perguntei, estendendo meu dedo mindinho para ele.

Ele enganchou o seu no meu. “Prometo, Vespyr. Sinto muito por termos feito você se sentir desconfortável essa noite.”

Sorri para ele e encolhi os ombros. “Eu conheço vocês dois muito bem, Papa. E nunca tinham agido dessa maneira.”

Cheguei mais perto dele de joelhos e envolvi meus braços em torno de seu corpo, apoiada contra ele enquanto ele esfregava minhas costas.

“Eu sei. Sinto muito. Estou feliz que você esteja aqui, sabe?”

“Sim, eu sei. Estou feliz por estar aqui também. Demorou muito para convencer Mama.”

“Eu imagino. Ela está bem, certo? Ela não disse para você dizer que está bem, embora ela não esteja?”

Virei minha cabeça para olhar para ele. “Claro que não. Ela está bem. Não precisa se preocupar com ela.”

Ele sorriu. “Você tem razão. Ela sempre soube se cuidar. Eu sinto falta dela, sabe?”

Claro, eu sabia.

Eles eram namorados no ensino médio e conseguiram, apesar de suas diferenças.

Papa deveria viver aqui, mas Mama odiava a ideia.

“Vá dormir um pouco. Amanhã é um novo dia.” Ele deu um beijo na minha testa antes de me soltar para que eu pudesse rastejar de volta para fora da tenda.

“Boa noite, Papa,” eu disse, então me levantei para caminhar de volta para Fennec, que estava encostado na árvore, tirando as folhas de um pequeno galho que havia caído no chão.

“Não cabe a você nos fazer conversar novamente,” ressaltou.

Fiz uma careta. “Estava apenas tentando ajudar. Não gosto de ver vocês assim.”

Alcancei a primeira tábua na árvore para subir na casa da árvore onde nossa cama já estava nos esperando.

Fennec seguiu de perto atrás de mim, e quando eu estava dentro, rastejei até o grande colchão inflável em cima de uma grossa manta de lã, de modo que não havia como a madeira embaixo fazer buracos nela.

Papa também tinha uma destas, e era a opção mais confortável para dormir.

“Fica mais aconchegante quanto mais velhos ficamos, hein?” Fennec disse, e eu olhei em volta com um sorriso e um aceno de cabeça para concordar com ele.

Tínhamos menos espaço do que quando éramos pequenos, mas eu gostava de saber que ele estava bem ao meu lado, me protegendo com seus braços em volta de mim à noite.

Não achei que fosse incomum, porque é tudo o que nós já conhecemos, então me enfiei debaixo do meu cobertor grosso e coloquei minha cabeça no travesseiro cheio de penas de pato, e esperei que Fennec deitasse ao meu lado.

“Qual é a sua lembrança favorita de quando éramos pequenos?” Ele perguntou.

Haviam muitas recordações, mas eu fui com uma que lembrava tão claro como o dia.

“O dia em que Papa nos levou ao topo da montanha, de onde tínhamos a melhor vista. Era tão calmo e sereno lá, e eu gostaria de poder ter construído um novo acampamento lá.”

Não podíamos, porque não era mais a terra do Papa, mas íamos lá o tempo todo.

“Podemos voltar lá um dia. Os caçadores perambulam pela maioria dos dias, e Papa disse para não mexer com eles ou com seu território.”

Suspirei, sabendo o quanto os caçadores nessa área não gostavam de nós e de nosso modo de vida.

Pegamos a carne deles, que eles venderiam a outras pessoas por muito dinheiro.

Mas... nós precisávamos sobreviver de alguma forma, certo?

Estendi a mão para agarrar a Fennec e apertei-a firmemente na minha com um sorriso suave no meu rosto.

“Temos tanto tempo para explorar e encontrar novos lugares incríveis. Mal posso esperar por amanhã.”

Fennec escovou o polegar ao longo da minha pele, sorrindo de volta para mim. “E eu também não. Bons sonhos, Ves. Se você precisar de alguma coisa, me acorde.”

Acenei e puxei a mão dele para mais perto de mim, puxando-a para debaixo da minha mandíbula e não a largando.

Fennec sempre foi meu lugar seguro, e estar de volta com ele preenchia o vazio que eu sentia em meu peito durante o ano passado.

Sem empatia.



CHAPTER 6
FENNEC

Ela não lembrava das coisas que fizemos.

Nenhuma delas, e talvez ela estivesse apenas suprimindo tudo, mas como ela poderia ter esquecido das coisas distorcidas que aconteceram?

Eu não iria mencioná-las, apenas no caso dela se sentir enojada e desconfortável com tudo isso.

Era possível que as pessoas esquecessem de coisas que vivenciaram quando eram crianças, mas para Vespyr, não foi há muito tempo.

E isso me preocupou.

Tínhamos um vínculo especial que nunca poderia ser quebrado e, mesmo aos dezoito e dezenove anos, não havia nada que pudesse interpor entre nós.

Olhei para o rosto dela enquanto os pássaros cantavam de manhã cedo.

O sol já estava brilhando e ouvi o Papa andando pelo acampamento.

Com Vespyr de volta ao meu lado, dormi muito melhor do que sem ela, e embora ela fizesse aquelas vozes voltarem, não podia negar que, tanto quanto ela precisava de mim, eu também precisava dela.

Nunca lhe contei as coisas que me passavam pela cabeça quando estava com ela, e isso me deixava enjoado que meu cérebro me contasse as coisas mais nojentas e distorcidas em relação a ela.

Você quer fazer todas essas coisas com ela.

Meu corpo tencionou com essas palavras, e eu fechei bem os olhos enquanto continuava a segurar a mão de Vespyr na minha.

Ela não a tinha largado desde ontem à noite, e mesmo no sono profundo, ela não a largou.

Eu era seu lugar seguro, mas eu tinha que ter cuidado para não deixar que aquelas vozes levassem o melhor de mim.

Eu não queria que o mesmo que aconteceu com o Papa acontecesse com Vespyr, e no início eu havia pensado que manter a distância resolveria

tudo isso.

Não teria resolvido e eu sabia disso.

“Bom dia,” sua voz suave resmungou quando ela abriu os olhos para olhar diretamente nos meus.

“Bom dia, doce menina. Dormiu bem?” Perguntei, puxando sua mão para mim e beijando as costas dela.

“Senti falta de dormir aqui e acordar com o canto dos pássaros,” ela disse, estendendo a outra mão e bocejando.

“Está com fome? Eu colhi bagas e acho que ainda temos alguns ovos de alguns dias atrás.”

“Que tipo de ovos?”

“Ovos de pato. Encontrei-os rio acima. Não tenho certeza de como eles chegaram tão longe, mas não estou reclamando.”

“Parece incrível. Estou morrendo de fome,” ela disse com um sorriso brilhante.

Sua mão deslizou para fora da minha enquanto se levantava, deixando o cobertor descobrir seu corpo.

Muitas vezes dormíamos com as roupas que usávamos no dia anterior e, como a maioria de nossas roupas era feita de algodão, nunca era desconfortável.

Eu só tinha um par de jeans, que raramente usava.

Lavávamos nossas roupas várias vezes por semana de qualquer maneira, de modo que não havia necessidade de termos quinze camisas e calças.

Não era necessário.

Dois pares de botas também eram suficientes.

Observei Vespyr descer a escada antes de segui-la, depois a vi caminhar em direção ao Papa e abraçá-lo, mostrando-lhe o quanto ela era grata por ele.

“Dormiu bem, querida?” Ele perguntou.

“Sim, e você? Está acordado há muito tempo?” Vespyr perguntou de volta, e para não ficar lá como um idiota, fui até o balde para lavar meu rosto.

“Não realmente. Arrumei um pouco o acampamento. Ainda tenho algumas coisas a fazer, mas vamos ter algum tempo juntos mais tarde hoje à

noite, combinado?”

“Que tal café da manhã?” Perguntou Ves.

"Eu comi um pouco de carne seca de salmão mais cedo. Vou embalar um pouco para quando você e a Fennec forem até o rio, soa bem?"

Se ela tivesse pedido que ele fosse pescar, e se eu tivesse outras coisas para fazer como caçar, ele teria ido com ela.

Sem dúvida.

Mas era a mim que ele estava evitando e, às vezes, eu estava fazendo o mesmo.

Era uma bagunça antes dela chegar.

Uma fodida bagunça.

“Perfeito. Obrigada, Papa.”

Eu finalmente me virei depois de jogar água em meu rosto e deixar o ar secar minha pele.

“Vou deixar vocês dois com isso. Divirtam-se e não esqueçam dos vermes.”

Papa escovou o cabelo de Vespyr antes de passar por ela e se dirigir à sua tenda para continuar a consertar os buracos no tecido.

Ele os tem consertado há dias, e parecia que sempre que fechava um, um novo aparecia ao lado dele.

“Café da manhã?” Vespyr perguntou.

Dei a ela um aceno rápido e apontei para o refrigerador portátil perto da fogueira.

Não mantinha nossa comida tão fria quanto no inverno, quando tínhamos neve, mas ajudava a mantê-la protegida de animais que tentavam roubar nossa comida.

Só tivemos um urso tentando pegar a caixa, mas em vez de pegar comida para si mesmo, ganhamos o jantar e o almoço das semanas seguintes.

É assim que funcionava na selva.

Sem empatia.



“Oh meu! Olhe todos esses peixes!” Vespyr gritou quando chegamos perto do rio, onde eu sempre conseguia pescar peixes para o almoço e o jantar.

“Eu disse que encontrei um ótimo lugar. Porém, não podemos pegar muitos. Eles vão estragar, a menos que você queira comer charque pelo resto do mês,” brinquei.

“Não me importaria,” ela disse com um sorriso.

Depois de tirarmos as botas e arregaçarmos as calças, entramos na água e preparamos nossa rede.

Por mais que eu gostasse de pegá-los com minha lança, esse era o método mais fácil.

“Como está Mama?”

“Bem, realmente. Ela teve alguns passeios divertidos com suas amigas enquanto eu ficava em casa estudando para as provas finais estúpidas. Eu mal consegui, sabe?”

Dei de ombros. “Pelo menos você conseguiu. E estou orgulhoso de você. Sei o quanto você lutou com a escola em geral, não apenas com todos aqueles valentões ao nosso redor.”

“Ao meu redor,” ela murmurou.

Suspirei. “Eles não têm nada melhor para fazer. Eles são inseguros sobre si mesmos e perseguem aqueles que parecem fracos. Você não é fraca, Ves. Na verdade, a maneira como você lidava com eles diariamente era impressionante.”

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios e, com um encolher de ombros, a conversa acabou rapidamente.

“Vamos pescar,” ela disse, aproximando-se do outro lado do rio para prender a rede com um arenque de barraca.

Os peixes já estavam sendo capturados nela, e graças à correnteza e à pequena poça que se formou naturalmente nessa parte particular do rio, nossa pesca não podia escapar tão facilmente quando nadavam em nossa armadilha.

Os vermes também não eram necessários.

“Lembra dos diferentes tipos de peixes? Que tipo já entrou em nossa rede?” Perguntei, querendo testar seus conhecimentos e fazê-la pensar em

outras coisas além de seu passado.

“Posso ver um salmão branco, mas ele é jovem,” apontou.

“É, mas não vamos pegar nenhum adulto no rio. Teríamos que ir até o lago mais próximo para isso, mas fica a quilômetros de distância,” expliquei.

Ela acenou com a cabeça, e enquanto tentava subir até a pequena rocha para sentar-se nela e esperar que nossa rede se enchesse de peixe, ela escorregou e murmurou enquanto olhava para sua mão.

“Você se machucou?” Perguntei, observando-a de perto enquanto ela tentava esconder a dor em seu rosto.

Lá estava de novo.

Minha necessidade de abraçá-la porque ela estava machucada.

“Não é nada,” ela disse.

“Deixe-me ver,” eu disse a ela, certificando-me de que a rede ao meu lado estava segura antes de me aproximar dela na água.

Peguei sua mão e puxei-a para mim, escovando ao longo da palma com o polegar e, em seguida, levantando para inspecionar as pequenas gotas de sangue em sua pele rasgada.

Não era grande coisa, mas eu tinha certeza que queimava.

“Vou fazer melhorar, doce menina. Eu prometo.”

Puxando sua mão para mais perto da minha boca, envolvi meus lábios em torno de sua ferida e lambi o sangue para limpá-lo.

Isso era algo que eu já tinha feito antes.

Quando não tínhamos outra maneira de garantir que o sangue não fosse parar em nossas roupas, nós o limpamos com nossas próprias bocas.

Os olhos de Vespyr estavam em mim o tempo todo, e continuei a chupar suavemente sua pele até não sentir mais sangue saindo.

Essa era uma boa maneira de limpar feridas, já que a água poderia infectá-las.

Estávamos todos saudáveis, então não havia perigo em eu fazer isso.

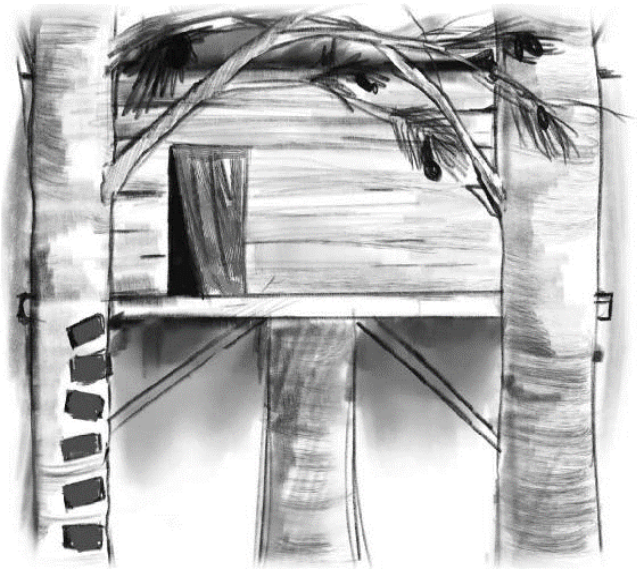
“Obrigada. Acho que está melhor agora,” ela sussurrou, mantendo sua mão na minha enquanto eu me movia para trás para olhar para ela.

“É apenas uma pequena escoriação,” assegurei com um sorriso, e ela acenou com a cabeça com os lábios pressionados em uma linha tensa.

Não tinha certeza do que ela estava pensando naquele momento, embora eu nunca tenha tido problemas para descobrir o que estava acontecendo em sua cabeça.

Havia tantas perguntas em seus olhos como nunca antes.

“Você torna tudo melhor.”



CHAPTER 7
VESPYR

Estranho como certas lembranças só ressurgiam quando você as revivia.

A língua de Fennec contra minha pele trouxe tantas lembranças, e meu coração disparou em meu peito.

Não tenho certeza se de uma maneira boa ou ruim.

Parecia... familiar, mas inquietante.

“Papa não nos disse que ele não estaria aqui quando voltássemos,” eu disse quando retornamos ao nosso acampamento.

“Uh, não, ele não disse. Ele provavelmente foi fazer uma pequena caminhada. Ele parou de me contar coisas depois do nosso…”

Fennec murmurou as últimas palavras de sua frase, tornando difícil para mim ouvir o que ele disse.

“Depois do seu o quê?”

“Esqueça. Ele estará de volta na hora do jantar. Ele ficará feliz com os peixes que pescamos,” ele disse com um sorriso.

Estudei seu rosto por um tempo antes de assentir e sorrir de volta para ele. “Ele vai se orgulhar de nós.”

Papa foi quem nos ensinou a caçar e pescar quando éramos pequenos, mas também nos ensinou sobre todas as diferentes plantas e árvores que nos cercam.

Ainda havia muito para Fennec e eu aprendermos, mesmo que ele já tivesse passado um ano inteiro com Papa, mas na selva, você nunca parava de aprender.

Claro, haviam algumas coisas que não podíamos encontrar na natureza, como sal e farinha, mas tentamos usar o mínimo possível dessas coisas.

Garantimos que tudo o que fazíamos fosse conveniente para nós, portanto, carne e bagas eram o que comíamos a maior parte do tempo.

Fennec colocou a rede com nosso pescado sobre a mesa de madeira que Papa construiu ele mesmo, depois pegou um peixe atrás do outro e os colocou em uma fileira.

“Quer me ajudar a limpá-los?” Ele perguntou, puxando a faca do bolso de trás.

Eu balancei a cabeça, mas antes de caminhar até a mesa, apontei para a casa da árvore.

“Trouxe minhas próprias facas.”

“Vá buscá-las. Vou esperar aqui mesmo.”

Subi rapidamente a escada para chegar à minha mochila e puxar meu conjunto de facas que sempre me animei em trazer comigo para a casa do Papa.

Algumas delas eu mesma fiz, outras eu comprei na loja do Gilbert.

Lá você podia encontrar tudo o que os caçadores precisavam, mas tudo que me interessava eram os diferentes tipos de facas.

“Lembra do que você precisa fazer antes de cozinharmos o peixe?” Fennec perguntou quando eu voltei para ele.

“Claro que eu sei. Quem você acha que limpava os peixes antes da Mama cozinhá-los em casa?” Perguntei com um sorriso maroto.

“Certo.” Ele riu e apontou a faca para um dos peixes.

Pegamos exatamente dez, mas como alguns eram menores, estaríamos cozinhando todos eles essa noite.

Papa e Fennec comiam bem, e muitas vezes eu só comia um peixe de tamanho médio.

Aquilo era o suficiente para mim.

“Então?”

Sentei do outro lado da mesa e peguei um dos peixes menores.

“Primeiro, temos que tirar as escamas,” eu disse.

“Temos que fazer isso com todos os peixes?” Ele perguntou, sua sobrancelha levantada de uma forma desafiadora.

“Não. Você pode comer as escamas dos peixes menores. Elas são comestíveis,” apontei.

Ele acenou com a cabeça e esperou que eu continuasse.

“Então cortamos bem aqui atrás da cabeça e deslizamos a faca ao longo da sou a espinha até a cauda.”

Olhei para ele para ver se ele estava concordando com o que eu estava dizendo.

“Então você vai filetar o peixe?” Ele perguntou.

“Acho que sim.”

“Papa gosta deles inteiros. Vamos apenas arrancar as entranhas de três ou quatro deles.”

Concordei. “Ok.”

“Qual é o próximo?” Ele perguntou, sorrindo para mim com orgulho.

“Uh, para esse tipo de peixe não há nada para fazer a não ser jogar fora tudo além dos filés.”

Não tinha certeza sobre isso, mas a maneira como ele estava me olhando me deixou insegura sobre minhas habilidades de limpeza de peixes.

“Eu disse algo errado?” Perguntei, franzindo a testa para ele.

“Não, tudo que você disse estava certo. Mas então, contanto que o peixe esteja limpo e haja carne suficiente no final, não há uma maneira realmente certa de fazer isso.”

Ele pegou um dos peixes maiores e começou a remover as escamas com sua faca enquanto eu fazia tudo o que havia dito antes, usando minha própria faca habilmente.

“O que está em sua mente?” Ele perguntou.

Olhei para ele com um sorriso. “Nada, por que?”

“Não tente esconder, Ves. Posso dizer que há algo em que você está pensando. Nunca vi um vinco tão profundo entre suas sobrancelhas,” ele disse com uma risada.

Até então, eu não sabia que algo estava me incomodando. “Não sei. Acho que estou me adaptando a estar aqui. Ainda estou tão empolgada,” disse.

“Eu sei disso, mas há algo mais em sua mente. Tem estado aí desde que estávamos no rio.”

Eu odiava como ele conseguia me ler tão bem, embora às vezes ele estivesse errado.

Essa era uma dessas vezes.

“Na verdade, não é nada. Estou feliz,” eu lhe assegurei.

“Se você diz. Apenas saiba que eu não acredito numa palavra do que você está dizendo agora,” murmurou ele.

Meu franzido se aprofundou, e olhei de volta para ele para ver sua óbvia mudança de humor.

“Eu lhe disse que estou feliz e que não há nada com que você precise se preocupar, Fen.”

“Sim, tanto faz.”

Levantei uma sobrancelha para ele, baixei minha faca e me levantei para andar ao redor da mesa para sentar ao seu lado.

“Você está bravo comigo?” Perguntei confusa sobre essa estranha interação que tivemos agora.

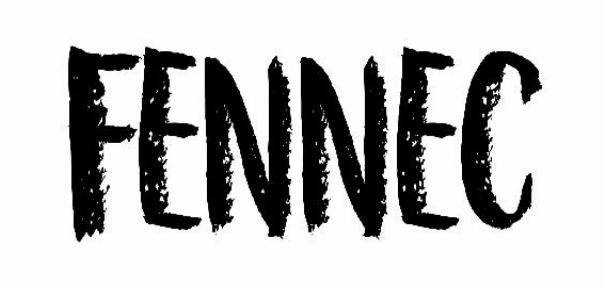
Ele não respondeu, e eu soltei um suspiro pesado antes de envolver meus braços em torno de sua cintura.

“Fen, desculpe se eu disse algo errado, mas não queria aborrecê-lo. Estou feliz, eu prometo.”

Levou um momento até que a tensão em seu corpo diminuísse, e ele colocou sua faca ao lado do peixe antes de envolver seu braço em torno dos meus ombros.

“Eu realmente não queria aborrecê-lo. Não gosto de você com raiva.”

“Sei que você não gosta, doce menina,” murmurou ele, beijando o topo da minha cabeça e girando na minha direção para que eu pudesse me encostar em seu peito.



É claro que ela não disse nada que me aborrecesse, mas sempre foi assim.

Eu não me orgulhava de mim mesmo por ficar chateado com as coisas mais pequenas e desnecessárias, mas por alguma razão, sempre ficava.

Meu humor mudava de um segundo para o outro sem qualquer aviso, e na maioria das vezes, era Vespyr que recebia esse tipo de tratamento.

Mesmo quando estávamos na escola secundária.

Vinha do nada, e no final, era ela que se desculpava quando era eu quem lhe devia um pedido de desculpas.

Mas eu não conseguia me conter.

Sabia que se esperasse tempo suficiente, e prolongasse por muito tempo, ela estaria me abraçando e me confortando.

Era uma estratégia que usava de propósito para aproximá-la de mim, e não apenas quando estávamos sozinhos em casa ou aqui fora na floresta com o Papa.

Mas Vespyr não precisava saber, e eu continuaria a manipulá-la para que ela pensasse que fez algo errado enquanto eu me beneficiava com minha mente pervertida.

Eu era doente, mas sabia disso desde que era mais jovem.

Sempre foi claro para mim que algo estava errado em minha mente, e enquanto eu manipulava as pessoas mais próximas de mim, minha mente me manipulava.

Como se certos fios em meu cérebro não estivessem conectados aos lugares corretos, me fazendo pensar e sentir diferente.

Vespyr sempre esteve perto de mim.

Sempre fomos nós, mas quando se chega a um certo ponto da vida, quando se sente como se conhecesse a pessoa melhor do que ninguém, o contato já não é mais suficiente.

Passei minha mão por cima do seu cabelo comprido e grosso, mantendo os olhos em seu rosto enquanto ela olhava diretamente para a floresta.

“Estou melhor agora, Vespyr,” sussurrei, mas ela não me soltou.

“Seu coração está batendo loucamente. Está realmente bem?” Sua voz estava cheia de preocupação e seus grandes olhos encontraram os meus quando ela virou a cabeça para olhar para mim.

“Estou bem, doce menina. Fiquei bravo por um tempo, mas você fez isso melhorar,” prometi a ela. “Você torna tudo melhor, sabe?”

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. “Você também. Você é meu melhor amigo, Fen, e sempre estarei ao seu lado. Sempre.”

Ela quis dizer cada palavra, mas não importava quanta verdade houvesse nelas, eu queria ouvir algo mais de sua parte.

Eu queria ouvir mais.

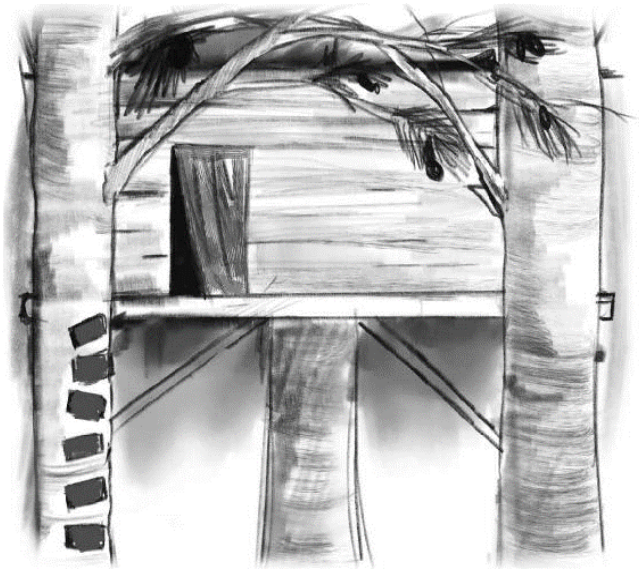
Palavras doentias e distorcidas que só me fariam cruzar a linha que tão desesperadamente tentei não ultrapassar.

Você quer cruzar a linha. Você é um bastardo doente.

É claro.

Isso é tudo o que eu sempre quis.

"Porque os ursos não podem escalar."



CHAPTER 8
VESPYR

Passamos o resto da tarde limpando os peixes e depois preparando o jantar até que Papa voltasse.

Em vez de nos cumprimentar, ele caminhou direto para sua barraca e se escondeu lá por alguns minutos antes de voltar com um par de calças diferentes.

“Você está com fome, Papa? Pegamos peixes e eles estão quase prontos,” eu disse a ele enquanto ele caminhava em nossa direção até a fogueira.

“Esses estão ótimos, querida. Onde você os encontrou?”

“Extremo leste daqui, onde Fennec geralmente vai pescar,” expliquei, sorrindo para ele.

“Perto da fronteira,” acrescentou Fennec, fazendo Papa acenar com a cabeça e mudar rapidamente de assunto.

“Então você se divertiu hoje, hein? Da próxima vez irei com vocês. Sinto falta de fazer todas essas coisas juntos como costumávamos fazer.”

“Onde você esteve?” Perguntei, querendo saber o que o fez ficar longe do nosso acampamento por tanto tempo sem nos dizer que iria sair.

“Verificando se havia caçadores em nossa área. Observando e esperando que alguém passasse,” explicou.

Isso soava estranho. “O dia inteiro?”

“Sim.”

“Besteira,” Fennec murmurou, mas em vez de adicionar mais palavrões, ele continuou a verificar os peixes que estavam na grelha acima do fogo.

“Vocês ainda estão bravos um com o outro?” Perguntei, olhando para o Papa com um olhar preocupado. “Você disse que vocês dois conversariam sobre isso hoje.”

“Não disse que não o faria,” Papa respondeu, dando uma olhada rápida em Fennec.

“Mas parece que você o está evitando,” eu apontei.

“Não estou. Eu tinha coisas para fazer.” Ele soltou um suspiro pesado e caminhou até Fennec, passando sua grande mão pelo cabelo da Fen e se inclinando para beijar sua têmpora por trás.

Fennec não parecia muito à vontade com isso, mas por enquanto era o suficiente para agirem normalmente ao redor um do outro novamente.

“Amo você, garoto,” disse o Papa, e Fennec deu de ombros antes de assentir.

“Você também.”

Isso foi bom o suficiente para mim.

Papa sentou ao meu lado na mesa e eu me inclinei contra ele enquanto pegava suas mãos, puxando-as para o meu colo.

“Encontrei todas aquelas embalagens com sementes diferentes no caixote. Você acha que eu posso plantar algumas? Talvez construir um pequeno jardim, como quando eu era mais jovem?”

“Você encontrou sementes?” Papa perguntou.

“Sim, no caixote que Jason lhe deu anos atrás. Onde você guarda as coisas que ele lhe dá mas que você nunca usa.”

Porque ele era muito inconsistente para manter uma pequena horta de vegetais e ervas. Mas eu não era, e na maioria dos verões e invernos que passei aqui, plantei meus próprios vegetais.

Não porque não tivéssemos alimentos silvestres suficientes, mas porque era uma boa maneira de mudar nossa dieta, mas o mais importante, para me manter ocupada.

Não iríamos caçar todos os dias e, com um pequeno jardim, eu teria outras coisas para cuidar além de esperar pelo almoço e jantar todos os dias.

“O que mais você encontrou naquele caixote? Faz um tempo que não olho dentro dele.”

“Não muito mais. Algumas braçadeiras e fios.”

“Ah, eu me perguntei para onde isso teria desaparecido,” disse Fennec, virando-se para olhar para mim.

“Para que você precisava dessas coisas?” Perguntei, inclinando minha cabeça para o lado enquanto brincava com os dedos de Papa.

“Consertando coisas,” ele respondeu com um encolher de ombros.

Dei a ele um aceno rápido e olhei para o Papa. “Você está planejando algo para amanhã?”

“Não tenho certeza ainda. Queria construir uma cabana há alguns meses, mas Fennec não gosta da ideia.”

“Uma cabana? Como a que Jason tem?”

“Não tão grande, mas semelhante, sim.”

“Por que? Isso não anula todo o propósito de viver aqui?” Perguntei, minhas sobrancelhas franzidas.

“Foi isso que eu disse a ele,” cuspiu Fennec, mantendo os olhos nos peixes.

“É mais seguro. E estou envelhecendo. Preciso de uma cama de verdade.”

“Então vá morar na maldita cidade se você não aguentar.”

Meus olhos se arregalaram com a resposta rude de Fennec ao Papa.

“Cuidado, garoto,” Papa avisou, seu corpo ficando tenso.

“O que está acontecendo entre vocês dois? Eu estava animada para finalmente vir para cá, mas tudo o que vocês estão fazendo é discutir!” Choraminguei, me afastando do Papa e levantando para deixar meu olhar se mover dele para Fennec.

“O que aconteceu?”

“Não aconteceu nada, Vespyr. Somos homens. Discordamos às vezes,” Papa respondeu.

“Parece que vocês dois discordam sobre cada pequena coisa que dizem. Vocês nunca foram assim,” eu apontei, esperando que eles apenas me contassem a verdade.

“Tem sido um ano difícil, Vespyr. Dê-nos algum tempo.”

Continuei olhando para o Papa e tentei decidir se deveria deixar isso de lado e deixá-los se acalmarem ou continuar a cutucar e tentar encontrar uma solução para os dois.

Cruzei os braços sobre o peito e suspirei, olhando para Fennec, que agora estava tirando os peixes da fogueira e os colocando em pratos.

A mão do Papa envolveu meu pulso e me puxou de volta para ele, colocando a outra mão na lateral da minha coxa.

“Estamos bem. Não se preocupe com isso, querida.”

Precisei de alguns segundos antes de relaxar e assentir, mas embora eu deixasse isso para trás agora, não significava que iria parar de me preocupar.

“Vamos comer,” disse Fennec, obviamente irritado com tudo isso.

Sentamos ao redor do fogo e, sem falar muito, começamos a comer.

“Eu ia cortar algumas árvores para conseguir madeira suficiente para a cabana. Se quiser, pode me ajudar a encontrar as árvores certas amanhã,” Papa sugeriu.

“Não é difícil construir uma cabana?” Perguntei.

“Não se eu tiver sua ajuda. Não vai ser uma grande, sabe? Apenas uma em que eu possa dormir e esconder nossa comida. Sei que isso nunca aconteceu antes, mas prefiro estar seguro do que arrependido. Os ursos são imprevisíveis.”

“Eles podem facilmente entrar em uma maldita cabana,” murmurou Fennec.

“O que você sugere então?” Papa perguntou, tentando soar bem, mas sua voz era mais áspera do que gentil.

“Sugiro que você construa outra casa na árvore.”

“Porque os ursos não podem escalar,” disse Papa, sua voz cheia de sarcasmo.

Fennec revirou os olhos. “Estamos na selva, Papa. Não importa o que você vai fazer para se proteger, nunca será o suficiente. Os animais não são estúpidos. Mas uma casa na árvore parece mais segura do que qualquer coisa no chão.”

Tive de concordar com Fen nesse ponto.

“Vou construir uma cabana,” Papa disse após uma longa pausa e, com um sorriso, cutucou meu ombro. “Vai me ajudar?”

Eu sorri de volta e balancei a cabeça. “Claro! Mas só se você me ajudar a construir um jardim.”

“Tem certeza de que é isso que quer fazer? É ainda mais fácil para os animais chegarem ao jardim do que a nós.”

Isso é verdade, mas eu dei de ombros. “Pelo menos terei algo para fazer quando ficar entediada.”

Ele acenou para mim e continuou a comer seu peixe enquanto eu fazia o mesmo.

“Quantas raposas você já matou enquanto estive fora?” Perguntei. Era uma pergunta ardilosa, mas eu precisava saber se eles mantiveram sua promessa.

Não tinha encontrado nenhum rabo de raposa espalhado pelo acampamento, mas isso não significava que eles não tivessem matado nenhuma.

“Nenhuma. Também não vi nenhuma por perto, para ser honesto. Já faz um tempo,” Papa disse com um franzir de sobrancelha.

“Você viu alguma?” Perguntei à Fennec, mas ele balançou a cabeça.

“Nenhuma.”

“Estranho. Você acha que elas se mudaram? Dois anos atrás, havia uma família por aqui, não tinha?”

“Havia. E normalmente elas não se afastam do nada. A menos que eles tenham mudado de ideia. Nunca se sabe com animais selvagens” Papa disse com um encolher de ombros.

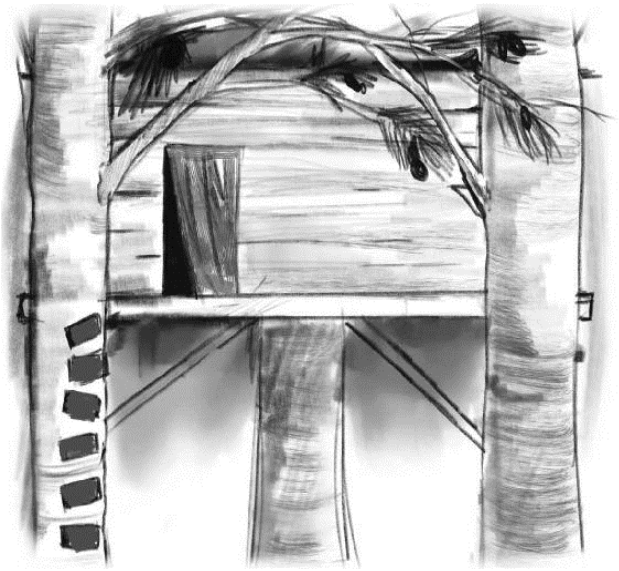
“Espero que estejam bem. Tenho certeza que vou vê-las novamente. Sempre vejo quando estou aqui. Mesmo que seja apenas uma delas.”

Eu era otimista.

Elas eram meu espírito animal, embora eu não fosse tão inteligente quanto elas eram.

Bem, talvez não na escola, mas aqui, eu definitivamente sabia mais do que qualquer outro aluno da Fairbanks High.

"Estou tão acostumada a ficar sozinha."



CHAPTER 9
VESPYR

Havia tensão no ar, eu podia até senti-la daqui de cima com Fennec ao meu lado e Papa na tenda.

Deve ter acontecido alguma coisa porque não podia ter sido os temperamentos de Fennec que o faziam agir assim.

Eu entendi que você às vezes se irritava com a pessoa que estava por perto frequentemente, mas Papa e Fen sempre se deram bem, não importando quanto tempo ficassem a sós.

Olhei para o teto de madeira onde os galhos das árvores ao redor criavam sons relaxantes, fazendo com que fosse incrivelmente fácil adormecer, mas o silêncio de Fennec me incomodava.

Virando minha cabeça, olhei para seu rosto enquanto ele olhava para cima, com os olhos abertos e os lábios ligeiramente separados.

Ele respirava pelo nariz, e seu peito se elevava e caía lentamente, não mostrando sinais de desassossego.

Por mais calmo que Fennec estivesse, me fazia imaginar se ele sentia algum tipo de arrependimento por ter falado com Papa do jeito que ele falou no jantar.

“No que você está pensando?” Sussurrei.

“Nas raposas. Estranho como elas desapareceram. Eu realmente nunca pensei sobre elas até que você as mencionou.”

Ele virou a cabeça para olhar para mim com um sorriso gentil. “Talvez elas sejam um símbolo de sua presença.”

“O que você quer dizer?”

“Quero dizer que desde que você se foi, desde que as raposas se foram... as coisas não têm sido as mesmas por aqui.”

Estudei seu rosto de perto, deixando meus olhos vagarem por cada centímetro dele. “Mas eu estou aqui agora.”

“Sim, mas as raposas não.”

Suas palavras me fizeram pensar.

“Só porque elas ainda se foram, mas eu voltei, não significa que as coisas não possam voltar ao normal, não é mesmo?” Perguntei, minha voz cheia de esperança.

“Não, Vespyr. Isso é exatamente o que significa.”

Fiz uma careta para ele e vi quando ele se apoiou no cotovelo esquerdo, olhando para mim com o cabelo caindo sobre os olhos.

“Até que elas voltem, as coisas não vão voltar ao normal. Não importa se você está aqui. Você não pode consertar tudo.”

“Não quero consertar tudo. Mas não gosto da maneira como vocês dois se tratam,” eu disse, tentando manter minha voz baixa.

“Somos homens, Ves. Inferno, eu nem lembro como tudo isso começou, mas não quero que você entre no meio de tudo. Fique fora disso, certo? Posso lidar com isso sozinho e ele também.”

Mantive meus olhos nele enquanto ele falava, mas por mais que eu tentasse entender o que ele estava tentando dizer, não consegui.

“Você não está sendo um pouco supersticioso sobre isso? Quero dizer... elas são raposas. Elas vagam pela selva porque é seu playground. Mas isso não significa que elas sejam a razão pela qual você não pode agir normalmente perto do Papa.”

Ele me observou por um tempo, mas em vez de dizer palavras que eu conseguia entender, ele murmurou algo sob seu fôlego e empurrou seu cobertor para longe.

“Acredite no que quiser, Vespyr,” disse ele então.

“Onde você está indo?” Perguntei confusa sobre por que ele estava indo embora. “Está tarde, Fen.”

“Eu voltarei. Não se preocupe comigo.”

Ele desceu a escada sem dizer outra palavra e, quando ouvi seus passos se afastarem, pulei para segui-lo.

Papa estava dormindo, e acordá-lo só causaria mais problemas, então peguei a lanterna da mesa e a liguei para iluminar a direção em que Fennec desapareceu.

“Fen!” Assobiei, mas ele não parava de andar. “Fen, é perigoso aqui no meio da noite!”

Sem resposta.

“Fennec, por favor, não fuja de mim.”

Um caroço grosso se formou em minha garganta e, enquanto mantinha a luz em suas costas, tentei ignorar a escuridão que me rodeava.

Eu me sentia inquieta, mas teria sentido a mesma coisa se tivesse ficado sozinha lá em cima na casa da árvore.

Fennec nunca saiu do meu lado, então por que agora?

“Me desculpe por ter chateado você. Não tive a intenção. Por favor, pare de andar. Vamos nos perder,” chorei, sentindo meu coração bater mais rápido a cada passo que dava.

“Fennec, por favor, pare. Sinto muito e vou fazer isso melhor. Não vou mais falar sobre você e Papa. Não é da minha conta.”

Virei rapidamente minha cabeça para iluminar o caminho de onde viemos, mas o acampamento não era visível, e quando me virei de volta, Fennec também tinha desaparecido.

Parei, sendo meu coração agora a coisa mais barulhenta que ouvia.

Minha respiração ficou presa na garganta e meus pés ficaram colados no chão.

“Fennec?” Chamei com minha voz baixa e pequena. “Isso não é engraçado. Quero voltar para o acampamento.”

Como ele pode ter desaparecido tão rapidamente? A menos que ... ele estivesse próximo e apenas brincando comigo.

“Por favor, me leve de volta ao acampamento, Fennec. Eu disse que sinto muito.”

Mantive a luz iluminando através da densidade da floresta à minha frente, com medo de retornar.

Já ouvi histórias de terror de pessoas se perdendo na selva antes e sendo comidas por animais ou mortas por caçadores que pensavam ser um animal, e por mais experiente que eu fosse para sobreviver na selva, isso poderia ficar perigoso rapidamente.

“Por favor, volte, Fennec. Prometo que não direi uma palavra ao Papa. Vamos voltar para a cama.”

Com muito medo de me mover, senti meus pés ficando mais pesados, quase se enterrando no chão.

“Fen…”

A essa altura, pensei que ele nem me ouvia.

Tinha que me mover.

Tinha que voltar a pé para o acampamento onde sabia que estaria a salvo.

“Vou voltar. Não posso ficar mais aqui,” eu disse a ele.

Dando um passo para trás, olhei para frente por mais alguns segundos antes de virar e voltar rapidamente por onde vim, esperando que minhas habilidades de orientação não me enganassem.

Eu andava em linha reta, o que significava que não poderia perder o acampamento, mesmo se quisesse.

Meus passos e respiração foram as únicas coisas que ouvi, mas o silêncio ao meu redor era tão ensurdecedor que parecia que eu estava entrando mais fundo na floresta, em vez de mais perto do acampamento.

Não conseguia ver, embora soubesse que não nos afastamos muito.

De repente, um grito.

Alto o suficiente para me fazer parar e ficar tensa, baixando minha luz para que eu não pudesse ser o alvo.

“Fen?” Chamei, mas não obtive resposta.

Minhas bochechas estavam quentes, mas eu sabia que estava pálida porque todo o sangue deixou meu rosto.

“Eu preciso voltar para o acampamento,” sussurrei, tentando me encorajar.

Consegui dar mais um passo, mas fui puxada para trás por uma grande mão segurando meu ombro direito.

Calafrios percorreram minha espinha em grandes ondas, fazendo meu estômago torcer e virar até que me abaixei e girei para obter alguma distância entre a pessoa e eu, pronta para gritar.

“Shh!”

Sua mão cobriu minha boca e senti o cheiro de sangue em sua pele enquanto o líquido molhava a minha.

“Estou aqui, Ves. Você está bem,” sussurrou Fennec com uma voz calma.

Lágrimas rolaram pelo meu rosto quando levantei a lanterna o suficiente para vê-lo na escuridão, mas por mais preocupada e assustada que eu estivesse, não havia nada que chegasse perto das emoções em seu rosto.

“Por que você me seguiu?” Ele perguntou, sua cabeça inclinada para o lado.

Abri a boca para falar, mas o cheiro de sangue em sua mão me fez ignorar sua pergunta.

Agarrei-o com minha mão esquerda, apontando a luz para ele. “O que aconteceu? Você se machucou?”

Mas, sem esperar sua resposta, olhei para a outra mão para ver um coelho de cabeça baixa enquanto ele segurava as patas traseiras firmemente em sua mão.

“O que aconteceu?”

“Eu saí para caçar. Ouvi barulhos e pensei em dar uma olhada. Eu pego isso à noite na maioria das vezes,” ele explicou, soando como se nada tivesse acontecido.

“Porque você saiu?” Perguntei, minha carranca se aprofundando e minhas lágrimas se misturando ao sangue de coelho em minhas bochechas e lábios.

“Acabei de lhe dizer, Vespyr. Eu saí para caçar.”

“Não. Não, você foi embora porque estava com raiva de mim por tentar consertar as coisas entre você e Papa. Você não deveria ter saído!”

Um suspiro pesado escapou do meu peito enquanto eu tentava manter a calma.

Tudo isso estava começando a me deixar ansiosa.

“Ei... shh,” ele me confortou, escovando as costas de seus dois dedos ao longo da minha bochecha. “Você deve ter andado sonâmbula. Você já fez isso antes. Não deveria ter deixado você sozinha. Estou tão acostumado a ficar sozinho, sabe?”

Suas palavras doeram e eu odiava a ideia dele se machucar por minha causa.

“Estou aqui, Fen. É minha culpa,” sussurrei, alcançando seu ombro e, em seguida, movendo minha mão para a curva de seu pescoço.

“Acho que vou ter que me acostumar com você de volta. Faz muito tempo.”

Assenti, sabendo como era difícil para nós estarmos separados enquanto ele vivia aqui com o Papa.

Como é possível que eu não fizesse idéia se ele estava certo sobre o meu sonambulismo? Claro, eu lembrava de todas as noites em que acordava em casa e vagueava pelo meu quarto enquanto meu cérebro ainda dormia, mas não me lembrava de fazer o mesmo aqui fora.

Estava com muito medo, mas depois, eu era boa em ignorar as coisas das quais tinha medo, para depois nunca mais pensar nelas novamente.

“O coelho fez aquele barulho?” Perguntei, querendo ter certeza.

“Sim, doce menina. Não se preocupe. Não há nada lá fora que possa te machucar.”

Balancei a cabeça e olhei de volta para o coelho bastante grande.

“Estes são difíceis de caçar,” apontei, olhando para ele.

“Sim, eles são. Mas eu sou um bom caçador, Ves. Você sabe disso.”

Eu sabia.

Ainda assim... tudo o que aconteceu essa noite parecia estranho e irreal.

“Você está com sangue no rosto, doce menina. Deixe-me limpar você.”

Ele levou a mão à boca, limpando seus próprios dedos ensanguentados com a língua, antes de estender a mão para esfregar sua saliva em minhas bochechas e lábios.

Mantive meus olhos nele enquanto ele continuava a se livrar do sangue que já estava secando na minha pele, e quando ele puxou sua mão, levantei meu braço para esfregar minha manga no meu rosto.

“Assim é melhor. Você está bonita de novo,” ele disse, me estudando de perto. “Mas eu gosto de você com sangue por toda parte também.”

Meus olhos começaram a ficar pesados enquanto suas palavras pairavam em minha mente.

Estava tentando entender o que ele queria dizer com isso, mas meu cérebro não juntava as peças do quebra-cabeça.

“Estou cansada. Podemos voltar para o acampamento?” Perguntei em vez disso, pegando sua mão e apontei a luz na direção que eu pensei que o acampamento estava.

“Sim, podemos voltar. Posso ganhar um abraço primeiro? Quase tive um ataque cardíaco ao vê-la aqui sozinha. Sorte que você tinha uma luz em você.”

Eu rapidamente passei meus braços em volta de seus ombros e me pressionei contra ele para mostrar meu carinho.

“Eu não queria te assustar. Sinto muito.”

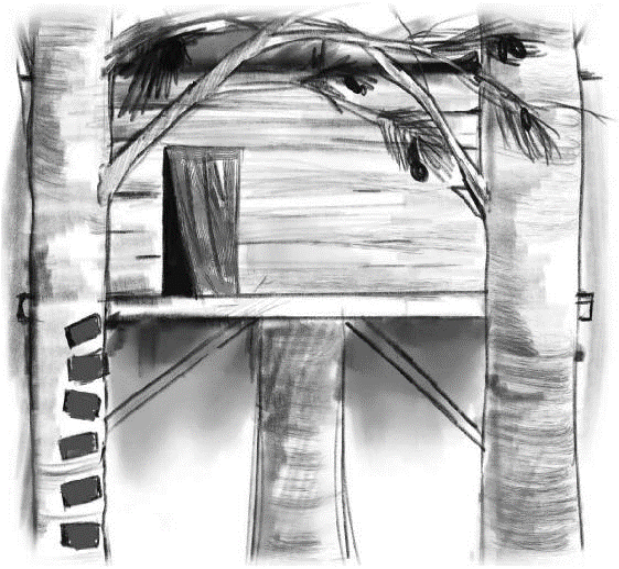
Ele colocou seus braços em volta de mim, e eu podia sentir o coelho pendurado em sua mão, seu corpo pressionado contra minhas costas.

“Eu terei que manter meus olhos em você de agora em diante. Vou mantê-la segura, eu prometo, Ves.”

Eu sabia que ele iria.

Agora e para sempre.

"A sociedade é um sistema complexo de escravidão."



CHAPTER 10
VESPYR

O aperto ao redor do meu pulso era desconfortável, e quando eu me movia, ele se apertava ainda mais.

Franzi a testa antes de abrir os olhos quando finalmente acordei ao som da madeira sendo cortada.

Não estava mais dormindo, mas por mais que tentasse mover meu braço, não conseguia.

“Fen?” Gritei.

Ele e Papa deviam estar lá embaixo e, depois que finalmente percebi o que estava acontecendo, levantei com a mão direita para ver a esquerda amarrada a uma das tábuas de madeira da casa da árvore.

“Fennec?” Chamei novamente e, dessa vez, o corte parou. “Fennec, o que está acontecendo?”

Eu o ouvi subir a escada e com certeza, ele estava lá comigo com um sorriso no rosto.

“Você está acordada. Finalmente. Dormiu bem, doce menina?” Ele perguntou, aproximando-se e parando bem na minha frente.

“Por que estou amarrada?” Perguntei, olhando para minha mão e puxando-a, mas apenas apertando mais a corda em volta do meu pulso.

“Não queria que você fosse sonâmbula de novo. Só estava me certificando,” ele me disse, então estendeu a mão enquanto puxava sua faca e cortava a corda para me libertar.

Eu teria dito a ele que não sou sonâmbula, mas o que aconteceu ontem à noite ainda estava vívido em minha mente, e quanto mais eu pensava sobre isso, menos realista parecia ter sido.

Foi estranho e me deixou insegura sobre minha própria consciência.

Se o tivesse seguido enquanto estivesse sonâmbula, teria que descer da casa da árvore de alguma forma.

Não tenho certeza de como isso foi possível, ou quão boa escaladora eu era enquanto dormia, mas não importava se eu estava acordada ou não... a noite passada não parecia real.

“Meu pulso dói e a corda cortou minha circulação sanguínea,” indiquei.

Minha mão estava branca e formigando com o sangue fluindo de volta para meus dedos, mas Fennec não parecia se importar com isso.

Ele pegou minha mão e esfregou seus polegares contra minha palma, massageando-a. “Você deveria parar de se mover muito então. Não amarrei com força.”

A carranca entre minhas sobrancelhas tornou-se perceptível, mas em vez de responder, puxei minha mão para trás e esfreguei meu pulso.

“Papa está aqui?” Perguntei.

“Ele está em algum lugar no acampamento procurando bagas. Disse a ele que colhi a maioria delas há alguns dias, mas ele não quis me ouvir. Ele está perdendo seu tempo.”

Não respondi, porque não senti que uma resposta fosse necessária. Mas reconhecia o aborrecimento de Fennec enquanto ele falava sobre o Papa.

“Você já tomou café da manhã?” Perguntei em vez disso, rastejando por ele para descer da casa da árvore.

“Sim, Papa também. Encontrei fermento na barraca dele, guardado em um pequeno pote, então fiz panquecas.”

“Você mexeu nas coisas dele?”

Quando cheguei ao solo, Fennec me seguiu de perto. “Sim, eu tive que fazer. Ele tem muito mais coisas lá dentro,” afirmou.

Eu não queria saber.

A privacidade ainda era uma coisa aqui.

“Onde estão as panquecas?” Perguntei, olhando ao redor.

“Eu as coloquei de volta no fogo para mantê-las aquecidas. Também há algumas sobras de bagas.”

Olhei para o fogo para ver uma panela na grelha, cheia de panquecas. “Obrigada, elas estão ótimas.”

Fui até a lareira e tirei a panela. O fogo já havia se apagado, uma vez que não necessariamente precisávamos dele o dia todo.

“Venha sentar comigo. Estou trabalhando em um arco. Achei que seria uma nova forma divertida de caçar. Estou farto das armas. Preciso de mais desafios. Está ficando muito fácil.”

Ele colocou um arco na mesa ao lado do meu café da manhã, e eu o observei usar sua faca para cortar e esculpir sua nova arma.

“Papa já não tem um arco? Por que você não usa o dele?” Perguntei.

“Está quebrado. Ele o usou uma vez no ano passado e mais tarde naquele dia quebrou enquanto ele puxava a corda.”

“Deve ter sido um barato,” apontei.

“Provavelmente. Mas esse será de alta qualidade. Assim como minhas facas.”

Sorri com sua determinação, mas não duvidei dele nem um pouco.

Eu sabia que ele era bom em fazer coisas úteis.

“Posso usar o arco também? Sempre quis aprender a usar um.”

“Claro. Quando eu terminar, vou levá-la para caçar na montanha. É mais fácil atirar em pássaros lá de cima,” explicou.

Comecei a comer as panquecas e, depois de terminar uma, Papa apareceu entre as árvores.

“Bom dia querida. Dormiu bem?”

Sorri brilhantemente e balancei a cabeça, então abracei sua cintura quando ele se aproximou.

“Sim, você?”

“Como um urso. Encontrei algumas frutinhas. Vou limpá-las e você pode comer um pouco mais, se quiser.”

Não pude deixar de olhar para o rosto de Fennec quando Papa anunciou que colheu bagas, pensando que não, já que Fen obviamente colheu todas em torno desta área.

A mandíbula de Fen estava cerrada e eu olhei de volta para o Papa com um sorriso. “Eu adoraria mais algumas bagas. Obrigada,” disse a ele, recebendo um beijo na testa em troca.

“Não seja assim, Fen,” sussurrei quando Papa saiu para lavar as bagas, mas ele não olhou para mim.

Em vez disso, ele se concentrou no arco à sua frente, movendo a faca em minha direção a cada entalhe.

“Você prometeu não trazer isso de volta,” ele murmurou.

Prometi isso a ele, mas eu realmente não mencionei nada sobre eles não se darem bem.

Então, fiquei quieta e continuei a saborear as panquecas.

“Você ainda está procurando uma ou duas árvores para cortar?” Papa perguntou.

“Sim, estou indo. E você?” Perguntei a Fennec.

Ele encolheu os ombros. “Provavelmente.”

Eu não gostava que ele fosse assim, mas não queria incomodá-lo mais.

Continuei a tomar meu café da manhã e, quando terminei, peguei meu prato e a tigela para lavá-los em nosso pote cheio de água.

“Precisamos ir buscar mais água. Está quase vazio,” eu disse a eles.

“Se você não quer vir conosco, Fennec, você pode cuidar disso”, Papa sugeriu.

Virei a cabeça para olhar para Fen, que ainda estava trabalhando em seu arco, mas em vez de parecer aborrecido por causa do Papa como imaginei que ele estaria, ele assentiu e levantou da mesa, colocando o arco e a faca no chão.

“Sim, eu cuido disso.”

Passar a tarde longe um do outro pode ajudar a tirar o que quer que eles estejam lidando fora do caminho.



“Trouxe um livro que encontrei semanas atrás em nossa sala de estar. Mama disse que era seu, então o trouxe comigo. Está na minha bolsa,” disse a Papa.

Não estávamos muito longe do acampamento ainda, mas ele me disse que encontrou árvores maiores a quase cinco quilômetros de distância.

Eu não me importava em andar.

Eu adorava, e ter o ar fresco ao meu redor era calmante.

“Qual é o título do livro?” Ele perguntou.

“Raw Society[5]. Comecei a ler alguns dias antes de vir para cá e vi anotações que você fez nele.”

“Ah,” ele riu, virando a cabeça para olhar para mim. “Esse é o livro que ganhei no meu décimo terceiro aniversário e foi o que me fez perceber que a sociedade nada mais é que um complexo sistema de escravidão.”

“Escravidão?”

“Sim. Os psicopatas estão no poder, tirando nossa liberdade mesmo que eles digam repetidamente aos trabalhadores que somos livres para fazer o que quisermos. Você é limitado a viver em uma sociedade como aquela em que você nasceu. Você é obrigado a seguir as regras do governo e, embora haja algumas regras com as quais concordo, a maioria delas limita você de ser você mesmo. Você vai à escola para em seguida trabalhar e ganhar dinheiro que você só tem que devolver. Como se eles já não tivessem dinheiro suficiente. Nós somos escravos, mas a maioria não vê isso. Elas odeiam admitir isso.”

Suas palavras faziam sentido de certa forma, e a leitura daquele livro me fez perceber algumas coisas que nunca havia pensado antes.

Eu sabia e entendia por que o Papa queria morar aqui sem ninguém dizer a ele o que fazer ou como viver, e não o julguei por isso.

“Estou feliz por estar aqui com você e Fen. Eu amo isso aqui. Só queria que Mama visse o que você vê.”

“Mama pensa de forma diferente.”

Ela sempre pensou, mas não importa o que acontecesse, eu a amaria para sempre.

“Você acha que poderíamos passar o Natal juntos? Eu prometi visitá-la.”

“Não tenho certeza se posso fazer isso, Vespyr.”

“Bem, você não sente falta de vê-la?”

“Claro que sinto.”

“Não precisamos dar presentes ou assistir a filmes de Natal, mas saber que Mama provavelmente passaria o Natal sozinha me perturba.”

Ele continuou andando enquanto eu falava, e tentei acompanhar seus passos largos se aprofundando na floresta.

“Podemos convidá-la para passar esses dias aqui.”

“Você sabe que Mama não gosta de dormir em uma barraca,” apontei.

“Até lá, terei a cabana pronta. Vamos perguntar a ela mais tarde, e se ela disser não... Vou pensar em voltar para Fairbanks para passar o Natal

com ela.”

Um largo sorriso se espalhou pelo meu rosto quando ouvi suas palavras, e peguei sua mão para apertar suavemente. “Isso seria incrível.”

Só porque vivíamos na selva, não significava que nunca mais deixaríamos nossa casa aqui.

Para ser honesta, isso era incrivelmente difícil.

Mesmo que Papa conseguisse viver aqui por anos, ele não teria sobrevivido se eu e Fennec nunca o visitássemos, ou se ele nunca fosse à cabana de Jason para conseguir as coisas que não conseguia encontrar na natureza.

E não importa quais fossem suas opiniões sobre viver em uma sociedade, sem uma, ele não seria capaz de viver aqui.

“Você tem que se colocar em primeiro lugar às vezes.”



CHAPTER 11
FENNEC

“Você encontrou algumas árvores boas para cortar?" Perguntei a Vespyr enquanto ela caminhava até o fogo que eu havia acendido alguns minutos atrás.

Eles ficaram fora o dia todo, e ela parecia ter se divertido sozinha com o Papa.

“Encontramos algumas, mas o Papa disse que vai ser difícil conseguir madeira aqui sem a ajuda de um quadriciclo,” explicou.

Já imaginava.

“Tenho certeza de que Jason vai nos emprestar o dele se formos até lá para pedir.”

Vespyr acenou com a cabeça e sorriu para mim, então ela estendeu a mão para trás para puxar um esquilo que ela havia prendido em sua mochila.

“Olha o que eu consegui.” Ela o ergueu com orgulho, segurando o animal pela cauda fofa.

“Você atirou?” Perguntei, sorrindo para ela.

“Sozinha. Com o rifle de Papa. Errei da primeira vez, mas então ele saltou direto para um galho perto de mim e eu atirei nele.”

“Estou impressionado, Ves. Não é fácil atirar nessas criaturinhas,” elogiei.

“Papa disse que não poderia ter atirado porque sua mira não é tão boa quanto a minha.”

“Sem dúvida,” eu ri. “Quer esfolar e estripar você mesma? Lembra como funciona?” Perguntei.

“É claro que lembro. Sabe, li alguns livros antes de vir para cá e aprendi algumas coisas que o Papa ainda não me ensinou.”

“Papa não pode te ensinar muito. De onde você acha que ele tirou esse conhecimento?”

“De viver na floresta por anos,” ela respondeu, e isso pode ter sido verdade. Mas antes de se mudar para cá, ele leu livros sobre a selva e como sobreviver.

“Papa não nasceu selvagem de coração.”

Ela me estudou por um momento e, com um aceno de cabeça, discordou de mim.

“Eu acho que ele nasceu. Quer dizer... nós também, certo?”

“Não, Vespyr. Nós não. Crescemos em uma sociedade e aprendemos a desprezá-la como o Papa. É por causa dele que gostamos desse tipo de estilo de vida.”

Ela ficou quieta e eu me perguntei onde ela havia deixado Papa, pois ele ainda não havia chegado ao acampamento.

“Acredito que nasci selvagem de coração. Sempre soube que era aqui que eu queria morar.”

“Tanto faz. Acredite no que quiser, mas não nascemos para viver aqui. Seguimos o Papa. Não há outro motivo para estarmos aqui.”

“Então por que você também escolheu vir morar aqui se não acredita que nasceu para isso?” Vespyr perguntou em um murmúrio.

“Porque eu decidi como me sinto em relação à sociedade. Mas você... você permite que Papa e os livros lhe digam como a sociedade é ruim. Você tem que ter suas próprias opiniões sobre as coisas às vezes, doce menina.”

Ela me estudou de perto enquanto deixava minhas palavras entrarem, como sempre, as tomou e fez malabarismos até que elas fizessem sentido.

Era fácil fazê-la mudar de idéia com apenas algumas palavras, e por mais que eu odiasse admitir isso, Vespyr era ingênua ‘pra’ caralho.

Suspirei, observando seus olhos ficarem tristes. “Ei,” sussurrei, fechando a distância entre nós e colocando minha mão em sua bochecha para acariciar sua pele macia. “Estou feliz por você estar aqui conosco. Só gostaria que você começasse a pensar um pouco mais com seu próprio cérebro em vez de concordar com tudo o que o Papa diz. Ele nem sempre está certo, sabe?”

Seus olhos estavam fixos nos meus, e enquanto ela mais uma vez deixava minhas palavras afundarem, assentiu com a cabeça.

“Eu sei.”

“Você vai ver. Haverá momentos nos quais você terá que travar suas próprias batalhas e nós nem sempre podemos estar lá para ajudá-la. Haverá também momentos em que você terá que tomar suas próprias decisões, e quando esse momento chegar, você perceberá o quão poderosa você pode ser. Você tem que se colocar em primeiro lugar às vezes.”

“Mas eu não sou uma pessoa egoísta,” ela me disse, seus olhos agora caindo para o esquilo em sua mão esquerda.

“Então aprenda a ser. Não estou dizendo que você tem que ser rude ou insensível, mas ser egoísta não é necessariamente uma coisa ruim. Especialmente na selva.”

Inclinando-me, beijei sua testa suavemente enquanto colocava minha outra mão em sua bochecha também.

“Você vai aprender. E você sabe que estou bem aqui se precisar de mais conselhos.”

Ela assentiu e ergueu os olhos, sorrindo gentilmente. “Eu te amo, Fen.”

“Também te amo, Ves. Agora, me mostre como você esfola esse esquilo. Não comia esse tipo de carne há semanas.”



Papa tinha voltado ao acampamento quando Vespyr já tinha terminado com o esquilo, e nós colocamos ele e alguns peixes do dia anterior sobre o fogo para o jantar.

“Vocês dois querem ir ao Jason e pedir o quadriciclo? Podemos usá-lo para a madeira e talvez perguntar se também podemos pegar emprestada sua motosserra. Vai ser mais rápido para cortar as árvores,” sugeriu Papa.

Olhei para Vespyr, que estava animada com a construção de uma cabana para o Papa.

Tínhamos nossa casa na árvore, e não importa quantos anos tivéssemos, sempre dormiríamos lá.

Mas desde que Papa pensou que uma cabana seria o melhor para ele, não discuti mais.

“Podemos ir logo amanhã,” eu disse, olhando para ele.

“Isso seria bom.”

Ele se levantou da mesa, deixando Vespyr e eu sentados lá com todos os ossos que sobraram do nosso jantar.

Estava brincando com minha faca embaixo da mesa, correndo meus dedos ao longo da lâmina e vendo o quão forte eu poderia pressioná-la contra minha pele sem me cortar.

Era divertido, mas prefiro passar essa lâmina pela pele de Vespyr.

Veja como ela é frágil.

Faça.

Você não se atreveria.

Você é muito fraco.

Minha mandíbula apertou com as palavras.

As vozes faziam tanto barulho que tive que fechar os olhos por um segundo, tentando fazê-las parar.

“Você já está indo para a cama?” Vespyr perguntou a Papa, e ele assentiu com um sorriso cansado.

“Foi um longo dia de caminhada, querida. O velho precisa descansar.”

Ves deu uma risadinha. “Você não é velho e sabe disso.”

Ela se levantou da mesa, não me deixando chegar mais perto com minha faca apertada em meu punho.

Eu estava perto, mas ainda tinha a noite inteira pela frente.

“Boa noite, Papa.”

Ela o abraçou com força, deixando que ela a abraçasse e beijasse sua cabeça. “Durma bem. Vejo você de manhã,” ele respondeu, então olhou para mim e me deu um aceno rápido.

“Boa noite,” respondi, e uma vez que ele estava em sua tenda, levantei para jogar fora todos os ossos.

“Devíamos contar histórias de terror um ao outro,” sugeriu Vespyr enquanto voltava para a mesa, apoiando-se nela com as palmas das mãos na madeira.

“Não somos mais crianças.”

“Então? Você nunca é velho demais para coisas assustadoras.”

“Não estou no clima.”

“Você está com medo,” ela brincou, fazendo-me virar para ela com uma sobrancelha levantada.

“Não estou com medo. Na verdade, tenho medo de assustar você tanto que não durma à noite.”

Ela revirou os olhos para mim. “Tá bem. Sem coisas assustadoras. O que devemos fazer em vez disso?”

“Vá para a cama e durma para estarmos energizados para amanhã.”

Ela não gostou do som disso, mas tínhamos que estar acordados e preparados, especialmente se íamos cortar árvores.

Esse era um trabalho tanto físico quanto mental, onde não tínhamos permissão para cometer o menor erro para não nos machucarmos ou um ao outro.

Vespyr não disse mais nada e, enquanto ela escovava os dentes e se preparava para dormir, apaguei o fogo.

Eu tinha que manter essas vozes e pensamentos sob controle, mas saber que acabaria na mesma cama com ela todas as noites tornava isso difícil.

Fui até ela, para pegar minha própria escova de dente e começar a escovar os dentes enquanto ela lavava o rosto.

Olhei para ela, então deixei meus olhos vagarem por todo o seu corpo antes de estender minha mão direita e colocá-la em suas costas.

Ela não se moveu, e o sorriso em seu rosto me dizia que ela não se importava com meu toque.

Havia coisas das quais lembrava vividamente.

Coisas que costumávamos fazer quando éramos pequenos.

Não tenho certeza se ela lembrava, mas se ela fizesse, ela certamente diria algo sobre isso.

Ela não estava tensa e seu corpo relaxava quanto mais eu deixava minha mão vagar por suas costas e ao longo de sua coluna.

“Você está me dando arrepios,” ela disse enquanto enxugava o rosto com as mangas.

Afastei minha mão para cuspir a pasta de dente da boca e, depois de lavá-la, olhei para ela.

“No bom sentido,” eu disse, recebendo um aceno dela.

“Talvez você possa continuar fazendo isso para que eu possa dormir mais rápido,” ela sugeriu.

Você faria qualquer coisa para tocá-la, psicopata.

As vozes estavam certas.

Quando éramos mais jovens, fiz coisas muito piores com ela.

Coisas que ardiam em meu cérebro, mas não no dela.

“Vamos,” eu disse, acenando com a cabeça em direção à casa da árvore.

Enquanto ela subia, coloquei minha mão sobre a faca na parte de trás das calças, observando-a de perto à medida que ela chegava ao topo.

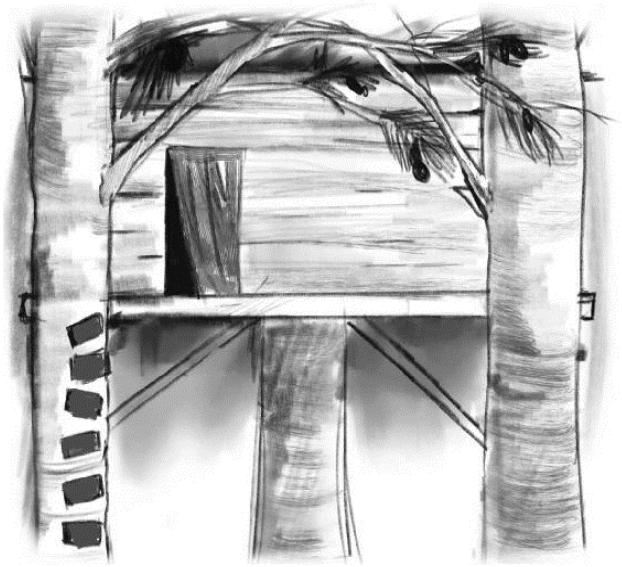
Meus olhos já haviam se acostumado com a escuridão e, graças ao luar brilhando por entre as árvores, não havia necessidade de acendermos uma de nossas lanternas.

Ela queria que eu a tocasse, para que se sentisse confortável e relaxada. Mas por mais inocente que parecesse, minha mente já estava inventando todos esses cenários doentios e sujos.

Você não ousaria machucá-la, disse uma voz, fazendo os cantos da minha boca se transformarem em um sorriso malicioso.

Me observe.

"Isso parece familiar?"



CHAPTER 12
VESPYR

“O que você está fazendo?”

Observei atentamente enquanto Fennec se aproximava, quase me montando, enquanto se ajoelhava sobre mim.

“Amarrando você. Não quero que fique sonâmbula de novo, hein?”

Ele estendeu a mão para a corda amarrada em uma das tábuas de madeira e, quando agarrou minha mão esquerda, recuei.

“Não vou ser sonâmbula.”

Ele me ignorou e continuou a me amarrar.

“Está muito apertado,” disse a ele, virando a cabeça para olhar para o meu pulso.

“Não se mova e não vai apertar.”

“Não existe uma maneira diferente de me manter aqui? Você poderia apenas... segurar minha mão e quando eu me mover, você notará,” sugeri.

Ele me ignorou de novo e, quando sentou nos meus quadris, deixou seus olhos vagarem pelo meu corpo, arrastando os dedos ao longo do meu estômago.

“Isso parece familiar, Ves?”

Uma carranca apareceu entre minhas sobrancelhas, e quando olhei para baixo para ver sua mão parar bem debaixo do meu seio, prendi a respiração.

“Lembra de todos aqueles verões que passamos aqui?”

Concordei.

Essas eram minhas lembranças favoritas, mas ele nunca tinha feito eu sentir o que eu sentia nesse momento.

Como se eu estivesse sufocando, mas da melhor maneira possível.

“Eu lembro,” resmunguei, sentindo as pontas dos dedos dele traçarem meu seio, chegando muito perto da protuberância endurecida espreitando através do tecido da camisa.

Minha respiração engasgava com cada centímetro que seus dedos tocavam, e quando senti um choque do meu peito até minhas pernas, olhei para cima para vê-lo me observar de perto.

“Você também lembra daquela noite em que jogamos verdade ou desafio?” Ele perguntou com um pequeno sorriso aparecendo em seus lábios.

“Jogamos muitos jogos, Fen.”

“É verdade. Mas houve uma noite em particular em que nos tocamos. Aqui em cima.”

Sua mão se moveu para minha garganta, envolvendo seus dedos em torno dela e apertando suavemente.

Eu lembrava da maior parte do que fizemos, mas ele estava falando sobre outra coisa.

Não estávamos pensando na mesma noite, e quanto mais eu pensava sobre isso, não tinha certeza de que o que ele se lembrava realmente tinha acontecido.

“O que fizemos naquela noite?” Perguntei, colocando minha mão direita em seu pulso para impedi-lo de aumentar seu aperto.

“Você realmente não lembra, hein?”

“Não. Diga-me.”

“Eu poderia mostrar a você em vez disso,” ele sugeriu, me fazendo engolir o caroço que se formou na minha garganta.

Senti sua faca no bolso de trás pressionando contra meu quadril, e sua lâmina afiada poderia facilmente cortar nossas duas calças se ele fizesse um movimento.

A ponta da faca estava me cutucando, mas não o suficiente para doer.

“Quero que você me diga primeiro,” sussurrei, mantendo meus olhos nele para notar quando ele fizesse seu próximo movimento.

Sua mão ainda estava na minha garganta, e a outra se moveu lentamente da minha cintura para os meus seios.

Ele segurou um deles, apertando suavemente enquanto meu corpo ficava tenso.

“Isso parece familiar?” Ele perguntou, mas eu rapidamente neguei com a cabeça.

Ninguém nunca havia me tocado assim.

Suas sobrancelhas franziram, mas ele continuou a massagear meus seios enquanto apertava os dedos com mais força em volta do meu pescoço.

“Fen,” sussurrei, sem saber se queria pará-lo ou mandar ele continuar.

“Você não lembra,” ele murmurou, não esperando uma resposta minha.

Minha respiração estava calma, assim como a dele, mas algo me disse que ele estava sentindo coisas que eu não estava.

Calafrios desceram pela minha espinha enquanto sua mão se movia de um seio para o outro, e quando ele puxou sua mão para longe da minha garganta, ele a empurrou por baixo da minha camisa para tocar minha pele.

“O que você está fazendo?” Perguntei, ainda não sentindo a necessidade de pará-lo.

Estava com muito medo de aborrecê-lo e, embora soubesse que isso estava errado, não conseguia me mover.

Estava de volta a sensação de sonhar mas ainda estar acordada. A sensação de sua cabeça aprisionada em um sonho enquanto seu corpo estava plenamente consciente.

Isso não está acontecendo. Devo estar tendo um daqueles sonhos vívidos novamente.

O rosto de Fennec estava embaçado, e eu tentei o meu melhor para me concentrar nele e ficar acordada.

Ouvi seu nome sair de meus lábios novamente, mas ele não reagiu, continuando a tocar meu corpo com suas mãos fortes.

Eu me perguntei se ele já tocou em outra garota assim.

Certamente, ele deve ter se divertido com as garotas do colégio, certo?

Todas aquelas garotas que o adoravam, mas faziam eu me sentir inútil.

“Feche os olhos, doce menina.” Sua voz parecia distante, embora ele ainda estivesse sentado em cima de mim com as mãos cobrindo meus seios, ambos por baixo da minha camisa agora.

“Quero que você lembre do que fazíamos quando éramos mais jovens, Vespyr. Feche os olhos e eu mostrarei a você.”

Não havia necessidade de lutar contra ele, porque meus olhos se fecharam automaticamente, deixando a escuridão me envolver completamente.

Seu hálito quente fez cócegas na minha pele e eu virei minha cabeça para deixá-lo dar um beijo suave na minha bochecha.

“Eu preciso que você lembre,” ele murmurou, então deu outro beijo na minha pele, desta vez mais perto do canto da minha boca.

Havia muito barulho na minha cabeça, mas o mais alto era uma voz me dizendo para não surtar.

Por que eu deveria?

Fennec esteve ao meu lado durante toda a minha vida.

Eu o conhecia por dentro e por fora, e confiava nele, não importa o quê.

“A faca,” consegui sussurrar ao senti-la pressionada contra meu quadril.

Estava com medo que fosse me espetar, mas, felizmente, Fennec estendeu a mão para agarrá-la.

A lâmina fria da faca estava agora pressionada contra meu estômago, e quando abri meus olhos novamente, ele estava olhando para ela com olhos escuros que eu não conseguia ler, mas estavam cheios de emoções intensas.

Ele moveu a faca, a agudeza da lâmina me deixando nervosa enquanto ela se movia ao longo da minha pele.

“Você é tão frágil, Ves. Um pouco mais de pressão e eu poderia facilmente cortar você.”

“Você não quer fazer isso,” sussurrei.

“Não, eu nunca faria mal a você, doce menina. E você deve saber disso.”

Seus olhos voltaram para os meus e pude finalmente ver o que estava acontecendo em sua cabeça olhando diretamente para ele.

“Guarde a faca,” implorei, colocando minha mão em seu pulso e empurrando contra ele para fazê-lo levantar a faca.

“Eu nunca machucaria você, Vespyr. Estou apenas brincando,” ele me assegurou.

Observei quando ele ergueu a faca novamente, dessa vez segurando-a perto da minha têmpora.

Minha respiração engatou e quando meu coração começou a bater forte, comecei a me sentir mal. “Devíamos ir dormir, Fen. Temos que ajudar o Papa com as árvores amanhã.”

“Você não lembra?” Ele perguntou, a lâmina agora lentamente correndo ao longo da lateral do meu rosto.

“Todas as coisas que costumávamos fazer quando éramos pequenos.”

Sua mão esquerda ainda estava segurando meu seio, massageando-o suavemente, mas eu não conseguia me concentrar nisso, pois a faca era o que eu esperava que ele afastasse de mim.

Era mais assustador do que sua mão me tocando, e as palavras que ele dizia não tornaram essa situação mais fácil para mim.

“Não sei do que você está falando, Fennec.”

“Eu vou te mostrar. E você vai lembrar.”

Finalmente, ele guardou a faca e com as duas mãos perto da minha cabeça, se inclinou sobre mim.

Eu o observei enquanto ele se aproximava novamente, seu rosto a centímetros do meu. “Você tem que fechar os olhos,” ele exigiu.

Tudo ainda parecia um sonho febril.

Isso não estava realmente acontecendo, certo?

“Feche-os, Vespyr.”

Eu fiz, e antes que pudesse imaginar o que estava acontecendo, senti seus lábios contra os meus.

Ele nunca tinha me beijado antes, a não ser naquele sonho que eu tive. Eu certamente teria me lembrado. Isso não era algo que tínhamos feito quando éramos pequenos, mas se ele estava falando a verdade ... tinha sido inocente.

Éramos crianças, e às vezes crianças faziam coisas estúpidas.

No entanto, não éramos mais crianças e, por mais errado que isso devesse ser, nunca senti nada mais poderoso e intenso antes.

Seus lábios começaram a se mover contra os meus e, embora ele soubesse exatamente o que estava fazendo, eu estava tentando descobrir como beijar funcionava.

Ninguém jamais quis me beijar.

O calor dos lábios de Fennec fez com que me sentisse relaxada, e todo o mal-estar que eu tinha sentido por causa de sua faca correndo ao longo de minha pele foi imediatamente eliminado.

Como algo tão distorcido poderia parecer tão normal?

Talvez tenha sido a maneira como crescemos.

Éramos diferentes de todos os outros e talvez eu precisasse perceber que isso era normal para nós.

Fennec já deve ter percebido isso, então agora era a minha vez.

Enquanto sua língua tocava meu lábio inferior, meu corpo tencionava e minhas mãos fechavam.

“Abra para mim, Ves. Deixe-me provar você como eu provei quando éramos mais jovens,” ele sussurrou.

Eu não estava acordada.

Estes tipos de sonhos só aconteciam aqui na floresta, nunca em casa.

Já havia sonhado que ele me beijava antes e, apesar de ter parecido real na época, acordei sozinha na casa da árvore, sem que Fennec pudesse ser visto em nenhum lugar.

Mas, novamente, meus sonhos sempre tinham parecido com sonhos febris.

Tão realistas e estranhos, mas intrigantes.

E o beijo de Fennec não me assustava nem me deixava desconfortável neste momento.

Abri minha boca para ele, deixando-o mover sua língua entre os meus lábios e pressioná-la contra a minha.

Ele empurrou sua língua suavemente para dentro da minha boca, deixando-a girar em torno da minha, enquanto o gosto dele me cobria.

Sua mão direita se moveu, e ele a colocou sobre meu estômago para empurrar minha camisa para cima e cobrir meu seio com ela novamente.

Se era assim que parecia a curtição, eu desejava ter feito isso antes.

Não queria acordar.

Seus lábios eram suaves e macios, movendo-se delicadamente contra os meus após cada golpe de sua língua, mergulhando cada vez mais fundo.

Seus dedos estavam agora beliscando meu mamilo, torcendo-o até que estremecesse a coluna e provocasse choques elétricos até meu clitóris.

Eu me perguntava como seria se ele movesse seus quadris contra os meus, mas já que eu estava sonhando de qualquer maneira, eu poderia cuidar do assunto com minhas próprias mãos.

Com os olhos ainda fechados e o beijo dele se aprofundando, empurrei meus quadris para cima para pressionar minha virilha contra a dele.

Um rosnado baixo escapou dele, e quando ele se moveu, eu chorei.

Ele me deixou, seus lábios me deixaram, e de repente eu me senti vazia.

Os sonhos não duravam para sempre, mas enquanto eu não abrisse meus olhos, poderia continuar sonhando com ele até eu acordar.

"Nós somos normais."



CHAPTER 13
FENNEC

Consegui perceber quando ela não estava em seu eu usual, e vê-la me ignorando, ou corando sempre que eu olhava para ela, significava que algo estava errado.

Estávamos caminhando há algum tempo para voltar ao alojamento de Jason enquanto Papa esperava no acampamento que voltássemos com um quadriciclo e uma motosserra.

Muitas vezes eu olhava para Vespyr, mas quando tentava falar com ela, ela encolhia os ombros para responder ou ignorava completamente minhas perguntas.

“É porque tive que amarrar você de novo na noite passada?” Perguntei, parando perto do final da floresta, onde o caminho agora levaria colina abaixo em direção a Wiseman.

“Você sabe por que fiz isso. Foi para mantê-la segura,” expliquei.

Ela não olhou para mim, e quando me aproximei, ela deu um passo para trás com uma carranca profunda entre as sobrancelhas.

“Não, eu só tive um sonho estranho. Isso é tudo.”

“Tem certeza? Deve ter sido um sonho insanamente estranho se isso faz você se sentir assim.”

Ela encolheu os ombros novamente. “Eu acho.”

Vespyr não era o tipo de pessoa que guardava suas palavras para si mesma, e estava claro que algo a estava incomodando.

“Você pode me dizer qualquer coisa, Ves. Você sabe disso,” eu disse a ela, dando mais um passo em sua direção e colocando minha mão em sua bochecha.

Corri meu polegar ao longo de sua pele, procurando algum tipo de resposta em seu rosto.

“É só…” ela começou, deixando escapar um suspiro. “Parecia tão real. Como um sonho febril,” ela explicou.

Continuei estudando seu rosto de perto, não querendo perder a emoção em seus olhos arregalados.

“O que aconteceu nesse sonho?” Perguntei, querendo saber mais para que eu pudesse tentar ajudá-la a entender o que isso significava.

“Você estava lá. E você...” Outro suspiro, e seus olhos caíram para os meus lábios. “Eu realmente não quero falar sobre isso. Foi estúpido. Esquece,” ela disse.

“Como um sonho febril, hein?”

Ela acenou com a cabeça.

“Significa que seu cérebro funciona muito bem, e que você está alerta mesmo durante o sono. Eu também tenho sonhos como esses, sabe? Eles são normais. Pelo menos aqui fora eles estão. Não tenha medo, ok?”

Sorri para ela e movi minha mão até seu pescoço, envolvendo-o e depois me inclinei para beijar sua testa.

“A selva faz coisas com um humano que não podemos explicar às vezes, mas agora você sabe que não está sozinha tendo sonhos tão vívidos. É normal.”

Ela manteve os olhos em mim por um momento antes de seus lábios se curvarem em um sorriso. “Nós somos normais,” ela afirmou.

“Exatamente. E todas essas outras pessoas enganadas pela sociedade não são.”



“Para que você precisa do meu quadriciclo?” Jason perguntou quando estávamos diante de sua porta da frente.

“Papa quer cortar algumas árvores para construir uma cabana para ele mesmo. Precisamos dele para puxar a madeira para o acampamento,” expliquei.

“Precisa da minha motosserra também? Ele perguntou, já sabendo que era necessária para nós, a menos que quiséssemos passar horas cortando uma árvore com uma serra manual.

“Sim, senhor.”

Ele moveu os olhos de mim para Vespyr, que estava brincando com Sitka.

“Ela está bem lá em cima?” Ele perguntou, descendo os degraus para ir para seu galpão.

“Vespyr? Sim. Ela está bem. É onde ela deveria estar,” disse a ele.

“Achei que ela não iria passar mais de uma semana com você. Não consigo imaginar como sua mãe se sente sobre a família dela morando lá.”

“Mama está bem com isso. Ela tem sua própria vida,” expliquei, não que fosse da conta dele de qualquer maneira.

“Minha oferta ainda está de pé. Se ela quiser voltar para casa, ficarei feliz em levá-la de carro.”

Dei a ele um aceno de cabeça, sabendo que Vespyr não queria deixar nossa casa na floresta. Mas precisaríamos de uma carona se quiséssemos surpreender Mama em Fairbanks.

“Todos nós precisaríamos de uma carona para passar o Natal com a Mama. Ainda não falamos com ela, mas gostaríamos de passar o Natal com ela esse ano.”

“Seu pai também?” Ele perguntou, obviamente surpreso com isso.

“Sim, acho que sim.”

“Bem, você pode usar meu telefone se quiser perguntar a ela,” ele sugeriu.

“Perguntar a quem?” Vespyr se aproximou de nós com Sitka pulando atrás dela, querendo que ela jogasse a bola de tênis.

“Perguntar à Mama se ela concorda com a nossa visita no Natal. Quer ligar?”

Seus olhos se alargaram com entusiasmo. “Sim! Oh, ela ficaria tão feliz em nos receber durante o feriado.”

“Ela com certeza ficará. Vá ligar. Use a linha fixa de Jason.”

Ela rapidamente acenou com a cabeça e se virou para Sitka antes de ambas entrarem.

“Você deveria dizer oi para sua mãe também. Já faz um tempo, acredito.”

Não sei por que ele se importaria há quanto tempo não ouço a voz da minha mãe, mas ele estava certo.

“Vá falar com ela e eu prepararei a motosserra e o quadriciclo para você.”

Balancei a cabeça, enfiando minhas mãos nos bolsos da calça antes de entrar na cabana de Jason, onde Vespyr já estava discando o número da Mama.

“Ela vai ficar muito feliz em ouvir você, Fennec,” disse Vespyr com um sorriso brilhante.

Sentei-me no braço do sofá com os braços cruzados sobre o peito agora, enquanto ela estava animada com o telefone pressionado no ouvido.

“Mama? É Vespyr! Como você está?” Ela perguntou.

Embora eu sempre tenha sido o mais próximo de Mama, elas tinham seu próprio vínculo especial.

Não é algo que eu possa dizer sobre Papa e eu.

“Não, está tudo perfeito. Não se preocupe. Fennec e eu descemos para a cabana de Jason porque precisávamos de algumas coisas.”

Eu a observei enquanto ela falava, e a cada sorriso ou careta, não pude deixar de sentir esse sentimento familiar dentro de mim crescer.

Vespyr era única, e embora ela não se parecesse com todas aquelas garotas do ensino médio, ela se destacava aos meus olhos.

Seus olhos se moveram para os meus e com um sorriso doce, ela se aproximou de mim. “Ele está bem aqui. Vou deixar você falar com ele.”

Ela segurou o telefone para mim, mas demorei um pouco para pegá-lo.

“É a Mama,” disse Ves, como se eu já não soubesse.

Soltei um suspiro pesado e peguei o telefone na minha mão antes de segurá-lo no meu ouvido.

“Ei, Mama.”

“Fennec, querido. É tão bom ouvir sua voz de novo,” ela anunciou, soando como se o peso mais pesado tivesse sido tirado de seus ombros. “Como vão as coisas?”

“As coisas estão ótimas. Papa quer construir sua própria cabana, é por isso que descemos para a casa de Jason. Para conseguir algumas coisas de que precisamos,” expliquei.

“Ele já cansou de dormir naquela barraca?”

“Parece que sim,” eu disse com uma risada, mantendo meus olhos em Vespyr.

Eu peguei suas mãos que estavam unidas, nervosamente se mexendo enquanto ela continuava a me encarar.

“Escute, Mama. Vespyr teve essa ideia de voltarmos para casa no feriado. Papa queria primeiro que você subisse aqui, mas eu sei que você não iria querer isso. Então, que tal visitarmos você em dezembro?” Sugeri.

Isso faria ela e Ves felizes, tanto quanto eu sabia.

“Isso é surpreendente,” ela respondeu, mantendo-se em silêncio por um momento enquanto eu deslizava meus dedos pelos de Vespyr.

Eu sorri para ela e recebi um de volta imediatamente, mas quando ela continuou a me olhar com aqueles olhos cheios de emoções, seu rosto mudou.

“O que ela está falando?” Ela sussurrou.

“Nada,” murmurei, ainda esperando Mama falar.

“Eu adoraria ter vocês em casa no Natal. Avise-me quando estiverem vindo para a cidade e eu terei os quartos prontos para vocês. Como está Vespyr?”

“Ves está bem. Ajuda muito no acampamento e já atirou em um esquilo. Ela está colocando o jantar na nossa mesa,” eu disse com orgulho, fazendo o sorriso de Vespyr voltar.

“Soa maravilhoso. Passe o telefone a ela antes de desligar, ok?”

“Eu vou. Há mais alguma coisa que você queira me dizer, Mama?”

“Fique seguro. E diga a seu pai para não trabalhar muito. Construir uma cabana leva tempo e força.”

Ela não precisava me dizer isso porque eu sabia muito bem como era difícil sobreviver aqui.

Mas Mama ainda estava apaixonada por ele e ele sentia o mesmo por ela.

“Eu vou deixar ele saber que você disse isso. Cuide-se. Amo você.”

Eu ouvi sua resposta para mim quando já estava passando o telefone de volta para Ves.

“Mama?” Ela perguntou. “Vamos passar o Natal na sua casa? Oh, mal posso esperar! Direi ao Papa quando voltarmos! Okay, vejo você em breve. Eu amo você.”

Ela desligou e colocou o telefone de volta na mesa antes de se virar para colocar os braços em volta dos meus ombros, soltando minha mão.

“Mal posso esperar pelo Natal,” ela gritou, pressionando seu corpo com força contra o meu.

Ela estava parada entre minhas pernas, seus quadris pressionados contra minha barriga enquanto eu enterrava meu rosto na curva de seu pescoço.

“Estou animado também,” disse a ela, esfregando suas costas e, em seguida, colocando minha mão esquerda na parte de trás de sua coxa, logo abaixo de sua bunda.

Ela relaxou em mim enquanto sua excitação se transformava em algo diferente.

Algo que ela não deveria estar sentindo por mim.

Você sente a mesma fodida coisa, seu doente de merda.

“Conte-me sobre aquele sonho que você teve na noite passada,” eu encorajei, acariciando seu corpo suavemente, não querendo afastá-la.

“Meu sonho?” Ela perguntou enquanto eu levantava minha cabeça para olhar para ela.

“Sim. Você não me disse exatamente o que aconteceu.”

“Você me beijou,” ela disse calmamente e com um tom tímido.

“Eu fiz? Na bochecha?” Perguntei, afastando uma mecha de seu cabelo que havia soltado de sua trança.

“Não,” ela sussurrou, suas bochechas ficando vermelhas.

“Onde eu beijei você naquele sonho, Ves? Tudo bem você me dizer. Foi apenas um sonho.”

“Eu acho. Parecia tão real. Não deveria estar sonhando com você me beijando. É errado.”

Fiz uma careta. “Um beijo não é errado. Eu te dou beijos o tempo todo, certo? E o Papa também.”

“Mas você—”

“Não há nada de errado em você sonhar que eu te beije. Isso não é uma coisa doce de se sonhar? Mostra que você vê e aceita meu afeto. Me deixa feliz que você saiba,” eu disse a ela com um sorriso.

Ela parecia insegura, e quanto mais pensava nas minhas palavras, mais profunda ficava sua carranca.

Fiquei olhando para o rosto dela tomado de emoções, e antes que ela pudesse pensar muito naquele sonho que ela teve, coloquei as duas mãos

em seu rosto e virei sua cabeça para fazê-la olhar para mim.

Sem dizer uma palavra, eu a puxei para mais perto e pressionei meus lábios nos dela suavemente, e tão rápido quanto nossos lábios se tocaram, eles se separaram novamente.

“Está vendo? É apenas um beijo. Inofensivo.”

Seus olhos estavam arregalados, brilhando de agitação misturada com alegria.

“Foi só um sonho, doce menina. Não deixe sua mente te enganar tanto.”

Ela acenou com a cabeça, e apesar de toda a confusão que permaneceu em seu rosto, ela sorriu.

“Vamos voltar, hein? Tenho certeza de que Jason tem o quadriciclo e a motosserra prontos para nós.”

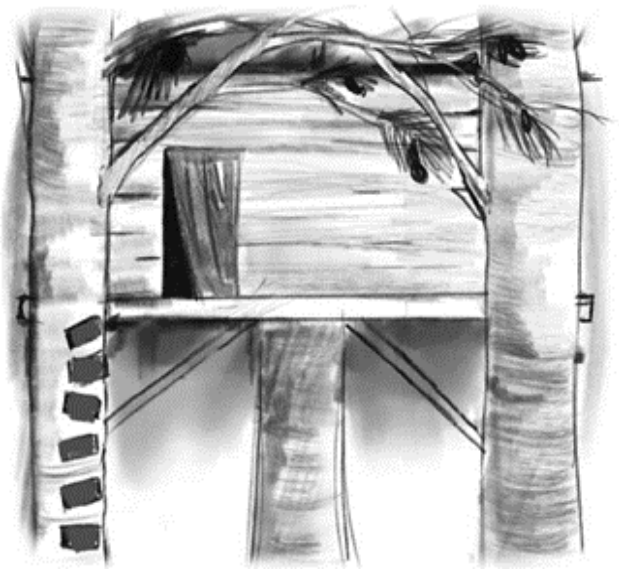
Levantei-me e passei minha mão ao longo da lateral de seu rosto para puxar a mecha de cabelo solta atrás da orelha, em seguida, acenei em direção à porta da frente com um sorriso.

Fodido doente.

Fodido doente.

Fodido doente, e você sabe muito bem disso.

“Isso é o que você recebe aqui.”



CHAPTER 14
VESPYR

Novembro

Construir a cabana não demorou nada.

Foi surpreendente vê-la ali, em nosso acampamento, toda estável e bonita depois que o Papa só havia trabalhado nela por algumas semanas.

Para ser justa, Fennec e eu ajudamos muito, mas foi principalmente o Papa que ficou acordado até tarde para continuar a trabalhar nela.

Muitas vezes não me deixava dormir, já que ele usava a motosserra do Jason algumas vezes no meio da noite, ou o moedor de madeira que eu e Fennec tivemos que ir buscar na cabana do Jason apenas alguns dias depois de termos conseguido o quadriciclo e a motosserra.

Também foi bom o Papa ter terminado a cabana tão cedo, pois a neve já havia chegado nos primeiros dias deste mês.

O inverno estava chegando, e aqui em cima, nas montanhas, o branco era tudo o que víamos.

As últimas semanas tinham sido... interessantes.

Tão perto quanto eu e Fen estávamos, ele parecia ter recuado para me deixar aproveitar o tempo com Papa, e quanto menos ele falava conosco, mais eu falava com Papa.

Na maioria das noites, eu tinha me afastado de Fennec, e embora ele ainda insistisse que eu dormisse com a corda ao redor do pulso, ele não tinha mais falado sobre mim sonâmbula.

Havia sonhos que eu continuava tendo, os mesmos que aconteciam várias vezes por semana, mas eu não falava mais sobre eles.

Eles não eram tão vívidos como os primeiros que tive quando cheguei aqui, e parecia que a distância de Fennec era a razão para isso.

Eu odiava isso.

Por mais estranhos e assustadores que fossem aqueles sonhos, eu queria tê-los novamente.

Eu queria senti-lo novamente.

Ver onde eles me levariam e até onde iríamos naqueles sonhos.

Eu estava do lado de fora, empurrando a neve ao redor do acampamento e criando uma barreira para potenciais visitantes.

Vi muitas lebres ao redor do acampamento desde que a neve caiu, e em vez do seu habitual pelo cinza, elas agora eram todas brancas.

Perfeitas para se camuflarem na neve e manterem os caçadores afastados.

Mas não estavam a salvo de nós, porque com elas cheirando toda a comida que cozinhávamos, elas se aproximavam do acampamento e facilitavam bastante a armadilha ou o tiro.

Mais esquilos também apareceram, e desde que comecei a colher nozes das árvores nos últimos meses, eu as coloquei em uma trilha que levava à minha nova armadilha.

Uma que eu construí apenas por diversão, mas funcionou muito bem.

“Vi um urso preto perto do rio. Parece que eles não hibernam esse ano,” Fennec anunciou enquanto se aproximava do acampamento.

“Por que você não atirou?” Perguntei, olhando para ele.

Estávamos todos usando várias camadas agora para nos mantermos aquecidos aqui.

Eu adorava o inverno, e dormir sobre a pele de urso que o Papa tirou de sua tenda era ainda mais confortável do que dormir apenas sobre o colchão.

“Não tinha nada comigo.”

“Você deveria ter tido algo com você. Sempre tem que ter,” disse o Papa em um murmúrio.

Ele estava sentado perto do fogo, costurando pedaços de tecido para criar pequenas cortinas para sua cabana.

Não ocupava muito espaço, pois não era muito grande, mas era o suficiente para ele dormir e guardar toda a nossa comida e roupas.

“Eu não poderia ter puxado isso aqui sozinho, e deixá-lo lá seria facilmente atraído por outros animais.”

“Você deveria ter armas com você no caso de ser atacado,” Papa respondeu, virando a cabeça para olhar para Fennec.

“Tive cuidado,” ele suspirou, colocando a vasilha cheia de água ao lado do fogo. “Pelo menos temos mais água agora.”

“O que tem para o jantar?” Perguntei, querendo mudar de assunto, mas também aliviar a tensão entre eles.

Minhas esperanças de que eles se dessem bem novamente se perderam, porque mesmo depois desses meses, eles ainda estavam agindo de forma estranha perto um do outro.

“Peguei um pouco de carne que sobrou do almoço,” Papa respondeu.

Balancei a cabeça e me virei para pegar mais neve, empurrando-a de lado e, em seguida, encostando a pá no tronco da árvore mais perto de mim.

Uma dor aguda me fez colocar minha mão na parte inferior da minha barriga, suspirando ao reconhecer aquela sensação.

Minha menstruação sempre doía, mas felizmente não tanto a ponto de eu precisar usar analgésicos.

Era irritante, especialmente no inverno.

Papa havia prometido criar um banheiro de verdade ao lado da cabana, onde eu pudesse trocar meus absorventes sempre que precisasse, sem ter que ficar de pé no frio.

“Você está bem, Ves?” Fennec perguntou, e quando me virei para olhar para ele, ele estava mais perto de mim do que antes.

“Sim, cólicas,” eu disse a ele com um sorriso torto.

Seus olhos se moveram para a minha mão na minha barriga e, quando ele olhou para cima, franziu os lábios. “Precisa de algo para a dor?” Ele perguntou.

Essa não era a primeira vez que ficava menstruada aqui.

“Não, ela vai embora em algumas horas. Mas acho que vou deitar um pouco, se estiver tudo bem?”

“Claro. Chamo quando o jantar estiver pronto.”

Sorri para ele e balancei a cabeça, então subi a escada para me deitar um pouco.

Eu não os ouvi conversar muito, mas ficarem quietos era melhor do que brigar por algo estúpido.



Abri os olhos horas depois, percebendo que havia dormido durante o jantar.

Quando empurrei meu cobertor de cima do meu corpo e rastejei até a abertura da casa da árvore, olhei para baixo para encontrar Fennec sentado perto do fogo sozinho.

“Que horas são?” Perguntei, fazendo-o virar a cabeça em minha direção.

“Ei, dorminhoca. Você perdeu o jantar,” afirmou. “São quase dez horas.”

“Oh. Por que você não me acordou?” Perguntei enquanto colocava minhas botas de volta antes de descer.

“Você estava dormindo tão pacificamente. Não queria incomodar. Você ainda está com dor?” Ele perguntou, seus olhos movendo-se para a minha barriga.

“Uh, não realmente. Eu me sinto melhor. Mas estou com fome.”

“Mantive a carne na grelha. Venha sentar e comer.”

Olhei para a lareira para ver o pequeno fogo ainda aceso, mantendo não apenas minha comida, mas Fennec aquecido.

“Tenho que me trocar primeiro. Já volto,” disse a ele, apontando para a cabana de Papa, onde havia guardado todas os meus absorventes e roupas.

“Tente não acordá-lo. Ele não estava de bom humor antes de dormir.”

Balancei a cabeça antes de abrir a porta da cabana e entrar.

Ele havia colocado seu colchão no canto extremo direito e, à esquerda, havia todas as nossas coisas.

Era espaço suficiente, e eu mal podia esperar para o banheiro que ele prometeu construir.

Eu podia usar um pouco de privacidade quando estava no meu período.

Depois de pegar um absorvente limpo da minha mochila, saí da cabana novamente para depois ir direto para a floresta para que Fennec não tivesse que me ver trocando meu absorvente sangrento.

“Não vá muito longe,” ele me disse.

Parei a poucos metros de nossa casa da árvore e me escondi atrás de uma grande árvore antes de empurrar minhas calças e meias grossas pelas minhas pernas.

Suspirei ao ver todo o sangue que cobria meu absorvente e a parte de trás das minhas calcinhas, não sendo a primeira vez que tinha perdido tanto sangue.

Não era incomum, e eu tinha certeza de que a maioria das mulheres tinha um fluxo pesado, mas era irritante.

Eu tirei o absorvente da calcinha e o coloquei na neve antes de colocar o novo e puxar minhas calças de volta para cima.

“Você está bem aí atrás?” Perguntou Fennec.

“Uh, sim,” respondi, dando um passo para o lado e vendo-o parado ao lado de nossa casa na árvore.

“Tem certeza disso?” Seus olhos vagaram para o absorvente na neve, e rapidamente o peguei para descartá-lo em nossa caixa de lixo.

“Sim, está tudo bem, Fennec,” prometi com um sorriso.

“Isso é muito sangue,” ressaltou.

“Sim, eu deveria ter trocado antes de ir dormir,” eu disse, encolhendo os ombros.

“Carne é bom para quando você está menstruada,” ele me disse, com os olhos ainda no absorvente.

“Eu acho.” Aproximei-me para passar por ele e jogar o absorvente fora, mas antes que eu pudesse fazer isso, ele agarrou meu pulso e o puxou da minha mão.

“Perder tanto sangue não é saudável, sabia disso? Você precisa, de alguma forma, colocar o ferro de volta em seu corpo.”

Eu sabia disso e, como comíamos carne suficiente, nunca me preocupei com isso.

“Sente-se.”

Fui até a lareira e sentei-me em um dos troncos, observando-o inspecionar novamente o absorvente antes que ele mesmo virasse para se livrar dele.

“Ainda bem que guardei os fígados, rins e corações daquele veado que matamos ontem. Você deveria comer isso.”

Fiquei olhando enquanto ele caminhava até a cabana de Papa, então entrou e saiu novamente alguns segundos depois, segurando um pequeno recipiente de aço nas mãos.

“Você quer cozinhá-lo agora?” Perguntei, mas ele balançou a cabeça enquanto caminhava até mim para sentar.

“Não, você vai comê-los crus. Provavelmente é melhor,” ele disse, abrindo a tampa e olhando para dentro.

Inclinei-me para ver os órgãos que Papa costumava usar para pegar peixes, mas nunca os comíamos porque a carne dos animais era suficiente para nós.

“Você quer que eu coma cru?” Perguntei com uma carranca, olhando para os órgãos ensanguentados no recipiente.

“Você está perdendo muito sangue, Ves. Não quero que se sinta tonta de repente e caia no chão. É bom para você.”

“É sangrento.”

“É saudável,” ele insistiu.

“Não terá um gosto bom cru.”

Ele ergueu as sobrancelhas. “Não tem sabor diferente do sangue humano, e você impede que as feridas sangrem com sua boca às vezes.”

Ele tinha razão, mas eu ainda não tinha certeza sobre comer órgãos de veado crus.

“Não quero isso.”

“Você precisa, Vespyr. É bom para você.”

Balancei minha cabeça para ele e peguei a panela na grelha, mas antes que pudesse tirar a tampa para expor a carne cozida de verdade, sua mão segurou minha boceta.

Meu corpo congelou, e quando olhei para sua mão, ele pressionou sua palma com mais força contra mim.

“Não terá gosto diferente, Vespyr.”

Não conseguia falar, então mantive minha boca fechada enquanto sua mão se movia novamente, desta vez para a bainha do meu suéter, puxando-o sobre o meu estômago para, em seguida, enfiar os dedos nas minhas calças.

“Quero que você continue saudável.”

Seus dedos se moveram para a minha calcinha e eu tentei apertar minhas coxas para manter sua mão fora de lá, mas não ajudou.

Ele os empurrou ainda mais, passando pela minha fenda e, em seguida, mergulhando-os no meu buraco.

“Fen—”

“Shh. Deixe-me mostrar a você que nosso sangue não é diferente do sangue dos animais.”

Meu corpo ainda estava tenso, começando a tremer lentamente enquanto eu percebia que este não era um daqueles sonhos febris que tive semanas atrás.

Isso era real, mas mesmo sabendo que não estava certo, eu não o impedi.

Olhei em seus olhos enquanto seus dedos se moviam lentamente para dentro e para fora de mim, e quando estavam cobertos de meu sangue, ele os puxou de volta para fora para olhar para eles.

Ele não falou, mas seus olhos disseram o suficiente.

Eu o vi esfregar o polegar em seus dois dedos, espalhando o sangue por todos eles antes de levantá-los até a boca.

Eu fiquei sem palavras, mas não o parei.

Ele enrolou seus lábios ao redor das pontas dos dedos, saboreando o sangue enquanto mantinha os olhos trancados nos meus, e quando ele os puxou para fora novamente, os cantos de sua boca se curvaram.

“Não sinto diferença,” ele me disse, inclinando a cabeça para o lado e aproximando a mão do meu rosto.

Ele agarrou minha mandíbula, depois deixou a ponta de seu polegar escovar meu lábio inferior, deixando o sabor do meu próprio sangue pairando.

“Por que você...” comecei, mas não havia mais palavras saindo de mim.

“Tome, doce menina. Você precisa disso.”

Sua mão me deixou, e ele se virou para pegar o recipiente com os órgãos nele, estendendo-o para eu pegar.

“Aqui, vou cortar um pedaço para você, mas você precisa comê-lo.”

Segurei o recipiente no meu colo enquanto ele pegava o fígado, então tirou a faca do bolso lateral da calça para cortar um pedaço.

Eu o observei, e como nenhuma palavra mais saiu de mim, eu o deixei segurar aquele pedaço de fígado perto da minha boca.

O cheiro não me incomodava muito, mas saber que era cru incomodava.

Merda... o que ele está fazendo comigo?

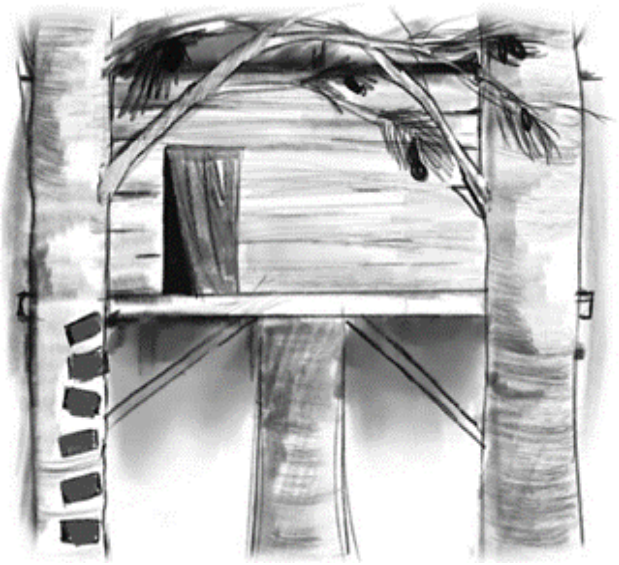
Meu olhar caiu para o pedaço que ele estava segurando entre os dedos, e para não deixá-lo com raiva, eu mordi, deixando o gosto encher minha boca.

“Você se acostumará a isso. Mama lhe diria a mesma coisa. Para comer coisas assim quando estiver perdendo tanto sangue.”

Ele provavelmente estava certo, então mastiguei, sem pensar muito no que estava comendo.

“Boa menina,” ele elogiou, cortando outro pedaço para mim. “Em breve é Natal e tenho certeza de que Mama vai preparar uma boa refeição com coisas que você ama e não consegue encontrar na selva. Mas... isso é o que você recebe aqui, doce menina.”

Só algo estranho aconteceu em meus sonhos.



CHAPTER 15
VESPYR

Minha menstruação estava durando mais do que o normal, e eu brincava comigo mesma sobre toda a carne crua que Fennec me fazia comer ser a razão pela qual eu estava perdendo ainda mais sangue.

Eu me sentia mais forte e saudável, sabendo que toda aquela carne deu ao meu corpo o que ele precisava.

A dor não tinha ido embora, mas não era tão forte quanto nos primeiros dias, mas ter que trocar os absorventes constantemente estava começando a me incomodar.

Estava prestes a descer a escada para pegar um novo bloco na cabana de Papa quando Fennec subiu com uma carranca no rosto.

“Você deveria estar dormindo agora,” ele me disse.

Não era tarde, e embora eu tivesse ido para a cama mais cedo do que de costume essa noite, não conseguia imaginar que já passava da meia-noite.

“Preciso ir me trocar,” disse a ele, puxando meus joelhos contra meu peito.

Estava ficando mais frio a cada dia, e o inverno estava lentamente tomando o lugar do outono.

“Deite-se,” ele ordenou, aproximando-se enquanto puxava a cortina que penduramos na abertura para que o ar frio não nos atingisse diretamente à noite.

“Mas eu tenho que me trocar ou então minhas calças vão ficar sujas e ensanguentadas.”

Ele não respondeu.

Em vez disso, se moveu sobre mim, me fazendo esticar as pernas novamente antes de sentar na minha barriga.

“Fen... eu não quero que os cobertores fiquem sujos.”

“Não se preocupe com isso,” foi sua resposta, e quando percebi o que ele estava fazendo, suspirei.

“Não tenho andado sonâmbula desde aquela primeira vez. Você não tem que ficar me amarrando.”

“Mas você faria se não estivesse amarrada, Vespyr. Confie em mim. Você me acordou várias vezes nos últimos dias.”

“Eu fiz?”

Ele riu e acenou com a cabeça enquanto amarrava a corda em volta do meu pulso. “Que bom que tenho sono leve, ou você estaria em algum lugar lá fora, perdida.”

“Não fui muito longe da última vez,” apontei.

“Não, você não fez. Porque eu estava lá fora caçando e felizmente vi você vagando por aí.”

Estudei seu rosto enquanto ele se concentrava nos nós que estava amarrando ao redor do meu pulso, e quando terminou, ele voltou para baixo, agarrando a bainha da minha camisola e empurrando-a para cima.

“O que você está fazendo?”

É claro que ele não respondeu, e a história estava lentamente começando a se repetir.

Será que eu estava acordada? Porque isto estava começando a parecer um daqueles sonhos febril estúpidos de novo.

Mas, como ele me disse antes... quando a vida parecer um sonho, não acorde.

Diabos, não faço ideia de como eu poderia acordar quando nem tinha certeza se isto era realidade.

Uma coisa que eu fiz automaticamente foi não reagir mais ou tentar entender tudo.

Estava muito cansada para isso e, sendo Fennec quem me fazia todas essas coisas estranhas e fora dos limites, eu nem sequer tinha forças para detê-lo.

Meus olhos começaram a ficar pesados novamente e se fecharam quando as mãos de Fennec puxaram minhas calças sem nunca me avisar sobre o que ele iria fazer.

Naquela noite, há alguns dias, ele obviamente não teve medo de me mostrar que meu sangue não era diferente do dos animais, e eu ainda lutava

para saber se o que aconteceu era real.

Meu cérebro estava pregando uma peça em mim.

“Você tem que comer mais carne,” Fennec rosnou, e só agora eu o senti puxando para baixo minha calça e meia.

“Você está perdendo muito sangue, doce menina. Estou preocupado com você,” ele sussurrou, sua voz cheia de preocupação.

“Estou bem,” disse a ele, abrindo meus olhos novamente e o vendo entre minhas pernas, apoiado em seu cotovelo direito.

“O que você está fazendo?” Perguntei de novo, sem saber se minhas palavras realmente saíram da minha boca.

“Ouvi dizer que existem maneiras de parar a dor. Deixe-me fazer você se sentir melhor,” ele me disse, puxando lentamente minha calcinha.

Meu corpo começou a tremer com o ar frio atingindo minha pele nua, e tentei apertar minhas coxas juntas, não querendo pegar uma infecção.

“Mantenha essas pernas separadas, Vespyr. Vou fazer a dor passar. Feche os olhos,” ele exigiu, mas eu estava hesitante.

“Estou acordada?” Perguntei, mas novamente, parecia que eu nem estava falando. Minha mente estava embaçada e meus pensamentos confusos.

O que diabos esse lugar está fazendo comigo?

“Não acho que você deveria—”

Mas era tarde demais para detê-lo.

As pontas dos seus dedos roçaram ao longo das minhas dobras inchadas, enviando faíscas para o pequeno nó de nervos que ficava mais sensível do que nunca quando eu estava menstruada.

Meus olhos se fecharam e meu corpo relaxou enquanto deixei minha mente escolhia se isso era apenas um sonho ou não.

Fennec me disse para não deixar minha mente me enganar tanto, mas como eu não poderia quando senti como se isso me fizesse acreditar na coisa certa?

Senti seu hálito quente contra minha boceta, aquecendo-me novamente lentamente enquanto o frio rodeava o resto das minhas pernas.

Torci minha mão em torno da corda e agarrei minha camisola com a outra, precisando de algum tipo de segurança enquanto Fennec estava lá embaixo.

Ele certamente podia sentir o cheiro de todo o meu sangue cobrindo não só o absorvente, mas também minhas dobras, e eu sentia o sangue fluir lentamente para fora de mim.

Nesse ponto, dizer algo só causaria ecos em minha mente, então eu me mantive em silêncio e com os olhos fechados, esperando intrigantemente onde esse sonho me levaria desta vez.

Minha respiração estava calma, no entanto, a excitação dentro de mim crescia a cada respiração que eu tomava.

Tudo o que acontecia que tinha Fennec envolvido se transformava em algo estranho, mas eu estaria mentindo ao dizer que não gostava.

Isto, o que quer que isto fosse, éramos nós.

Sempre foi assim, e sempre fomos nós.

Seus dedos pareciam quentes contra a minha pele sensível, e quanto mais ele acariciava as dobras externas, mais eu esperava que ele os empurrasse para dentro da maneira como havia feito naquela noite.

Ele estava explorando meu corpo, mas eu sabia que esta não era a primeira vez que ele chegava tão perto de uma boceta.

Ele deve ter se divertido com algumas dessas garotas no ensino médio, e se não fez isso, eu tinha certeza de que ele já tinha visto vídeos na internet antes.

Todos os meninos faziam isso na escola, e até mesmo as meninas.

Diabos, eu fiz isso uma vez, mas depois de ser pego pela Mama, eu nunca mais procurei pornografia.

Não era algo com que eu me sentisse desconfortável, porque sexo era normal.

Não era algo que as pessoas deveriam se sentir mal em assistir ou fazer, então quão errado era realmente ter Fennec me tocando lá embaixo?

Eu claramente queria isso.

Minha mente o queria, e quanto mais eu sonhava com isso, mais eu o aceitava.

Sua respiração fazia cócegas na minha pele, e eu sabia que ele estava se aproximando.

Eu não ousava abrir meus olhos, com medo de acordar ou de perceber que não estava sonhando.

Mas como minha mente gostava tanto de me pregar peças, eu podia nos ver ali deitados, ele entre minhas pernas e eu amarrada, sem nenhuma maneira de me mover ou escapar.

“Eu quero que você relaxe, doce menina. Deixe-me fazer a dor passar,” sua voz baixa sussurrou.

Eu me vi acenando com a cabeça e, segundos depois, seus lábios pressionaram contra a parte interna da minha coxa.

Havia sangue seco na minha pele do absorvente que ele puxou para baixo em minhas pernas, mas ele não se importou e continuou a arrastar beijos por todo o caminho até minha boceta.

Eu estava apertando apenas com o pensamento dele estar tão perto, e quando sua língua saiu para lamber minha fenda, eu sabia que isso não era nada além de minha imaginação doentia misturada com meus pensamentos distorcidos que tantas vezes tinha sobre ele.

Estava apertando só de pensar que ele estava tão perto, e quando sua língua saiu para lamber através da minha fenda, eu sabia que isto não era nada além da minha imaginação doentia misturada com meus pensamentos distorcidos que tantas vezes eu tinha sobre ele.

Isto não era real, então eu poderia muito bem tirar o melhor proveito disso.

A língua dele bateu no meu clitóris, lentamente no início, mas se movendo mais rápido após cada golpe.

Barulhos suaves encheram a quietude ao nosso redor, e com seus dedos já cobertos de sangue, ele empurrou para dentro de mim para aliviar as dores de cólicas que minhas entranhas causavam.

Movi minha mão da minha camisola para o cabelo dele, agarrando-o com meu punho e deixando meus dedos envolverem seus cachos.

Esta foi a primeira vez para mim, ter a língua de alguém brincando com meu clitóris e me fazendo sentir coisas que eu nunca havia sentido antes, mas eu não queria que ele parasse.

Ele pressionou um beijo nas minhas dobras e passou a língua pela minha fenda novamente, provando todo o meu sangue e deixando que ele cobrisse seus lábios e toda a sua boca.

Novamente, isso não pareceu incomodá-lo, e para elevar o nível, ele arrancou seus dedos do meu aperto para depois manchar o sangue debaixo

dos seus olhos como se fosse algum tipo de guerreiro ou jogador de futebol.

Foi estranho, mas então... só coisas estranhas aconteciam em meus sonhos.

Eu me vi sorrindo para ele, tentando não rir ao ver sua pintura facial como se ele estivesse prestes a ir para a guerra.

Isso o fez parecer um alfa, exatamente como ele já era.

“Feche os olhos,” ele ordenou, e quando fechei, sua boca estava de volta ao meu clitóris, sugando suavemente enquanto sua língua batia contra ele.

Podia sentir a tensão em meu corpo aumentar, mas a dor tinha ido embora há muito tempo.

“Fennec, por favor,” gritei, sem saber pelo que estava implorando. Eu não queria que ele parasse, e quanto mais sua língua e dedos se moviam, mais rápido meu batimento cardíaco ficava.

Era um sentimento desconhecido, mas definitivamente não um do qual eu queria me livrar, então movi meus quadris contra ele em círculos lentos.

Nunca tive um orgasmo antes, mas tinha certeza de que estava perto de um, e mesmo em meus sonhos, eu contaria como um.

Minha respiração engatou enquanto meus quadris resistiam com cada movimento de sua língua, e quanto mais rápido ele movia seus dedos para dentro e para fora de mim, mais eu queria gritar de prazer.

Você está sonhando de qualquer maneira. Ninguém vai ouvir.

“Oh, Fen!” Gemi, inclinando minha cabeça para trás e puxando seu cabelo, mas empurrando seu rosto contra minha boceta para mantê-lo ali.

Eu queria que ele me fizesse gozar.

Para que eu sentisse meu primeiro orgasmo, e para torná-lo o melhor que eu jamais teria tido.

Minhas pernas estavam tremendo e apertando a cabeça dele entre minhas coxas, mas ele agarrou meu joelho direito e o apoiou sobre seu ombro enquanto empurrava minha perna esquerda para mais longe.

Eu não tinha como mexer agora, mas continuei a circular meus quadris, na esperança de que o orgasmo em breve me inundasse.

Por sorte, não demorou muito, e esta sensação de prazer avassaladora misturada com a novidade se moveu através do meu corpo, dos dedos dos pés à cabeça.

Fennec continuou empurrando seus dedos dentro de mim, sentindo minhas paredes se apertarem e apertarem ao seu redor enquanto eu tentava respirar.

“Tão fodidamente linda, Vespyr,” eu o ouvi dizer, mas sua voz estava distante.

Se ele soubesse exatamente o que me fez sonhar, e o que ele fez meu cérebro imaginar, eu não achava que ele veria isso como algo tão inofensivo quanto o beijo que ele me deu na cabana de Jason.

Isso era diferente.

Foi muito mais do que um simples selinho, e tudo isso misturado com o sangue que saía do meu corpo, certamente não era normal para alguém como eu sonhar com alguém como Fennec fazendo estas coisas comigo.

Minha respiração acalmou, e ele continuou a me dedilhar enquanto se movia sobre mim, seu rosto perto do meu.

“Quando você acordar amanhã, não esqueça deste sonho.”

Balancei minha cabeça para ele, sabendo que mesmo se tentasse, não conseguiria.

Ele lentamente tirou seus dedos do meu aperto, esfregando-os contra meu clitóris antes de erguê-los até meus lábios.

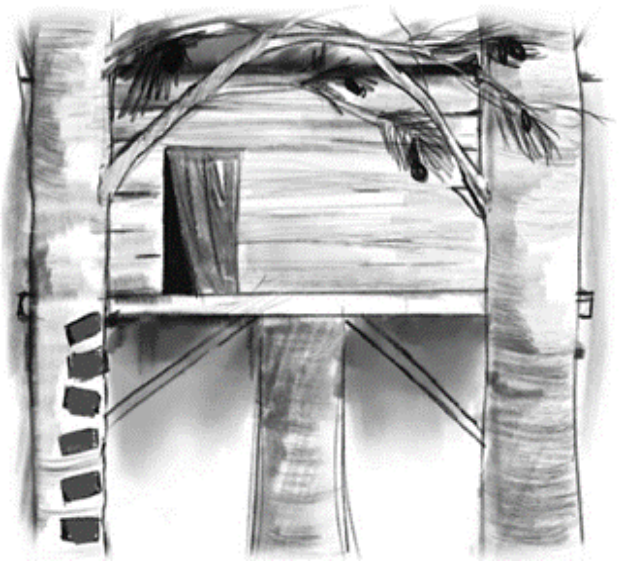
“Quero que você prove o que eu provei, Vespyr. Abra essa linda boca para mim.”

Meus lábios se separaram, e ele empurrou lentamente dois de seus dedos na minha boca, esfregando-os na minha língua antes de mergulhá-los mais fundo na minha garganta.

O sabor era quase como o do fígado cru que ele me fez comer, embora meu sangue tivesse um sabor um pouco mais metálico que o dos cervos.

Não era tão ruim assim, e como eu estava sonhando, não me importava com o que diabos meu cérebro me fazia passar.

“Há uma diferença entre sonhar e esperar.”



CHAPTER 16
VESPYR

Acordei cedo na manhã seguinte, ouvindo alguém usando a motosserra que teríamos que levar para Jason hoje.

Para minha surpresa, eu não estava amarrada e podia mover meus braços livremente sem precisar chamar Fennec para me desamarrar.

Por mais que eu gostasse de acordar assim, isso me fez lembrar da noite passada e me deixou mais confusa do que eu já estava.

Ele tinha me amarrado ontem depois que eu acordei, e agora que estava tocando meu absorvente por fora, parecia seco.

Ele trocou isso? Porque certamente não fui eu.

Eu lembraria de descer da árvore e pegar um novo absorvente na cabana de Papa.

“Ugh!” Choraminguei enquanto aquela voz estúpida na minha cabeça ria de mim.

Ainda estava pregando uma peça em mim, me fazendo pensar em coisas das quais eu nem tinha certeza.

Eu precisava, de alguma forma, controlar meus pensamentos.

Depois de descer a escada, vi o Papa parado ali com a motosserra na mão, cortando o último tronco grande que trouxemos para o acampamento.

“Bom dia,” eu o cumprimentei com um sorriso, caminhando até ele na neve.

“Bom dia, querida. Você acordou cedo hoje,” ressaltou.

“Cedo o suficiente para ir ver se aquele cervo ainda está correndo por perto?” Perguntei.

“Não, você está muito atrasada para isso. Fennec já foi, mas disse que não conseguiu vê-lo em seu lugar habitual de beber.”

“Onde está Fennec agora?” Perguntei, olhando ao redor do acampamento.

“Lá atrás,” Papa respondeu, acenando com a cabeça em direção à cabana.

Puxei as mangas do suéter sobre as mãos e caminhei em direção à cabana e a contornei até que pude ver Fennec parado ali, segurando uma faca.

Eu tinha certeza de que ele tinha me ouvido chegar perto dele e certamente deve ter me visto com o canto do olho, mas não olhou para cima.

Havia sangue em seu rosto, me fazendo lembrar do sonho que tive ontem à noite com ele espalhando meu sangue sob seus olhos.

E por mais que meu cérebro estivesse tentando me enganar novamente, me fazendo transformar uma simples coincidência em algo mais, eu não deixaria.

“O que você está fazendo?” Perguntei, observando enquanto ele caminhava até uma árvore onde eu fui capaz de responder minha própria pergunta.

Uma raposa estava pendurada de cabeça para baixo, presa à árvore através de seu estômago cortado e aberto.

Minha mandíbula caiu e meu coração afundou, vendo o único animal que os fiz prometer nunca matar, cortar e estripar.

“Estava ferida. Ou eu a matava ou ela seria morta por outro animal,” explicou Fennec, sem olhar para mim.

“Onde estava ferida?” Perguntei com a voz trêmula, me aproximando para inspecionar a raposa.

“Tinha um ferimento de bala no lado de sua barriga. Provavelmente vindo de um caçador, mas fugiu.”

Fennec não parecia tão perturbado quanto deveria, sabendo que raposas eram o único animal que eu nunca queria ver morto.

“Onde você a encontrou?” Dei mais um passo e coloquei minha mão em sua cauda pendurada ao lado de seu corpo.

“Fui verificar se aquele cervo estava perto do rio e, no caminho de volta, a vi deitada ao lado de uma árvore. Ela já estava no meio do caminho, Vespyr. Eu a tirei de sua miséria.”

Se for esse o caso, não o culpo.

Mas a coisa com Fennec era... eu começava a acreditar menos em suas palavras a cada dia que passava, não importando o quanto eu o amava.

Escovei ao longo da cauda macia e fofa, depois ao longo de sua caixa torácica e até sua cabeça.

“Deve ter sido jovem,” indiquei, visto que não era a maior raposa que tinha visto vagando por aí.

“Sim, bem... considerando que elas não vivem tanto tempo de qualquer maneira, esta provavelmente tinha apenas um ano restante.”

Raposas na natureza só chegavam até cerca de três anos de idade, o que na verdade não era muito tempo. Mesmo assim... eu nunca queria ver uma morta em nosso acampamento.

“Vou esfolá-la quando voltarmos de Jason e, se você quiser, pode ficar com a cauda. Acrescente-a à sua coleção,” sugeriu ele.

Olhei para ele e encolhi os ombros. “Está morta mesmo assim, certo?”

O sangue em seu rosto estava seco, mas não parecia que ele tivesse passado muito tempo estripando a raposa ainda.

O sangue em sua faca ainda estava molhado e pingando pela lâmina.

“Definitivamente morta. Vá se preparar. Papa quer que voltemos antes do jantar para que possamos ajudá-lo a montar o banheiro ao lado da cabana.”

Pelo menos havia uma coisa que me entusiasmava.

Finalmente iria conseguir um pouco de privacidade para trocar meus absorventes.

E tudo o que aconteceu ontem à noite, sonhando ou não, não consegui tirar isso da minha cabeça.



Ter um quadriciclo teria facilitado algumas coisas na selva, mas como o Papa não tinha um, e provavelmente nunca teria, foi difícil sair dele depois que Fennec o estacionou ao lado da cabana do Jason.

Eu segurava a motosserra nos braços e Fennec tinha o triturador de madeira no colo enquanto dirigia, o que me dificultou segurá-lo enquanto

ele dirigia irresponsavelmente através da floresta.

Havia um caminho, mas ele gostava de pegar atalhos que me faziam agachar mais de uma vez para não ser atingida por galhos.

“Devíamos ter trazido os capacetes quando pegamos o quadriciclo, em primeiro lugar. Eu poderia ter caído.”

“Mas não caiu,” ele murmurou, saindo do quadriciclo e me lançando um olhar irritado, mas ao mesmo tempo sem emoção.

Revirei os olhos para ele e suspirei, afastando-me para colocar a serra elétrica no banco ao lado da porta da frente de Jason, então bati e esperei que ele abrisse.

Os latidos de Sitka foram o que ouvimos primeiro, então Jason abriu a porta com uma carranca profunda no rosto.

“Calma, garota. Disse para não ficar agitada. Você vai vomitar de novo.”

“Ela está bem?” Perguntei, acariciando a cabeça de Sitka e deixando-a lamber minhas mãos.

“Ela não está agindo como ela mesma ultimamente. Preciso levá-la ao veterinário em Fairbanks. Talvez seja melhor ficar lá por alguns dias caso um de vocês queira se juntar.”

“Não,” Fennec e eu respondemos. “Mas você virá nos buscar no Natal, certo?” Fennec adicionou.

“Sim. Voltarei em meados de dezembro e levarei vocês comigo. Acabaram a cabana? Demorou um pouco para construir.”

“Papa construiu sozinho a maior parte do tempo,” expliquei.

“Tenho que subir lá e ver por mim mesmo. Precisa de alguma coisa? Podem pegar o quadriciclo de novo. Não consigo imaginar como é difícil andar na neve por horas,” disse Jason.

“Nós vamos caminhar. Estamos acostumados com o frio,” explicou Fennec, colocando o triturador de madeira ao lado da motosserra.

“Imaginei. Vocês, crianças, são como seu pai. Como ele está?”

“Melhor, agora que ele tem sua cabana. Eu sabia que ele não sobreviveria mais um ano naquela barraca,” disse Fennec, rindo.

“Ele está envelhecendo, garoto.”

“E você também não dorme em uma barraca,” apontei, olhando para ele com uma sobrancelha levantada.

Fennec me ignorou e estendeu a mão para a cabeça de Sitka, coçando-a. “Espero que ela melhore. Em que dia você quer que descemos para ir para a cidade?” Ele perguntou.

“Dia dezenove é bom. Estejam aqui por volta das dez.”

Assentimos com a cabeça e, depois de me inclinar para beijar a cabeça de Sitka, sorri para Jason e acenei. “Vejo você então. Diga à Mama que eu mandei um oi se por acaso você a ver na cidade.”

“Irei,” ele respondeu, e quando virei para caminhar em direção à trilha que levava de volta à floresta, Fennec ficou lá para falar com Jason.

Esperei no final da garagem, olhando para eles e movendo os dedos dos pés para que não congelassem.

Eu tinha camadas suficientes sobre meu corpo para não ficar frio, mas meus dedos sempre congelavam.

Não importa quantas meias ou quão quentes minhas botas estivessem.

“Muito bem. Até a próxima,” Fennec disse depois que eles terminaram de conversar, e quando me alcançou, eu sorri para ele na esperança de que sua imitação sem emoção se transformasse em algo mais positivo.

“Pronta?” Ele perguntou, apontando para a floresta branca.

“Sim. Talvez encontremos alguns animais. Você trouxe sua arma, certo?”

“Sim, trouxe. Mas não tenho certeza se estou com vontade de caçar agora. Matar aquela raposa fez com que eu me sentisse mal por quebrar a promessa que fiz a você.”

Bem... isso é surpreendente.

“Você se sente mal com isso?”

“Claro que sim, Vespyr. Prometi a você anos atrás que não iria caçar e matar nenhuma raposa, e Papa prometeu também. Você acha que algum dia eu quebraria minhas promessas?”

Começamos a andar, mas meus olhos ainda estavam nele.

Pressionei meus lábios em uma linha apertada e engoli o caroço que se formou tão rapidamente na minha garganta.

“Lamento que você esteja se sentindo assim. Estou feliz e orgulhosa de você nunca ter quebrado nossa promessa e entendo por que você teve que matar aquela raposa. Ela estava com dor.”

“Sim, estava. Eu só sabia que não poderia ter escondido de você e odeio saber que te magoei.”

Alcançando sua mão, entrelacei meus dedos nos dele e apertei suavemente. “Estou bem. Você tinha um motivo aceitável para fazer o que fez.”

Ele acenou com a cabeça e sorriu para mim enquanto continuávamos a andar, mas eu podia dizer que ele ainda não tinha superado isso, pensando que eu continuava magoada.

Parei quando chegamos a uma parte mais profunda da floresta, e ao puxar a mão dele, ele também parou e se virou para olhar para mim.

“O que?”

“Tive outro sonho com você,” eu disse a ele, querendo mostrar o quão importante ele era para mim.

“Você estava lá. E eu adoro sonhar com você. Isso me faz perceber que não estou sozinha e nunca estarei.”

Ele me estudou e inclinou a cabeça para o lado. “De novo? Quão vívido foi o sonho desta vez?” Ele perguntou.

Por mais que eu lembrasse de cada pequeno detalhe, ele não lembrava. Isso era prova suficiente de que eu só tinha imaginado ele me levando ao meu primeiro orgasmo.

Ele continuou a me estudar de perto, deixando seus olhos vagarem do meu rosto até nossas mãos, ainda segurando uma à outra com força.

“Eu penso muito em você, sabe? Quando estou caçando, antes de dormirmos... e mesmo quando você senta ao meu lado perto do fogo. Você está sempre em minha mente, Vespyr, e você sempre esteve.”

Suas palavras me fizeram sorrir. “Você também.” E ele ainda conseguiu assumir meus sonhos.

“Mas você sabe que existe uma linha que nunca podemos cruzar.”

E com essas palavras, meu sorriso desapareceu.

Não nascemos para crescer e passar o resto de nossas vidas juntos. Não deveríamos envelhecer juntos, mas é isso que sempre esperei.

“O que aconteceria se o cruzássemos?” Perguntei, pensando que já havíamos cruzado isso um milhão de vezes em meus sonhos e imaginação de qualquer maneira.

“Coisas ruins. Coisas que eu nem quero falar com você porque não quero te chatear.”

Fiz uma careta, me aproximando dele e colocando minha mão esquerda em seu peito enquanto continuava segurando a sua com a outra.

“Estamos aqui sem ninguém ao nosso redor. Além disso... Papa não veio aqui para que as regras da sociedade não se aplicassem a nós?”

Ele deu uma risadinha. “Ainda é imoral, Vespyr. Somos limitados por sangue. Não seria certo.”

Isso era estranho vindo dele. “Mas você me beijou antes.”

“Foi só um selinho, Ves. Para mostrar como um beijo pode ser inofensivo. O que você sonha durante o sono são coisas diferentes. Merda distorcida.”

“Você disse que não há problema em sonhar coisas assim.”

“Eu disse que não há problema em ter esses sonhos, mas não deixe sua mente pensar que está tudo bem fazer as coisas que acontecem neles. Há uma diferença entre sonhar e esperar.”

“Mas...” suspirei, deixando meu olhar cair para seu peito, onde eu estava mexendo em seu casaco. “Ninguém saberia,” sussurrei.

Eu estava insistindo nisso, mas não devia fazer.

Ele estava certo.

Não podíamos cruzar a linha, por mais que eu quisesse.

E, no fundo, eu sabia que ele também queria isso.

Fennec agarrou minhas duas mãos e as segurou firmemente nas dele, um pequeno sorriso espalhado por seus lábios.

“Eu não consigo superar o quanto você pode ser persistente. Não pensei que você pudesse ser desta maneira.”

“Como?”

“Como uma pessoa que se esforça. Você obviamente quer algo de mim, e embora eu saiba exatamente o que é, nunca te ouvi dizer isso. Então, me diga. O que você quer de mim, doce menina?”

Meus olhos encontraram os dele novamente, mas nenhuma palavra saiu da minha boca.

“Sempre fomos honestos um com o outro. Diga-me, Ves.”

“Você. Quero me aproximar de você,” eu lhe disse, de repente me sentindo como se eu fosse uma mulher mudada.

Como é que, de repente, eu estava tão aberta?
E a pior coisa de tudo isso? Eu estava bem acordada.

“Sou tão distorcido quanto você, doce menina.”



CHAPTER 17
FENNEC

“Quão próximo?” Perguntei a ela, mantendo suas mãos nas minhas enquanto seus olhos estavam cheios de emoções.

Eu não esperava que ela fosse tão longe e, embora ela não tenha falado muito, eu já sabia o suficiente.

Ela não falou. Em vez disso, seus olhos se moveram dos meus para os meus lábios enquanto ela lambia os dela.

“Todos aqueles sonhos que você teve sobre nós... talvez você secretamente queira que eles se tornem realidade,” sussurrei, levantando uma mão e escovando uma mecha de cabelo para trás, em seguida, segurando sua bochecha.

Ela inclinou a cabeça e encontrou meu olhar novamente. “Talvez,” ela sussurrou.

Meu polegar roçou ao longo de sua pele macia e fria. “Talvez eu queira isso também.”

Seus olhos se arregalaram.

“Você quer?”

“Não tenho certeza do que todos aqueles sonhos continham exatamente, mas aquele que você me contou sobre eu beijar você... eu gostaria de repetir isso.”

Sua respiração engatou e seu corpo ficou tenso. Apenas a reação que eu queria dela.

Eu me aproximei, fazendo-a dar alguns passos para trás e encostar na árvore atrás dela.

Dando um passo na frente dela, empurrei meu joelho direito entre suas pernas, me aproximando e inclinando sua cabeça para trás com minha mão em seu queixo agora.

“Fennec—”

“Não se atreva a me impedir agora, Vespyr. Você quer isso,” eu disse, fazendo-a calar a boca novamente.

Um aceno dela foi o suficiente para eu colocar meus lábios nos dela, e rapidamente aprofundei o beijo, roçando seu lábio inferior com minha língua.

Ela concedeu acesso, deixando-me mergulhar minha língua profundamente em sua boca e fazê-la abrir mais a dela.

Era um gosto familiar, e quanto mais eu provava, mais eu queria.

Suas mãos agarraram meu casaco com força, puxando-me para mais perto dela e certificando-se de que eu não iria embora.

Continuei segurando ela com meus dedos cavando em sua mandíbula e bochechas enquanto pressionava meu corpo contra o dela, segurando sua cintura com a outra mão.

Um pequeno gemido escapou dela quando seus lábios se moveram contra os meus lenta mas apaixonadamente, e fiquei surpreso com o quão boa beijadora ela era quando eu fui o primeiro cara que a beijou.

Mas então, beijar não era difícil quando você tinha alguém que a adorava.

Vinha facilmente, e quanto mais meus lábios tocavam os dela, mais eu queria.

Estávamos no meio do nada, a quilômetros de distância do acampamento.

Exatamente onde sempre quisemos estar.

Só nós, sozinhos na selva.

Mudei minha mão de sua mandíbula até sua bunda, segurando-a com força enquanto pressionava meu corpo contra o dela.

Meu pau estava sacudindo com cada golpe de sua língua contra a minha, e suas mãos se moveram em meu cabelo, puxando suavemente.

Seu corpo ficou tenso quando ela sentiu minha dureza pressionar contra seu estômago.

Não importa o quão doente nós estivéssemos, ou quão errado era beijá-la, eu precisava de mais.

Muito mais do que apenas um maldito beijo.

Estendi a mão para agarrar seu pulso e puxei sua mão para baixo para cobrir a protuberância em minha calça, pressionando sua mão contra ela

com a minha sobre a dela.

“Fen,” ela gemeu, a voz insegura.

“Não,” avisei, fazendo-a massagear meu pau através da minha calça.

Ela moveu sua mão sozinha depois de um tempo, e eu coloquei a minha de volta em sua garganta, sufocando-a suavemente para mostrar a ela que ainda estava no controle.

Movi minha língua em torno da dela antes de interromper o beijo e olhar em seus olhos.

“Não podemos continuar quando o Papa estiver por perto. Ele não permitiria, ou aceitaria, e eu não quero começar mais merda do que já existe entre ele e eu. Este é o nosso segredo, Vespyr.”

Ela acenou com a cabeça, sua mão ainda massageando meu pau com cuidado, tentando não me machucar.

“Abra minhas calças,” ordenei, observando-a de perto enquanto seus olhos se arregalaram e então caíram para sua mão.

O silêncio dela significava que estava pensando sobre isso, mas eu não podia esperar mais.

“Desabotoe minhas malditas calças e tire meu pau, Vespyr. Papa vai estar esperando por nós. Temos que nos apressar.”

Sua respiração estava irregular.

“Não me diga que você está nervosa, Ves. Você quer isso. Não é isso que você tem sonhado?” Perguntei com uma sobrancelha levantada.

“Sim, é,” ela respondeu, um pequeno sorriso aparecendo em seu rosto. “Mas eu não pensei que você iria querer isso também.”

Eu ri e segurei seu rosto em minhas mãos agora. “Sou tão distorcido quanto você, doce menina. É melhor admitir, hein?”

Ela começou a desabotoar minhas calças e eu a puxei para beijá-la novamente.

Desta vez, ela me mostrou o quanto me queria, assumindo e aprofundando o beijo até que nossas línguas estivessem enterradas na boca um do outro.

No momento em que as mãos cobertas de luvas de Vespyr envolveram meu comprimento, quebrei o beijo novamente para olhar para baixo, pensando que isso não era o suficiente para mim.

“Tire essa luva. Preciso sentir sua pele na minha.”

Ela fez, e quando seus dedos frios me tocaram, meus quadris balançaram, me fazendo tremer.

Somente Vespyr podia me fazer sentir desta maneira.

Tive outras garotas me tocando antes, até mesmo me dando boquetes, mas elas nunca me fizeram sentir nada próximo ao que Vespyr fazia, apenas enrolando sua mão no meu pau.

Beijá-la também era diferente.

A natureza proibida dela estava tornando tudo mais intenso, deixando-me com vontade de provar mais dela.

“Assim?” Ela perguntou com uma voz doce, quase soando como se ela estivesse me provocando.

Ela não era tão inocente quanto parecia, só tinha que perceber isso antes que seu verdadeiro eu aparecesse.

Esses sonhos não teriam ocorrido de outra forma.

Sua mente estava tão doente quanto a minha, e é por isso que fomos feitos um para o outro.

“Mais forte,” eu disse a ela, sentindo seu aperto em torno do meu eixo.

Com minhas mãos em seu rosto, inclinei sua cabeça para trás contra a árvore para obter melhor acesso à sua garganta, beijando sua pele e mordiscando-a.

Já podia sentir a tensão dentro de mim crescer, mas o frio cortante ao nosso redor estava tornando difícil para eu me concentrar em sua mão.

“Não pare, doce menina. Quero que você me faça gozar.”

Deixei cair minha mão esquerda em sua boceta, circulando seu clitóris através da espessura de sua calça e meia-calça que a mantinham aquecida, mas ela sentia meus dedos naquele ponto sensível.

“Oh, Fen!” Ela gemeu, empurrando seus quadris contra minha mão, precisando de mais.

Eu poderia dar a ela mais, então empurrei minha mão dentro de sua calça e meia, esfregando meus dedos contra sua calcinha por um tempo antes de puxá-la de lado.

“Você é minha, Vespyr. Você sempre foi minha.”

Seus gemidos ficaram mais altos com cada golpe de sua mão ao longo do meu pau, e os solavancos continuaram vindo enquanto eu tentava me concentrar em tudo, exceto no frio.

Já me masturbava bastante na selva, não importava a temperatura, mas fazer isso aqui na neve era uma coisa diferente.

“Essa boceta é minha. Quero fazer você gozar e provar você em toda a minha língua.”

“Você já fez,” ela respirou. “Você me fez gozar antes. Em um dos meus sonhos,” ela acrescentou, fazendo meu corpo ficar tenso.

“Eu não preciso que isso aconteça em seus sonhos. Quero tornar isso realidade,” disse a ela, esfregando meus dedos mais rápido e sentindo sua umidade na minha pele.

Sua mão se moveu mais rápido, apertando meu pau com mais força enquanto minha dureza sacudia.

“Não pare. Porra, doce menina... me faça gozar,” insisti.

“Beije-me,” ela respirou, e eu rapidamente agarrei sua garganta novamente para pressionar meus lábios nos dela.

Eu adorava estar no controle, mas não me importava que ela fosse a única me dizendo o que fazer naquele momento.

“POOORRA!” Gemi contra seus lábios, sentindo um orgasmo lentamente se aproximando de mim.

Eu me inclinei para trás, olhando para sua mão e deixando o orgasmo me lavar enquanto meu esperma disparava em sua mão e casaco, deixando-o sujo.

Mas essa era a menor das minhas preocupações.

Prendi a respiração enquanto sons de sufocamento vinham do meu peito, e enquanto mantive meus olhos abertos para olhar para o rosto dela enquanto gozava, pude ver o prazer que estava fazendo ela sentir com meus dedos ainda brincando com seu clitóris.

Queria que ela se sentisse da mesma maneira que eu.

“Goze para mim, Ves. Deixe-me ouvir você gemer meu nome,” encorajei, seus olhos fechando lentamente enquanto movia meus dedos mais rápido.

“Oh!” Seus quadris se moviam em movimentos circulares, ansiosos para sentir um orgasmo.

Sua mão ainda estava no meu eixo, e com a pouca força que lhe restava, ela continuou a esfregar meu pau e escovar o polegar sobre minha ponta sensível.

“Goze,” ordenei, e depois de circular seu clitóris mais algumas vezes, ela explodiu de prazer.

“Fen!” Ela gritou, agarrando meus braços para se manter de pé.

“Simples assim, doce menina. De agora em diante, quero que estejamos juntos. Toda maldita vez,” eu disse a ela.

Nós dois demoramos para nos acalmar até que nossa respiração desacelerou.

“Nenhuma palavra para o Papa sobre isso,” avisei, segurando suas bochechas novamente e virando sua cabeça para olhar para mim.

Sua mão ainda estava no meu pau, acariciando-o suavemente.

“Não vou dizer uma palavra,” ela prometeu com um sorriso, e eu dei um beijo em sua testa antes de colocar meus lábios nos dela novamente.

Papa me mataria se alguma vez descobrisse isso, mas meu amor por Vespyr crescia a cada segundo que eu passava com ela, e enquanto Papa ainda estivesse conosco, eu não poderia deixar meu coração se tornar dela.

Não importava o quanto eu quisesse que ele pertencesse completamente a ela.

“Eu te amo, Vespyr, mas teremos que manter nosso amor escondido. Você entende isso, certo?”

“Entendo. Eu também te amo, Fen. Sempre te amei.”

Sorri para ela e puxei ambos os braços para cima para que ela os envolvesse nos meus ombros, e a abracei, pressionando-me contra ela com força.

“E você está feliz? Não quero que você pense que o que fizemos está errado.”

“Não está? Quero dizer... com certeza não é certo,” sussurrou ela contra o meu peito.

Soltei um suspiro e envolvi a parte de trás da cabeça dela para que ela olhasse para mim.

“A sociedade pensa que é errado, mas aqui fora, criamos nossas próprias regras.”

Ela estudou meu rosto de perto, deixando minhas palavras afundarem. Então ela acenou com a cabeça. “Nós criamos nossas próprias regras,” ela concordou confiante.

Rindo, pressionei mais um beijo nos lábios dela antes de puxar minhas calças para cima e ajustar meu casaco.

“Vamos voltar para o acampamento. Papa está nos esperando.”

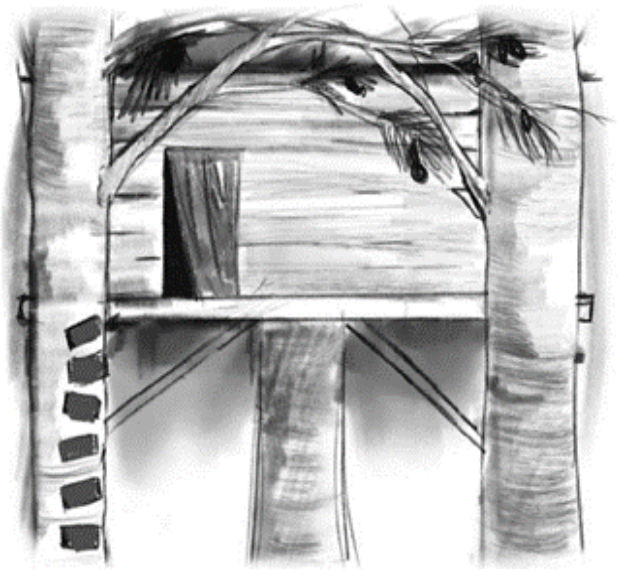
Com nossos dedos entrelaçados, continuamos a caminhar pela floresta nevada, vendo animais pelo caminho, mas não atirando neles, pois ainda estávamos muito longe para arrastar um cervo até o acampamento.

Além disso, tínhamos comida suficiente por enquanto, e antes de partir para visitar a Mama, teríamos que comer tudo o que matamos.

Ter Papa por perto me incomodava mais do que antes da chegada da Vespyr, mas não havia maneira de nos livrarmos dele.

Com certeza há uma maneira. Como atirar nele. Basta cultivar bolas para ir em frente com isso, filho da puta.

"Te desafio a me foder."



CHAPTER 18
VESPYR

Dezembro

Finalmente era hora de voltar para a casa da Mama e passar o Natal com ela.

Eu estava extremamente animada, acordando Fennec todas as manhãs para dizer a ele que estávamos um dia mais perto de ver Mama novamente.

Assim como esta manhã, eu tive que dizer a ele que estava na hora.

Eu o sacudi, sorrindo para ele enquanto ele esfregava os olhos.

“Vamos para casa hoje!” Exclamei, sentando em seu colo para que fosse mais difícil para ele me afastar como fazia na maioria das manhãs.

Desde o que aconteceu naquele dia, enquanto caminhávamos de volta da cabana de Jason, ficávamos abraçados à noite, nos beijando aqui onde Papa não nos veria ou saímos para a floresta para ficarmos sozinhos e fazer todas as coisas que gostávamos de fazer.

Não tínhamos ido muito longe ainda, mas eu sabia que o dia chegaria em breve.

“Este acampamento é sua casa, Ves. É muito cedo para estar acordada. Volte a dormir,” ele gemeu, cobrindo o rosto com uma mão.

Agarrei seu pulso e puxei seu braço para ver seu rosto novamente, então me inclinei para beijar sua testa.

“Mas temos que partir logo. Jason está esperando por nós,” eu disse, inclinando-me sobre ele com ambas as mãos apoiadas ao lado de sua cabeça.

Seu cabelo estava mais comprido e cada mecha se projetava em uma direção diferente.

“Provavelmente não são nem oito. Temos tempo suficiente, Ves.”

“Ainda. Temos que ajudar o Papa a limpar antes de partirmos. Vamos.”

Um suspiro irritado o deixou enquanto ele agarrou meus quadris e me pressionou sobre ele, permitindo que eu sentisse sua dureza sob minha já dolorida boceta.

É o que eu tenho sentido há algumas semanas.

Tudo isso me deixava excitada e com meu coração batendo alto.

“Dê-me um beijo primeiro,” ele sussurrou, movendo as mãos até minhas coxas e agarrando-as com força.

Sorri para ele e coloquei meus lábios nos dele, dando-lhe um beijo rápido antes de me sentar novamente.

“Levante agora.”

“Isso não foi um beijo de verdade. Quero provar você. Venha aqui.”

Eu o observei por um momento antes de me inclinar novamente e pressionar meus lábios nos dele, deixando sua língua empurrar em minha boca e se mover contra a minha apaixonadamente.

Suas mãos vagaram das minhas coxas até a minha bunda, apertando suavemente e movendo meus quadris para frente e para trás para que eu esfregasse contra seu eixo endurecido.

Gemi baixinho e seus gemidos ficaram mais altos com cada golpe da minha boceta ao longo de seu comprimento.

Tínhamos que ficar quietos, pois Papa já estava acordado, andando pelo acampamento com suas botas e esmagando a neve fresca que havia caído durante a noite.

Conseguimos mais alguns centímetros a cada noite, mas isso não nos incomodava muito, pois removemos a neve no dia seguinte.

Quando voltássemos, o acampamento estaria coberto de neve, mas, felizmente, todas as coisas que deixamos aqui estariam seguras na nova cabana do Papa.

As mãos de Fennec permaneceram na minha bunda, massageando enquanto continuava a me ajudar a mover meus quadris em cima dele.

Era isso que fazíamos muito quando estávamos aqui em cima, e eu adorava o jeito como brincávamos um com o outro, escondidos do Papa, na esperança de não sermos pegos.

Ele não entenderia o que Fennec e eu tínhamos.

Nosso beijo ficou mais agressivo, ambos querendo assumir o controle e não deixando que o outro tomasse lugar, enquanto nossas línguas dançavam

e se enrolavam ao redor uma da outra.

Um rosnado profundo veio de seu peito, mas isso não me assustou.

Envolvi meus dedos em torno de suas mechas e apertei bem os punhos, puxando seu cabelo enquanto ele movia a mão entre minhas pernas por trás.

Estávamos usando apenas nossas calças e suéteres que nos mantinham quentes enquanto nos abraçávamos debaixo dos cobertores, então foi fácil para ele sentir a umidade em minha calcinha.

Em breve eu teria meu período novamente, e estava animada para descobrir se ele ficaria enojado com isso ou não.

Naquele sonho que um dia tive, ele estava em cima de mim.

Não importando a quantidade de sangue que saísse de mim.

Diabos, ele tinha gostado de me lamber e me fazer gozar, não importando a quantidade de sangue que eu estivesse perdendo.

A memória dele me excitava mais, e comecei a balançar meus quadris mais rápido contra ele, sentindo seu pau sacudir a cada golpe.

Ele não tinha me amarrado ontem à noite, mas continuou me segurando com força para que percebesse o meu movimento se eu voltasse a sonambular.

Isso não acontecia há algum tempo, felizmente.

Talvez fosse porque eu me sentia mais segura com ele tão perto de mim, e sabendo que nosso amor se tornou muito mais.

Fennec quebrou o beijo quando ele me virou de costas e se inclinou sobre mim com um cotovelo apoiado ao lado da minha cabeça e sua mão direita se movendo entre minhas pernas, entrando em minhas calças e esfregando meu clitóris.

“Eu odeio quando você me diz o que fazer. É suposto ser o contrário, não é?” Ele brincou.

“Se é assim... por que você ainda não está assumindo o controle sobre mim?” Respondi, soando como uma provocação também.

Gostava desse joguinho que jogávamos.

“Se dependesse de mim, eu já teria fodido você aqui,” ele sussurrou, seus lábios roçando os meus. “Mas eu sei que você gemeria e gritaria meu nome, e você sabe que Papa não pode descobrir.”

Minha boceta apertou com suas palavras enquanto ele movia dois dedos dentro de mim para me esticar.

“Eu te desafio a me foder.”

As palavras foram tão surpreendentes para ele quanto para mim, mas estava me sentindo confiante e orgulhosa de mim mesma por ter dito a ele o que eu queria.

Porém, ele era o único para quem eu já disse essas coisas porque todos os outros meninos que conheci não valiam a pena.

Eles não se importavam com os sentimentos de uma garota tanto quanto Fennec, e eu sentia seu amor e admiração todos os dias.

Sua mandíbula apertou enquanto ele deixava minhas palavras afundarem, e para fazer seus pensamentos processarem mais rápido e pensar sobre o que eu tinha dito, coloquei a mão entre nós para segurar a protuberância em sua calça de moletom, massageando suavemente enquanto ela crescia.

“Se vou tirar sua virgindade, quero que seja perfeito para você. Quero que aconteça em algum lugar especial,” ele me disse, beijando meus lábios suavemente.

“Este é um lugar especial,” sussurrei no beijo, sentindo seu eixo endurecer enquanto seus dedos entravam e saíam da minha boceta.

“Eu sei. Mas não é o lugar que eu quero que você tenha sua primeira vez. Quero ser capaz de foder você sem o frio nos cercando, e não acho que você queira esperar até o verão para sentir meu pau dentro de sua boceta apertada.”

Prendi a respiração quando ele empurrou mais um dedo para dentro, deixando-me sentir a dor potencial que ele causaria com seu pênis.

Mas não importa o quanto doeria, eu queria.

“Não, eu quero agora,” eu disse a ele, continuando a esfregar seu pau enquanto colocava minha outra mão ao lado de sua cabeça.

“Você vai ter que esperar um pouco,” ele me disse, pressionando mais um beijo em meus lábios antes de nós dois pularmos com a voz de Papa.

“Vocês acordaram aí? Precisamos nos apressar. São quase nove!” Ele gritou.

Suspirei, colocando minha outra mão em sua bochecha e sorrindo.

Eu já sentia falta de suas mãos em mim, mas por agora, teríamos que mantê-las para nós.

“A voz dele é como um balde de água fria sendo derramado por todo o meu corpo,” ele murmurou.

“Teremos tempo para nós mesmos novamente em breve. Tenho certeza,” eu disse a ele, jogando para trás o cabelo que havia caído sobre sua testa.

“Bom. Porque eu não terminei aqui.”



“É bom ver você de novo, Judd. Como você tem estado?” Jason perguntou ao Papa.

Ouvir alguém dizer seu nome novamente foi definitivamente estranho, e aposto que era estranho para o Papa também.

“Vivendo minha melhor vida, Jay. Você sabe.”

“Ei, crianças.”

Sorri para Jason e disse oi de volta enquanto Sitka estava latindo para nós de dentro da caminhonete.

“Você não trouxe muito. Isso é bom. Tenho algumas coisas para trazer do Brian,” ele disse.

“Nós só pegamos a mochila. Provavelmente usaremos nossas roupas velhas na casa da minha esposa,” explicou Papa.

“Bom, bom. Entrem. Já esquentei o carro.”

Olhei para Fennec, que estava com a mão na parte inferior das minhas costas, me direcionando para o carro enquanto Papa e Jason ficaram do lado de fora conversando por um momento.

“Deixe-me sentar no meio,” disse Fen quando eu estava prestes a entrar na caminhonete, então parei e me virei para deixá-lo passar por mim.

“Por que?”

“Você verá,” respondeu ele, entrando e dizendo olá para Sitka, que abanava o rabo com entusiasmo.

“Ei, garotona. Caramba, você está ficando maior a cada vez que a vejo.”

Sorri ao vê-lo esfregar Sitka atrás das orelhas e, quando fechei a porta, ela passou por cima de Fennec para lamber meu rosto.

“Ei, Sitka. Também senti sua falta,” eu ri, coçando sua cabeça e tentando tirá-la de cima de mim.

“Afaste-se, sente-se. Dê a eles um pouco de espaço,” Jason murmurou enquanto sentava no banco do motorista.

Papa sentou na minha frente e coloquei minha mão em seu ombro para silenciosamente mostrar a ele minha gratidão por ele ir para Fairbanks conosco.

Ele colocou a mão na minha e apertou suavemente, então me inclinei para trás e coloquei o cinto de segurança.

“Mama vai ficar muito feliz em ver vocês dois novamente. Já faz um tempo,” disse a Papa e Fen.

“Também estou animado para vê-la. Ela mudou muito?”

“Aparência? Não. Ela ainda é tão bonita quanto era anos atrás,” assegurei a ele, sabendo que os dois ainda estavam loucamente apaixonados um pelo outro.

Eles de alguma forma fizeram isso funcionar, e seu amor era mais forte do que nunca.

“Mal posso esperar para vê-la de novo,” disse Papa, sorrindo.

“Eu também. Senti falta dela,” acrescentou Fennec, colocando a mão na parte interna da minha coxa com os olhos fixos nos meus.

Sorri para ele e abracei seu braço, inclinando-me contra ele quando Jason começou a dirigir.

“A cidade vai estar de olho em todos vocês quando voltarem. Na última vez que estive lá para levar Sitka ao veterinário, as pessoas estavam falando de vocês. Dizendo que acham que vocês foram mortos por um urso a esta altura.”

Fiz uma careta com as palavras de Jason, mas felizmente, Papa e Fennec riram deles. “Eles podem pensar o que quiserem. São eles que estão vivendo uma mentira de merda,” Papa murmurou.

“Eles estão sendo seres humanos decentes,” disse Jason.

“Eles estão sendo controlados pelo governo. Somos livres. Você está a apenas alguns passos de ser tão livre quanto nós, garotão,” Papa respondeu.

“Fico feliz em pagar contas e impostos. O dinheiro existe por uma razão.”

“Sim, mas não precisamos disso. Estamos indo muito bem na selva,” disse Fennec a Jason.

Eu tive o suficiente de sua discussão, então me inclinei sobre o colo de Fennec para olhar para frente e chegar mais perto de Jason.

“Sitka está melhor agora que você a levou ao veterinário?” Perguntei.

“Sim. Ela vomitou algumas vezes antes de eu sair com ela, mas está melhor agora. Tive que lhe dar alguns comprimidos.”

Balancei a cabeça, deixando Sitka cheirar minha cabeça antes de me inclinar para trás e coçar o ponto sob seu queixo.

Para minha sorte, nenhum dos homens falou mais sobre dinheiro ou sociedade, e eu gostei da rua nevada que andávamos, agarrando a mão de Fennec e aproveitando cada momento que eu tinha com ele.

Menina doce e carente



CHAPTER 19
FENNEC

Vespyr tinha adormecido no meu colo enquanto Sitka babava por cima do meu ombro e respirava pesadamente.

Malamutes do Alasca eram cachorros grandes do caralho, mas eram gentis e amáveis.

Papa e Jason conversaram durante todo o trajeto e estávamos quase em Fairbanks, a menos de uma hora de distância.

Acordar cedo e uma longa viagem de carro a fizeram dormir facilmente, mas era o momento perfeito para eu terminar o que tínhamos começado na casa da árvore.

Coloquei minha mão no lado de sua cabeça, pressionando-a suavemente contra minha protuberância para obter algum tipo de alívio enquanto movia minha mão direita de seus quadris para sua bunda.

Apertei suavemente, esperando que ela não acordasse e pulasse.

Sua respiração estava suave e eu sabia que ela ainda estava longe de acordar, então comecei a mover meus quadris contra sua nuca, sentindo meu pau endurecer.

Não importa qual parte do corpo dela estava me tocando, sempre me excitava.

Tracei meus dedos ao longo de suas curvas, então empurrei minha mão em sua legging que ela escolheu usar para a viagem.

Não havia razão para usarmos mais camadas, já que o carro estaria aquecido de qualquer maneira.

Sua calcinha estava molhada e circulei seu clitóris com dois dedos, olhando para a frente para garantir que nenhum deles estava vendo isso.

Com minha mão esquerda, envolvi meus dedos em torno de sua garganta para manter sua cabeça no lugar enquanto continuava a mover minha virilha contra ela, sentindo meu pau latejar e precisando de mais.

Segurei meus gemidos, não querendo que Papa ou Jason olhassem para trás, e quando fiquei tenso, senti Vespyr fazer o mesmo.

Olhei para baixo para ver seus olhos abrirem lentamente, e com certeza, um sorriso se espalhou em seus lábios quando ela percebeu o que estava acontecendo.

Ela agarrou meu pulso e pressionou minha mão contra sua boceta, fazendo-me segurá-la antes de deslizar dois dedos dentro de sua umidade.

Eu não disse uma palavra para não chamar a atenção dos outros, e Ves se virou de costas para olhar para mim com aquele sorriso doce.

Não tenho ideia do que estávamos nos tornando, mas eu não iria parar o que quer que estivesse acontecendo entre nós.

Eu a amava e ela sentia o mesmo por mim.

Sorri de volta e afastei o cabelo de seu rosto, tocando-a lentamente para esticá-la novamente.

Era fácil saber o que ela estava pensando, e a travessura em seus olhos estava me excitando ainda mais, fazendo meu pau sacudir ao lado de sua bochecha.

Ela virou a cabeça para encarar a protuberância em minhas calças e, para minha surpresa, ela lambeu o tecido que cobria meu pau com os olhos ainda nos meus.

“Merda,” respirei, dando uma rápida olhada no Papa antes de olhar para baixo e colocar minha mão sobre o lado de seu rosto para encobrir o que ela estava fazendo.

Sua boca cobriu a lateral do meu pau enquanto sua língua lambia ao longo dele para me provocar.

Eu precisava tirar a porra das minhas calças, mas isso seria difícil sentado no meio de um caminhão com dois homens na frente e um cachorro enorme ao meu lado.

Espero que você esteja gostando do show, Sit.

Comecei a mover meus dedos mais rápido, esperando que ela não gemesse ou fizesse nenhum barulho.

Felizmente, sabia que não devia e se manteve firme enquanto seus quadris balançavam com cada empurrão dos meus dedos.

Sua umidade os cobriu e pingou até a palma da minha mão, e por mais que eu tentasse mantê-los baixos, aqueles ruídos que sua buceta fazia só

ficaram mais altos.

Lentamente, deixei de me importar se alguém nos pegaria, então continuei a dedilhar seu buraco apertado até que ele se apertou em torno deles.

Meu corpo voltou a se esticar quando ela me mordeu gentilmente, fazendo-me agarrar bem seu maxilar enquanto ela continuava a me agradar com sua boca.

Queria tanto meu pau lá dentro, e essa noite, sempre que tivesse a oportunidade, eu a deixaria tê-lo.

Eu circulava o seu clitóris com meu polegar enquanto a dedilhava, e quanto mais rápido eu movia meus dedos, mais ela balançava seus quadris.

Menina doce e carente. Mostre a ela como você pode ser realmente fodido.

Afastei as vozes e me concentrei na boca dela agora me movendo ao longo do meu comprimento com a sua língua empurrada contra ele.

Ela só tinha tocado meu pau com as mãos e esta foi a primeira vez que ela se aproximou dele com sua boca.

Queria entrar nela, deixá-la provar meu esperma e engoli-lo.

Ela ia adorar e eu ia gostar de assistir.

O latejar só ficou mais intenso, então tentei mover meus dedos ainda mais rápido para fazê-la gozar antes que fôssemos pegos.

Para minha sorte, a doce Vespyr era sensível lá embaixo, e seu orgasmo chegou rapidamente quando ela deixou seu corpo tenso e depois relaxou.

Coloquei minha mão na parte de trás da cabeça dela para pressionar seu rosto contra minha protuberância, tornando difícil para ela respirar, mas também impedindo que seus gemidos fossem audíveis.

Olhei para o rosto dela quando ficou vermelho pela falta de ar, e quando soube que ela estava desabando, soltei-a e tirei minha mão das calças dela.

Pude sentir o cheiro de sua buceta por todos os dedos e, depois de ter certeza de que ninguém estava olhando, empurrei meus dedos na boca dela para deixá-la provar a si mesma.

Ela sorriu para mim enquanto sua língua girava ao redor dos meus dedos, e uma vez que estavam limpos, eu os puxei para fora para deixá-la se sentar de novo.

“Dormiu bem?” Perguntei, minha voz alta o suficiente para os outros ouvirem.

“Bem na hora, querida. Estaremos chegando em breve,” Papa disse, virando ligeiramente a cabeça.

Vespyr sorriu e acenou com a cabeça. “Eu dormi bem,” ela me disse, mordendo o lábio inferior enquanto seu olhar descia para a minha calça de moletom.

Eu poderia facilmente gozar com seus lábios pressionados contra ele, mas eu não queria sair do carro com uma maldita mancha molhada na minha virilha.

Não precisava dos olhares dos outros, mas era muito difícil andar por aí com um pau duro causado por Vespyr.

“Não se preocupe com isso,” sussurrei, apertando sua coxa antes de virar minha cabeça para Sitka, que estava olhando para mim.

“E você mantém essa boca babada fechada, entendeu?” Assobiei.

Sitka choramingou, quase como se tivesse ciúme do que eu fiz a Ves.

Ela queria a mesma atenção, mas por mais doente que eu fosse, nunca daria prazer a um maldito animal como algumas pessoas fodidas faziam.



“Oh, meu doce menino,” Mama chorou quando saí do carro seguindo Vespyr, e deixei que ela me abraçasse e me apertasse com força.

Coloquei meus braços em volta dela e esfreguei suas costas, beijando sua bochecha para cumprimentá-la.

“Ei, Mama. Não chore. Estou bem,” disse a ela, sabendo que ela sempre se preocupou com a minha saúde.

Saúde mental, acrescentaram as vozes, me fazendo revirar os olhos.

“Já faz tanto tempo,” ela suspirou, dando um pequeno passo para trás e segurando meu rosto suavemente. “Como você tem estado? Você parece diferente. Meu menino... você cresceu muito.”

“Eu sei. Alguns centímetros,” disse a ela com orgulho.

Eu era muito mais alto do que ela, e até Vespyr a ultrapassava em altura.

Com quase 1,70 de altura, Vespyr sempre foi mais alta do que a maioria das garotas da escola, e talvez essa fosse uma das razões por que não gostavam tanto dela.

Vespyr tinha lindas pernas longas e um corpo e rosto bonitos.

E embora eu soubesse que machucava seus sentimentos que nenhum cara queria namorá-la na escola, eu estava feliz que eles não quisessem.

Vespyr era minha, e eu não teria aceitado que ninguém mais a tocasse.

“Como você está, Mama?”

“Oh, eu estou bem. Mas tenho muito a dizer a vocês.” Ela sorriu, depois olhou para além de mim e viu Papa caminhando em nossa direção e, quando ele nos alcançou, dei um passo para o lado para deixá-lo cumprimentá-la.

“Que bom ver você de novo, Judd,” disse Mama.

Eles se beijaram e eu me virei para olhar para Jason, que estava colocando nossa mochila ao lado da porta da frente.

Balancei a cabeça para ele quando percebi que Mama e Papa ficariam ocupados por um tempo, e depois que ele acenou de volta, ele disse a Sitka para entrar no carro para que pudessem ir para casa.

“Eles sentiram falta um do outro,” Vespyr sussurrou ao meu lado.

“Sim, eles com certeza fizeram. Eu também senti falta dela.”

Ela se encostou em mim enquanto os observávamos desfrutar de um momento íntimo na frente da casa em que crescemos e, assim que acordaram do transe, se viraram para olhar para nós, ambos sorrindo.

“É tão bom ter todos vocês em casa novamente. Vespyr, querida. Você está bonita,” Mama disse a ela, fazendo-a sorrir.

Ves se aproximou dela para dar um abraço na Mamãe, e enquanto conversavam, Papa e eu entramos com as mochilas.

“Senti falta deste lugar. Você está planejando passar o Ano Novo aqui também, certo?” Perguntei, tentando manter a conversa.

“Agora que estamos aqui, não acho que ela vai nos deixar sair tão cedo. Mas não tenho certeza se quero dar uma volta pela cidade.”

Esse foi o fim da nossa conversa, já que nenhum de nós fez um esforço para mantê-la.

Fui até meu quarto para encontrá-lo do jeito que o deixei há dois anos.

Eu amava este lugar por causa das memórias que tinha feito, mas a floresta sempre seria minha casa.

“Não toquei em nada. Só limpei seus quartos uma vez por semana,” Mama assegurou, de pé atrás de mim.

Eu me virei e sorri para ela. “Obrigada Mama. Fico feliz por estar de volta há algumas semanas.”

Ela sorriu e colocou a mão nas minhas costas, inclinando-se contra mim antes de apontar para a minha cama.

“Encontrei esta caixa lá embaixo e pensei que você poderia querer olhar dentro dela e ver se há algo que gostaria de levar com você quando for embora. Apenas alguns brinquedos e desenhos.”

Balancei a cabeça, olhando para a caixa com meu nome escrito em letras pretas grossas.

“Vou dar uma olhada nas minhas coisas mais tarde esta noite. Posso ajudá-la com alguma coisa?” Perguntei.

“Estava pensando em jantar no Brian hoje à noite. O que acha disso?”

Papa parou imediatamente de mexer na mochila para pegar suas poucas roupas e nos viramos para olhar para ele para ver qual seria sua resposta.

“Esta noite? Já?”

“Eu sei que não haverá muitas pessoas, Judd. É só jantar e, depois disso, voltaremos para casa,” disse Mama, esperançosa.

Papa soltou um suspiro pesado e olhou para as roupas em suas mãos, então suspirou novamente antes de olhar para nós.

“Tudo bem. Só jantar.”

Sorri para Mama, sabendo o quão feliz ela ficava em sair com a família novamente.

É o que ela mais sente falta.

Morar lá conosco teria sido a solução mais fácil para ela não ficar sozinha, mas foi isso que ela escolheu e não poderíamos fazê-la vir morar conosco.

“Vou verificar Vespyr. A que horas você quer sair?”

“Estava pensando por volta das seis. Vocês têm tempo suficiente para se sentir confortáveis nesta casa novamente. É melhor com todos vocês

aqui.”

“Eu sei, Mama.” Beijei sua cabeça e atravessei a sala para chegar ao quarto de Vespyr.

Ela estava sentada na cama, apenas olhando fixamente para a parede coberta de fotos.

“Ei, você está bem?” Perguntei, sentando ao seu lado e colocando minha mão em sua coxa. “Mama vai nos levar para jantar mais tarde. No Brian.”

“Ouvi. Eu realmente não estou com vontade de ir.”

Exatamente como o Papa.

Eles eram exatamente iguais.

“Mas você tem que comer alguma coisa, não é mesmo? Tenho certeza de que Brian tem algumas coisas deliciosas no menu, especialmente agora que está perto do Natal.”

“Sim, tenho certeza,” ela respondeu, com um sorriso tenso que não alcançou seus olhos.

“Ei, eu estarei lá. Se é por causa das pessoas olhando, abrace-as. Elas têm inveja do que fizemos de nossas vidas, por isso podem julgar o quanto quiserem, mas sabem muito bem que estamos melhor lá fora do que aqui.”

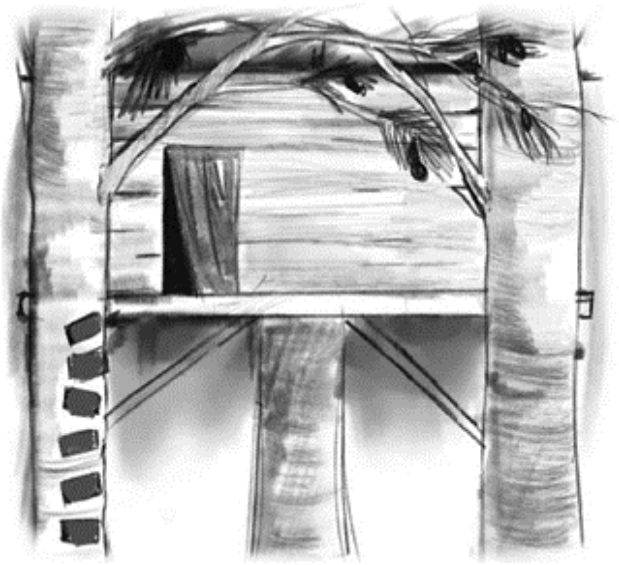
“Eu sei,” ela disse, tentando não soar afetada por suas preocupações.

“Tire esses pensamentos estúpidos da sua cabeça, doce menina. Teremos uma ótima noite jantando com Mama e depois passaremos a noite juntos. Só nós dois, assistindo a um filme e comendo coisas que não podemos comer na floresta. O que acha disso?”

Seu sorriso cresceu e suas preocupações desapareceram lentamente, então ela balançou a cabeça e colocou a mão sobre a minha. “Soa perfeito. Mas eu escolho o filme.”

Eu ri e beijei sua testa. “De jeito nenhum. Essa é a minha tarefa.”

“Aberrações.”



CHAPTER 20
VESPYR

Não havia muitas pessoas na lanchonete, mas as que estavam, não eram as que eu queria encontrar esta noite.

Tentei desviar o olhar e não dar nada para eles olharem, mas com as roupas que estávamos usando, era fácil para eles manterem os olhos em nós.

Nunca gostei de usar jeans e parecia que o macacão de veludo cotelê do Papa não combinava com o resto das roupas das pessoas aqui.

E lá estava eu pensando que o veludo cotelê havia voltado.

Eu gostava e, embora nunca tenha me importado muito com o que os outros pensavam das minhas roupas, era difícil ignorar seus olhares.

Especialmente os de Kody e Duke.

“Vamos. Podemos sentar naquela mesa ali,” Mama anunciou depois de falar com Dianna.

A mão de Fennec agarrou a minha, me cutucando para continuar caminhando.

“Ignore-os. Teremos um bom jantar e depois sairemos. Mantenha esses lindos olhos em mim, certo?”

Sorri para ele e balancei a cabeça, apertando sua mão e deixando-o me puxar para a mesa.

Sentamos de um lado da mesa, enquanto Papa e Mama se sentaram do outro.

Eles estavam profundamente apaixonados, e isso era evidente, pois não conseguiam tirar as mãos e os olhos um do outro.

“É bom ver vocês quatro juntos novamente. Estão aqui para o feriado?” Dianna perguntou ao se aproximar da nossa mesa.

“Sim, eles estão passando algumas semanas aqui comigo. Pensamos que precisávamos de uma boa comida no primeiro dia em que eles voltaram,” Mama disse com um sorriso.

“Parecendo cada vez mais com um homem da montanha, Judd. Eu gosto dessa barba,” Dianna disse a ele, fazendo-o rir.

“Tem que se encaixar lá de alguma forma, certo?” Papa respondeu.

“Parece bom. E você…” Ela se virou para nós, olhando para Fennec com um sorriso. “Você cresceu e se tornou um jovem bonito. Como você está se saindo lá?”

“Obrigado, Dianna. É ótimo. É onde eu pertenço.”

Ela não precisava fazer um comentário sobre mim desde a última vez que me viu durante o verão, então começou logo a anotar o que queríamos beber.

“Também vou tomar uma cerveja. E essas almôndegas marinadas seriam ótimas como entrada,” disse Mama a ela.

“Fantástico. Eu já volto.”

Virei para o Papa e sorri para ele, vendo que ele já tinha se acostumado com as pessoas ao nosso redor.

Demorei um pouco, mas com a mão da Fennec sobre minha coxa e minhas mãos sobre as dele, eu estava lentamente me acostumando com elas também.

Vínhamos comer muito aqui, mas naquela época as pessoas não conheciam Fennec e nós estávamos vivendo na selva, sem eletricidade e sem água corrente, isolados da sociedade.

Eles nunca iriam entender, mas tudo bem.

Eu tinha minha família, e mesmo com Mama morando aqui, nós sempre estaríamos juntos.

“Ouvi dizer que o hambúrguer de carne de veado é delicioso. Nunca provei, mas eles acabaram de receber uma entrega de alguns caçadores que venderam a carne para Brian,” disse Mama.

“Parece algo que gostaríamos,” Papa sorriu, e Fennec riu.

“Agora que estamos aqui, acho que vou comer um delicioso hambúrguer de carne. E você, doce menina?”

Olhei para ele e encolhi os ombros. “Tudo parece delicioso. Mas vou ficar com um cheeseburger normal com queijo extra e batatas fritas.”

“E um milk-shake?” Ele perguntou, rindo amplamente, sabendo que eu adorava mergulhar minhas batatas fritas nele.

“Sim, por favor!”

“Vocês dois são estranhos. Mergulhar batatas fritas em um milk-shake?” Perguntou Mama, rindo.

“Nós comemos coisas muito piores na natureza, Mama,” apontou Fen.

“Sim, como fígados e corações,” acrescentei.

“Quando você comeu fígado?”

Movi meu olhar para o Papa. “Uh, uma vez quando eu estava no meu período. Fennec disse que é bom para quando eu perco muito sangue.”

“Isso é verdade,” disse Mama, não deixando Papa fazer mais perguntas.

Fizemos muitas coisas nas costas dele lá em cima, e mais da metade era algo que eu nunca queria que ele descobrisse.

Ele não podia descobrir.

Passei meus dedos pelos do Fennec, olhando para ele com um sorriso torto.

“Que tal pedirmos também alguns legumes? Também não temos muitos desses na natureza, ele sugeriu.

Acenei, pensando que seria uma ótima ideia.



“Tem certeza que não quer mais nada?” Papa perguntou quando Fennec estava prestes a se levantar.

“Estamos cheios. Também vamos lanchar em casa, por isso vamos encher mais tarde,” ele respondeu, colocando o casaco de volta.

“Vamos ficar aqui mais um pouco, se estiver tudo bem para vocês,” disse Mama.

“Claro. Vocês dois aproveitem o resto da noite aqui. Nós vamos assistir a um filme,” eu disse a ela com um sorriso quando me levantei da cabine.

A maioria dos convidados tinha ido embora e apenas os homens mais velhos ainda estavam sentados no balcão, bebendo suas cervejas.

“Aproveitem o filme. Vejo você amanhã de manhã,” disse o Papa.

Acenamos um adeus e nos dirigimos para a saída onde Dianna nos deu dois brownies para levarmos para casa e, depois de agradecer, saímos para

caminhar de volta para casa.

Ficava do outro lado da rua da lanchonete, mas longe o suficiente para que dois rostos familiares nos seguissem.

“Fennec, cara. Não sabia que você estava de volta,” Kody disse, nos fazendo virar para olhar para ele e Duke.

Os dois cães estão de volta, eu pensei.

Fennec parou na minha frente para me poupar de seus olhares estúpidos, mas seus sorrisos permaneceram em seus rostos.

“Estamos de volta para o feriado. Vocês dois estão bem?” Ele perguntou.

“A faculdade é estressante, mas divertida. Você está perdendo, cara,” Duke disse a ele, seus olhos se movendo para os meus a cada dois segundos.

Deus, como se eu fosse algum tipo de animal no zoológico.

“Estou bem na selva.”

Tudo ficou quieto após as palavras de Fennec, e quando ele começou a se virar, pensando que a conversa já havia acabado, Kody falou novamente.

“Ei, vai ter uma festa de Ano Novo na Clara. Você deveria vir e se divertir,” ele sugeriu.

“Clara? Acho que vou passar.”

“Cara, você não tem que falar com ela, mas a festa vai ser foda. A garota pode vir também.” Kody acenou com a cabeça na minha direção, parecendo tão enojado quanto sua expressão sugeria.

“*A garota*? Vamos, Kody. Você a conhece desde o jardim de infância. Sabe o nome dela,” disse Fennec, irritado com seus velhos amigos.

“Vespyr. Desculpe, eu nunca quero errar seu nome. É estranho, sabe?”

Fiz uma careta.

Qualquer pessoa que soubesse inglês deveria ser capaz de pronunciar meu nome corretamente, não importa o quão raro fosse.

“Foi bom ver você de novo. Estamos indo para casa agora.”

Fennec pegou minha mão e, por mais surpresa que eu estivesse, deixei que ele a segurasse, independentemente de quem estivesse olhando.

“Vamos,” ele me disse, e começamos a atravessar a rua para chegar em casa.

“Bem, se você mudar de ideia, sabe onde Clara mora!” Kody gritou, mas Fennec não respondeu.

“Aberrações,” ouvi Duke assobiar.

“Ignore-os. Eles não sabem merda nenhuma,” Fennec murmurou.

Balancei a cabeça, tirando as palavras da minha mente e tentando me concentrar em Fen, em mim e na noite que passaríamos juntos.

“Qual filme você escolheu?” Perguntei enquanto ele destrancava a porta da frente, e uma vez que estávamos dentro, ele nos trancou de novo.

“Estava pensando em algum filme de terror. Lembra da lista que fiz quando tínhamos quatorze anos? Acho que ainda tenho em algum lugar no meu quarto.”

“Um filme de terror?”

“Com medo?” Ele provocou, beliscando minha cintura.

“Não, não estou com medo. Eu não me importo que filme vamos assistir,” eu disse, sorrindo para ele.

“Bom. Vá pegar alguns lanches no armário enquanto procuro a lista.”

Balancei a cabeça e o observei entrar em seu quarto, então fui até a cozinha e olhei em todos os armários para encontrar batatas fritas e pipoca, e até alguns Pop-Tarts[6].

Faz algum tempo que não os como.

Coloquei as batatas fritas e a pipoca em uma tigela, sabendo que Fennec não se importaria por não estarem em tigelas diferentes, então abri dois Pop-Tarts, coloquei-os em cima da mistura de lanche, incluindo os brownies que Dianna nos deu, então abri o geladeira para tirar uma garrafa de coca.

Todas as coisas não estavam disponíveis na selva, mas que gostávamos de comer antes de partirmos.

“Você encontrou a lista?” Perguntei enquanto entrava em seu quarto, visto que estaríamos assistindo o filme em sua TV.

Nunca tive uma no meu quarto, mas nós dividíamos a dele, então eu passei muito tempo em seu quarto.

“Sim, e nem mesmo vimos metade dos filmes que escrevi. Podemos muito bem assistir a dois esta noite.”

“Parece bom para mim. Contanto que eles sejam bons. Não gosto daqueles em que é óbvio para onde a trama está indo.”

Sentei-me na cama e coloquei a tigela e a garrafa ao meu lado, então coloquei os travesseiros atrás de mim contra a parede para me recostar confortavelmente.

“Eu tenho dois que foram proibidos anos atrás. Eles são um pouco... tabu. Mas definitivamente não são como o Massacre da Serra Elétrica ou o Halloween.”

Franzi meus lábios. “Quão tabu?”

“Digamos apenas que alguns atos sexuais que em geral não são muito agradáveis de se olhar. Estou apenas dizendo. Não precisamos assistir a este, mas você disse que não quer assistir a um filme de terror básico, certo?”

Balancei a cabeça e olhei para a lista escrita à mão em sua mão. “Qual é o nome do filme?” Perguntei.

Ele virou a lista para que eu pudesse ler o filme listado no número seis. *Terror sem limites.*

“E você ainda não assistiu esse?”

“Não. Nunca tive a chance. E eu queria poupar você de certas cenas. Ouvi algumas coisas sobre este filme.”

“Vamos assistir,” eu disse a ele com confiança.

“Tem certeza?”

“Sim. Vivemos na selva, Fen. Não há muito que eu não possa suportar.”

Ele sorriu diabolicamente, me fazendo repensar minha decisão em um instante.

“Ok. Mas não diga que eu não avisei.”

Ele abriu uma gaveta e tirou seu antigo laptop, em seguida, conectou-o à TV antes de procurar o filme online.

“Estranhamente, você pode encontrar a maioria dos filmes proibidos gratuitamente no Youtube,” ele disse, clicando no botão para ampliar a tela.

“Ainda é ilegal,” apontei, mas ele deu de ombros.

“O que estamos fazendo é ilegal de qualquer maneira. É melhor ir até o fim, hein?”

Ele se levantou e se aproximou, se inclinando sobre mim e beijando meus lábios, me fazendo sorrir.

Ele estava certo.

Já havíamos cruzado a linha várias vezes, então podíamos ficar do outro lado e não nos preocupar com o que estava certo ou errado.

Estávamos apaixonados e isso era o que mais importava para mim.

Seus lábios estavam quentes contra os meus, movendo-se lentamente, mas mantendo o beijo apaixonado.

Não tínhamos conversado sobre o que éramos, mas quanto mais nos beijávamos e nos tocávamos, menos eu me importava se tornávamos isso entre nós oficial ou não.

Éramos próximos de qualquer maneira, e ninguém precisava saber o que estava acontecendo entre nós.

Era nosso segredo.

Nosso amor.

E Fennec era meu, porque no final, sempre fomos nós.

"Aceite como uma boa menina."



CHAPTER 21
FENNEC

Houve cenas horríveis no filme, mas nenhum de nós conseguiu tirar os olhos da tela.

Não achei que Vespyr passasse pela metade, mas ela estava obviamente intrigada, senão fascinada.

Depois que paramos de comer, puxei-a para mais perto do meu lado e coloquei meu braço em volta de seus ombros, e minha mão direita em sua coxa para puxar sua perna sobre meu colo.

“Você está confortável?” Sussurrei, beijando o topo de sua cabeça.

“Sim, muito. Você?”

Sua voz era suave e um tanto ausente, mas então ela virou a cabeça para olhar para mim com o sorriso mais doce.

“Mais do que confortável.”

Com minha mão em sua bochecha, inclinei sua cabeça para trás para me inclinar e beijá-la enquanto o filme continuava na nossa frente.

Lentamente mergulhei minha língua em sua boca, sentindo o gosto salgado da pipoca e das batatas fritas que comemos.

Seu corpo relaxou enquanto suas mãos se moviam para envolver meu pescoço, e eu a puxei para que ela ficasse em meu colo.

Nesse ponto, eu não me importava muito com o filme, mas ainda pressionei a *pausa*, caso ela quisesse saber como terminava.

Eu menti para ela, dizendo que não tinha assistido ao filme antes quando, na realidade, assisti quase cinco vezes.

Era um filme doentio sobre pessoas doentes com mentes repugnantes.

Tudo o que acontecia nele era perturbador, mas é o que eu gostava de assistir.

Bem, contanto que fosse ficção.

Suas mãos se moveram em meu cabelo e puxaram enquanto seus quadris empurravam contra os meus.

Um gemido escapou dela, e ela começou a balançar para frente e para trás, esfregando-se contra minha dureza enquanto eu a ajudava com minhas mãos em seus quadris.

Era incrível vê-la ficar mais confortável com seu próprio corpo, e ela me mostrava cada vez que queria muito mais do que isso.

Eu ia dar mais a ela.

Ela faria dezenove em onze dias, então teríamos a mesma idade, embora apenas por algumas semanas, até que eu tivesse meu próprio aniversário no final de janeiro.

Algo sobre isso me excitou, e mal podia esperar para finalmente empurrar dentro dela, com meu pau alongando seu aperto enquanto eu a fodia.

Outro gemido, e movi minhas mãos para cobrir seus seios.

Enquanto massageava suavemente, ela se movia sozinha com sua boceta pressionada contra meu pau.

Nossas línguas não se cansavam uma da outra, então empurrei a minha mais fundo em sua boca, saboreando cada centímetro dela.

Nunca me ocorreu que Vespyr era a única garota com quem eu queria fazer todas essas coisas.

Nenhuma outra garota me fez sentir assim, e eu estava feliz por ela me querer também, afastando todos os outros caras.

Não que eles a quisessem de qualquer maneira.

Gemi quando senti sua mão se mover entre nós, e quando ela se inclinou para segurar meu pau, olhei para ela com um sorriso presunçoso.

“Você quer provar, doce menina?” Perguntei, apertando seus seios novamente.

“Sim.”

Sua insegurança foi superada pela confiança subindo lentamente sobre ela, e amei cada segundo disso.

“Você sabe o que fazer então. Fique de joelhos,” ordenei, e ela rapidamente saiu do meu colo para se ajoelhar entre as minhas pernas.

Eu a ajudei a se livrar da minha calça e cueca boxer, e quando meu pau estava para fora, ela olhou para ele enquanto lambia os lábios.

“Alguma garota já...”

“Isso não importa, Ves. É você e eu. Não quero ouvir você falar sobre ninguém quando estivermos sozinhos, certo?”

Ela acenou para mim e olhou para o meu pau rígido encostado na minha barriga.

“Vá em frente,” implorei, observando enquanto a mão dela o envolvia.

Com meus olhos nela, não a perdi de vista enquanto ela tentava descobrir como fazer isso, mas assim que ela conseguiu, escovei seu cabelo em um rabo de cavalo apertado no topo de sua cabeça enquanto ela se ocupava em envolver seus lábios em torno da minha ponta.

“Bem assim,” sussurrei, deixando-a explorar antes de assumir o controle novamente.

Ela começou a mover a mão ao longo do meu comprimento, seguida por seus lábios e boca me levando mais fundo.

Empurrei sua cabeça mais para baixo para mostrar a ela que ela tinha a habilidade de absorver mais profundamente sem engasgar, e quando ela percebeu isso, começou a assumir o controle.

“Mais rápido,” ordenei, mantendo meus olhos em seus lábios.

A tensão na parte inferior do meu estômago ficou mais intensa quando ela começou a chupar minha ponta cada vez que sua cabeça se movia para cima, e eu movi meus quadris em sua direção enquanto ela descia, fazendo-a tomar meu pau mais fundo.

Segurei seu cabelo em minhas mãos, e antes de deixá-la respirar, deixei minha ponta tocar sua garganta.

Ela bateu na minha coxa, precisando respirar e colocar um pouco de ar em seus pulmões, mas eu a mantive lá por um tempo.

“Ah, foda-se!” Gemi, finalmente a soltando e observando enquanto fios de saliva se estendiam de seus lábios ao meu pau.

“É isso que eu gosto de ver. Linda,” sussurrei, escovando meu polegar ao longo de seus lábios carnudos e, em seguida, mergulhando-o em sua boca.

“Você é tão linda, Vespyr. Outros caras não têm nenhuma fodida ideia do que estão perdendo. O que temos é especial. Você sabe disso, certo?”

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo para mim com orgulho e girando sua língua em volta do meu polegar enquanto o chupava.

“Boa menina. Pegue meu pau novamente. Quero gozar nessa boca bonita.”

Ela abaixou a cabeça novamente, pegando meu eixo e chupando suavemente antes de começar a sair mais de sua concha.

Ambas as mãos estavam em volta da base dele agora, e sua mão esquerda desceu para minhas bolas para apertar e brincar com elas.

“Droga!” Assobiei, jogando minha cabeça para trás contra o travesseiro e segurando sua cabeça para baixo.

“Pare de lutar contra isso, Ves. Aceite como uma boa menina. Eu sei que você pode.”

Seu corpo começou a tremer depois de um tempo e suas mãos pararam de me provocar, mas por mais azul que ela ficasse, eu queria que ela prendesse a respiração por um pouco mais de tempo.

Era o caráter punitivo de todas essas coisas diferentes que eu sempre quis explorar com uma mulher que me excitava, e Vespyr era a única que me deixava.

Não deixar ela respirar me fazia prender a respiração, querendo sentir o que ela estava sentindo naquele momento.

O pânico.

Sentir-me tonto.

Como se não houvesse saída.

Ela engasgou, agora apertando minhas bolas o suficiente para doer.

“Quanto mais você lutar, mais vou manter meu pau enfiado em sua garganta,” ameacei, e com certeza, seu aperto afrouxou novamente.

Havia lágrimas rolando por seu rosto vermelho brilhante que logo ficaria roxo, mas para evitar que ela perdesse a consciência, puxei sua cabeça para deixá-la respirar.

Ela respirou fundo e tossiu.

Segurei seu rosto em minhas mãos para fazê-la olhar para mim, mas seu olhar estava fixo no meu colo.

“Ei, olhe para mim,” eu disse a ela, e ela obedeceu rapidamente.

“Não gostei disso,” ela sussurrou, enxugando os lábios com as costas da mão e deixando as lágrimas rolarem pelo rosto.

“Você vai se acostumar com isso. Sinto muito. Serei mais gentil da próxima vez. Me fez sentir bem, sabe?”

Sorri para ela e tentei animá-la, mas ela não queria sorrir.

“Eu não gosto disso.”

Minha mandíbula ficou tensa e tentei o meu melhor para ficar calmo e não fazer um grande alarde.

“Há coisas piores que eu poderia fazer com você, Vespyr. Serei mais gentil,” prometi, esperando não tê-la assustado.

Ela levou um momento para se acalmar e, depois que assentiu, puxei-a para mim e beijei seus lábios suavemente.

“Sinto muito,” murmurei.

Uma de suas mãos segurou o lado do meu pescoço enquanto a outra envolveu meu pau novamente, deixando-me saber que ela não iria recuar por causa disso.

Sorri no beijo e escovei minha língua ao longo de seu lábio inferior antes de interromper o beijo para olhar para ela, e quando ela sorriu de volta, eu dei a ela um aceno rápido para encorajá-la a continuar.

Ela abaixou a cabeça novamente e levou meu eixo em sua boca.

Desta vez, deixei que ela assumisse o controle e, com a mão na nuca, mantive seu cabelo fora do caminho.

Eu já estava perto, e quanto mais ela lambia minha ponta antes de pegar meu pau de volta, ele sacudia.

“Continue indo, doce menina. Não quero que você pare até que meu esperma encha essa boca bonita.”

Ela moveu a cabeça mais rápido agora, apertando e provocando minhas bolas novamente quando percebeu o quanto eu gostava disso.

Ela estava aprendendo rapidamente, e eu sabia que não demoraria muito até que ela me deixasse fazer coisas que ela achava que não gostaria.

Não havia limites a menos que você deixasse que houvesse, e Vespyr era suficientemente aberta para ser ilimitada.

Ela só tinha que entender e vivenciar isso.

“Porra! É isso, Ves. Não engula. Eu quero provar também,” eu disse a ela, e quando ela moveu a cabeça para cima mais uma vez, eu a parei ali mesmo para atirar minha carga em sua língua.

Segurei seu cabelo com força novamente, certificando-me de que ela não se moveria e deixaria todo o meu esperma escorrer de sua boca.

Quando meu orgasmo se acalmou e meu corpo relaxou, puxei-a para sentar no meu colo novamente, e antes que ela pudesse engolir meu esperma, eu a beijei, deixando-o fluir em minha boca e se misturar com nossa saliva.

Minha língua se moveu ao redor da dela, e enquanto parte dele caiu de nossas bocas, nós engolimos a maior parte.

Ela não parecia enojada com isso, felizmente, e até aprofundou o beijo antes de se inclinar para trás para olhar para mim novamente.

Ela não falou nada, no entanto.

Sorri, escovando meus polegares ao longo de suas maçãs do rosto e observando-a de perto.

“Você gostou disso,” apontei, fazendo-a corar enquanto lambia os lábios para provar mais do meu esperma.

Limpei o canto de sua boca e a deixei lamber meu polegar, então ela assentiu. “Gostei.”

“Bom. Porque não é a última vez que você vai provar.”

“Você me provou também,” ela me disse. “Quero dizer... meu sangue. Você provou meu sangue antes,” ela adicionou.

“Sim, provei. Naquela noite, perto do fogo, quando eu disse para você comer o fígado. Somos humanos, não algum tipo de cobra venenosa, Vespyr.”

“E você me provou novamente naquela noite. Você não se lembra?”

Levantei uma sobrancelha para ela. “Não sei do que você está falando.”

Uma carranca apareceu entre suas sobrancelhas e ela olhou para baixo em nosso colo, onde meu pau ainda estava duro e encostado em sua coxa.

“Eu tive meu primeiro orgasmo. Você me fez gozar pela primeira vez. Foi incrível,” ela me disse com um sorriso tímido.

Inclinei minha cabeça para o lado e a estudei por um momento. “A primeira vez que te fiz gozar foi no carro hoje, Ves. Não chegamos tão longe antes,” eu disse, sorrindo gentilmente.

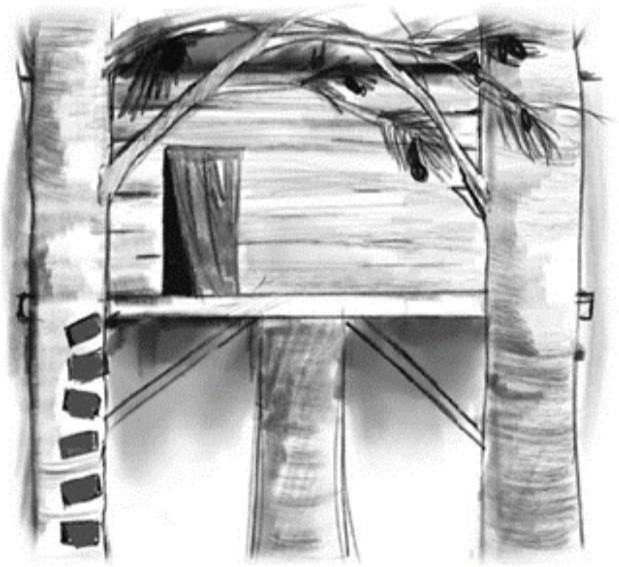
Ela me olhou com atenção e encolheu os ombros. “Talvez eu estivesse sonhando. Só me lembro de como parecia tão... real. E perfeito.”

Sorri e beijei seus lábios, olhando para ela novamente depois de quebrar o beijo. “Estou honrado por ter feito você gozar muito antes de

ficarmos juntos, e prometo que farei você gozar hoje de novo. Devíamos terminar o filme antes que Mama e Papa voltem para casa. Não quero que eles nos encontrem assistindo a um filme como esse."

Porque o que era mais perturbador do que encontrar seus filhos assistindo a um filme sobre um ex ator pornô se drogando e fazendo com que ele fizesse coisas desprezíveis com crianças?

“Foque em mim.”



CHAPTER 22
VESPYR

Por mais vívido que meu sonho tenha sido ontem à noite, eu sabia que não era sonambulismo.

Fennec não estava nele, mas essa era a única maneira que eu podia dizer que não estava.

Acordei cedo na manhã seguinte com o sol brilhando diretamente no meu rosto, e lembrei a mim mesma que deveria ter baixado as persianas já que não estávamos cobertos por grandes pinheiros nesta casa.

Por mais que eu adore estar de volta com Mama por um tempo, certamente não senti falta dos carros passando por nossa casa, e dos cães do vizinho latindo de manhã cedo.

Esfreguei os olhos enquanto lembrava do sonho que eu tive.

Estava sozinha, andando pela floresta e vendo uma raposa brincar na neve, depois ela desapareceu, deixando-me sozinha, mas não me sentia perdida ou solitária.

Era onde eu pertencia, e sabia disso mesmo em meus sonhos.

Talvez fosse o fato de Fennec e eu estarmos dormindo em quartos separados novamente que ele não apareceu em meus sonhos, mas depois da noite passada, antes de Mama e Papa voltarem para casa, tivemos tempo suficiente juntos para desfrutar da companhia um do outro.

O filme era a única coisa pela qual ele não deveria ter me feito passar, mas eu era boa em empurrar certos pensamentos para fora da minha mente.

Essas cenas logo seriam esquecidas.

Olhei ao redor do meu quarto para absorver tudo o que pendurei nas paredes.

Tudo isso me lembrava da floresta, menos o frio.

Mas por mais segura que eu me sentisse aqui, não era onde eu queria estar.

Uma batida me fez levantar da cama, e quando alcancei a porta e a abri, Mama estava do lado de fora do meu quarto.

“Você está acordada. Estou fazendo café da manhã. Você gostaria de ovos?”

“Com lado ensolarado[7]?” Pedi, e ela acenou com a cabeça.

“Claro. Como foi sua noite? Você e Fen comeram muitos lanches, hein?”

Sorri pra ela. “Sim, comemos. Como foi sua noite com o Papa?”

“Maravilhosa. Senti muita falta dele, mas também quero passar um tempo com você e Fennec. Vamos jogar jogos de tabuleiro mais tarde e também podemos assar biscoitos de Natal. O que acha disso?”

“Divertido! Vou tomar banho e te ajudar na cozinha, ok?”

Ela sorriu de volta e acenou com a cabeça, e antes de voltar para a cozinha, colocou a mão na minha bochecha suavemente.

“Estou feliz que vocês três estejam aqui para o feriado.”

Eu sabia que ela estava, mas não tinha dúvida de que ela também desfrutava de seu tempo sozinha.

Mama foi uma criança rebelde, mas essa parte dela só aparecia quando estávamos fora.

Quando entrei no banheiro, já sentia que minha calcinha não estava tão seca como normalmente estaria, e quando as desci, havia uma mancha vermelha ali.

“Como já passou um mês?” Eu me perguntei baixinho, então tirei a roupa para entrar no chuveiro.

Ouvi vozes vindo da cozinha do outro lado da parede, então me apressei para não perder nenhuma conversa.

Assim que me vesti, saí e fui direto para a cozinha para encontrar Fennec de pé em sua cueca boxer ao lado de Mama, cortando um pouco de queijo e frutas.

Papa já estava sentado à mesa e foi o primeiro a me ver.

“Bom dia, querida. Dormiu bem?” Ele perguntou.

“Dormi. E você? Sentiu falta da cama?” Provoquei.

“Um pouquinho. Estou feliz com minha cabana.”

Eu ri baixinho e movi meu olhar para Fennec, que estava me observando de perto.

“Bom dia,” eu disse, sorrindo para ele e sentindo minhas bochechas esquentarem.

“Bom dia, doce menina. Mama perguntou se íamos ao supermercado depois do café da manhã para comprar algumas coisas. Vem comigo?”

“O que nós precisamos?”

“Eu fiz uma lista. Está bem ali. Você pode levar o carrinho para colocar a mercearia dentro,” Mama sugeriu.

Peguei a lista que ela havia colocado no micro-ondas e olhei para ver se havia algo que eu quisesse acrescentar.

Provavelmente veria coisas na loja que eu gostaria de provar de novo depois de quase meio ano na floresta.

“Carne seca? Papa colocou isso na lista?” Sorri para ele.

“Preciso dela para sobreviver,” ele respondeu com um encolher de ombros.

“Não poderia concordar mais,” acrescentou Fennec.

“Vocês três logo vão ficar doentes por comerem tanta carne o tempo todo. Vou deixar vocês levarem massa e latas de tomate para o acampamento. Pelo menos terão uma mudança por algum tempo.”

Nenhum de nós disse nada para impedir Mama de nos dar comida, porque ela não deixaria de fazer isso.



“Papa está mais feliz,” apontei enquanto caminhávamos pela rua para chegar ao supermercado.

Fennec puxava o carrinho vazio enquanto eu tentava não escorregar e cair no asfalto gelado.

“É claro que sim. Ele voltou para sua namorada do ensino médio. Quem não ficaria feliz com isso?”

Ele tinha razão.

“Você não tinha uma. Porque? Quero dizer... por que você nunca teve uma namorada? Ou saiu com alguém?”

“Eu te disse isso antes. Nenhuma delas era o suficiente para mim.”

Eu sorri. “Nenhuma delas teria ido morar com você na selva.”

“Nenhuma delas era você.” Seus olhos encontraram os meus por um segundo, e suas palavras aqueceram meu peito mais do que meu casaco.

Por alguma razão, estava mais frio aqui em Fairbanks do que nas montanhas.

“Eu gostaria que você tivesse dormido na minha cama ontem à noite. Senti sua falta ao meu lado,” ele confessou, fazendo meu sorriso crescer mais largo do que já era.

“Também senti sua falta. Mas talvez seja melhor ficarmos em quartos separados até voltarmos.”

“Por que? Dormimos na casa da árvore juntos. Não é nada novo. Além disso... não posso tocar sua doce buceta e deixar você chupar meu pau quando estamos em quartos separados.”

Pressionei meus lábios em uma linha apertada e olhei ao redor para garantir que ninguém estava ouvindo, mas mesmo se estivessem, não acho que Fennec se importaria.

Ele nem parecia preocupado com os outros nos vendo de mãos dadas como fizemos ontem à noite quando voltamos da lanchonete para casa.

“Estou menstruada de novo,” confessei, achando apropriado informá-lo e desejando que ele desse à minha boceta a mesma atenção que naquele sonho que tive.

“Lembra que eu falei sobre você me fazer gozar enquanto eu estava menstruada?” Perguntei.

Já estávamos cruzando o estacionamento da loja e, quando nos aproximamos da entrada, ele parou e tirou um maço de cigarros do casaco.

“Lembro,” ele disse, e observei enquanto ele acendia um cigarro enquanto mantinha os olhos fixos nos meus.

“Onde você conseguiu isso?”

“Meu quarto. Estava escondido e queria fumá-los desde que paguei por eles,” ele disse com um encolher de ombros. “Continue. Você estava me dizendo algo.”

“Sim, bem... enquanto você estava me fazendo gozar com a sua língua, você tinha sangue por toda sua boca e bochechas. Você espalhou meu sangue em suas bochechas de propósito. Você parecia um jogador de futebol.”

Ele riu. “Parece algo que eu faria. Talvez eu faça o seu sonho se tornar realidade,” ele ofereceu, e eu assenti com entusiasmo.

Estávamos a poucos metros da entrada, Fennec encostado à parede com o carrinho ao seu lado e eu em pé na sua frente.

Eu tinha empurrado minhas mãos nos bolsos, mas elas não ficariam ali por muito tempo.

“Venha aqui,” ele ordenou, soprando a fumaça.

Eu me aproximei.

“Ponha as mãos nos meus bolsos. Eles têm pele neles. Mantém as mãos mais quentes,” ele me disse.

Eu não tinha dúvidas disso, mas também poderia simplesmente colocar minhas luvas.

Tirando minhas mãos dos bolsos, coloquei-as nos dele e sorri para ele enquanto ele dava outra tragada.

“Ponha sua mão no meu pau,” ele instruiu, me fazendo franzir a testa.

“Aqui?”

“Sim, Vespyr. Aqui. Faça.”

Dei mais uma olhada ao nosso redor, vendo as pessoas entrando e saindo da loja, mas praticamente cuidando de seus próprios negócios, então virei minha mão para que ficasse de frente para ele e a movi mais em direção à protuberância em suas calças.

Felizmente, seu casaco era longo o suficiente para chegar ao meio de suas coxas, então eu poderia facilmente esconder o que estava fazendo lá embaixo.

Ele deu outra tragada, mantendo seus olhos em mim de perto enquanto começava a massagear seu pau sobre sua calça e o tecido do bolso.

“E se as pessoas verem?” Perguntei.

“Então elas podem cuidar da porra da sua própria vida e seguir em frente. Concentre-se em mim.”

Dei a ele um aceno de cabeça e não tirei meu olhar do dele, e quando consegui segurar melhor seu eixo endurecido, envolvi meus dedos em torno dele tanto quanto pude e comecei a acariciá-lo sobre as calças.

“Você disse que está menstruada.”

“Estou.”

“E me diga novamente o que eu fiz com a sua boceta naquele seu sonho?”

“Você me fez gozar. Eu gostaria de sentir isso de novo.”

Um sorriso maroto apareceu em seus lábios enquanto eu continuava a esfregar seu pau, e quando estava duro, sacudiu em minha mão.

“Dê-me um beijo,” ele ordenou.

“Aqui?”

Ele ergueu a sobrancelha.

Está bem, está bem.

Virei a cabeça para ver se havia alguém por perto, mas quando não vi ninguém, virei para ele e me aproximei para beijar seus lábios.

O cheiro da fumaça do cigarro subiu pelo meu nariz, mas eu o empurrei de lado e foquei no doce beijo que Fennec estava me dando.

Não durou muito, pois eu não queria arriscar nada, então quebrei o beijo e olhei para ele novamente com um sorriso tímido.

“Se você quiser, pode me beijar de novo quando chegarmos em casa. No meu quarto. Ou o seu.”

Uma risada escapou dele, e uma vez que ele jogou a ponta do cigarro na neve, ele puxou minha mão do bolso e segurou meu queixo.

“Você é adorável demais. Eu vou te mostrar o quanto te adoro esta noite. Fodendo você com todo aquele sangue cobrindo meu pau.”

Isso.

Eu queria isso e muito mais.

Fodido lunático.



CHAPTER 23
FENNEC

“Papa não jogou limpo,” anunciou Vespyr enquanto guardava todo o dinheiro do Banco Imobiliário que estávamos jogando há quase quatro horas.

“Ele nunca joga limpo. Achei que você já tinha se acostumado com isso,” Mama riu, depois tomou um gole de vinho.

“Acho que não,” respondeu Ves, mas ela não estava brava com isso.

Tivemos uma noite divertida, mas eu estava começando a ficar impaciente, querendo tê-la só para mim.

“É hora de terminarmos este jogo. Já durou muito,” Papa nos disse.

“Concordo. Acho que estou indo para a cama. Vocês vão ficar acordados mais um pouco?” Perguntei, levantando-me do chão onde estava sentado ao lado de Vespyr.

“Acho que também vamos dormir. Podemos continuar jogando amanhã.” Mama encerrou o jogo, então Vespyr também se levantou e me olhou com questionamento nos olhos.

Ela queria passar a noite comigo e eu poderia dizer pelo olhar em seus olhos.

Acenei para ela, silenciosamente afirmando-lhe que não tinha esquecido o que havia dito a ela do lado de fora da loja esta manhã.

Eu queria transar com ela, e ela estar menstruada era o momento perfeito para isso.

“Então você não tem nada planejado para amanhã?” Papa perguntou, mas Mama balançou a cabeça.

“Vocês não querem sair de qualquer maneira, não é? A menos que queiram, eu ficaria feliz em levá-los para a Letty.”

Todos olhamos para o Papa porque seria ele quem decidia se queria visitar outras pessoas enquanto estivéssemos na cidade.

Mas, como eu esperava, ele balançou a cabeça. “Não acho que sou bem-vindo em sua casa. Ou qualquer uma para esse assunto. Vamos apenas passar um tempo juntos. Aqui.”

Ves contornou a mesa de centro para abraçar o Papa e beijar sua cabeça. “Estou feliz aqui com vocês. É suficiente para mim.”

Mudei meu olhar para Mama, que estava observando os dois de perto, e quando ela percebeu que eu estava olhando para ela, suspirou e sorriu. “É o suficiente para mim também.”

Balancei a cabeça para concordar com ela e, assim que guardamos tudo, Mama e Papa entraram no quarto.

“Você está cansado?” Vespyr perguntou enquanto estávamos na sala de estar sozinhos.

“Não. Você está?”

“Não realmente.”

Eu sabia quais eram seus pensamentos porque eu tinha os mesmos.

“Quer vir assistir a um filme no meu quarto?” Sugeri, vendo como ela reagiu a isso.

“Um filme?”

Eu ri da carranca profunda aparecendo em sua testa. “Não é o que você gostaria de fazer para terminar a noite, doce menina?”

Ela rapidamente balançou a cabeça. “Pensei que nós—” ela parou e suspirou. “Pensei que você queria... você sabe.”

“Eu queria o quê?” Eu a desafiei.

Ela olhou em direção ao quarto, certificando-se de que estava fechado e que ninguém conseguia nos ouvir.

“Você disse que queria me foder.” Suas palavras foram baixas, mas soaram confiantes vindo de uma garota como Vespyr.

Ela ainda tinha que sair de sua concha quando se tratava de algumas coisas, o que estava bem, já que nem toda garota tinha que estar aberta e pronta para tudo em uma certa idade, mas ela me surpreendeu. Não importava o quão doentio fosse me deixar fazer essas coisas com ela, ela tinha certeza de que queria.

Estávamos destinados a isso, e contanto que ela soubesse o que estava acontecendo e concordasse com isso, não havia razão para eu dar um passo para trás.

Você não daria um passo para trás, mesmo que ela não estivesse bem com isso, seu fodido lunático.

Sempre um prazer.

“Eu disse?” Provoquei, dando a ela uma última chance de recuar.

“Sim, você disse.”

“Mas você sabe que isso pode nos colocar em sérios problemas se alguém descobrir, certo?”

Não que você se importe, porra.

Cara, as vozes na minha cabeça estavam ativas esta noite.

Estendi minha mão e ela a pegou, então fechou a distância entre nós e manteve os olhos em mim enquanto pensava em sua resposta.

“Não achei que você se importaria,” ela sussurrou. “Quero dizer... nós já chegamos até aqui. Já fizemos coisas que não deveríamos ter feito, então por que não ir até o fim?”

Isso é o que eu queria ouvir, mas não esperava toda aquela confiança brilhando em suas palavras.

Os cantos da minha boca se curvaram, e com ambas as minhas mãos, segurei seu rosto para manter seus olhos nos meus.

“Sou apenas eu ou isso não parece tão distorcido quanto deveria?”

Porque, francamente, por mais tabu que fosse, sermos íntimos e agirmos como um casal normal não parecia nem um pouco errado.

Nem um pouco.

“Nunca me senti assim antes, Fennec, e se isto é o que parece ser errado, então eu quero que seja para sempre.”

E às vezes, ela me fazia sorrir tão brilhantemente que eu me sentia como o cara mais inocente deste planeta.

Ah! Como desejar.

Você a está arruinando com seus jogos doentios.

Em vez de responder, mostrei a ela o quanto eu concordava com suas palavras beijando-a apaixonadamente.

Ela levantou as mãos e as colocou na minha barriga, segurando meu moletom com força em seus punhos e pressionando-se contra mim para chegar o mais perto possível.

Passei minhas mãos em seu cabelo e agarrei com força, em seguida, pressionei minha coxa contra sua boceta, sentindo o calor através de suas

calças.

Houve ruídos vindos do quarto da Mama e, antes que fôssemos pegos, quebrei o beijo e peguei a mão de Vespyr para puxá-la para o quarto, onde fechei a porta.

“Quero que você tire a roupa,” eu disse a ela, virando-me para olhar para ela enquanto estava parada no meio de seu quarto.

Ela não hesitou, apenas alguns segundos depois, ela estava nua na minha frente.

Olhei para sua calcinha no chão, forrada com um absorvente que tinha uma boa quantidade de sangue nele.

“Espere bem aqui.”

Caminhei até seu armário para pegar uma toalha, depois a coloquei em sua cama porque sabia que ia ser uma bagunça, e embora não importasse se haveria sangue em sua cama ou não, não seria apenas sangue de seu período sujando a cama.

“Onde você está indo?” Ela perguntou quando me virei para a porta de seu quarto.

“Espere bem aqui,” repeti, então deixei o quarto dela para ir para o meu.



Demorou alguns minutos até ele voltar com algumas coisas em suas mãos.

Eu ainda estava de pé no meio do meu quarto sem nada, começando lentamente a ficar com frio.

“Para que é isso?” Perguntei quando notei uma faca que ele deve ter deixado aqui antes de se mudar para morar com o Papa.

Isso era grande.

“Não quero que você faça todas essas perguntas, Vespyr. Não vou te machucar,” ele prometeu.

Por que ele iria? Fennec me amava.

Ele também trouxe fita adesiva, o que pode ter sido o motivo da faca.

“Estenda suas mãos,” ele ordenou, e uma vez que juntei minhas mãos em direção a ele, ele colocou as coisas que estava segurando na minha mesa e pegou a fita novamente.

“Acho que você percebeu que gosto de coisas estranhas, hein? Lembra como usei aquela faca para traçar sua pele? Eu nunca cortaria você, Ves. E prometo que você vai aproveitar sua primeira vez. Vai ser lindo,” ele disse com um sorriso nos lábios, e eu não pude fazer nada além de acenar com a cabeça.

Ele começou a enrolar a fita em volta dos meus pulsos do jeito que fez com a corda na casa da árvore.

A única diferença é que a fita doía um pouco mais do que a corda.

Observei Fennec enquanto ele cortava a fita e a colocava de volta na mesa, então ele me fez levantar os braços, expondo totalmente a parte superior do meu corpo.

“Você é linda, Ves. Você é a garota mais bonita que eu já vi. Você vai ver. Vou fazer você se sentir bem.”

Acreditei em cada uma de suas palavras.

Suas mãos seguraram meus seios suavemente, apertando-os e beliscando meus mamilos enquanto seus olhos observavam tudo o que estava fazendo.

Pressionei meus lábios em uma linha fina e prendi minha respiração enquanto ele continuava a massageá-los, e momentos depois, ele se inclinou para puxar um mamilo em sua boca.

Sua língua girava em torno dele, então começou a bater contra o pequeno mamilo rígido, da mesma forma que havia feito com meu clitóris antes.

Um gemido me escapou, e baixei meus braços para agarrar seu cabelo com as duas mãos.

“Braços para cima, Ves,” ele mandou, rapidamente me fazendo segurar minhas mãos sobre minha cabeça novamente.

Meu corpo começava a ficar tenso, e como não conseguia aliviá-lo agarrando seus cabelos, enrolei meus dedos dos pés no chão do tapete enquanto apertava minhas coxas.

A conhecida picada na minha boceta começou, e eu sabia que logo precisaria das mãos ou da língua dele no meu clitóris.

Ele continuou a brincar com meus seios, massageando e apertando, puxando meus mamilos e lambendo-os enquanto eu tentava manter meus gemidos baixos.

“Tão linda! Você é minha. Nenhum outro cara jamais te tocará, doce menina.”

Eu não queria isso de qualquer maneira.

Meus braços estavam começando a ficar cansados, mas o que mais me preocupava era o sangue escorrendo pelo interior das minhas coxas.

“Fen, o sangue,” eu disse, tentando evitar que mais sangue fluísse para fora de mim, cruzando minhas pernas.

Sua mão direita deixou meu seio e desceu pela minha barriga para chegar entre minhas coxas.

Ele moveu seus dedos entre minhas dobras, fazendo-me descruzar as pernas novamente para que ele tivesse melhor acesso.

Senti uma gota de sangue correndo pelo interior da minha perna, mas antes de alcançar meu joelho, Fennec limpou-a e segurou seus dedos cobertos de sangue nos meus lábios.

“Chupe-os,” ele ordenou, e sem qualquer hesitação, eu envolvi meus lábios em torno de seus dedos e lambi meu próprio sangue.

Mantive meus olhos nele enquanto ele caía em meus lábios, e depois de tirá-los de minha boca novamente, ele cravou minha mandíbula e apertou minhas bochechas enquanto me beijava para provar ele mesmo.

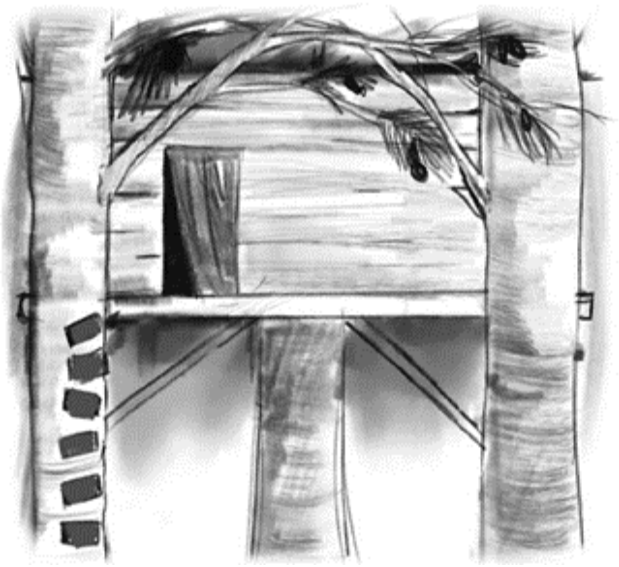
Ele empurrou sua língua para dentro da minha boca, lambendo por cima da minha, misturando sangue com saliva.

Não importava o que ele estivesse fazendo, e não importava quão nojentas fossem as coisas que ele queria fazer comigo, eu estaria aqui mesmo fazendo o que ele me dissesse para fazer.

Estava perdida pelo Fennec, e nada me afastaria dele.

Nem mesmo o desconforto e o sentimento pesado que às vezes ele deixava no fundo do meu peito.

“Você tem gosto de paraíso.”



CHAPTER 24
VESPYR

Fennec caiu de joelhos com as mãos nos meus quadris e eu afastei mais meus pés para que ele tivesse acesso mais fácil à minha boceta.

Olhei para ele para observar cada movimento que fazia, e com seus olhos nos meus, ele se inclinou e lambeu minhas dobras, meu sangue cobrindo sua língua.

Meus braços ainda estavam sobre minha cabeça, mas eu não conseguiria mantê-los lá por mais tempo.

Eu os abaixei e agarrei seu cabelo com as duas mãos ainda apertadas em meus pulsos.

Por mais intenso que tudo parecesse, a insegurança que sempre se apoderou de mim antes de fazermos algo assim me deixou insegura, mas até hoje, essa insegurança era superficial.

“Você me ama?” Perguntei, precisando saber que ele não fazia isso apenas para mexer comigo.

“Claro que te amo, doce menina,” ele respondeu, olhando para mim com sangue cobrindo seus lábios.

“Não, quero dizer, realmente me ama. Como um namorado deve amar uma namorada,” eu disse.

Ele riu, cravando a ponta dos dedos na minha pele. “Essa é uma pergunta estúpida, Vespyr. Você me deixaria fazer todas essas coisas se não soubesse que eu te amo assim? Você não é estúpida. Você não me deixaria usar você assim.”

Não, eu não faria.

Mantive minha boca fechada a partir de então, e o deixei continuar me fazendo sentir tão incrível quanto só ele poderia.

Sua língua roçou minhas dobras mais uma vez, e com meu sangue escorrendo pelo seu queixo, ele estava espalhando por toda a parte interna das minhas coxas, fazendo uma bagunça.

Mas, claro, nenhum de nós se importou, e quando ele começou a passar a língua contra meu clitóris, joguei minha cabeça para trás e segurei seu cabelo com força enquanto ele me firmava com as mãos na cintura.

“Oh, Fen!” Chorei, incapaz de impedir que minhas pernas tremessem enquanto ele trabalhava sua magia com a língua.

Podia ouvi-lo engolir de vez em quando, e por alguma razão estranha, isso me deixou excitada sabendo que ele estava engolindo meu sangue.

Era o mesmo do dele, e o quão errado isso realmente era?

A sensação perturbadora foi embora novamente, e me concentrei em suas mãos se movendo para a minha bunda, segurando-a com força enquanto sua língua continuava a lamber ao longo das minhas dobras e brincar com meu clitóris.

“Goze,” ele exigiu, mas eu não estava lá ainda.

Olhei para baixo para ver que metade de seu rosto estava agora coberto com o meu sangue, e seus olhos estavam cheios de emoção enquanto ele me dava prazer.

“Eu preciso de mais,” disse a ele, lembrando como seus dedos eram bons dentro de mim.

E para minha sorte, ele sabia exatamente o que eu queria dele.

Sua mão direita se moveu da minha bunda para a minha boceta, e deslizou três dedos dentro do meu aperto facilmente, graças a umidade do sangue escorregadio.

A maneira como ele alternava entre chupar, mordiscar e depois lamber meu clitóris criou uma pressão intensa na minha barriga, pronta para explodir.

Mas em pé, era mais difícil do que o normal.

Puxei seu cabelo com mais força, tentando não gritar e implorar para que ele se apressasse, mas ele percebeu que eu estava lutando, e depois de mais um empurrão de seus dedos dentro de mim, ele se levantou e me puxou para a cama onde me deitou de costas, minhas pernas no ar e meus braços acima da minha cabeça novamente.

“Por favor,” sussurrei, precisando de suas mãos e boca em mim novamente.

Ele se ajoelhou ao lado da minha cama entre as minhas pernas e estava de volta onde eu precisava dele, com sua língua movendo-se rapidamente e

seus dedos massageando o interior da minha boceta.

Para abafar meus sons, virei minha cabeça em direção ao meu braço esquerdo e o mordi.

“Olhos em mim, Ves,” ele exigiu, e assim que nossos olhares se encontraram, eu não consegui mais me conter.

Meu orgasmo começou a rastejar dos meus dedos dos pés, passando rapidamente pelas minhas pernas até o clitóris, e explodindo no resto do meu corpo, me fazendo congelar antes que meu corpo começasse a tremer intensamente.

A boca de Fennec ainda estava sobre mim, mas ele havia movido sua língua para o meu buraco, onde estava lambendo todo o sangue que fluía.

Não era muito, mas como eu estava apertando bem a minha boceta devido ao orgasmo, saiu mais sangue do que quando eu estava relaxada.

Ele gostou, então eu não impedi que as ondas me atingissem e o deixei saborear mais de mim.

“Linda. Você tem gosto de paraíso,” ele rosnou enquanto voltava lentamente e se levantava.

Não houve muito tempo para eu olhar para seu corpo depois que ele tirou sua blusa, calças e cuecas boxer, mas ele se inclinou sobre mim, beijando-me e deixando-me saborear o que ele havia provado nos últimos minutos.

Ele me beijou profundamente, movendo sua língua ao redor da minha antes de levantar sua cabeça e olhar para mim.

“Abra essa boca para mim.”

Eu o fiz, colocando minha língua para fora e sabendo exatamente o que ele pretendia fazer.

Observei seu maxilar tenso, e uma vez que ele tinha acumulado cuspe suficiente, ele o deixou cair na minha boca, dizendo-me para não engolir imediatamente.

Ele fez isso mais uma vez, depois se inclinou com sua mão direita encostada na minha mandíbula.

"Mantenha-o aberto", exigiu ele, e com minha língua ainda para fora, ele envolveu seus lábios em torno dela e chupou-a como eu uma vez fiz com seu pau.

No início, parecia estranho, mas tudo o que ele fazia comigo era algo que eu queria que ele repetisse várias vezes.

Depois de chupar minha língua, ele lambeu em volta dela antes de me beijar novamente.

Desta vez, ele me deixou beijá-lo de volta, e quanto mais tempo fazíamos, mais o gosto do sangue se dissipava.

Senti-o esticar a mão entre nós, e depois que ele esfregou seu pau, ele moveu a ponta ao longo da minha fenda, me fazendo saltar enquanto tocava meu clitóris sensível.

“Vou te foder com tanta força que você nunca mais vai ter que perguntar se eu te amo, entendeu?”

Essa era uma promessa que eu queria que ele cumprisse e, por mais nervosa que estivesse, queria finalmente seu pau dentro de mim “Sim,” exalei uma vez que ele quebrou o beijo para olhar para mim.

Havia fogo queimando em seus olhos, e ficou claro para mim que ele quis dizer cada palavra.

Não importava se meu cérebro estava começando a insinuar coisas que eu nunca imaginaria, tentei o máximo não escutar as vozes que me diziam que isto não estava certo.

Eu queria isto, e se há uma coisa que aprendi com o Papa, é que você deve sempre ouvir o seu coração.

E como Fennec sempre me disse, eu não deveria deixar meu cérebro me enganar tanto.

Fennec se levantou e caminhou até a mesa onde pegou a faca que havia trazido, depois também agarrou a corda que só agora percebi que estava lá antes de voltar para mim.

“Vire.”

Olhei para ele com meus braços cruzados sobre meu peito agora, ainda um pouco insegura sobre a faca.

“Você não vai me machucar,” apontei, e ele balançou a cabeça.

“Nunca machucaria você, Vespyr. Vire.”

Dei outra olhada na faca, então decidi confiar nele, virando-me de bruços e deitando na cama do jeito certo desta vez.

Meus braços estavam levantados novamente, tornando muito mais confortável para mim.

Fennec se aproximou da cama e colocou a faca ao meu lado, então ele pegou a corda e enrolou em volta da estrutura da minha cama antes de me amarrar a ela.

“Não há como você escapar agora,” ele brincou, fazendo minha empolgação aumentar.

Eu me senti como um animal preso, mas sabia que nesta situação, eu definitivamente não acabaria morta.

A menos que este fosse um daqueles sonhos que eu costumava ter e não me dei conta de que esta não era a vida real.

Fennec subiu na cama, ajoelhando-se sobre minhas pernas e agarrando meus quadris novamente, fazendo pressão para que eu me empurrasse para cima.

“Fique em seus joelhos e cotovelos. Será muito mais confortável para você, doce menina.”

Balancei a cabeça e me ergui até que minha bunda estivesse levantada no ar em direção a ele.

Suas mãos se moveram sobre a minha pele, aumentando seu aperto na minha bunda e, em seguida, batendo na minha pele suavemente para não fazer muito barulho.

Tentei olhar para ele, mas não vi muito do que ele estava fazendo além de pegar a faca novamente.

Meu batimento cardíaco estava acelerando, mas eu não estava nervosa de forma negativa.

Ele prometeu não me machucar e eu confiava nele.

Já tinha ouvido falar de certas torções antes, e Fennec estava me apresentando algumas das dele.

Ele se sentia confortável em compartilhá-las comigo, o que me deixava feliz.

Quando senti a ponta de seu pau roçar em minha fenda, arqueei minhas costas para mostrar a ele que estava pronta para isso, precisando finalmente sentir seu pau dentro de mim.

Nós dois ainda tínhamos sangue em volta dos lábios e, agora que havia secado, parecia estranho na minha pele.

Isso não me incomodou, pois o cheiro ainda persistia, me lembrando daquele beijo que ele me deu minutos atrás.

“Essa boceta apertada é minha. Sempre será minha, Vespyr. E vou foder direito. Não haverá nenhum outro cara empurrando seus paus profundamente dentro de sua pequena boceta virgem.”

Suas palavras causaram arrepios na minha espinha, fazendo minha boceta doer novamente e meu corpo ficar tenso.

“Quero ouvir você dizer isso, Ves. Diga-me a quem esta buceta pertence.”

“A você,” sussurrei, engolindo o caroço que se formou na minha garganta.

“E quem vai tirar sua virgindade?”

“Você. Você vai,” exalei.

“Isso mesmo, doce menina. Vou te foder com tanta força que você vai ficar viciada em mim. Você vai implorar por mais até não aguentar mais.”

Tudo isso.

Eu queria tudo isso.

“Sim, por favor,” chorei, sentindo seus dedos na minha entrada novamente.

Ele os empurrou bem dentro de mim, me esticando e me preparando para seu pau duro.

Seu polegar foi empurrado contra meu traseiro, massageando-o suavemente enquanto a lâmina fria da faca pressionava contra a parte inferior das minhas costas.

“Tão apertada,” ele sussurrou, e quando seus dedos puxaram novamente, eu o ouvi chupá-los antes de agarrar seu pênis novamente para se posicionar na minha entrada.

“Você é minha,” ele rosnou, e nem um segundo depois, ele empurrou dentro de mim em um movimento rápido.

Uma dor curta e aguda rasgou através de mim, antes de aliviar rapidamente enquanto ele movia seus quadris para trás e depois empurrar para dentro de mim novamente.

“Pooorra!” Ele gemeu, seu eixo pulsando contra minhas paredes e me fazendo estremecer.

Ele começou a se mover mais rápido, sua pele batendo contra a minha enquanto eu o sentia mover a faca ao longo das minhas costas.

Não me deixava mais nervosa, visto que ele estava apenas arrastando ao longo da minha pele, com cuidado para não me cortar.

Conforme suas estocadas ficaram mais fortes, a ponta de sua faca parecia afiada ao longo da minha espinha, mas imaginei que era porque a pele era muito mais fina.

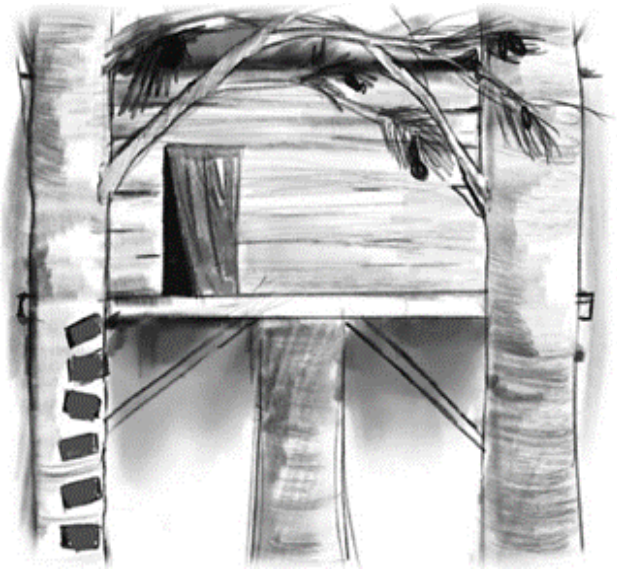
Mantive meus olhos fechados, segurando a corda que estava amarrada à cabeceira da cama para me segurar firme.

“Você é minha,” ele repetiu, sem conseguir parar de me dizer, mas adorei ouvir sua voz rouca e sem fôlego.

Ele era meu também, e eu tinha certeza de que isso não era um sonho.

Isso era real, e eu nunca havia sentido nada remotamente tão bonito quanto isso.

"Putinha suja."



CHAPTER 25
VESPYR

Sempre que a lâmina descia pela minha coluna, choques agudos de dor percorriam meu corpo, mas pela pressão entorpecida que ele estava causando ao me foder com sua dureza, não percebi o que realmente estava acontecendo nas minhas costas.

Não me importava, desde que ele não parasse.

Seus gemidos ficaram mais altos, mas ele tentou mantê-los baixos para que não acordássemos os outros, e meus gemidos já haviam diminuído, estando fraca demais para até mesmo fazer barulho.

“Vou meter nessa boceta apertada e marcar você. Ninguém mais vai foder você além de mim, Ves.”

Eu não queria mais ninguém de qualquer maneira.

Fennec era isso para mim.

“Por favor,” supliquei, minha voz rachando e meus olhos muito pesados para abrir.

Por melhor que ele me fizesse sentir, não achei que pudesse gozar uma segunda vez, mas o polegar dele dentro da minha bunda enviou faíscas por todo o meu corpo.

Seu pau latejou novamente, e com apenas mais alguns empurrões, ele parou de se mexer e disparou sua carga bem fundo dentro de mim.

Senti seu esperma me encher e se misturar com meu sangue, e quando ele começou a se mover novamente, meu corpo relaxou.

“Foda-me. Fique assim, doce menina,” ele me disse, e uma vez que puxou seu pau para fora da minha boceta, ele riu baixinho. “Tão linda. Seu sangue se misturou com meu esperma. Nós somos um, Vespyr. Tão fodidamente bonita,” ele sussurrou, então eu o senti se mover e se inclinar sobre mim.

Segundos depois, senti sua língua lamber da parte inferior da minha espinha até o topo, fazendo minha pele queimar levemente.

O que ele fez comigo com aquela faca?

Minha respiração relaxou, e quando sua boca estava de volta a minha boceta, minhas costas arquearam novamente.

Ele estava lambendo entre minhas dobras para provar o que ele havia criado com meu sangue e seu esperma.

“Quero provar também,” eu disse a ele, lambendo meus lábios na expectativa de provar o que ele estava saboreando.

“Putinha suja,” eu o ouvi murmurar, e depois de mais uma lambida na minha fenda, ele me fez virar de costas para inclinar-se sobre mim.

Ele havia guardado a faca, mas eu tinha certeza de que ele havia deixado algumas marcas agora que minhas costas estavam pressionadas contra a cama.

Sua boca estava suja, meu sangue escuro mais claro do que o normal graças ao seu esperma.

“Você está começando a gostar de tudo isso, hein? Eu sabia que você seria perfeita para todas as minhas fantasias distorcidas.”

Ele se inclinou, me beijando apaixonadamente para que eu sentisse o gosto da mistura de nossos fluidos que colidiam um com o outro.

A princípio não tinha um sabor bom, mas me fiz gostar, sabendo que esta não seria a última vez que o provaríamos.

Sentime bem com o que fizemos, e Fennec também estava feliz.

Não há razão para estragarmos nada.

Sua língua dançou com a minha e sua mão esquerda se moveu novamente para baixo, esfregando gentilmente meu clitóris.

“Nós temos que nos limpar,” ele murmurou no beijo antes de quebrá-lo.

Balancei a cabeça, concordando com ele quando nossos olhos se encontraram.

Ele roçou a ponta de seu nariz contra o meu em um gesto de apreciação e adoração, e depois de um beijinho rápido em meus lábios, levantou da cama para me desamarrar.

“Você me cortou,” eu disse, a sensação de queimação crescendo agora que ele não estava mais me tocando.

Ele não respondeu.

Em vez disso, colocou a corda, a fita adesiva usada e a faca de volta na minha mesa e entrou no meu banheiro.

“Venha tomar banho comigo, Vespyr,” ele chamou, e depois de admirar seu traseiro por um momento, levantei da cama e o segui até o banheiro para ficar ao lado dele na frente do espelho.

Eu me virei, querendo ver como estavam minhas costas.

“Oh, meu Deus,” engasguei quando vi os pequenos cortes ao longo da minha espinha. “Fennec,” sussurrei, olhando para ele pelo espelho.

“Não doeu, não é?” Ele perguntou, dando um passo na minha frente agora e virando minha cabeça para olhar para ele.

“Não mas—”

“Foi bom então.”

Meus olhos permaneceram nos dele o tempo todo e eu lentamente balancei a cabeça, percebendo o que ele estava tentando dizer.

“Sim, foi incrível,” sussurrei, sorrindo para ele e colocando minhas mãos em seu peito nu.

Fennec sempre teve um corpo musculoso graças a todo o trabalho que fazia na floresta, mas seus ombros estavam ainda mais largos agora, e os músculos de seu estômago estavam mais tonificados.

“Bom.” Ele se inclinou e me beijou, suas mãos segurando minha bunda antes de movê-las ao longo da minha espinha.

Queimou, mas me fez aprofundar o beijo e me pressionar contra ele com meus braços em volta de seu pescoço.

Esse era um lado diferente dele, do qual eu gostava um pouco mais do que seu lado sombrio, mas ele ser todo doce e gentil não era algo que eu tivesse recebido dele nas últimas semanas.

Não queria que esse momento acabasse.

Empurrei minhas mãos em seu cabelo e enrolei meus dedos em torno de seus cachos, puxando suavemente enquanto ele movia sua mão de volta para minha bunda.

Ele massageou com as duas mãos, me fazendo suspirar no beijo e arquei minhas costas novamente.

Ele inclinou sua cabeça mais para a esquerda, empurrando sua língua para dentro de minha boca e aprofundando o beijo para me mostrar o quanto ele poderia ser amoroso.

Mesmo que eu não precisasse de sua proteção nessa casa, eu adorava como ele me fazia sentir segura, não importava onde estivéssemos.

Aqui, na casa da árvore, ou na selva.

Onde quer que ele estivesse, eu era feliz.

A língua de Fennec deixou minha boca e ele me beijou lentamente com apenas seus lábios tocando os meus, me dando pequenos selinhos e inclinando sua cabeça para a direita.

Ele definitivamente sabia como beijar, e por ser tão insanamente gentil, ele tinha a capacidade de me fazer me apaixonar ainda mais por ele.

Quando ele quebrou o beijo, eu mantive meus olhos fechados por um momento e lambi meus lábios antes de pressioná-los bem juntos para saborear o gosto que ele deixou.

“Deixe-me limpá-la,” ele sussurrou, colocando um beijo na minha testa e depois agarrando minha mão para me puxar para o chuveiro.

“Você não está se arrependendo disso,” ele disse, e eu rapidamente balancei minha cabeça.

“Nem um pouquinho.”

“Ótimo. Nem eu.”

Mas eu já sabia disso.

Não havia muito que Fennec se arrependesse.

Na verdade, eu achava que ele nunca se arrependeu de nada do que já havia feito antes.



Acordei cedo na manhã seguinte, minhas costas ainda doendo sempre que me movia, mas com os braços de Fennec firmemente ao meu redor, a dor logo desapareceu.

Virei para encará-lo, com nossas pernas emaranhadas e nossos corpos pressionados um contra o outro.

O sol ainda não estava alto e não havia ruídos vindos do quarto de Mama ou da cozinha.

Olhei o rosto de Fennec de perto e observei sua beleza.

Seus lábios ainda estavam um pouco inchados de todos os beijos da noite anterior, mas não havia mais sangue manchando sua pele.

Ele tinha deixado marcas em mim.

Não apenas mentalmente, mas fisicamente também.

Mas isso não me incomodou, sabendo que ele fez tudo porque me amava.

Levantei minha mão e coloquei em sua bochecha, tocando-a suavemente e escovando meu polegar ao longo de sua pele quente.

Minha intenção não era acordá-lo, mas seus olhos se abriram lentamente quando ele percebeu que eu o tocava, e quando seus olhos encontraram os meus, os cantos de sua boca se curvaram.

“Você já está acordada,” ele apontou.

“É cedo,” eu disse a ele, sugerindo que seria melhor para ele sair do meu quarto antes que os outros percebessem que ele dormiu aqui.

Não que isso importasse, visto que compartilhamos uma cama na casa da árvore de qualquer maneira.

Mas isso era diferente.

Aqui cada um tinha seu quarto e não havia razão para dormirmos no meu juntos.

“Você está me expulsando?” Ele murmurou, sua voz falhando e grossa com o sono.

“Sim.”

Ele riu, colocando a mão na parte de trás da minha cabeça e me puxando para um beijar.

“Mais um minuto,” ele murmurou, e eu relaxei no beijo, deixando que assumisse o controle.

Ele estava cansado, e isso transparecia na maneira como me beijava sem muita energia.

Ainda assim, foi um beijo doce.

Sorri contra seus lábios e quando me inclinei para trás, ele abriu os olhos novamente. “Ainda se sente bem com o que fizemos ontem à noite?” Ele perguntou, e eu rapidamente balancei a cabeça.

“Nunca me senti melhor, Fen. Foi fantástico.”

Ele sorriu para mim e me puxou para um último beijo. “Eu te amo, Vespyr. Não importa quantas coisas fodidas eu te faça passar.”

Não considerei as palavras depois do *eu te amo*, já que não senti como se as coisas que ele fez ontem à noite fossem fodidas.

Eram coisas que ele desejava fazer e suas intenções não eram de me machucar.

“Eu também te amo, Fennec.”

Ficamos deitados assim por mais um tempo, depois ele saiu da cama e pegou as três coisas que havia trazido ontem à noite da minha mesa.

“Durma mais algumas horas. E, Ves?”

“Sim?”

“Acho que seria melhor se você pegasse uma pílula do dia seguinte. Na farmácia.”

“Oh... está bem, sim. É uma boa idéia,” respondi, me esbofeteando mentalmente por não ter sequer pensado em proteção ontem à noite.

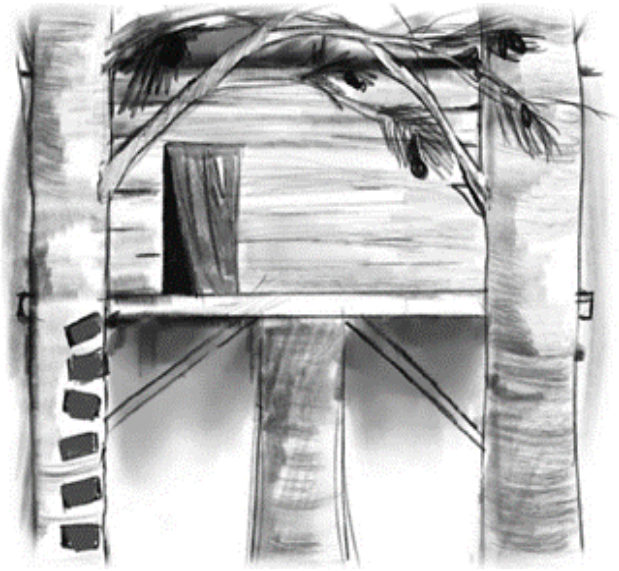
“Não se preocupe. Muitas garotas tomam uma. Tire o dinheiro da carteira da Mama,” sugeriu ele.

Assisti com a cabeça e o vi sair do meu quarto.

Não há motivo para ficar envergonhada, certo?

Melhor agir do que esperar não estar grávida.

“Me mostre o quanto você sente muito.”



CHAPTER 26
VESPYR

Acontece que ficar na fila da farmácia era mais irritante do que qualquer coisa que eu já havia feito na vida.

As pessoas na fila me olharam de maneira estranha quando pedi a pílula do dia seguinte, e quando me disseram para ir sentar no canto da loja para esperar até que fosse a minha vez, continuaram a olhar fixamente.

Por sorte, eu não conhecia ninguém lá, até que uma garota saiu dos fundos da loja com outro funcionário da farmácia.

“Merda, Vespyr?” Nia perguntou ao me notar.

“Oi,” cumprimentei, sem vontade de falar com ela.

“Pensei que você tivesse se mudado. Fennec também está aqui?”

“Sim, porque?”

“Já faz um tempo desde que eu o vi. O que você está fazendo aqui?”

Provavelmente o mesmo que ela estava.

“Próximo,” disse uma mulher, olhando para mim por trás do balcão.

Nia imediatamente percebeu o que eu estava fazendo, então ela riu e cobriu a boca com a mão.

“De jeito nenhum! Quem diabos foi corajoso o suficiente para dormir com você?”

Revirei os olhos para ela e levantei da cadeira para ir até a senhora, ignorando Nia.

“Tenho que contar às minhas meninas. Oh, cara! Você precisar da pílula do dia seguinte é simplesmente engraçado. Você tem certeza de que fez sexo?”

Franzindo a testa, continuei a andar, e uma vez que segui a senhora para uma sala separada, soltei um suspiro pesado.

“Aquela garota parece uma vadia,” ela disse.

A senhora tinha mais ou menos a idade da Mama, e tentei esquecer das palavras de Nia enquanto sorria para ela.

“Você é filha de Judd, certo? O cara que mora na floresta?”

Concordei.

“Fui para a escola com ele até me mudar, mas voltei para Fairbanks depois de terminar a faculdade. Ele já tinha ido embora naquela época. Como está sua mãe?”

“Ela está bem,” respondi, sem saber por que ela estava interessada em falar sobre minha família.

Ela acenou, finalmente percebendo que eu não estava aqui para bater papo com ela.

“Já tomou a pílula do dia seguinte antes?” Ela perguntou, e neguei com a cabeça.

Ela continuou a me fazer perguntas específicas e a me contar sobre os efeitos colaterais que a ingestão dessa pílula poderia ter em mim e, depois que assinei um pedaço de papel, engolia e já estava livre para sair.

“Não foi tão ruim, hein?”

“Não, acho que não,” respondi com um pequeno sorriso.

“Recebemos até vinte meninas por dia que vêm tomar a pílula do dia seguinte. Não há razão para ter vergonha.”

Eu sabia disso, mas Nia me fez sentir vergonha depois de rir quando me viu aqui.

“Tudo bem,” eu disse. “Obrigada pelo aviso.”

“Claro. Diga a seus pais que eu mandei um *oi*. ”

Eu não tinha ideia de qual era o nome dela e não me incomodei em olhar seu crachá antes de sair da farmácia para voltar para casa e tomar café da manhã com minha família.

Para minha sorte, Nia não estava lá fora, então voltei para casa e afastei o pensamento dela tirando sarro de mim.

Quando entrei em casa, o Papa estava sentado no sofá com um jornal no colo e uma xícara de café na mão.

“Hey querida. Onde você foi tão cedo?”

“Fui dar um passeio. Acordei cedo e não conseguia voltar a dormir,” menti.

“Você está se sentindo bem?”

“Sim, estou bem. Acho que dormi bem e não precisei de mais horas,” disse a ele, sentando ao seu lado.

“Onde estão Mama e Fennec?”

“Lá fora, conversando com os vizinhos.”

Eu me inclinei contra ele, deixando escapar mais um suspiro, que foi quase meu décimo desde que voltei da farmácia.

“Como você está? Sente falta do acampamento?”

“É claro que sinto falta do acampamento. Mal posso esperar para voltar, mas a Mama está feliz e não quero arruinar o Natal para ela. Ela também está muito animada em tê-la de volta para o seu décimo nono aniversário. É sempre estranho que você e Fen tenham a mesma idade,” ele disse.

Sorri para ele e balancei a cabeça. “É estranho para mim também. Mas também é divertido.”

Envolvi meus braços em sua cintura e olhei de volta para o jornal em seu colo, mas não tive vontade de ler a reportagem.

“Papa?”

“Sim, Vespyr?”

“Era verdade o que Fennec me contou sobre a raposa que ele trouxe para o acampamento? Que estava ferida?”

Ele não respondeu de imediato e, quando deu de ombros, ergui os olhos para ver seu rosto.

“Não sei. Ele voltou com ela já morta.”

Eu o observei por um momento e quando ele percebeu que não era uma resposta boa o suficiente para mim, ele suspirou profundamente.

“Ouvi um tiro minutos antes dele voltar, não foi longe, e os caçadores nunca chegaram tão perto do acampamento.”

Um nó se apertou em minha garganta e tentei pensar em outra coisa senão Fennec matando a raposa sem que ela já estivesse ferida.

“Você acha que ele pode tê-la matado?” Perguntei.

“Não sei, Vespyr. Prometemos a você nunca atirar em uma e, até agora, tenho cumprido minha promessa.”

“Eu sei que você tem.”

Quando a porta dos fundos se abriu e Fennec entrou com Mama, me sentei e olhei para ele com uma carranca profunda.

Seus olhos encontraram os meus, e quando ele lançou um olhar questionador em minha direção, balancei a cabeça para responder a sua

pergunta silenciosa se eu tinha tomado a pílula.

Ele não teria que se preocupar com isso, mas a coisa sobre a raposa estava me incomodando.

“Bom dia, querida. Onde você esteve esta manhã?” Mama perguntou quando me levantei do sofá.

“Em uma caminhada,” respondi antes de mover meu olhar para Fennec.

Nenhum de nós disse outra palavra, e quando Mama foi abrir a geladeira, voltei para o meu quarto e fechei a porta atrás de mim.

Fennec não demorou muito para me seguir, e quando ele entrou no meu quarto fechando a porta atrás dele, cruzei os braços e me virei para encará-lo.

“Você matou aquela raposa?”

Ele enfiou as mãos nos bolsos e inclinou a cabeça para o lado. “Que raposa?”

“Você sabe qual, Fennec. A que estava ferida. Estava realmente ferida?”

Ele levantou uma sobrancelha, mas logo depois, ele abaixou a cabeça.

“Posso ter disparado acidentalmente quando estava tentando atirar em um coelho. Foi um acidente, mas eu não poderia deixar isso de lado.”

“Como você acidentalmente atira em uma raposa em vez de em um coelho?” Perguntei.

“Jesus, Ves. Ficou no meu caminho, certo? Foi um acidente estúpido e infeliz. Você realmente acha que eu teria atirado se soubesse que estava lá? Essas criaturas são furtivas.”

Cruzei meus braços sobre meu peito e deixei suas palavras afundarem.

Ele havia quebrado sua promessa, mas obviamente não de propósito.

“Sinto muito, doce menina. Acredite em mim. Eu nunca teria feito isso de propósito,” ele prometeu, dando um passo mais perto de mim.

“Eu sei,” sussurrei, baixando meu olhar para o chão, mas olhando para trás quando ele entrou na minha frente.

“Ei, olhe para mim.” Suas mãos seguraram meu rosto e, quando meus olhos encontraram os dele, ele sorriu. “Não vai acontecer de novo. Não fui cuidadoso nem focado, mas foi a primeira e a última vez que isso aconteceu.”

Como eu poderia ficar com raiva dele?

Mordi meu lábio inferior e assenti, mas queria que ele se desculpasse de forma diferente.

“Mostre-me o quanto você sente muito,” desafiei.

Ele riu, mas sem hesitar, se inclinou e me beijou gentilmente.

Soltei meus braços sobre meu peito e os envolvi ao redor de sua cintura, depois sua língua encostou em meu lábio inferior e lhe concedi a entrada para que nossas línguas pudessem dançar juntas.

Já estava com saudades dele, por mais próximo que ele estivesse.

Mas saber que teríamos que esperar para passar um tempo sozinho até hoje à noite era frustrante.

Suas mãos entraram no meu cabelo ao lado da minha cabeça, e ele o agarrou com força enquanto aprofundava o beijo.

Não durou muito, e ele se inclinou para trás novamente ao ouvir Papa caminhar em direção à porta do meu quarto.

Ele bateu, e eu pulei pra trás com o intuito de ficar o mais distante possível dele.

Quando a porta abriu, Fennec e eu olhamos para o Papa, aguardando que ele falasse. “Quem quer ovos?”

“Eu,” eu disse, seguido pelo “eu também” de Fennec.

“Está tudo bem? Isto é sobre a raposa? Você disse a ela?” Ele perguntou, e eu levantei uma sobrancelha para ele.

“Você sabia?”

Papa olhou para mim e soltou um suspiro. “Sinto muito. Eu não queria perturbá-la. Mas foi um acidente, certo?” Papa perguntou a Fen, e ele concordou.

“Eu lhe disse isso.”

Ótimo.

Então ele tinha mentido para mim também, há pouco?

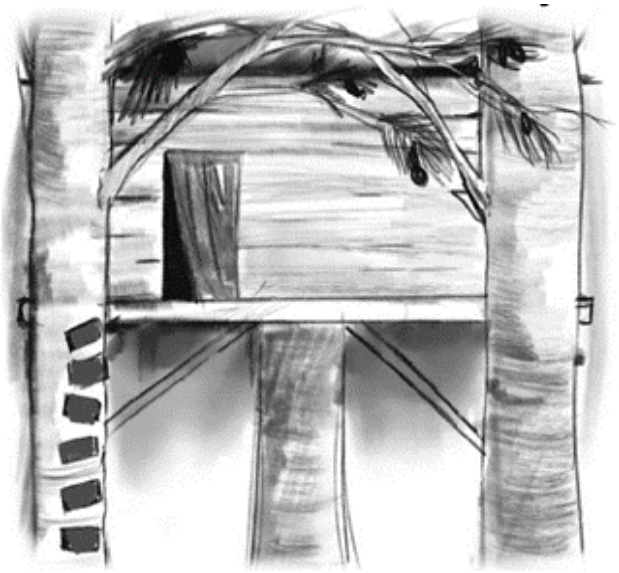
“A primeira e última,” acrescentou Papa, e quando ele fechou a porta, eu me sentei na cama com os braços cruzados novamente.

“Vê por que não estou me dando bem com ele? Ele não é tão confiável como parece ser, Ves.”

“Foi apenas uma mentira,” eu lhe disse, defendendo o Papa.

Fennec soltou uma risada dura. “Foi apenas uma mentira que ele lhe contou. Milhões que ele me contou.”

"Há algo muito pior que eu poderia fazer com você."



CHAPTER 27
VESPYR

O Natal tinha acabado num piscar de olhos, mas tão depressa como chegou e se foi, Fennec fez o tempo parar sempre que passava a noite com ele.

Ele me mostrou o quanto me adorava e amava, e embora não houvesse muita conversa quando estávamos sozinhos, não eram necessárias palavras quando éramos só ele e eu.

Era meu décimo nono aniversário, e depois de um dia divertido de mais jogos de tabuleiro e assistindo a filmes com minha família, estava cansada e pronta para ir para a cama.

Os feriados sempre nos cansavam quando éramos pequenos, e eu me perguntava como seria passar o Natal e o Ano Novo na floresta.

Embora ainda fosse dia trinta de dezembro, já havia pessoas queimando fogos de artifício.

“Impacientes,” Papa murmurou enquanto entrava na sala apenas com sua cueca boxer.

“Vai dormir logo também?” Ele perguntou, abaixando para beijar o topo da minha cabeça.

Eu ainda estava sentada no sofá com minhas pernas embaixo de mim e um travesseiro no meu colo.

“Sim, acho que sim,” respondi, sorrindo para ele.

“Você pelo menos teve um aniversário divertido? Comeu bastante bolo que a Mama fez?”

“Foi ótimo, Papa. Obrigada por passar aqui comigo. Eu teria sentido sua falta hoje,” sussurrei, estendendo a mão para agarrar a sua e apertar suavemente.

“Estou feliz por estar aqui também. Descanse um pouco. Acordaremos tarde amanhã.”

Balancei a cabeça e inclinei-me para abraçar sua cintura com minha cabeça contra sua barriga. “Boa noite, Papa.”

Ele escovou ao longo do meu cabelo, em seguida, deu mais um beijo na minha cabeça antes que eu o soltasse.

“Boa noite querida. Vejo você amanhã.”

Eu o observei entrar no quarto da Mama, onde ela estava parada na porta e me dando um aceno rápido. “Durma bem, Ves. Feliz aniversário,” ela disse, me fazendo sorrir.

“Boa noite.”

Quando a porta deles estava fechada, soltei um suspiro pesado e olhei para a porta do meu quarto antes de olhar para a do Fennec.

Ele já estava lá dentro há quase trinta minutos, mas eu esperava que ele voltasse.

Afastando a almofada, levantei e caminhei até seu quarto e bati antes de abrir a porta.

“Fen?”

“Estou aqui.”

Fechei a porta atrás de mim e me virei para o banheiro, então caminhei em direção a ele para encontrá-lo parado perto da pia com nada além de uma toalha enrolada em seus quadris.

“O que você está fazendo?” Perguntei, observando seu corpo antes de perceber que ele estava segurando uma tesoura nas mãos.

“Venha ficar perto de mim.”

Confusa, olhei para ele pelo espelho antes de me aproximar e ficar ao lado dele na frente da pia com um olhar questionador em meu rosto.

“Agora que temos a mesma idade, eu queria saber o quanto seríamos parecidos se tivéssemos o mesmo corte de cabelo.”

Seus olhos encontraram os meus, mas abaixei meu olhar para a tesoura e rapidamente balancei minha cabeça.

“Não quero cortar meu cabelo.”

O seu era bastante comprido, quase até os ombros. E aposto que se ele alisasse suas mechas, definitivamente alcançaria.

“Foi só uma ideia, Vespyr. Gosto do seu cabelo comprido,” ele disse, virando para me encarar.

Fiz o mesmo, ainda observando a tesoura. “Você tomou banho?” Perguntei, embora seu cabelo não estivesse molhado e não houvesse vapor de água quente no ar.

“Não. Estava esperando por você. Tire o suéter e dê meia-volta,” ele exigiu.

Nunca hesitava quando ele me pedia para fazer algo e, embora ainda não tivesse certeza sobre a tesoura, tirei meu suéter e o coloquei ao lado da pia.

Estava prestes a tirar meu sutiã esportivo, mas Fennec foi mais rápido.

Em um movimento rápido, ele cortou o tecido entre meus seios.

Meu queixo caiu e meus olhos estavam de volta nos dele enquanto ele apenas ficou lá com um sorriso maroto no rosto.

“Não tenho muitos desses, Fen!” Chorei, puxando as alças para tirá-las e olhar para ele.

“Eu não posso mais usar isso,” suspirei, segurando-o para ele ver.

“Não gosto dessas coisas cobrindo você, Vespyr. Você não precisa deles de qualquer maneira. Seus seios são ótimos.”

Ele agarrou meu sutiã agora inutilizável e o colocou de lado, então ele se inclinou e puxou um mamilo em sua boca antes de segurar o outro com a mão esquerda.

“Eu poderia facilmente ter tirado sem você cortá-lo.”

“Não me importo, porra,” ele rosnou, e quando sua língua bateu contra o meu mamilo, minha raiva já tinha ido embora.

Senti a tesoura arrastar ao longo do meu estômago, então ele a moveu para o meu outro peito para circular a ponta em torno dele.

Ele não me machucaria, mas fiquei tensa quando as duas lâminas se abriram e beliscaram levemente meu mamilo.

“Fennec,” avisei, olhando para baixo para ver o que exatamente ele estava fazendo.

“Relaxe.”

Ele fechou um pouco mais as lâminas, e eu saltei com a afiação apertando uma das minhas partes mais sensíveis do corpo.

Ele não tinha me cortado, mas foi por pouco.

Fennec sorriu quando viu minha expressão de choque, e depois deixar meu outro mamilo sair de sua boca, dei um passo atrás.

“Não faça isso de novo.”

“Não seja tão maricas, Vespyr. Há coisas piores que eu poderia fazer com você.”

Ele largou a tesoura, então segurou meu rosto e me puxou para ele com seu corpo pressionado contra o meu.

Seus lábios estavam perto dos meus, e depois de olhar nos meus olhos por um segundo, sua língua saiu e lambeu meus lábios antes de me beijar apaixonadamente.

Concedi a ele acesso à minha boca abrindo mais, visto que ele gostava de mergulhar sua língua profundamente.

Ele roçou minha língua, girando em torno dela e acumulando o máximo de cuspe possível.

Suas mãos deixaram minhas bochechas e vagaram até minha bunda, agarrando-a com força e depois massageando-a.

Senti seu pau pressionado contra meu estômago e movi meus quadris para sentir mais dele.

A toalha estava me incomodando, então fiz um trabalho rápido e a deixei cair em seus pés.

Alcançando entre nós, envolvi minha mão em torno de seu eixo e esfreguei enquanto ele continuava a mover suas mãos sobre a minha bunda, me fazendo gemer.

Eu precisava me livrar das calças, mas Fennec tinha outros planos.

Ele quebrou o beijo e me fez tirar a mão de seu pau, então ele me virou para que eu ficasse de costas para ele.

Ele alcançou ao redor de mim com uma mão, segurando meu seio e provocando meu mamilo enquanto corria seus outros dedos pela minha espinha, onde todos os pequenos cortes que ele havia deixado para trás alguns dias atrás se transformaram em crostas.

Ele começou a importuná-los, me fazendo sentir pequenas faíscas contra minha pele sempre que ele rasgava uma.

“Fen,” sussurrei, sem saber se o que ele estava fazendo era normal, mas logo depois tive que rir de mim mesma por ter feito essa pergunta.

O que diabos era normal quando se tratava de Fennec?

Ele gostava de sangue, isso estava claro.

Mas mexer nas feridas de outra pessoa era novo para mim.

“Se você mexer com elas, vai deixar cicatrizes. E eu quero que você fique com uma cicatriz por minha causa,” ele murmurou.

O que ele quisesse, eu deixaria que ele tivesse.

Não havia nada mais que eu desejasse mais do que fazê-lo feliz, e se isso significasse sofrer ou deixá-lo fazer coisas assim, eu o deixaria.

“É isso,” ele disse com orgulho, segurando meus ombros e virando minhas costas para o espelho, me fazendo olhar para mim mesma.

“Linda... esse sangue é todo meu,” ele rosnou, observando as gotas de sangue na maioria dos cortes.

Não parecia tão ruim e, além dele, ninguém jamais conseguiria ver o que agora estava decorando minha espinha.

Era obra dele, e eu estava bem com isso.

Eu o observei se inclinar e beijar meu ombro antes de seguir beijos na minha nuca e depois na minha espinha para provar o que ele havia criado.

Com meus olhos fechados, virei minha cabeça novamente e fechei meus olhos enquanto sua língua lambia cada centímetro até que ele estava de volta ao meu pescoço.

Alcancei seu pau novamente para dar-lhe o prazer que ele precisava, e quando seus lábios pressionaram contra minha bochecha, virei minha cabeça novamente para encará-lo.

“Eu quero mais,” ele sussurrou, segurando meu queixo e colocando seus lábios nos meus novamente.

Eu não estava mais menstruada, o que pela primeira vez desejei ainda estar.

“Tire isso,” ele murmurou enquanto puxava minha calça, então eu rapidamente tirei enquanto ele me soltava para ir para o chuveiro.

Não importava o que ele estivesse tramando, eu estava aqui para isso.

“Entre,” ele exigiu.

Entrei no chuveiro e o observei parado ali com a mão em volta do seu pau e esfregando-o enquanto olhava meu corpo.

“Não posso provar mais do seu sangue agora, mas há outra coisa que eu gostaria de provar,” ele disse, com os olhos na minha boceta.

Havia duas coisas que ele podia provar vindas de lá, mas eu não era capaz de adivinhar qual delas era algo perturbador.

“Coloque um pé contra o vidro,” ele ordenou.

Ele deu um passo na minha frente e fechou a porta do chuveiro atrás dele, e quando levantei meu pé, ele se ajoelhou na minha frente.

“Não me olhe assim, Ves. As pessoas fazem isso na natureza quando se perdem e precisam se manter hidratadas. É normal,” ele disse enquanto um peso era retirado dos meus ombros.

“Você quer…”

“Sim, Vespyr. Quero beber seu mijo.”

Meu batimento cardíaco acelerou por algum motivo estranho, e assim como eu pensei que não gostaria de pensar nisso, minha mente me surpreendeu mais uma vez.

“Ok. Agora mesmo?” Perguntei.

“Sempre que você sentir vontade. Não me diga quando. Apenas faça isso enquanto eu lambo sua boceta.”

Balancei a cabeça, colocando uma mão contra a parede e a outra em sua cabeça para me equilibrar.

Ele ainda estava acariciando seu pau com uma mão enquanto segurava minha bunda com a outra, então ele se inclinou e lambeu minhas dobras.

A tensão na minha barriga já estava crescendo, mas eu queria fazê-lo esperar antes que pudesse sentir o gosto da minha urina.

Sua língua sacudiu contra meu clitóris e seus dedos se moveram para o meu traseiro, esfregando suavemente contra ele antes de empurrar um dedo para dentro.

Eu gemi baixinho e coloquei minha cabeça contra a parede para tentar relaxar, mas com todas aquelas sensações que estava sentindo ao mesmo tempo, era difícil.

Ele começou a me dedilhar, empurrando mais dois dedos em minha boceta enquanto sua língua continuava brincando com meu clitóris.

Por melhor que fosse, percebi que não havia como gozar antes de esvaziar minha bexiga, mas antes de deixá-lo ter o que ele queria, fiquei tensa e fiz nós dois sofrermos com minhas provocações.

“Oh, Deus...” chorei, puxando seu cabelo enquanto meu corpo lentamente enfraquecia.

Eu tive que deixar ir, e quando fiz, sua boca estava lá para encher.

O líquido quente queimou contra minhas dobras, e eu podia ouvir a maior parte dele caindo no chão do chuveiro.

O orgasmo teria que esperar, e quando Fennec se levantou para ficar na minha frente, ele me beijou com a boca ainda cheia do meu mijo.

Ele queria que eu provasse da mesma forma que provou seu próprio sêmen, e os dois sabores não estavam longe.

Ligeiramente salgado, e algo ao qual as pessoas poderiam definitivamente se acostumar, tal como o esperma.

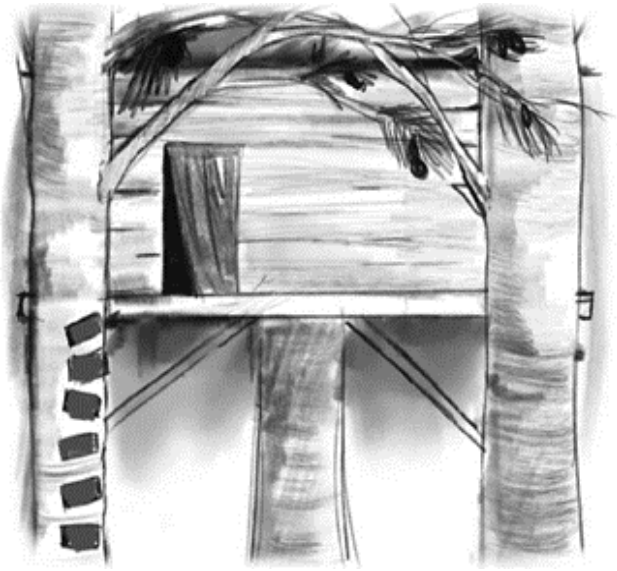
No entanto, eu tinha sentimentos mistos sobre isso, mas vendo o quanto Fennec gostava disso, eu não o julgaria.

Havia coisas piores que uma pessoa podia fazer.

Como roubar um banco ou assassinar alguém.

A menos que esteja infringindo a lei, que se danem as outras pessoas ou o que pensam sobre você.

"Profunda e loucamente apaixonado."



CHAPTER 28
VESPYR

Acordei cedo nos seus braços novamente, como todas as manhãs desde que voltámos a Fairbanks, mas esta manhã, não queria sair do seu quarto.

Depois do que tínhamos feito ontem à noite, tomámos um banho rápido antes de ele me levar para a cama e me foder para nos obrigar a gozar.

Estávamos exaustos depois de todas aquelas noites em que ficámos acordados um com o outro, mas em breve iríamos embora e voltaríamos a ter o nosso horário de sono sob controle assim que estivéssemos de volta à floresta.

Com a frequência com que fizemos sexo nos últimos dias, eu deveria ter ido à farmácia mais do que uma vez, mas nenhum de nós parecia mais se importar com isso.

Engravidar não era o meu plano, mas por alguma razão, nada dentro de mim estava me incitando a voltar à farmácia para tomar outra pílula do dia seguinte.

Fennec também não me obrigou, e eu nem sequer tinha a certeza de que poderia ter entrado tantas vezes para tomar a pílula.

Abri os olhos para olhar para Fennec ainda dormindo, mas quando coloquei a minha mão na sua bochecha, ele se mexeu e franziu o cenho.

“O que?” Ele gemeu.

Sorri para ele, gostando de como ele era doce, mas ao mesmo tempo mal-humorado, de manhã cedo. “Nada. Eu só estava pensando,” sussurrei, escovando meu polegar ao longo de sua bochecha e, em seguida, empurrando minha mão em seu cabelo.

“Sobre o que?”

“Eu engravidando.”

Sua carranca se aprofundou e sua mão se moveu do meu quadril para o meu estômago. “Está se sentindo doente?”

Sua voz estava baixa e rouca de sono, adorava ouvi-lo falar logo de manhã.

“Não. Estava pensando na possibilidade de isso acontecer. Nunca usamos proteção e não voltei para tomar a pílula do dia seguinte. Talvez eu devesse perguntar à Mama sobre como tomar anticoncepcional.”

“Não,” ele disse, sua voz rouca.

“Mas devemos usar algum tipo de proteção. Você tem preservativos?”

“Merda, Vespyr. É realmente sobre isso que você quer falar tão cedo?”

Ele virou de costas e colocou um braço sobre os olhos.

“Devíamos conversar sobre isso. A menos que você queira explicar para Mama e Papa como eu engravidei quando você era o único cara com quem já fiz sexo. Não tenho certeza do que eles achariam pior.”

Ele suspirou. “Você não pode engravidar,” ele sussurrou, empurrando as cobertas e sentando, em seguida, encostou-se na cabeceira da cama.

“Claro que posso engravidar, Fennec.”

“Não, você não pode. Não, a menos que seja outra pessoa gozando dentro de você.”

“Só porque somos irmã—”

“Não é isso, Ves. Eu sou infértil. Não posso engravidar você.”

Olhei para ele por um momento enquanto suas palavras finalmente afundavam. “Como você sabe?”

“Eu fui testado. Não é como se eu estivesse dizendo isso apenas para fazer você se sentir melhor. Mama me levou ao médico há dois anos, quando eu estava tendo dores ao fazer xixi e meus testículos estavam inchados.”

Eu não lembrava dele ter ido ao médico por causa dessas coisas, mas então, eu provavelmente estava muito ocupada certificando-me de que iria passar mais um ano do ensino médio.

Esses tempos foram difíceis.

“Tive uma infecção, então o médico testou minha urina e sêmen. Eu não posso conceber, então você vai ficar bem.”

“Então... por que você me fez tomar a pílula do dia seguinte?” Perguntei.

“Porque pensei que você preferia prevenir do que remediar. Mas você obviamente não se importou com isso nas outras vezes que transamos,

então eu não fiz mais você ir.”

Eu o observei de perto e tentei descobrir se eu tinha o direito de ficar com raiva dele por isso ou não.

“Você deveria ter me contado. Por que você não fez isso?”

Ele encolheu os ombros. “Não é algo de que me orgulho. Por que diabos eu falaria sobre isso?”

“Não é nada de que você tenha que se envergonhar, Fen. Eu só queria que você tivesse me contado.”

Eu me empurrei para cima e montei em seu colo com minhas mãos em seu rosto suavemente. “Você deveria ter me contado,” repeti, fazendo-o olhar para mim inclinando a cabeça para trás.

“Eu sei. Lamento não ter feito isso. Entendo se você estiver com raiva de mim, Ves. Não fui honesto com você.”

“Não estou com raiva. Só queria não ter que ir àquela farmácia idiota e ver Nia. Foi uma manhã estranha.”

“Você viu Nia?”

Não era sobre quem eu queria falar neste momento, então me inclinei para beijá-lo e, com sorte, transformar essa conversa em algo mais agradável.

“Eu te amo,” murmurei antes de interromper o beijo e olhar em seus olhos novamente. “Mas preciso que você seja honesto comigo de agora em diante.”

Ele me estudou antes de assentir e, quando me puxou novamente, sorri para o beijo.

“Também te amo,” ele sussurrou, movendo as mãos para meus quadris e me pressionando contra sua virilha.

Não nos incomodamos em colocar as roupas na noite passada, e com minha boceta exposta e pressionada contra seu pau, comecei a balançar para frente e para trás para fazê-lo sentir minha umidade.

Não teríamos que nos preocupar com uma gravidez.

Ter um bebê só iria provocar discussões e provavelmente deixaria Mama e Papa furiosos.

“Eu quero você dentro de mim,” implorei.

Ele alcançou entre nós e agarrou seu pau para se posicionar na minha entrada e, em seguida, lentamente me deixando deslizar para baixo

enquanto ele me esticava.

Mordi meu lábio inferior para me impedir de gemer e, uma vez que ele estava totalmente dentro de mim, comecei a me mover novamente com a ajuda dele.

“Minha boceta apertada. Porra. Monte-me como uma boa menina.”

Joguei minha cabeça para trás quando ele se inclinou para puxar um mamilo em sua boca, e com ambas as mãos, ele apertou e provocou meus seios.

O sol estava nascendo lentamente, mas ainda era muito cedo para os outros acordarem.

Era véspera de ano novo e partiríamos em dois dias.

Agarrei o cabelo de Fennec com força enquanto ele me segurava no lugar e começava a empurrar dentro de mim movendo seus quadris, fazendo um orgasmo crescer profundamente.

Ele sabia exatamente o que fazer para me fazer gozar, mesmo que não fosse muito.

“Oh Deus!” Chorei, tentando manter minha voz baixa.

Eu o beijei novamente para abafar ambos os nossos sons enquanto suas estocadas ficavam mais rápidas e profundas e quando seu pau começou a latejar dentro de mim, eu sabia que ele estava perto também.

Mais algumas estocadas, e com seus dedos esfregando meu clitóris, nós dois gozamos ao mesmo tempo.

Encostei minha testa em seu ombro e tentei recuperar o fôlego enquanto ele acariciava minhas costas, onde novas crostas se formaram durante a noite.

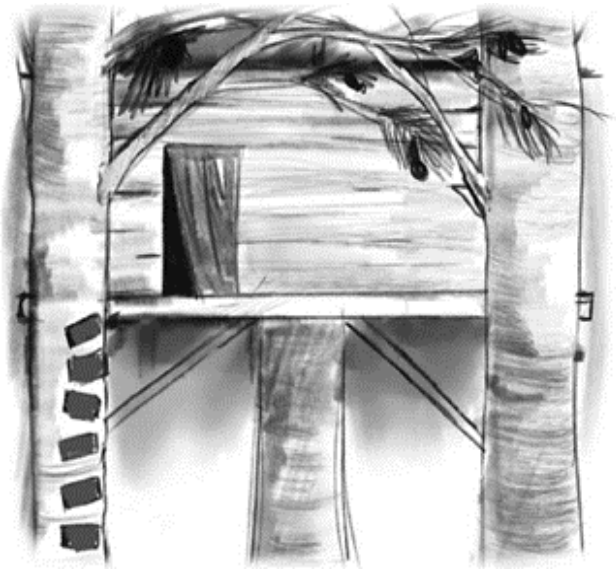
Ele não as importunou desta vez.

“Doce menina,” ele sussurrou em meu ouvido antes de beijar o ponto macio logo abaixo.

Eu estava esperando que ele dissesse mais alguma coisa, mas como ele não disse depois de um tempo, virei minha cabeça para beijá-lo.

No final das contas, não foram necessárias palavras para eu saber que ele estava profunda e loucamente apaixonado por mim.

"Esse é o nosso lugar feliz."



CHAPTER 29
VESPYR

“Não precisamos de todas essas coisas,” Papa murmurou enquanto voltávamos para o acampamento.

Tínhamos nos despedido da Mama esta manhã e depois Jason veio nos pegar para voltar de carro para Wiseman.

Tinha caído mais neve nas montanhas, e estávamos lentamente entrando mais na floresta sem um caminho à nossa frente.

Ainda sabíamos para que lado ir, mas a neve dificultava o caminho.

“Você poderia simplesmente ter dito não a ela,” Fennec apontou em um tom irritado, fazendo Papa parar e se virar para encará-lo.

“Pare de ser tão espertinho.”

“Papa!” Suspirei, olhando para os dois. “Vocês dois podem parar de brigar? Por que vocês estão tão bravos um com o outro de repente?”

As coisas estavam bem esta manhã, até que Mama pediu a Papa que trouxéssemos caixas de macarrão, arroz e biscoitos conosco.

Ela também adicionou farinha e açúcar, o que fez o humor de Papa mudar em um instante.

“Não estou bravo,” disse Fennec com um encolher de ombros, e Papa soltou uma risada áspera.

“Você não está no comando aqui, está bem? Somos capazes de sobreviver sem que ela nos dê todas essas coisas, mas você teve que ir pelas minhas costas e permitir que ela empacotasse tudo dentro desta maldita mochila,” ele sibilou, segurando a mochila.

Fennec estava carregando a que trouxemos conosco, com todas as nossas roupas nela.

“Ninguém está obrigando você a comer o que ela nos deu,” cuspiu Fennec. “Foi gentil da parte dela, então talvez você a aprecie pelo menos desta vez.”

Papa largou a mochila e deu dois passos em direção a Fennec, que não vacilou ou moveu um músculo, sem medo de Papa.

Eu, por outro lado, estava pronta para fechar os olhos e me afastar para não vê-los brigar.

Embora nunca os tivesse visto assim, algo me dizia que isso não era novo para eles.

“Escute, filho da puta. Não vim aqui para viver como as pessoas normais vivem ou para cozinhar macarrão e arroz! Nós caçamos. Comemos carne e fazemos nossa própria fodida comida. E se você está começando a mudar de ideia sobre morar aqui, deveria ter ficado na cidade e fazer parte de uma sociedade de lavagem cerebral. Você quer viver comigo, você se comporta e segue minhas regras malditas. Fui claro?”

Ver Papa tão zangado era novo para mim, e eu não tinha certeza de como lidar com isso no começo.

Fennec não pôde deixar de sorrir e, com os braços estendidos e os ombros erguidos, respondeu: “Sim, senhor.”

“Bom. E tire esse sorriso idiota do rosto. Você não é tão durão quanto pensa que é.”

Papa pegou a mochila sem olhar para ele ou para mim e, antes que Fennec continuasse a segui-lo, se virou para me olhar com as sobrancelhas levantadas. “Veja? Isso é o que eu tive que lidar antes de você chegar. Ele é um psicopata do caralho.”

“Ele já agiu assim antes?” Perguntei baixinho, não querendo que Papa ouvisse.

“Muitas vezes. Ele se recompôs quando você veio, mas antes disso, as menores coisas o faziam levantar a voz.”

“Ele alguma vez bateu em você?”

Ele não respondeu.

Em vez disso, se virou e seguiu o Papa mais fundo na floresta.

“Fennec,” gritei, caminhando rápido para ficar mais perto dele e não me perder.

Com todo o branco ao nosso redor, seria ainda mais difícil encontrar o caminho de volta ao acampamento.

“Não vamos falar sobre isso, certo? Estaremos em casa em breve e, quando Papa for caçar, teremos algum tempo para nós mesmos. Parece

bom?”

Sorri para ele e balancei a cabeça, e como o Papa estava olhando para a frente sem qualquer intenção de olhar para nós, peguei a mão de Fen para ficar o mais perto possível dele.

Ele levou minha mão aos lábios e beijou as costas dela. “Ele vai voltar ao normal mais cedo ou mais tarde. Não se preocupe.”



Papa trouxe um esquilo e um coelho naquela noite e, depois do jantar, Fennec e eu decidimos ir para a cama.

Estava escovando meus dentes enquanto Fennec subia para a casa da árvore e, assim que terminei, fui até a cabana de Papa para ver como ele estava.

Não importava o quão bravo ele estava, eu não queria que ele pensasse que eu estava com raiva dele por gritar com Fen.

“Papa?” Chamei enquanto empurrava a porta.

Ele estava sentado em seu colchão dobrando as roupas que vestiu hoje e, quando olhou para mim, sorriu.

“Ei querida. Você está se sentindo bem?”

“Sim, você? Você parecia um pouco frustrado hoje.”

Ele soltou um suspiro e deu um tapinha no local ao lado dele para me dizer para sentar.

Eu me aproximei e sentei ao seu lado, deixando-o me puxar para seus braços.

“Está tudo melhor. Fennec e eu discutimos há algum tempo. Acho que houve algumas coisas que nunca esclarecemos entre nós,” ele explicou.

“Não gosto de vê-lo assim. Este deveria ser o seu lugar feliz. O de Fennec e o meu também.”

Ele acariciou minhas costas e beijou o topo da minha cabeça. “É o meu lugar feliz, Vespyr. Não se preocupe com isso. Mas antes dele vir morar comigo as coisas eram diferentes, sabe? Eu estava sozinho e não precisava ouvir o que os outros pensavam sobre as coisas que fazia o dia todo. Não

tinha ninguém me julgando, mas Fennec é bom com as palavras. Ele é inteligente e às vezes usa elas a seu favor.”

“O que você quer dizer?”

Eu me virei para olhar para ele, e depois de um tempo com ele me olhando, pigarreou como se estivesse se preparando para dizer algo sobre o qual não tinha muita certeza.

“Você já percebeu como ele lida bem com os outros? Não apenas nós, mas quando ele estava na escola com todas as pessoas ao seu redor. Ele nunca teve problemas para fazer amigos, ou ser apreciado por professores ou até mesmo por policiais da cidade.”

“Fennec é uma pessoa muito simpática. Como Mama,” eu expliquei.

“Já pensou sobre eles serem muito bons em manipular os outros para pensar dessa forma? Eles são muito semelhantes, mas Fennec é diferente.”

Estava tentando entender o significado mais profundo das palavras do Papa, mas não havia muita conclusão sendo feita na minha cabeça.

“Seja honesta comigo, ok? Ele já fez você fazer algo que você não queria?”

Não coisas que eu não queria fazer, mas coisas que eu não tinha certeza no começo, como ele usando aquela faca na minha pele ou eu urinando em sua boca.

“Não,” respondi. “Não que eu me lembre.”

“Que tal comer aquele pedaço de fígado cru? Você não parecia gostar de comer quando nos contou no restaurante. Você disse não a ele no início?” Ele perguntou.

Pensei naquela noite e rapidamente lembrei de como aconteceu.

Eu tinha dito não a ele no início, mesmo uma segunda vez, mas então desisti. “Ele me disse que seria bom para mim porque eu estava perdendo sangue.”

“Mas ele fez você comê-lo. Ele não sugeriu ou concordou com você dizendo não. Ele de alguma forma conseguiu torcer tanto sua mente que você acreditou nele e fez o que ele lhe disse.”

“Sim, mas…” Eu queria dizer mais, mas as palavras não vinham com facilidade.

Papa estava certo, mas eu não queria que ele estivesse.

“Foi só uma vez,” eu disse baixinho.

“Foi?”

Dei de ombros. “Não sei. Mas eu sei que ele nunca me obrigou a fazer nada de que me arrependesse mais tarde. Acredite em mim, Papa.”

Ele acenou com a cabeça e sorriu para mim suavemente, colocando a mão na minha bochecha e beijando minha testa. “Se você precisar falar comigo, me avise. Eu sei que tenho estado um pouco distante ultimamente, mas prometo que vou te levar para pescar e caçar nos próximos dias. Só precisamos limpar por aqui. Tirar a neve do caminho.”

“Ok. Eu vou te ajudar com isso amanhã. E você não esteve distante. Sei que gosta de ficar sozinho,” eu disse, franzindo a testa com minhas próprias palavras. “Você não está com raiva de nós por querermos morar aqui com você, está?”

“É claro que não estou com raiva, Vespyr. Adoro ter você aqui, e adoro vê-la crescer e se tornar uma mulher independente e amante da natureza. É aqui que você pertence, mas se um dia decidir voltar para Fairbanks, saiba que não vou impedi-la.”

“Por que eu iria querer voltar?”

“Bem... sua Mama provavelmente espera que você encontre um homem para se casar algum dia. Ter seus próprios filhos.”

“E se não for isso que eu quero na vida?” Perguntei. Só de pensar em conhecer um cara e ter minha própria família sem Fennec fazer parte disso, me chateava.

Não era o que eu deveria me tornar.

Uma mãe.

“Isso estaria bem. Mas você conhece a Mama. Já foi difícil para ela deixá-la ir, e se descobrir que você não quer se casar e ter filhos, isso vai destruí-la.”

“Nem toda mulher está destinada a ter filhos e marido. Às vezes ... sua própria família é o suficiente.”

“Eu sei,” ele sussurrou, beijando minha testa novamente. “Você continua sendo teimosa, certo? Esse é um presente que muitos não têm, e estou orgulhoso de você por pegar o que deseja. Mesmo assim... quero que você me diga se Fennec tentar mudar sua opinião sobre alguma coisa. Ou se ele alguma vez te obrigar a fazer coisas que você não quer.”

Ele estava insistindo nisso e, para fazê-lo feliz, assenti. “Eu vou. Eu te amo Papa.”

“Eu também te amo querida. Vá dormir um pouco. Vejo você pela manhã.”

Eu o abracei uma última vez antes de me levantar e sair de sua cabana para subir na árvore.

Quando eu estava lá em cima, Fennec estava sentado no colchão com as costas apoiadas nas tábuas de madeira.

“O que ele te falou?” Ele perguntou, estendendo uma mão para eu pegar.

Quando deslizei a minha na dele, ele me puxou para mais perto e me fez abraçar ele com minha cabeça contra seu peito.

“Não muito. Conversamos sobre as coisas que faremos nos próximos dias. Ele também quer me levar para pescar e caçar,” expliquei.

“Você falou sobre mim?”

“Não, por que?”

Manter as coisas que Papa disse para mim mesma era minha melhor opção para não irritar Fennec e, para minha sorte, ele acreditou em mim.

“Só perguntando. Pensei ter ouvido você dizer meu nome.”

“Talvez tenha sido sua imaginação,” provoquei, olhando para cima e sorrindo para ele.

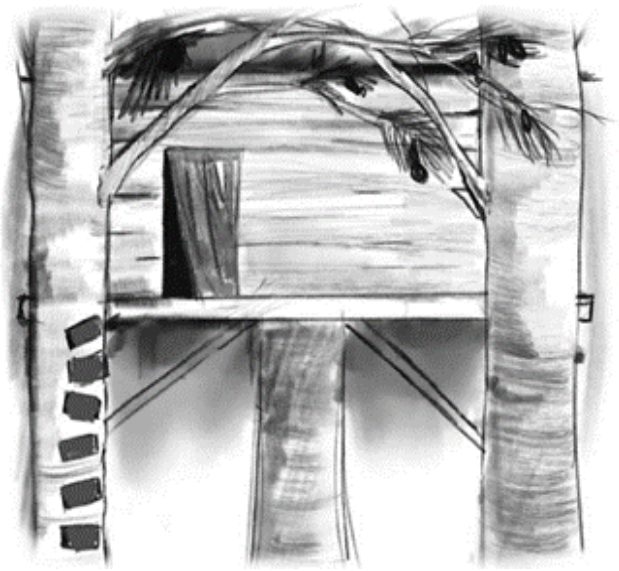
Ele riu e segurou meu queixo, então se inclinou para me beijar suavemente. “Talvez,” ele sussurrou.

Apenas um beijo fez meu corpo formigar e, por mais que eu sentisse falta da Mama, eu estava feliz por estar de volta, onde podíamos estar sozinhos e escondidos de todos.

Além do Papai.

Mas ele se metia principalmente na sua própria vida, o que nos facilitava fazer todas as coisas que nunca deveríamos ter feito.

"Você era proibida."



CHAPTER 30
VESPYR

Passei o dia à beira do rio com Papa, deixando Fennec sozinho para terminar de limpar a neve ao redor do acampamento.

Ele disse que estava tudo bem com isso e que não precisávamos nos preocupar em ficar longe até tarde.

Papa ainda prometeu a ele que voltaríamos na hora do jantar e que levaríamos peixes para comer.

Já pegamos cinco, mas como eram pequenos, esperávamos por mais para serem pegos em nossa rede ou morder a isca em nossas varas de pesca.

“É bom estar de volta à natureza, hein? Tão calmo e relaxante,” Papa suspirou, recostando-se em uma árvore caída do outro lado do rio.

Eu sorri para ele e balancei a cabeça. “É perfeito. Talvez no nosso caminho de volta, encontremos um veado ou coelhos.”

“Poderíamos ter um pouco de carne para congelar e estocar para as próximas semanas. Só vai ficar mais frio aqui, e mais neve vai cair. Não pense que vou estar com vontade de ir caçar em temperaturas tão baixas.”

“Eu não me importo, e Fennec certamente também não,” sugeri.

“Se é isso que você quer fazer, não vou impedi-la.”

Por mais que adorasse passar um tempo sozinha com o Papa, já estava com saudades de Fen.

Eu me perguntava o que ele estaria fazendo.

Se ele já tinha terminado de limpar toda a neve do acampamento, e se ele agora estivesse apenas deitado, esperando que voltássemos.

Ou talvez ele próprio tenha ido caçar.

“Papa?”

“Sim, querida?”

“Você sabia sobre a infertilidade de Fennec?”

Acreditei nele quando ele me contou sobre isso naquela noite, mas me perguntei o quanto o Papa realmente sabia sobre ele.

“Ele é infértil? Não, eu não sabia disso. Como você sabe?”

Franzi a testa e olhei para o balde onde estavam os peixes que já havíamos pescado, ainda se mexendo às vezes.

“Uh, Mama uma vez me disse,” menti. “Pensei que você soubesse.”

Papa deu uma risadinha. “Não, não sabia. Não há muito que Fennec me diga sobre sua vida. Eu não sabia sobre as visitas dele àquele terapeuta até que sua mãe me contou alguns anos atrás.”

“Terapeuta?”

Quantas coisas mais se revelariam sobre Fennec?

“Sim, um terapeuta infantil. Não tenho certeza por que ela o mandou lá.”

Fiz uma careta. “Por que não sabemos sobre essas coisas?”

“Diabos, o que eu sei? Eu saí há anos. Acho que ela não queria que eu me preocupasse com ele. Sempre disse que ele estava bem quando os deixava para os verões.”

Estava confusa, um pouco brava, mas principalmente intrigada em descobrir mais sobre tudo o que Mama escondia de nós.

“Porém, não é mais da minha conta. Fen tem idade suficiente para saber quando precisa de ajuda, e você também. Você nunca teve problemas enquanto crescia. Pelo menos nenhum que eu saiba.”

“Nunca tive problemas,” assegurei-lhe.

“Isso é bom. E eu sei que se você tiver algum, você pediria ajuda. Você é exatamente como eu. Você é autoconsciente, confiante, mas nunca fica orgulhosa demais para pedir ajuda. Você é forte. Continue assim.”

Balancei a cabeça e sorri, certificando-me de que suas palavras estavam gravadas em meu cérebro.

“Papa?”

“Sim?”

“Como são seus sonhos? Quero dizer... será que eles parecem como se você estivesse vivendo em vez de sonhando?”

“O quê, como sonhos vívidos?” Ele perguntou.

“Sim.”

Ele encolheu os ombros. “Tive alguns sonhos dos quais me lembrava vividamente quando acordava na manhã seguinte. Provavelmente é apenas

o seu cérebro trazendo memórias e, portanto, você se sente como se estivesse vivendo.”

Franzi meus lábios e olhei de volta para ele. “Então, nada para se preocupar?”

“Claro que não, querida.”

É bom saber disso, mas isso não me ajuda a lembrar se os sonhos que tive sobre Fennec foram reais ou não.



Voltamos ao acampamento com dez peixes no total.

Eu estava animada para mostrar a Fennec o grande que eu peguei, e tinha certeza que ele ficaria orgulhoso de mim por fazer tudo sozinha.

Pescar era uma das atividades que eu mais gostava de fazer aqui na selva, embora caçar também fosse divertido.

O que quer que eu fizesse, aprendia novas técnicas e isso só me ajudava no caso de eu ter que sair por aí sozinha algum dia.

“Com fome?” Papa perguntou, rindo enquanto me observava sorrir para o balde que carregava de volta para o acampamento.

“Faminta. E animada. Mal posso esperar para mostrar a Fennec o que pegamos,” eu disse a ele.

Continuamos a andar e, quando estávamos a apenas alguns minutos do acampamento, Papa agarrou meu pulso e me parou, me fazendo virar para olhar para ele.

“O que?”

“Realmente não quero te aborrecer, mas isso é fodido,” ele rosnou, seu humor mudou de repente.

Eu franzi a testa, achando que ele tinha descoberto sobre Fennec e eu.

Não... como ele poderia saber? E por que ele não disse algo antes? As coisas estavam indo muito bem até este momento.

“O que foi?” Perguntei, me preparando para me defender do que ele falaria a seguir.

Mas ele não falou.

Em vez disso, acenou para cima, apontando o dedo para o que ele estava vendo.

Com o franzir das sobrancelhas, virei minha cabeça para cima e, quando percebi para onde ele estava apontando, arfei e cobri minha boca com uma mão.

“Oh, meu Deus!”

Um rabo de raposa estava pendurado em um dos galhos, parecendo áspero e sujo. Então eu vi um segundo pendurado em outro galho, fazendo minha respiração engatar ao vê-lo.

Por mais chocada e confusa que eu estivesse, nenhuma palavra saiu da minha boca.

Continuamos olhando para as caudas, imaginando como elas haviam chegado ali.

“Muito perto do acampamento para que os caçadores tenham feito isso. Além disso, eles levariam as caudas com eles para vender,” disse Papa, declarando fatos óbvios.

“Mas quem...” sussurrei, virando-me para olhar para ele. “Você prometeu que não as mataria!”

“Merda, Vespyr, não fui eu! Você sabe que eu nunca quebraria minha promessa.”

Virei minha cabeça para olhar para cima novamente e, com os olhos marejados, procurei por pistas de outros animais que poderiam ter feito isso.

Eu não queria acreditar que Papa ou Fennec fizeram isso.

Sem chance.

“Parece que já estão lá há muito tempo, Ves. Os pássaros devem ter mexido com elas.”

“Como elas foram parar lá?” Perguntei, dando um passo ao redor de uma das árvores e com certeza encontrando outra cauda pendurada lá.

“Aqui tem outra,” disse Papa, mas ele não estava falando sobre a que eu tinha acabado de encontrar.

Ele estava parado a alguns metros de distância, onde uma quarta cauda estava pendurada em um galho, amarrada com uma corda fina.

Todas não pareciam ter sido colocadas lá nos últimos dias, e algumas nem mesmo tinham muitos pelos também.

“Papa,” chorei, caminhando até ele e deixando-o me puxar para seus braços.

“Lamento que você tenha que ver isso. Prometo que não fui eu, mas também não acho que foi um animal.”

O que só restaria à Fennec ser quem fez isso.

“Por que ele faria isso?”

“Eu não sei, querida. Você quer que eu as derrube? Isso ajudaria em alguma coisa?”

Não, não ajudaria.

Essas raposas já estavam mortas.

Balancei minha cabeça e olhei para cima mais uma vez, e em um instante, tive uma sensação avassaladora dentro de mim.

Queria gritar, chutar e bater em alguma coisa, mas graças aos braços de Papa em volta de mim, fui capaz de manter a calma e me recompor antes de endireitar minhas costas e levantar meu queixo.

“Quero confrontá-lo sobre isso,” disse a Papa.

“Não há necessidade de gritar e berrar, certo? Deve haver uma razão pela qual ele fez isso.”

Dei a ele um aceno rápido e prometi a mim mesma ficar calma, não importa o quão brava eu estivesse com ele.

Aumentei meu aperto em torno da alça do balde e comecei a caminhar de volta para o acampamento com Papa seguindo atrás.

O fogo estava crepitando e a fumaça subia da lareira no meio do acampamento, e quando não vi Fennec em lugar nenhum, coloquei o balde no chão e coloquei minhas mãos nos quadris, olhando para a casa da árvore.

“Fennec!” Chamei, minha mandíbula se apertando enquanto tentava manter minha própria promessa de não erguer minha voz para ele.

Papai já estava cuidando de seus próprios assuntos, mas eu sabia que ele ainda estava de olho e ouvido em mim.

Fen enfiou a cabeça para fora para olhar para mim, e como se ele não tivesse notado meu olhar furioso, sorriu para mim.

“Ei, doce menina. Pegou peixes grandes?” Ele perguntou, então desceu a escada para ficar bem na minha frente.

“O que você fez?” Perguntei, minhas mãos ainda apoiadas em meus quadris.

“O que há de errado? Por que você está tão brava?” Ele colocou a mão na lateral do meu pescoço, roçando o polegar ao longo da minha pele com a cabeça inclinada para o lado.

“Aconteceu alguma coisa?”

“Não aja de forma tão inocente,” ouvi Papa resmungar.

Não havia palavras saindo da minha boca, ao sentir o nó na minha garganta apertando quanto mais tempo eu olhava para ele.

Sem gritar e berrar, lembrei a mim mesma, então a única outra opção para deixar minha frustração sair era chorar.

“O que você fez com as raposas?” Perguntei, minha voz trêmula.

“Que raposas? Você quer dizer aquela que eu atirei? Já te disse, Ves. Foi um acidente.”

“Não, não aquela. As caudas. Existem caudas penduradas nas árvores. Quatro delas,” eu disse a ele, cruzando meus braços sobre o peito agora para tentar me acalmar.

Ele me olhou com atenção antes de lançar um olhar furioso para o Papa. “Você mostrou a ela?” Ele sibilou, fazendo minha carranca se aprofundar ainda mais.

“Não, Papa também não sabia sobre elas,” eu disse.

“Ele com certeza sabia. Eu disse a você para não deixá-la vê-las!” Fennec cuspiu, empurrando-me suavemente para o lado para dar um passo mais perto na direção do Papa.

O que diabos está acontecendo?

Papa largou a rede e as varas que usamos para pescar hoje, depois se virou para Fennec com um olhar sério que eu nunca tinha visto antes.

Ele não estava brincando, mas nem Fennec.

“Pare de mentir para ela. Eu não sabia sobre aquelas caudas, e eu com certeza não a teria levado lá se soubesse que isso a incomodaria. Diga a ela por que matou aquelas raposas e pare de me fazer parecer seu cúmplice. Não ajudei você a fazer merda nenhuma desde que ela veio morar conosco, e aquelas caudas pareciam que não estavam penduradas lá há mais de dois meses.”

Papa tinha razão e, embora eu odiasse que mentissem, tive que confessar a mim mesma que Fennec não estava me contando toda a verdade.

Ele não respondeu ao Papa, e quando olhei para Fennec novamente, ele se virou e foi embora enquanto tirava a faca do bolso de trás.

“Fennec!” Gritei, imediatamente seguindo-o para a floresta.

“Deixe ele ir!” Ouvi Papa murmurar, mas não dei ouvidos e continuei a ir atrás de Fennec.

“Fennec, pare!”

“Eu quebrei minha promessa,” eu o ouvi dizer, o que fez meu coração quebrar ao ouvir sua voz cheia de arrependimento e tristeza.

“Fen, por favor, pare e vamos conversar sobre isso,” implorei, mas ele continuou andando até que estávamos de volta ao lugar que eu gostaria de nunca ter visto.

“Eu a decepcionei. Fiz besteira.”

“Fennec, por favor...” Peguei sua mão e tentei puxá-lo para mais perto de mim, mas ele afastou minhas mãos e saltou para chegar aos galhos mais baixos da primeira árvore.

Eu o observei subir, e quando ele alcançou a primeira cauda, ele cortou a corda para deixá-la cair no chão bem na frente dos meus pés.

“Eu não estou brava, Fennec. Só preciso que você me explique por que fez isso,” eu disse a ele, esperando que parasse de agir dessa maneira.

“Você está brava. E você me odeia porque quebrei sua promessa. E tudo bem porque eu mereço.”

Ele saltou para andar até a próxima árvore, mas antes que ele pudesse escalá-la, eu o abracei por trás e mantive meus braços apertados em volta de sua cintura.

“Deixe-me falar com você,” implorei baixinho, pressionando contra suas costas e sentindo como seu corpo relaxou por um momento rápido.

“Solte,” ele murmurou.

“Não. Quero que você fale comigo sobre isso e não diga todas essas coisas horríveis. Diga-me por que você fez isso. Eu não estou brava,” prometi, e novamente, seu corpo relaxou.

“Por favor,” sussurrei, movendo minhas mãos até seu peito e sentindo seus batimentos cardíacos.

Ele ficou quieto por um tempo, e quando eu senti como se pudesse me mover sem que ele fugisse, eu o fiz virar para olhar para mim.

Sorri para ele e coloquei minhas mãos em seu rosto, acariciando suavemente sua pele para fazê-lo se acalmar.

“Eu gostaria de entender por que você fez isso. Fale comigo, Fennec,” eu disse baixinho, esperando que ele falasse.

Ele me olhou com atenção, tentando descobrir se eu estava sendo honesta ou não. Mas ele sabia que eu estava.

Sempre fui, e ele também sabia que era difícil para mim ficar com raiva dele por mais de cinco minutos.

Minha raiva havia desaparecido, agora tudo que eu precisava era uma explicação.

“Não acredito que alguém faça coisas assim sem motivo.”

Seus olhos nunca deixaram os meus e, assim que vi a agitação neles ir embora, sorri de novo. “Fale comigo,” repeti.

“Prometa não me odiar,” ele sussurrou.

“Eu nunca poderia odiar você, Fennec. Você sabe disso.”

Um sorriso tocou seus lábios, mas desapareceu tão rapidamente quanto apareceu.

“As raposas me lembram você. Elas são proibidas porque você me fez prometer não me aproximar delas. Mas quando você me fez prometer isso, prometi a mim mesmo não chegar perto de você.”

Ele soltou um suspiro e baixou o olhar para o chão enquanto eu continuava a segurar seu rosto em minhas mãos, gentilmente escovando ao longo de suas bochechas para assegurar-lhe que eu estava ali com ele, não importa o que acontecesse.

“Eu as observava de longe, mas precisava tocá-las. Eu precisava tocá-la, mas você era proibida. Nunca quis que você visse isso, e nunca quis machucar você da maneira como as machuco, mas... eu também queria machucar você.”

“O que você quer dizer?” Fiz uma careta com suas últimas palavras, sentindo meu coração bater mais rápido.

“Eu te amo tão intensamente que às vezes não vejo outra maneira de mostrar o quanto meu coração dói por você. Às vezes me sinto oprimido só de olhar para você, e as raposas foram o mais perto que pude chegar de te machucar. Sinto muito,” ele resmungou, colocando as mãos na minha cintura.

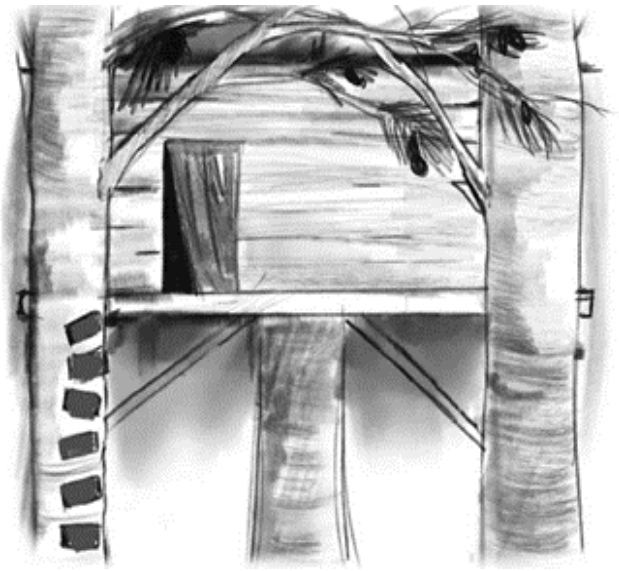
Aos poucos, tudo o que ele dizia foi adquirindo um significado mais profundo.

Suas palavras faziam sentido, mesmo se estivessem erradas e distorcidas.

Ele me amava, e Fennec tinha suas próprias maneiras de demonstrar.

E estava tudo bem.

"Eu não estou bem sem você por perto."



CHAPTER 31
VESPYR

“Está tudo bem, Fennec. Não estou brava com você. Ainda estou tentando entender exatamente como você está se sentindo, mas preciso que saiba que não estou com raiva,” sussurrei, inclinando sua cabeça para que ele olhasse para mim novamente.

“Eu quebrei minha promessa e chateei você. Nunca foi minha intenção,” ele me disse.

“Eu sei que não foi. Eu te perdoo,” eu disse com um sorriso, empurrando minhas mãos em seus cabelos e apertando-os com força.

“Eu te amo, Fen. Acho que já te disse muitas vezes e também te mostrei. Posso esquecer isso, mas você tem que prometer não ficar mais triste.”

Eu detestava vê-lo assim e, por um lado, era eu que o fazia sentir essas emoções.

“Olhe para mim,” pedi enquanto ele virava a cabeça para o lado e, quando seus olhos encontraram os meus novamente, sorri.

“Está tudo bem. Prometo.”

Ele estudou meu rosto e apertou sua mandíbula antes de me puxar para mais perto e se encostar na árvore.

Seus lábios encontraram os meus, e eu rapidamente aprofundei o beijo para provar a ele que tudo o que eu disse não era nada além da verdade.

Ele era meu, e eu acreditava naquele ponto, não havia nada que ele pudesse fazer que me faria fugir dele.

“Eu te amo,” ele sussurrou contra meus lábios, me fazendo sorrir mais e envolver meus braços ao redor de seu pescoço para segurá-lo perto.

E assim, ele voltou ao normal.

Seu beijo foi apaixonado e profundo, com sua língua me mostrando a mesma quantidade de afeto que seus lábios.

Suas mãos se moveram da minha cintura para as minhas pernas, puxando a cintura da minha calça.

“Eu preciso te foder,” ele rosnou enquanto puxava minhas calças para baixo, deixando-as cair aos meus pés antes que ele fizesse o seu próprio trabalho rápido.

Estávamos longe o suficiente do acampamento para que Papa não pudesse nos ouvir, mas ele ainda poderia vir até aqui a qualquer momento, nos surpreendendo e vendo o que estávamos fazendo.

Mas por mais desesperado que Fennec estivesse, não me preocupei em ser pega.

Eu também precisava dele.

Tirei minhas calças e o deixei me pegar, então envolvi minhas pernas ao redor de seus quadris e senti sua ponta na minha entrada.

Minhas costas foram empurradas contra a árvore e com suas mãos na minha bunda, ele facilmente empurrou para dentro de mim em um movimento rápido.

Eu gemi, inclinando minha testa contra a dele, mantendo meus olhos abertos.

As emoções em seu olhar eram intensas e me excitava quanto mais eu olhava em seus olhos.

Suas emoções eram reais.

Cruas.

Iguais as minhas.

“Porra!” Ele gemeu, apertando minha bunda com as duas mãos e me fazendo apertar minha boceta em torno de seu pau.

“Continue assim, doce menina. Mostre-me o quanto você quer esse pau dentro de você.”

Comecei a balançar meus quadris contra ele, encontrando cada uma de suas estocadas e sentindo seu eixo pulsar dentro de mim.

Foi tão bom, e eu não conseguia imaginar nenhum outro cara fazendo as coisas que Fennec fazia comigo.

“Faça-me gozar,” implorei, agarrando seu cabelo com força e beijando sua bochecha e mandíbula.

“Quero seu esperma bem dentro de mim.”

“Garota suja. Continue e vou foder essa boca tão forte que você não ousará mais falar comigo assim.”

Merda.

Mas isso era exatamente o que eu queria.

Eu me tornei mais confiante quando se tratava de conversa suja, e era tudo por causa dele.

Ele ficava excitado tanto quanto eu quando falava assim, então por que não provocá-lo também?

A tensão dentro de mim ficou maior, me fazendo apertar seus quadris com minhas coxas e tentando manter essa sensação o máximo possível.

“Oh, Fen!” Chorei quando as primeiras faíscas se moveram pelo meu corpo diretamente para o meu clitóris.

Estava esfregando contra seu estômago sempre que eu encontrava seu impulso, apenas tornando o acúmulo do meu orgasmo mais intenso.

Agarrei seu ombro com uma mão para me equilibrar, mas quando suas estocadas se aceleraram, meu corpo não pôde deixar de tremer todo.

Eu estava tensa, precisando obter algum tipo de liberação antes que fosse excessivamente esmagador para gozar.

Isso já havia acontecido antes, e eu odiava a sensação de não conseguir acalmar meu corpo o suficiente para experimentar um orgasmo porque o primeiro era demais para suportar.

Eu não deixaria que isso acontecesse hoje, então parei de mexer meus quadris e deixei que ele me fodesse com força enquanto seu pau continuava a pulsar dentro de mim.

Tudo dependia dele para se fazer gozar agora, porque tudo o que eu podia fazer era deixar meu corpo tomar o controle, me levando ao limite.

“Goze,” ele exigiu, batendo na minha bunda duas vezes antes de agarrá-la com força novamente.

Gritei seu nome, em seguida, cobri minha boca para não criar um eco que provavelmente chegaria aos ouvidos de Papa no acampamento.

“Goze no meu pau,” ele assobiou, e assim que fui empurrada para a borda, seu esperma me encheu.

Nós dois estávamos respirando pesadamente, tentando encontrar nosso caminho de volta à realidade enquanto eu sentia seu esperma escorrer por seu comprimento.

Não estava pronta para me mover, mas ele saiu de mim lentamente e se ajoelhou na minha frente para dar um beijo na parte interna da minha coxa.

Eu estava tremendo, observando-o enquanto sua língua saía para lamber minhas dobras e provar seu esperma.

Sorrindo, escovei seu cabelo e o deixei aproveitar este momento enquanto minha respiração se acalmava novamente.

“Isso não foi um sonho,” sussurrei, precisando provar para mim mesma.

“Não, não foi,” ele respondeu, pressionando um último beijo no meu clitóris antes de se levantar e me beijar.

“Isso é melhor do que sonhar,” ele murmurou no beijo.

Eu concordei e fiquei feliz porque, pela primeira vez, meu cérebro não estava me enganando.

Depois de um beijo longo e gentil, nós dois nos vestimos e voltamos para o acampamento.

Tudo entre nós foi esclarecido, e eu já tinha esquecido os rabos de raposa quando chegamos a nossa casa de árvore.

Soltei sua mão após apertá-la, e quando Papa reparou em nós, eu sorri para ele. “Conversamos sobre isso.”

“Sim?”

Papai olhou para mim e depois para Fennec, e quando notou a dor que ainda persistia em seus olhos, ele suspirou.

Caminhando até nós, eu me afastei porque sabia o que Papa queria fazer, e observei enquanto ele puxava Fennec para dentro de um abraço, dando tapinhas nas costas.

“Você está bem, garoto?”

“Sim.” Ele não parecia muito seguro, mas por enquanto era o suficiente.

Fennec precisava de um pouco mais de tempo com o Papa, mas eu tinha certeza de que eles iriam esclarecer as coisas logo.

“Eu disse hoje a Vespyr para me avisar se houver algo em que eu possa ajudá-lo. Ou se há alguma coisa que eu possa fazer para que você receba ajuda. Sei que você não precisa disso, não para a maioria das coisas. Mas há coisas com as quais você não pode lidar por conta própria.”

As palavras do Papa foram genuínas, e nem mesmo Fennec poderia negá-lo.

No entanto, ele apenas acenou com a cabeça e se afastou do abraço.

“Eu estou bem,” disse Fen.

“Ótimo.” Eu comecei a limpar o peixe que pegamos. “Você pode me ajudar a cozinhá-los se quiser,” ele sugeriu, e Fennec caminhou imediatamente para o fogo.

“Tem certeza de que está tudo bem?”

Eu olhei para o Papa e acenei com a cabeça, sorrindo. “Sim. Não se preocupe com isso, estou bem?” Não tive vontade de explicar tudo a ele, e o motivo pelo qual Fennec pendurou aqueles rabos de raposa lá em cima, então envolvi meus braços em torno dele para dar-lhe um rápido abraço antes de caminhar até Fennec para ajudá-lo a limpar o peixe que pegamos esta tarde.

Eu me preocupava muito com ele, e a conversa que tive com o Papa onde ele me contou sobre Mama levando Fennec a um terapeuta ainda permanecia na minha mente.

Mas perguntar a ele sobre isso poderia aborrecê-lo, então lembrei de manter as perguntas que eu tinha sobre o porquê dela tê-lo levado lá no fundo da minha mente.

Ele não estava com disposição para falar, então todos nós nos sentamos ao redor da fogueira para cozinhar e comer sem dizer uma palavra.



“Eu também vou dormir. Se você quiser, posso levá-la mais longe amanhã para ver se encontramos um veado ou urso. Precisamos de mais carne,” Papa me disse ao terminar de escovar os dentes.

Eu também estava pronta para dormir, e Fennec havia subido para a casa da árvore quase uma hora atrás, dizendo que estava cansado demais para ficar acordado.

“Eu adoraria. Fennec deveria vir também. Talvez isso o faça esquecer tudo com o que está se preocupando.”

Porque mesmo que ele tivesse se desculpado comigo depois que perguntei sobre as raposas, ainda havia algo em sua mente que o incomodava.

Ele não estava como sempre.

Mas então... você nunca sabia com Fennec.

“Sim, pode ajudar a se livrar de sua frustração.”

Ele se aproximou de mim quando me levantei do banco e, depois de um abraço longo e apertado, beijei sua bochecha.

“Boa noite, Papa. Vejo você pela manhã.”

Ele acenou com a cabeça, pressionando um beijo na minha testa e acariciando minha nuca. “Vejo você de manhã, querida. Durma bem.”

Uma vez que ele estava em sua cabana, subi a escada e empurrei a cortina para revelar Fennec dormindo lá dentro.

Sorri ao vê-lo tão sereno.

Tirei minhas botas e as coloquei de lado para deitar ao seu lado, e depois de rastejar para debaixo das cobertas, ele se moveu e me puxou para perto dele.

“Por que demorou tanto?” Ele murmurou, parecendo meio adormecido.

“Conversei com o Papa por um tempo. Como você está se sentindo?” Perguntei, não esperando uma resposta dele.

Ficou quieto por um tempo, mas quando ele ergueu a mão para segurar minha bochecha, lentamente abriu os olhos e sussurrou: “Eu me sinto melhor quando você está perto de mim.”

Não pude deixar de sorrir com suas palavras encantadoras, e posso até ter corado um pouco.

“Bom. É exatamente assim que me sinto por você,” sussurrei, beijando sua bochecha suavemente.

“Falo sério.” Ele inclinou minha cabeça para trás e se apoiou em um cotovelo para se inclinar sobre mim, bem acordado agora. "Eu não fico bem sem você por perto. Percebi isso quando você se foi o dia todo. Isso bagunçou minha cabeça. Isso me deixou com raiva, chateado, e quando você voltou, eu estava tão animado para ver você de novo. Mas você estava com raiva de mim,” ele suspirou, pressionando os lábios em uma linha fina.

Coloquei as duas mãos em seu rosto, não querendo que ele ficasse chateado novamente. “Sinto muito, mas agora eu sei. Não vai acontecer de

novo, ok?”

“Promete.”

Eu sorri para ele, sem saber se ele percebia que significava o mundo para mim. “Eu prometo, Fennec. Prometo que vou amar e cuidar de você para sempre, da mesma forma que você me ama e cuida de mim. E não importa o quão longe eu esteja, sempre voltarei para você.”

Ele tinha meu coração, mas se eu fosse falar sobre o quanto ele significava para mim por mais um segundo, eu não seria capaz de manter meus olhos secos.

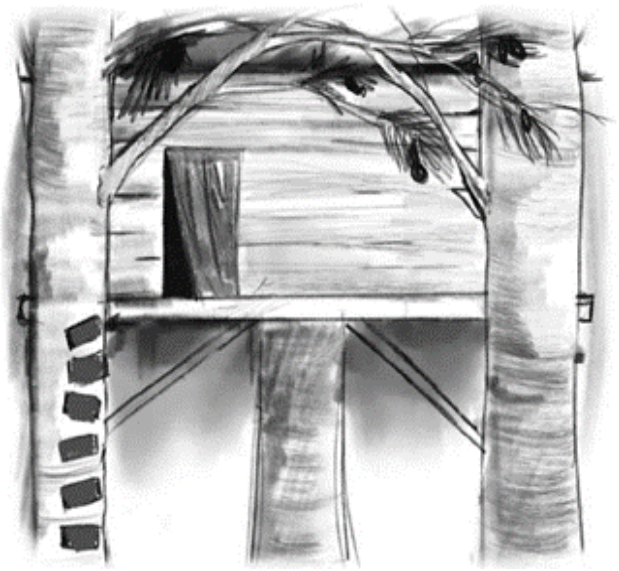
Em vez disso, eu o puxei para mim e o beijei, seus lábios derretendo nos meus enquanto ele movia sua mão para minha perna para puxá-la sobre seus quadris.

“Minha doce menina,” ele sussurrou, me fazendo sorrir.

Sua.

Sempre e para sempre sua.

"Todos nós temos falhas."



CHAPTER 32
VESPYR

Tivemos que ficar no acampamento e comer o que Mama nos deu para sobreviver à tempestade de neve que se abateu sobre nós.

Não parava de nevar por quatro dias seguidos, e todos os dias eu podia ver o aborrecimento do Papa sempre que lhe entregava uma tigela com arroz ou macarrão.

“Isso não é o que eu devo comer,” foi o que ele disse, e eu não pude deixar de rir de suas expressões faciais sempre que dava uma mordida.

Ele estava fazendo com que parecesse pior do que realmente era, e eu não me importei em comer macarrão e arroz por alguns dias antes de voltarmos para nossa dieta de apenas carne.

“Quer um pouco mais?” Perguntei ao Papa depois de me levantar da mesa e encher minha tigela com o jantar que fiz.

“Estou cheio, obrigado. Vou tirar a neve com uma pá e depois dormir. Provavelmente vai parar de nevar pela manhã, então podemos finalmente ir caçar.”

Balancei a cabeça, adicionando dois biscoitos à tigela para Fennec.

Ele não tinha descido muito da casa da árvore recentemente.

Apenas para fazer xixi e encher sua garrafa d'água.

Seu humor não mudou depois do dia em que Papa e eu encontramos os rabos de raposa, e a tristeza nos olhos de Fennec não havia desaparecido, apenas piorado.

Estava preocupada com ele, mas Papa disse para deixá-lo se curar e não insistir que ele falasse conosco.

Isso só iria piorar as coisas, e isso é o oposto do que eu queria.

“Vai dar isso ao Fennec?” Ele perguntou, apontando para a tigela em minhas mãos.

“Sim. Talvez ele esteja acordado agora. Ele não comeu nada desde esta manhã.”

Papa também levantou e trouxe sua tigela para a lixeira para lavá-la. “Diga a ele que a tempestade acabou e que vamos caçar amanhã. Isso pode tirar sua mente de tudo o que está mexendo com sua cabeça.”

Concordei. “Direi a ele. Me avise quando for dormir, ok?”

“Eu vou.”

Caminhando até a árvore, subi a escada e coloquei a tigela na tábua de madeira em frente à entrada para que fosse mais fácil para mim me puxar para cima e, quando entrei, peguei a tigela novamente e olhei para Fennec.

Ele estava deitado ali com as cobertas enroladas em seu corpo e seu cabelo cobrindo metade de seu rosto, tornando difícil para mim ver se ele estava realmente dormindo ou não.

Coloquei a tigela ao meu lado e me movi para tirar seu cabelo do rosto, revelando uma carranca que devo ter causado naquele exato momento.

“Ei,” sussurrei, me inclinando e beijando sua testa. “Eu trouxe o jantar para você. Você tem que comer alguma coisa.”

Fennec murmurou algo que eu não consegui entender antes de seus olhos se abrirem e encontrarem os meus. “Que horas são?”

Sua voz estava rouca e baixa, soando como se ele estivesse perdendo a voz por causa do frio.

“Quase oito. Você precisa comer, Fen. Fiz macarrão e acrescentei a última lata de tomate para que Papa não tivesse que reclamar sobre comer a mesma coisa de novo amanhã,” sussurrei com um sorriso.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios, então seus olhos se moveram para a tigela ao meu lado antes que ele se levantasse para sentar.

“Não é como se tivéssemos que comer carne nos próximos meses.”

Sim, sua voz estava lentamente começando a desaparecer.

Coloquei minha mão ao lado de seu pescoço e escovei meu polegar ao longo de sua pele quente. “Você está com dor de garganta? Você não parece bem.”

“Eu me sinto bem. Não se preocupe.”

“Vou preparar uma xícara de chá para você. Vai ajudar.”

Ele não aceitou nem recusou, então peguei a tigela e dei a ele. “Coma. Eu já volto,” eu disse a ele, pressionando mais um beijo em sua bochecha antes de me virar para a abertura.

Quando empurrei a cortina de lado, Fennec pigarreou e me fez virar para encará-lo novamente.

“Papa ainda está acordado?” Ele perguntou.

“Sim, ele está removendo neve. Ele disse que não vai nevar amanhã, então podemos ir caçar. Você deveria vir também.”

“Ele quer que eu vá?”

Eu era a única carrancuda agora. “Claro que sim, Fen.”

“E você me quer lá?”

Que tipo de perguntas ridículas eram essas?

Para mostrar a ele o quanto eu o queria, rastejei para trás e montei em seu colo, colocando as duas mãos em suas bochechas e, em seguida, beijando-o profundamente.

Ele me beijou de volta depois de alguns segundos, envolvendo seu braço em volta das minhas costas e me puxando para mais perto enquanto baixava a tigela novamente.

Era óbvio que ele estava passando por uma fase difícil nos últimos dias, mas eu estava lá para tranquilizá-lo.

Nossas línguas se encostaram uma à outra, mas eu quebrei o beijo antes que Papa tivesse a oportunidade de nos ouvir em silêncio e me perguntar o que diabos estava acontecendo aqui em cima.

Olhei nos olhos de Fennec, a determinação estampada em meu rosto. “Quero você lá comigo, não importa aonde eu vá,” sussurrei.

“Bom.”

Sorri com sua resposta rápida. “Bom. Agora, deixe-me fazer aquele chá para você. E coma.”

Desci de volta e, antes de entrar na cabana de Papa, onde armazenava todas as ervas que consegui cultivar antes do feriado, informei a ele o que eu estava fazendo.

“Você gostaria de chá também?”

“Se você estiver fervendo água de qualquer maneira, com certeza.”

Entrei e tirei o pequeno recipiente com hortelã do refrigerador que o Papa agora mantinha em sua cabana e, depois de verificar se as folhas ainda estavam verdes e cheiravam bem, voltei para fora para encher uma panela com água.

“Elas sobreviveram ao frio?” Papa perguntou ao se aproximar de mim para olhar dentro do contêiner.

“Parece que sim. Elas provavelmente congelaram em algum momento, mas ainda cheiram bem.”

Levei o recipiente até seu nariz para ele cheirar, e quando ele acenou com a cabeça, sorri. “Bom, hein?”

“Definitivamente. Pena que não temos mel.”

Teríamos que esperar até a primavera para procurar abelhas e torcer para encontrar favos junto com elas.

“Vai ter um gosto bom com ou sem.”

Coloquei a panela na grelha e peguei três xícaras, uma para cada um de nós.

“Como ele está?” Papa perguntou, sentando-se no tronco da árvore.

Sentei-me ao seu lado, encolhi os ombros. “Ele parece triste. Mas pelo menos está comendo. Nunca o vi assim.”

Depressão foi a primeira coisa que me veio à mente depois de perceber que ele não desceria da casa da árvore por mais de um dia, mas o que eu sabia?

“Nem eu. Só sei que o humor dele mudou muito quando éramos apenas eu e ele.”

“Mesmo?”

Papa acenou com a cabeça e virou em direção à casa da árvore com um suspiro. “Alguns dias ele estava falante e relaxado, no outro ele não podia olhar para mim sem me lançar olhares furiosos. E depois haviam dias em que ele só vinha até aqui para comer. Não conseguia falar com ele naqueles momentos.”

“Então, você nunca perguntou a ele se havia algo errado?”

“Como eu poderia? Ele me ignorava ou me dizia para ficar quieto. Ele foi desrespeitoso comigo algumas vezes. A maior razão pela qual havia tensão entre nós.”

Eu não podia acreditar que Fennec alguma vez tenha sido desrespeitoso para com o Papa, mas então, eu os tinha visto brigando há poucos dias quando voltamos ao acampamento após o feriado.

“Ele já tentou machucar você?” Perguntei, surpresa com minhas próprias palavras.

Papa ficou quieto e, como não respondeu, engoli o caroço que se formou na minha garganta em questão de segundos.

“Ele tentou?” Resmunguei, com medo de ouvir a resposta.

“Ele foi agressivo comigo antes, sim. Apontando sua faca para mim ou me empurrando. Não é fácil falar sobre isso, mas acho que é por isso que perguntei se ele já tentou te machucar.”

“Ele nunca fez isso,” assegurei a ele. “Sinto muito, Papa.”

Ele deu de ombros e sorriu para mim, então estendeu a mão e agarrou as minhas. “Eu sei que lhe disse que não sei o que há de errado com ele, e isso é verdade em grande parte. Mas o cérebro dele não está funcionando bem. Eu posso dizer apenas olhando para ele enquanto ele faz certas coisas. O vazio em seus olhos quando ele mata um animal é o mesmo de quando ele era agressivo comigo. Não havia qualquer consideração, desde que suas necessidades fossem atendidas. Ele tem pouca preocupação com os sentimentos das outras pessoas.” ele disse calmamente.

As palavras do Papa faziam sentido, mas era difícil de acreditar, visto que quando Fennec olhava para mim, seus olhos estavam cheios de paixão e amor.

“Você já fez ou disse algo a ele que poderia tê-lo irritado?” Perguntei, não querendo machucá-lo, pois minhas palavras poderiam ser interpretadas como uma acusação.

Felizmente, Papa não o fez.

“Se eu tivesse, certamente teria me desculpado com ele no segundo em que percebesse que sim. Eu o amo e ele sabe disso.”

Eu também sabia, e não importava o que estava acontecendo entre os dois, ou quaisquer que fossem os motivos de suas desavenças, eu nunca apontaria o dedo para nenhum deles.

“Todos nós temos falhas. Alguns mais do que outros. Mas não podemos fazer as pessoas mudarem quem são apenas para nos satisfazerem.” eu disse baixinho, apertando sua mão na minha.

“Isso mesmo,” ele respondeu com um sorriso, puxando-me para um abraço.

Eu esperava que Fennec não tivesse ouvido nossa conversa, mas mesmo que tivesse, talvez fosse melhor para ele ouvir.

Nada além de vazio



CHAPTER 33
FENNEC

Caçar era exatamente o que eu precisava hoje.

Depois de ouvir Vespyr e Papa falarem de mim, não me animava a considerar nenhum dos dois enquanto entrávamos na floresta.

Tinha voltado a dormir depois de ter comido meu jantar e não me dei ao trabalho de esperar pelo chá que Ves fez para mim.

Por mais zangado que eu estivesse por ouvir tudo o que eles diziam, fiquei feliz por não terem descoberto o que realmente estava errado comigo.

Claro, havia algo de errado comigo.

Eu sabia.

Sempre soube.

Mas não era da conta de ninguém.

Nem mesmo da Mama quando ela me arrastou até aquele maldito terapeuta quando eu era criança.

O problema era que nem mesmo os profissionais conseguiam curar meu cérebro.

Era inútil, e nenhum medicamento jamais me faria sentir como um ser humano normal.

Eu já estava longe, e de qualquer forma, eles teriam que me aceitar como eu era.

“Devíamos nos calar um pouco. As pegadas não estão aqui há muito tempo e tenho certeza de que o urso ainda está vagando por aqui em algum lugar,” ouvi Papa dizer.

Eles estavam andando alguns metros atrás de mim, e quando parei para olhar para eles, os olhos de Vespyr estavam tristes e confusos.

Ela havia tentado falar comigo esta manhã, mas eu não conseguia esquecer ela falando pelas minhas costas.

Tão próxima quanto ela era de mim, ela era também muito próxima do Papa.

E você odeia isso. Você odeia saber que ela o ama tanto quanto ela te ama.

Ao menos uma vez, eu tinha que concordar com as vozes em minha cabeça.

“Tudo bem ou você quer ir mais longe?” Papa me perguntou.

Eu não me importava, então dei de ombros.

“Vamos ficar aqui um pouco. O sol brilhando por entre as árvores nos manterá aquecidos, mesmo sem andar,” disse Vespyr.

Ela era uma garota inteligente e sabia que tentar mudar meu humor hoje não era uma boa ideia.

Ela estava sendo cuidadosa com suas palavras.

Bom para ela.

Virei minhas costas para eles novamente e puxei minha espingarda para a frente no caso daquele urso escolher se mostrar bem diante dos meus olhos.

Atirar com certeza me ajudaria a relaxar.

Atirar no Papa teria a porra do mesmo efeito em você.

Balancei minha cabeça com essas palavras ecoando em minha mente.

Essas vozes poderiam me forçar a fazer coisas das quais provavelmente me arrependeria e, fazendo o que acabavam de me dizer, eu só machucaria Vespyr.

Nunca foi minha intenção.

“Vê isso?” Papa perguntou, mas eu não me virei para olhar para ele. “Um urso estava subindo naquela árvore. Dá para perceber pelos arranhões que sobem e descem o tronco,” ele explicou para Vespyr.

“É impressionante como eles podem escalar bem,” ela disse, mantendo a voz baixa.

“Não é? Eles começam a escalar quando são jovens. Os ajuda a ficar a salvo de predadores, mas eles também gostam de procurar comida lá em cima,” Papa explicou.

Vespyr sabia de todas essas coisas, mas ela não se importava de ouvi-lo contar tudo de novo.

“Não há muito lá para que eles se alimentem além de ovos de pássaros no inverno.”

“Isso é verdade,” disse Papa e, finalmente, os dois ficaram quietos.

Às vezes, apenas os sons mais simples me incomodavam e me oprimiam, fazendo com que eu atacasse nas situações mais incomuns.

E às vezes, até mesmo suas vozes me incomodavam.

Como se eu fosse excessivamente sensível a elas sem querer, e culpava tudo isso pela minha mente doente. Nenhum de nós se moveu ou disse uma palavra, mas quando ficou claro que o urso não voltaria a este lugar, comecei a caminhar novamente.

“Fennec,” Papa gritou, mas eu não parei. “Devíamos ficar juntos,” ele então adicionou quando ouvi seus passos me seguirem.

“Então se mova,” rosnei, e com certeza, os dois estavam me seguindo.

Um suspiro pesado deixou o peito de Vespyr, mas não me virei para ver a frustração em seu rosto.

Ela não estava feliz com meu comportamento, mas claro que eu não me importava por mais que eu a amasse. Eu era um idiota a maior parte do tempo, e por causa da noite passada, ela teria que suportar que eu fosse um idiota com ela por um pouco mais de tempo.

Até eu decidir não ficar mais bravo com ela e com o Papa.



Não era justo a maneira como ele me tratava hoje, e eu estava lentamente começando a pensar que ele tinha ouvido Papa e eu conversarmos ontem à noite.

Por que mais ele ficaria bravo comigo?

Existia uma razão.

Tinha que haver uma.

Por mais que eu quisesse saber, não havia maneira de falar com ele sobre isso, pois ele me ignorava ou me olhava de relance assim que tentava me aproximar dele.

Tínhamos caminhado por horas, seguindo as pegadas que um urso deixava na neve.

Mas, por mais rápido que fôssemos, o urso era muito mais rápido em suas quatro patas, então decidimos voltar para o acampamento.

“Eu tenho que mijar,” disse ao Papa, estendendo a mão para detê-lo.

Não conseguia mais segurar, por mais perto que estivéssemos do acampamento.

“Está bem. Vá para trás desta árvore. E fique de olho. Fique sempre de olho.

Acenei com a cabeça e olhei para Fennec, que havia parado de andar para olhar para mim, e uma vez escondida atrás da árvore, ouvi Papa caminhar a alguns passos de distância para que eu pudesse ter alguma privacidade.

Ficou calmo ao meu redor novamente, e usei este momento para recolher meus pensamentos sobre como lidar com Fennec.

Ele estava obviamente me punindo pelo que eu disse ontem à noite, e embora eu não tivesse a intenção de machucá-lo, ainda era uma má idéia falar pelas suas costas.

Também me sentiria horrível, mas ignorar alguém em vez de confrontá-lo não me parecia correto.

Isso só causava mais problemas.

O frio estava tornando difícil fazer xixi, mas eu levei meu tempo, já que estávamos de mãos vazias de qualquer maneira.

Papa teria que tratar de comer arroz para o jantar novamente.

Por sorte, ainda havia duas caixas dele em sua cabana.

“Merda!”

A voz do Papa estava alta e cheia de terror, e depois de puxar minhas calças, voltei para a trilha que criamos para ver o que estava acontecendo.

“Fennec!”

Eu me movi rápido, seguindo seus passos na neve. “Papa?” Gritei, mas não obtive resposta.

Eles não estavam em lugar nenhum, mas quando ouvi um baque alto e, em seguida, água espirrando, virei para a minha direita para ver Fennec parado no que parecia ser a beira de um penhasco, e quando corri para ele, fiquei chocada com o que eu estava vendo.

“Oh meu Deus! Fennec, temos que descer lá!” Chorei.

Papa havia caído alguns metros em um rio raso, e a visão de sua perna esquerda não parecia nada boa.

“Por que você está parado aqui?! Precisamos ajudá-lo!”

Tive vontade de chorar, mas precisava ver claramente para descer até lá de alguma forma e ajudar o Papa.

Olhei em volta freneticamente para encontrar uma maneira de descer até ele, e quando vi uma grande rocha em que podia pular antes de descer ao rio, corri para fazer exatamente isso.

“Papa, você está bem?” Perguntei, na esperança de ouvir sua voz.

Ele gemia, mas não se mexia, nem Fennec.

“Pelo amor de Deus, Fen! Vem me ajudar!”

Eu o alcancei e me ajoelhei ao lado dele na água gelada.

“Vai ficar tudo bem, Papa. Eu prometo. Oh, Deus... Você bateu com a cabeça?”

“Não, é apenas minha perna,” ele gemeu, e depois de inspecionar seu ferimento, podia dizer que ele não escapou com apenas uma escoriação muito ruim.

Sua perna parecia quebrada.

Não era uma visão bonita.

“Fennec!” Gritei, finalmente vendo ele subir lá. “Você precisa ir para o hospital. Precisamos ligar para alguém. Você pode se sentar?” Perguntei, tentando pegar sua mochila onde ele guardava seu celular de emergência para casos como esse.

Ele nunca teve que usá-lo, até agora.

Papa se levantou com ambas as mãos, e quando Fennec finalmente chegou lá, ajudou a estabilizá-lo.

“Ligue para Jason,” sugeriu ele de forma indiferente.

“Que diabos há de errado com você? Você deveria ter vindo aqui antes.” Eu ladrei, mostrando a ele o quanto estava chateada e zangada.

Puxei o telefone da mochila e apertei o botão verde para fazer a tela acender.

Era um telefone velho sem tela sensível ao toque, mas Papa não precisava de nada extravagante para se comunicar com quem ele precisava.

Ele mal o usava, e surpreendentemente, a bateria durava muito mais do que aqueles modelos novos.

Procurei o nome de Jason nos contatos do Papa, e como havia apenas dois números salvos nele, para mim foi fácil de encontrar.

Apenas segundos depois de levar o telefone até o meu ouvido, Jason atendeu.

“Você está bem?” Ele perguntou, pensando que era o Papa que estava ligando para ele.

“Jason, aqui é Vespyr. Papa está ferido e precisamos levá-lo para o hospital.”

“O que aconteceu?” Eu o ouvi se mexer e Sitka latiu ao fundo, pensando que eles estavam saindo para brincar.

“Ele caiu de um penhasco no rio. Acho que sua perna está quebrada,” eu lhe disse, suspirando. “Você pode vir buscá-lo?”

“Isso pode demorar um pouco, criança. Não posso levar nada além do meu quadriciclo até aí,” ele me disse.

“Tudo bem. Só precisamos levá-lo a um hospital.”

“Ele está se saindo bem com a dor?”

Olhei para o Papa, vendo mais raiva do que dor em seu rosto. “Quanto dói, Papa?”

“Posso lidar com isso. O hospital mais próximo é em Fairbanks,” apontou ele.

“Você pode levar Papa a Fairbanks?” Perguntei a Jason, e embora ele não parecesse muito feliz com isso, ele disse que sim.

“Você pode levá-lo para o acampamento? Você está muito longe?” Eu ouvi enquanto ele dizia a Sitka para ficar lá dentro, então eu podia ouvir seus passos na neve antes da porta de sua garagem se abrir.

“Acho que podemos chegar até o acampamento. Fennec está aqui comigo. Ele vai me ajudar a segurar o Papa.”

“Ótimo. Estarei aí em poucos minutos.”

“Obrigada!” Consegui dizer antes dele desligar, e depois de empurrar o telefone de volta para sua mochila, me levantei e enrolei minhas mãos no braço do Papa.

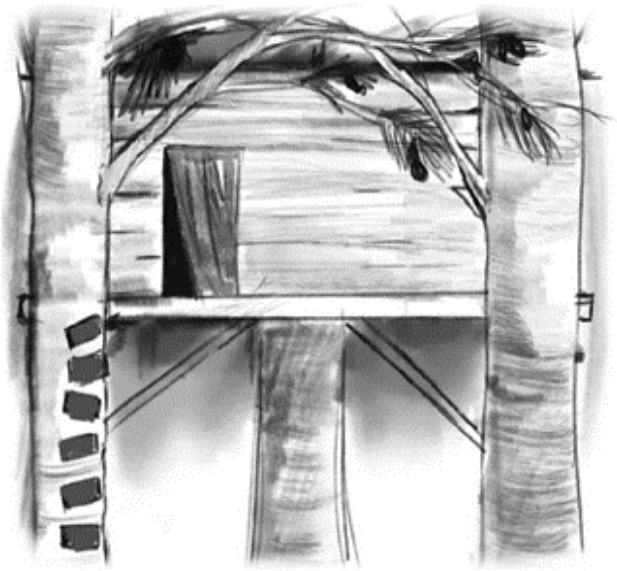
“Você pode tentar ficar de pé? Nós o ajudaremos a andar. Vamos lá, Fennec. Ajude-me!” Sibilei.

Por mais que eu não quisesse, estava começando a perder a paciência com ele.

Ele não parecia se importar com a queda do Papa, nem parecia compadecido o suficiente para ajudá-lo a voltar ao acampamento.

Não. Não havia nada além de vazio em seus olhos.

Ele não está bem.



CHAPTER 34
VESPYR

O quadriciclo de Jason ecoou pela floresta enquanto ele se aproximava do acampamento, e enquanto esperávamos sua chegada, garanti que o Papa permanecesse quente o suficiente enquanto o sol desaparecia lentamente.

“Precisamos ligar para Mama e avisar que estamos voltando para Fairbanks.”

“Você pode ligar para ela quando estivermos no carro de Jason. Deus, ela vai ficar chateada,” Papa murmurou baixinho enquanto me observava enrolar um de seus suéteres em sua perna.

Suas calças haviam rasgado quando ele caiu, e para evitar uma infecção, cobri sua ferida para ao menos evitar mais um motivo para a visita de Papa ao hospital ainda hoje.

“Ela vai entender. Você caiu. É perigoso estar aqui com toda essa neve,” suspirei.

Papa me observou por um tempo, seus olhos inseguros. “Eu deveria saber que havia um penhasco. Eu conheço esta floresta.”

“Estava escorregadio, Papa. Mas estou feliz que você não bateu com a cabeça ou caiu de costas. Isso teria sido muito pior.”

Ele acenou com a cabeça, então olhou para cima quando Jason finalmente apareceu entre as árvores.

“Merda, cara. Como diabos isso aconteceu?” Ele perguntou quando saiu do quadriciclo.

Papa não respondeu, e eu tentei ajudá-lo a levantar para que ele pudesse sentar no trailer que Jason havia prendido atrás do quadriciclo.

Ele normalmente usava isso para colocar lenha nele e transportá-lo de volta para sua cabana, mas hoje era uma ótima opção para levar Papa montanha abaixo.

“Você acha que está quebrado?” Jason perguntou.

“É o que parece. Não consigo mover meu tornozelo,” Papa respondeu, gemendo enquanto o ajudávamos a subir no trailer.

“Você também vem?”

Eu me virei para Jason e confirmei com a cabeça. De jeito nenhum eu deixaria Papa sozinho.

“E ele?” Jason acenou com a cabeça para trás de mim, e eu sabia quem estava ali parado em silêncio.

“Não. Acho que ele vai ficar aqui,” eu lhe disse, tentando não parecer triste, mas sim com raiva.

Fennec parecia não se preocupar com o Papa se machucando, e pelo menos uma vez, eu não queria ter Fennec por perto.

Não olhei para ele quando subi na parte de trás do quadriciclo para sentar atrás de Jason e me agarrar a ele para não cair.

Eu podia sentir os olhos de Fennec em mim, mas por mais que eu o amasse, ele não merecia minha atenção neste momento.

Papa também não disse uma palavra, sabendo que Fen sabia como sobreviver aqui por conta própria.

Ele ficaria bem.

Talvez até ajudasse a desanuviar sua cabeça depois de estar abatido nos últimos dias.

Enquanto Jason nos levava de volta à cabana, olhei para trás para ter certeza de que Papa estava bem e segurando firme já que era uma viagem turbulenta, mas conseguimos chegar em segurança e rapidamente entramos no caminhão de Jason com Sitka se juntando a nós já que ela não podia ficar sozinha.

“Você se importa se eu ligar para Mama e avisar que estamos indo para Fairbanks?” Perguntei a Jason.

Ele me entregou o telefone e, depois de digitar o número da Mama, segurei o telefone no ouvido e esperei que ela atendesse.

“Jason, está tudo bem?”

“Mama, sou eu.”

“Vespyr? Você está bem?” Ela parecia preocupada, mas não era comigo que ela tinha que se preocupar.

“Estou bem, mas Papa não. Ele caiu de um penhasco e machucou a perna. Seu tornozelo dói, então Jason está nos levando para o hospital.”

“Oh, meu Deus,” ela engasgou. “Quando vão chegar?”

“Hoje mais tarde. Acabamos de começar a dirigir.”

“Ligue-me novamente quando estiver no hospital e eu irei. Deixe-me falar com o Papa.”

Sem dizer tchau, devolvi o telefone para Papa, que estava encostado na janela e com a perna apoiada nos assentos.

Sitka teve que se acomodar na parte de trás para este passeio.

“Mama quer falar com você,” eu disse quando ele pegou o telefone.

“Acha que ela ficará feliz com você deixando Fennec para trás?” Jason perguntou enquanto o Papa falava com Mama.

“Provavelmente não. Mas ele precisa se acalmar do que quer que esteja acontecendo com ele. Ele não tem estado bem ultimamente,” eu lhe disse.

“E você acha que deixá-lo lá sozinho o ajudará a melhorar? Parece uma missão suicida para mim, deixá-lo lutando sozinho.”

Fiz uma careta. “Fennec não vai tirar a própria vida só porque está sozinho na selva. Ele sabe como sobreviver.”

Jason riu. “Ele obviamente não está bem da cabeça, criança.”

A culpa começou a ocupar a maior parte do espaço em meu peito, e com as palavras de Jason afundando, percebi que não deveria ter sido uma vadia com ele enquanto tentava levar Papa de volta ao acampamento.

Também não deveríamos tê-lo deixado sozinho na floresta, mas ele nem mesmo moveu um músculo quando Jason chegou.

Ele não queria ajudar e queria que a gente fosse embora.

Ele queria que eu fosse embora.

“Ele vai ficar bem,” sussurrei.



Depois de mais de seis horas de viagem até Fairbanks, nos encontramos com Mama no hospital e esperamos que Papa fosse examinado pelos médicos.

Jason tinha ficado conosco por um tempo porque estava preocupado com Papa, e quando os médicos nos disseram que Papa havia fraturado seu

tornozelo e que precisaria passar a noite também para limpar sua ferida e obter a medicação de que precisava, Jason partiu.

Ele me disse para ligar para ele se eu decidisse voltar para Wiseman, mas eu ainda não tinha tanta certeza sobre isso.

Fennec não me queria lá, e mesmo que ele não estivesse bem, eu sabia que estar sozinho era o que ele precisava.

Levantei-me da cadeira na sala de espera depois que uma enfermeira nos disse que poderíamos ir ver o Papa por alguns minutos antes de termos que sair, e com a Mama me seguindo, entramos na sala para encontrar o Papa confortavelmente deitado na cama.

“Como você está se sentindo?” Perguntei, dando um passo para o lado da cama e colocando minha mão em seu braço.

“Melhor. Os remédios estão ajudando com a dor. O Doutor disse que não é uma fratura ruim, mas que eu tive sorte.”

“Eu sabia que isso iria acontecer algum dia. Não é seguro lá fora. E com toda aquela neve caindo no inverno—”

“Alena, já chega,” Papa avisou. “É tarde e eu gostaria de descansar. Conversaremos amanhã.”

Mama suspirou e balançou a cabeça, então olhou para o gesso em volta do tornozelo de Papa e soltou uma risada áspera.

“Só para você saber, não aprovo você deixar Fennec sozinho. Ele ainda é uma criança.”

“Ele faz vinte anos em três semanas,” murmurei, mas Mama não queria ouvir isso.

“Ele está sozinho e nem mesmo Jason está lá para ajudar caso precise.”

“O que você vai fazer sobre isso? Dirigir todo o caminho até Wiseman e fazer com que ele venha para cá? Ele não vem. A floresta é onde ele quer estar. Não há razão para obrigá-lo a fazer algo que ele não quer. Só vai irritá-lo.”

Eu odiava ouvi-los brigar, mas Papa tinha um ponto válido.

Nada poderia fazer com que Fennec viesse aqui e, naquele momento, acreditei que nem mesmo eu conseguiria convencê-lo.

“Conversaremos amanhã. Você precisa ir para casa.”

Inclinei-me para beijar a sua cabeça. “Vejo você de manhã,” sussurrei, apertando sua mão antes de caminhar até a porta e deixar Mama dizer boa

noite para ele.

“Você não está sendo honesto comigo, Judd,” eu a ouvi sussurrar, e com as emoções de Papa mudando em seus olhos, eu lentamente comecei a acreditar no mesmo.

“Tchau, Papa.” Acenei para ele e saí com Mama para ir até o carro dela.

“O que você quer dizer com ele não está sendo honesto com você?”

“Nada. Não se preocupe com isso.”

Entramos no carro e colocamos os cintos de segurança. “Se você quiser, posso voltar para Wiseman e tentar fazer com que Fennec venha para cá. Talvez ele me ouça,” eu disse a ela.

Certamente, ele não ficaria com raiva de mim por muito tempo, certo?

“Não acredito que estou dizendo isso, mas pode ser a melhor opção. Não quero que ele fique sozinho lá em cima. Não é seguro.”

Eu a observei cuidadosamente enquanto ela entrava na estrada. “Não é seguro por causa dos animais, ou porque ele pode se machucar?”

“Ambos. Ele não está bem.”

“Mentalmente?”

Ela não respondeu, mas seu silêncio falou muito.

“Ele não estava bem desde que voltamos depois das férias. Ele estava quieto e abatido. Você acha que ele está deprimido?”

Eu sabia pouco sobre depressão ou quaisquer problemas de saúde mental, mas a maneira como Fennec agia naquela época não poderia ser porque ele estava de mau humor.

“Ele não está deprimido, Vespyr,” ela suspirou, olhando para mim por um segundo antes de se concentrar na estrada novamente. “Há muita coisa que você não sabe. Nem eu sei muito sobre ele. Mas nunca iremos descobrir o que há de errado se ele não nos deixar ajudá-lo.”

Olhei para minhas mãos e me perguntei se valia a pena falar sobre isso.

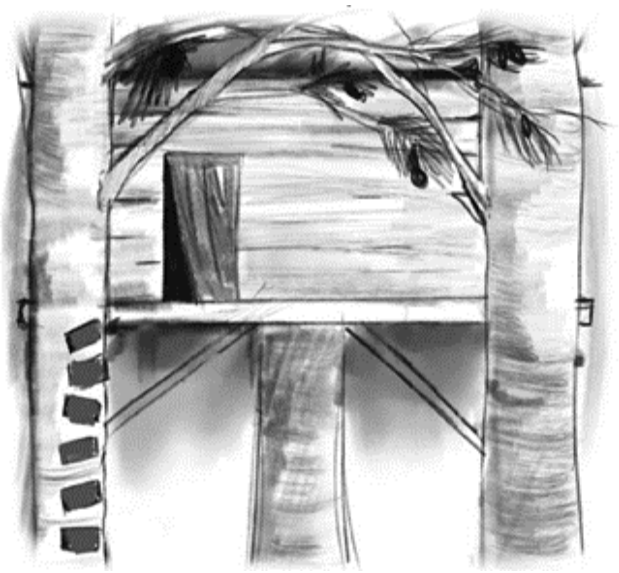
Eu falei pelas costas dele antes, e saber como isso o fazia se sentir me chateava.

“Vou passar na casa de Jason amanhã para perguntar se ele está disposto a voltar para Wiseman. Vou tentar falar com Fennec.”

Sentia falta dele, e não importa o quanto ele tivesse me irritado hoje, eu não poderia ficar brava com ele para sempre.

Ele segurou meu coração, e estar tão distante só me dilaceraria. Lentamente, mas de forma tão dolorosa.

"Eu estava indefeso."



CHAPTER 35
VESPYR

“Obrigado novamente, Jason. Sei que você provavelmente tem coisas melhores para fazer, mas Mama está certa. Fennec não pode ficar lá sozinho até que Papa esteja de pé novamente. Literalmente.”

Jason teve a gentileza de me levar de volta a Wiseman, e como ele sabia que teríamos que voltar de carro se Fennec concordasse em voltar para casa comigo, ele decidiu arrumar suas coisas e deixar a cabana para trás por um mês até que Papa estivesse pronto para voltar.

Estávamos em dívida com Jason, e Mama já havia prometido convidá-lo para jantar enquanto ele permanecesse em Fairbanks.

“Não tenho nada melhor para fazer, criança.”

Olhei pela janela enquanto dirigíamos pela rua para chegar à cabana dele e, assim que ele entrou na garagem, Sitka uivou no banco de trás ao reconhecer que estava em casa.

Virando-me no banco, sorri para ela e arranhei o ponto atrás de sua orelha para dar-lhe a atenção que ela merecia.

“Quer que eu te leve até ele? Você não sabe dirigir o quadriciclo, certo?”

Balancei minha cabeça. “Acho que é melhor se eu subir até lá sozinha. Preciso ficar a sós com ele e levar meu tempo para explicar que ele precisa voltar para casa.”

Embora eu odiasse cada segundo só de pensar sobre isso.

“Leve Sitka junto então. Não posso deixar nada acontecer com você,” ele me disse, acenando de volta para sua companheira leal.

“Tem certeza?”

“Sim. Eu posso passar um dia sem ela. Mas preciso que você a traga de volta. Acha que pode convencer Fennec a vir aqui em menos de um dia?”

Eu esperava que sim.

Não importa o quanto eu quisesse ficar lá com ele.

“Vou tentar o meu melhor. Estou com o telefone do Papa e enviarei uma mensagem se souber quando voltaremos aqui.”

Saímos da caminhonete e peguei minha mochila no banco de trás antes de deixar Sitka pular, imediatamente correndo atrás de Jason, que estava caminhando para a cabana.

“Vou lhe dar duas metades de um frango e alguns hambúrgueres de carne para ela comer, mas não quero que ela fique lá por muito tempo,” Jason gritou enquanto eu o seguia.

“Se você ficar sem comida, volte para baixo. Com ou sem Fennec. Não quero que ela morra de fome.”

“Ela não vai. Além disso, posso atirar em esquilos. Eu sou bom nisso, então, caso demore mais, vou garantir que Sitka tenha comida suficiente.”

“Não cozinhe a carne,” ele disse enquanto pegava a comida de Sitka e a colocava em um recipiente para mantê-la fresca.

“Eu prometo que ela vai ficar bem,” acrescentei, querendo que ele soubesse que eu estaria cuidando bem de Sit.

Jason resmungou algo baixinho e, quando me entregou a comida, coloquei-a na mochila.

“Ela não vai fugir, mas certifique-se de que esteja trancada dentro da cabana durante a noite. Não quero que outro animal ataque ela.”

Não havia nada com que se preocupar.

“Obrigada, Jason. Mandarei uma mensagem quando chegar lá.”

Ele acenou com a cabeça e disse adeus a sua melhor amiga antes de prender a guia na coleira de Sitka e entregá-la a mim.

“Vamos, Sit,” eu disse, saindo da cabana de Jason e, em seguida, começando minha curta jornada até o acampamento de Papa.



Quando eu estava suficientemente perto do acampamento para poder ver a cabana entre as árvores, parei e fiz com que Sitka se sentasse ao meu lado para que eu pudesse avisar Fennec sobre minha chegada.

Ele certamente não estava esperando que eu voltasse tão cedo, e eu não queria ser atingida acidentalmente por ele achando que eu era uma intrusa, ou que Sitka era um urso.

Ela era grande o suficiente para ser confundida com um jovem.

“Fennec?” Chamei, coçando a cabeça da Sitka enquanto ela se arrastava ao meu lado.

“Sou eu. Você está aí?”

Dei um passo à frente e olhei para a casa da árvore, mas não obtive resposta.

“Eu sei que você está bravo, mas precisamos conversar. Estamos preocupados com você. Eu estou preocupada.” Minha voz de repente estava trêmula e meu coração batia mais rápido.

“Fennec?” Chamei de novo e, desta vez, ouvi um barulho vindo de dentro da cabana.

Esperei a porta abrir e, quando ele finalmente apareceu, não pude conter um suspiro de alívio e um sorriso. “Oi,” eu disse, encontrando seu olhar sem emoção.

Ele me observou por um momento antes de mover os olhos para Sitka, então olhou em volta.

“É só ela e eu. Jason ficou em sua cabana e Mama está em casa com Papa. Ele vai ficar bem. Ele quebrou o tornozelo,” eu disse.

“Por que você voltou?”

Sua voz estava rouca e, como eu esperava há alguns dias, ele logo não seria capaz de emitir nenhum som.

“Porque não era certo deixar você para trás, e também não era certo não dizer adeus. Me sinto péssima e quero que saiba que não estou mais com raiva de você. Eu simplesmente não entendi porque você …”

“Por que eu não ajudei o Papa?”

Balancei a cabeça, pressionando meus lábios. “Eu gostaria de entender. Sei que você não está se sentindo bem, mas talvez eu possa te ajudar com isso.”

Uma risada áspera saiu de seu peito, fazendo-o tossir, o que pareceu horrível.

“Isso não parece bom,” eu disse baixinho, mas ele acenou com a mão.

“Não é nada.”

“Não me parece nada, Fennec.”

“Eu não preciso de você aqui para me dizer que eu estava sendo um idiota com Papa. Você não deveria ter vindo.”

Franzi a testa para ele, tentando não ficar com raiva de novo.

Não valia a pena, e como ele ainda estava lidando com seus próprios problemas, era melhor não acrescentar combustível à chama.

“Você não pode me mandar embora, Fennec. Não é justo. Contamos tudo um ao outro, certo? Por que você está tentando esconder essa dor óbvia que está carregando de mim?”

Ele balançou a cabeça e se virou, fazendo Sitka gemer ao vê-lo voltar para a cabana.

Até ela não estava bem com a maneira como ele estava agindo.

Cachorra esperta.

Soltei sua coleira, sabendo que ela não iria fugir daqui. Em vez disso, ela me seguiu até a porta da cabana e entrou para se sentar ao lado da cama de Papa.

“Você dormiu aqui?” Perguntei.

Outro aceno de cabeça.

Ele estava de pé ao lado do refrigerador, os braços cruzados e a cabeça inclinada para o lado. “Entendo se você ficou chocado quando Papa caiu, e sinto muito por ter reagido da maneira como reagi. Eu não deveria ter gritado. Não consigo imaginar como ficaria com medo de ver alguém que amo cair de um penhasco e se machucar.”

Fennec franziu a testa para mim, mas desapareceu quando um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. “Sim, acho que não sabia como reagir. Foi difícil vê-lo escorregar e cair, e eu estava desamparado,” ele disse, com a voz fraca. “Tive sorte de você estar lá. Acho que não sou tão forte quanto penso.”

“Não acho que seja isso, Fennec. Não o tinha visto cair e, conhecendo-me, teria sido estúpida o suficiente para me virar e não ver isso acontecer.”

Era errado até pensar que daria as costas a algo tão horrível como isso, mas não era forte o suficiente para ver alguém se machucar.

Especialmente se esse alguém fosse um ente querido.

Para manter o frio do lado de fora, fechei a porta atrás de mim e me aproximei de Fennec, parando na frente dele e colocando ambas as mãos

em seu rosto.

Eu estava de luvas, mas podia sentir sua pele fria através do tecido.

“Por favor, não me afaste de novo. Quero conversar. Quero entender o que está acontecendo e quero tentar fazer com que você veja que, mesmo que esteja se sentindo para baixo, sempre há uma saída.”

Seus olhos estavam nos meus, me observando de perto enquanto eu falava, então ele ergueu a mão e agarrou a minha esquerda para afastá-la de seu rosto e segurá-la com força. “Estou feliz que você voltou, doce menina. Eu não poderia sobreviver aqui sozinho,” ele sussurrou.

“Claro que você poderia.”

“Não no estado de espírito que estou agora, Vespyr.”

Mamãe estava certa, mas eu precisava que Fennec me provasse que ela estava.

E ele simplesmente provou.

“Você acha que seria melhor voltar para Fairbanks então?” Perguntei, tentando descobrir qual seria uma boa resolução para resolver seus problemas.

“Não agora. Você acabou de chegar, e acho que precisamos de algum tempo a sós para resolver nossos problemas antes que eu deixe estranhos me dizerem o que realmente há de errado comigo.”

Seu sorriso reapareceu e eu imitei sua expressão quando alguma emoção voltou para seus olhos.

“Vou mandar uma mensagem para Jason para dizer a ele que voltaremos amanhã. A menos que não seja tempo suficiente para você.”

Fennec encolheu os ombros, mas não sugeriu ficar mais tempo do que isso.

“Eu tenho o telefone do Papa na minha mochila. Também direi a Mama que você está bem.”

Ele me viu colocar a mochila no colchão e, em seguida, puxar o telefone para mandar uma mensagem para Jason e Mama e, assim que fiz, desliguei o telefone e olhei para Fennec com um sorriso.

“Você precisa de chá para curar o que está errado com sua garganta. Dói quando você engole?” Perguntei.

Ele balançou a cabeça.

“Isso é bom. Acho que ainda tem hortelã no refrigerador.” Fui até ele e me abaixei para abrir o refrigerador ao seu lado, mas antes que eu pudesse abri-lo, ele agarrou meu pulso e me puxou para ele.

“Estou feliz que você não esteja mais com raiva de mim. Eu fui um idiota ignorante com você.”

Olhei para ele antes de balançar minha cabeça com suas palavras. “Eu te perdoo, Fen. Não estava exatamente tratando você bem também,” confessei.

“Não, mas eu merecia ser tratado assim. Você não. Você sempre foi boa para mim. Muito boa. Lamento ter chateado você e prometo que não farei isso de novo.”

Acreditei em cada palavra que ele disse, e me fez amá-lo ainda mais agora do que antes.

Com minhas mãos em seu peito, eu o deixei me puxar contra seu corpo com os braços em volta das minhas costas, e quando seus lábios encontraram os meus, imediatamente derreti em seu beijo.

Não importa o que havia de errado com ele, e não importava se Papa pensava que Fennec não se importava com ele, Fennec era compassivo. Pode ter sido difícil para ele mostrar, mas logo descobriríamos por que ele agia daquela maneira.

“Você ainda me ama?” Ele sussurrou contra meus lábios.

Eu me inclinei para trás para olhar em seus olhos novamente. “Odeio como você tem que me fazer essa pergunta. Claro que ainda te amo. Nunca deixei de te amar, Fennec.”

“Bom. Eu não posso viver sem o seu amor.”

E nem eu poderia.

"Nós pertencemos."



CHAPTER 36
FENNEC

Vespyr era ingênua.

E talvez seja por isso que nos entendemos tão bem.

Muitas vezes me perguntei se ela me ouviu corretamente, ou mesmo se percebeu os significados mais profundos de minhas palavras, mas eu não poderia me importar menos com isso neste momento.

Ela estava aqui comigo, cuidando bem de mim.

Isso era tudo o que importava neste momento.

Voltar para Fairbanks significaria enfrentar o Papa novamente, mas mesmo após seu acidente, não tive vontade de revê-lo.

Nem queria ver a Mama, sabendo o que ela me obrigaria a fazer.

Ela me disse muitas vezes que eu precisava de ajuda com o que quer que estivesse acontecendo com meu cérebro, e mesmo no Natal, ela não podia evitar de apontar todas as coisas boas que poderiam vir de uma conversa com um terapeuta.

Eu não precisava de um maldito terapeuta para lidar com meus problemas.

Não, você precisará de muito mais, psicopata.

Empurrei as vozes para o lado e limpei a garganta, que começou a me doer menos do que antes.

O chá que Vespyr fez ajudou muito.

“O que você comeu enquanto estávamos fora?” Ela perguntou ao sair da cabana novamente com a comida de Sitka nas mãos.

“Nada.”

“Você não comeu? Fennec, isso não é bom. Você tem que comer alguma coisa,” ela suspirou, colocando o recipiente sobre a mesa e abrindo-o para tirar metade de um frango.

“Eu não fui caçar,” apontei. “E não fui hoje também.”

“Você quer que eu vá? Talvez eu tenha a sorte de encontrar um esquilo ou coelho, ou posso descer até o rio e pescar. Provavelmente mais fácil.”

“Podemos comer o que Jason deu a você.”

Ela franziu a testa para mim. “Isso é para Sitka.”

“Ela não vai comer tudo isso. Ponha uma metade na grelha para nós e acrescente alguns hambúrgueres. Ela pode ficar com o resto. Vamos descer amanhã de qualquer maneira.”

“Mesmo? Achei que você precisava de mais tempo,” ela disse, surpresa.

“Estou com fome e terei que enfrentar o Papa eventualmente. É melhor acabar com isso.”

Vespyr sorriu brilhantemente, aliviada por não ter que me convencer a ir a Fairbanks com ela.

Pensei em fazê-la implorar para que eu fosse, mas ela teria que implorar por outros motivos esta noite, e eu não queria tornar isso muito difícil para ela.

“Oh, Fen! Obrigada!” Ela gritou, então se aproximou de mim e me abraçou, inclinando-se e envolvendo os braços em volta dos meus ombros por trás.

“Eu sei que não vai ser fácil para você, mas prometo que não vou sair do seu lado. Nunca.”

Ela beijou minha bochecha e, depois de dar um tapinha em seu braço, se levantou e caminhou de volta para a mesa onde Sitka já havia notado sua comida espalhada.

Vespyr pegou metade do frango e colocou na neve ao lado de um hambúrguer de carne, o que definitivamente seria o suficiente para Sitka.

Ela pegou a outra metade e o recipiente com o resto dos hambúrgueres para colocá-los na grelha.

“Isso vai demorar um pouco. Quer outro chá? Você também deve usar um lenço para manter sua garganta quente.”

“O que eu preciso é que você se sente,” eu disse, olhando para ela.

Ela sorriu, deixando escapar um suspiro antes de se aproximar de mim e me deixar puxá-la para o meu colo.

“Eu sei que faz apenas um dia, mas eu realmente senti sua falta,” sussurrei, puxando seu cabelo para trás e colocando seu rosto em minhas

mãos.

Suas bochechas já rosadas de frio ficaram ainda mais brilhantes e, com os olhos baixos, ela agarrou meu casaco com as duas mãos.

“Eu também. Você sabe... Eu não sabia o que pensar quando estávamos voltando para Fairbanks, mas quando eu estava na cama ontem à noite, percebi que estar longe de você e não poder falar com você era o que mais me aborrecia.”

“Você sabe por quê?” Perguntei, segurando seu queixo e fazendo-a olhar para mim.

“Diga-me.”

“É porque não devemos ficar separados. Não preciso dizer outra vez que o que temos é especial, e estar separados só dói muito porque nossos corações desejam um pelo outro sempre que estamos longe. Exatamente como eu disse uma noite. Eu não fico bem quando você se vai.”

Seus olhos estavam brilhantes, cheios de amor e carinho. A única que poderia me dar.

“Você não acha que Mama e Papa sabem sobre nós, certo? Eles teriam dito algo. Eles não ficariam bem com isso.”

“Eles não são os únicos que têm que concordar com isso, Vespyr. É você e eu. Não dou a mínima para os outros. Você sabe que eu te amo, e isso é o que mais importa para mim.”

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha antes de puxá-la para mais perto com minha mão na parte de trás de sua cabeça. “O que fazemos depende de nós, e não importa quem saberá eventualmente, quero que você abrace seu amor por mim. Porque eu farei o mesmo por você.”

Seus olhos estavam fixos nos meus e, sem dizer uma palavra, eu sabia exatamente o que ela estava pensando.

Se você ousar deixá-la, ela estaria perdida.

E ela sabia disso muito bem.

“Mas e se eles tentarem quebrar o que temos?”

“Eles podem tentar, mas nunca terão sucesso,” prometi, procurando em seu rosto algum tipo de compreensão de que o que eu estava dizendo era a verdade.

A verdade é que você é doente. Você está bagunçando com ela da mesma forma que você está bagunçando consigo mesmo.

“Que se fodam os outros. Que se foda o que sua mente está lhe dizendo, e escute seu coração. Ele bate por mim, doce menina. Eu sei que sim, e quando você perceber, verá que o meu só bate por você.”

Sua mão se moveu para o meu peito, onde ela podia sentir meu batimento cardíaco, e depois que ela lutou para empurrar esses pensamentos negativos para fora de sua mente, ela sorriu para mim e acenou com a cabeça concordando.

“Nós pertencemos,” ela sussurrou.

“Sim, pertencemos,” eu disse com um sorriso orgulhoso, colocando meus lábios nos dela.

Seus braços envolveram meu pescoço e eu a puxei para mais perto com minhas mãos na parte inferior de suas costas, fazendo sua virilha encontrar a minha e sentir o quanto meu corpo reagiu ao dela.

Eu precisava colocar algumas coisas em dia com ela, e logo após o jantar, eu iria mostrar o quanto eu não apenas a amava, mas também amava seu corpo.



Coloquei Sitka de volta na coleira e a amarrei na lateral da cabana para que ela pudesse ter a opção de ficar dentro de casa ou na neve.

Agora, ela estava lá dentro tirando uma soneca.

Era tarde e, depois do jantar, tiramos os cobertores da casa da árvore para nos aninharmos perto do fogo e nos mantermos aquecidos.

Vespyr estava sentada na minha frente, encostada no tronco da árvore em que eu estava sentado, e com um cobertor enrolado em seus ombros.

Ela estava sentada em um pedaço de lona cortada para não se molhar com a neve, e eu passei meus braços em volta de seus ombros, minhas mãos cruzadas sobre seu peito.

“Lembra daqueles sonhos que você me contou?” Perguntei, olhando para baixo quando ela virou a cabeça para encontrar o meu olhar.

“Lembro de todos eles vividamente, sim.”

“Você teve algum daqueles sonhos de novo ultimamente?”

Ela balançou a cabeça. “Eu raramente os tenho quando você está dormindo ao meu lado. Também parei com o sonambulismo. Você nunca me amarrou à casa da árvore novamente,” ela disse com um sorriso.

“Você gostava?”

“De estar amarrada?”

Concordei.

“Sim.”

“E como estão suas costas? Gostou da sensação da faca cortando sua pele?”

“Eu gostei porque você gostou.”

Lavagem cerebral.

Você a está transformando em alguém que ela não é.

“Preciso que você seja honesta comigo, Vespyr. Você gostou?”

“Sim.” Sua resposta veio rápida e sem dúvida.

Movi minhas mãos e cobri seus seios, apertando-os suavemente enquanto me inclinei para beijar o lado de seu pescoço.

“O que você mais gosta quando eu toco em você?” Murmurei, minha voz ficou muito mais limpa depois de beber chá e comer.

Não tinha falado muito nos últimos dias, mas minha voz estava ganhando força.

Ela gemeu baixinho, seu peito subindo e descendo enquanto eu continuava a massagear seus seios. “Eu amo como você me faz sentir. Eu me sinto segura e desejada. Amada,” ela sussurrou, inclinando a cabeça para o lado para que eu tivesse melhor acesso à sua pele quente.

Chupei e mordi, deixando um rastro de beijos em sua mandíbula e de volta em seu pescoço.

“Você me deixaria fazer qualquer coisa com o seu corpo, hein?”

“Sim,” ela gemeu, arqueando as costas e pressionando seus seios contra minhas palmas.

Depois de dar-lhes mais um aperto forte, segurei seu queixo e inclinei sua cabeça para trás contra a protuberância em minha calça e a beijei apaixonadamente.

Enfiei minha língua em sua boca e, como sempre, ela se rendeu a mim em questão de segundos.

Ela me deixava fazer o que eu quisesse com seu corpo, e não importava o quão estranhas essas coisas fossem, eu a faria gostar.

Ela estava aberta para tanto, e eu estava orgulhoso por ela não julgar ou questionar minhas preferências.

Aprofundando o beijo, mantive minha mão em sua garganta e puxei seu suéter com a outra mão, sentindo sua pele quente sob o meu toque.

Enquanto nossas línguas se moviam uma contra a outra, ela levantou as duas mãos e as colocou na parte de trás da minha cabeça, certificando-se de que eu não me distanciasse, mas continuasse a beijá-la.

Minha mão estava agora sobre seu seio, massageando e provocando seu mamilo duro enquanto a parte de cima de sua cabeça se encostava contra meu pau em minhas calças.

“Porra,” eu gemi enquanto ela me provocava de volta, sabendo exatamente o que estava fazendo comigo.

Puxei seu mamilo, puxando e torcendo-o até que ela gritou, e para ouvir aqueles sons novamente, fiz a mesma coisa com o outro mamilo, dando a mesma atenção.

Nosso beijo foi molhado, e uma vez que acumulei saliva suficiente, quebrei o beijo para molhar meus dedos e depois seus mamilos.

“Linda,” elogiei, observando a luxúria em seus olhos crescer. “Você vai fazer o que eu digo? Experimentar algo que sempre quis que você fizesse?”

Eu não precisava de uma resposta porque estava escrito em seu rosto.

“Qualquer coisa,” ela sussurrou, com as mãos enterradas no meu cabelo.

“Vire-se e fique de joelhos,” ordenei.

Ela não perdeu tempo e rapidamente se moveu para se ajoelhar na minha frente.

Eu desabotoei minhas calças enquanto mantinha meus olhos nela o tempo todo, e uma vez que puxei meu pau para fora, seus olhos caíram para me ver acariciá-lo.

Eu já estava duro, mas antes que ela chupasse, eu queria que ela me provasse.

“Abra essa boca bonita para mim, doce menina.”

Ela o fez, e com minha mão em seu queixo novamente, estabilizei sua cabeça e me certifiquei de que ela não recuasse.

“Eu experimentei o seu, agora eu quero que você experimente o meu.”

Seus olhos se arregalaram por um segundo, então havia entusiasmo em seus olhos.

Ela se ajoelhou, aproximando-se de mim.

“Garota carente.”

Ela fechou os olhos quando a primeira gota de xixi caiu em sua língua, e após um rápido momento de decisão se ela gostava ou não, ela encontrou meus olhos novamente e engoliu.

“É isso, doce menina. Porra! A coisa mais linda que eu já vi.”

Quando terminei, inclinei-me para beijá-la e provar o que ela estava saboreando, e depois de deixar minha língua escovar contra a dela, me inclinei para trás e a puxei para mais perto.

“Chupe,” ordenei.

Novamente, não tive que dizer a ela duas vezes.

Seus lábios envolveram minha ponta inchada, então ela agarrou a base com as duas mãos e esfregou ao longo do meu comprimento antes de levá-lo mais fundo em sua boca.

Chupando suavemente, ela começou a mover a cabeça e eu coloquei as duas mãos em cada lado dela para assumir o controle de seus movimentos.

Ela lutou contra, e por mais que eu gostasse que ela controlasse meu pau latejante, não era o que eu precisava neste momento.

“Mantenha sua cabeça quieta e me deixe foder essa doce boca, Vespyr.”

Gemi enquanto ela chupava mais forte, e movi sua cabeça mais rápido, atingindo o fundo de sua garganta com minha cabeça sensível.

Foi uma tortura, mas da melhor maneira possível.

“POOORRA!” Gemi, mantendo sua cabeça firme enquanto pressionava meus quadris contra ela, ouvindo ela engasgar, mas não tentando fugir.

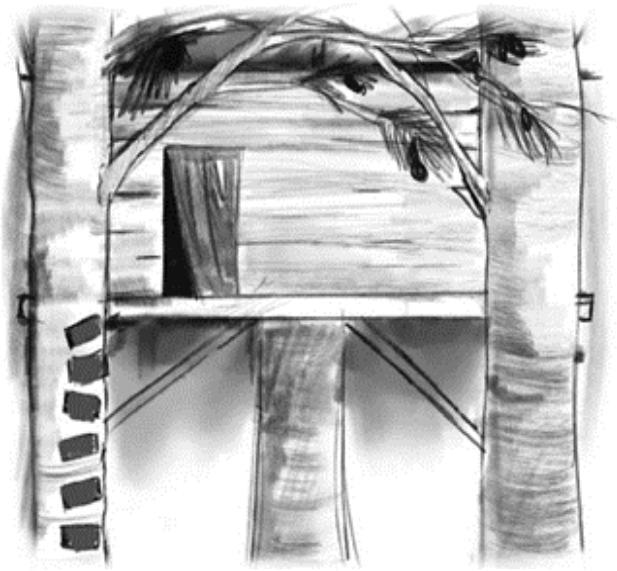
“Sim, você gosta disso, hein? Minha garotinha suja. Você vai fazer tudo que eu mandar.”

Um gemido abafado fez vibrar a parte de trás de sua garganta quando ela escolheu me provocar com a mão em minhas bolas, e isso me mandou muito perto do limite.

“Por mais que eu gostasse que você engolisse todo o meu esperma, preciso gozar dentro dessa boceta molhada e apertada.”

E não importa quantas vezes eu gozasse dentro dela, eu nunca teria o suficiente.

"Eu sou seu protetor."



CHAPTER 37
VESPYR

Seu pau escorregou dentro de mim com facilidade enquanto eu caía em cima dele, agarrada ao seu colo.

As mãos de Fennec estavam no meu traseiro, me ajudando a subir e descer enquanto me agarrava firmemente a seus ombros.

Ele havia me despido, e embora estivesse nua, mover-me em cima dele esquentava rapidamente meu corpo.

Eu gemia enquanto sentia seu pau batendo contra minhas paredes, e sua boca sugando meu mamilo tornava a sensação ainda mais intensa.

Sua língua girava em torno do nó rígido, e depois de apertar meu traseiro com as duas mãos, ele moveu seus dedos para a minha fenda por trás, molhando-os.

Eu continuei balançando meus quadris para sentir sua ponta atingir o ponto certo dentro de mim.

Com dois dedos, Fennec começou a massagear meu traseiro antes de empurrá-los para dentro lentamente, provocando e me fazendo apertar minha bunda.

Gemi novamente, apertando bem o cabelo dele em minhas mãos e puxando-o até que sua boca soltou meu mamilo.

“Continue me provocando com essa boceta molhada, doce menina. Faça-me gozar dentro de você,” ele encorajou, tocando-me enquanto seu pau continuava latejando.

Olhei em seus olhos lascivos, tentando segurar e não deixando meu orgasmo chegar muito cedo.

Tínhamos a noite toda um com o outro.

Não havia necessidade de pressa.

“Oh, Fen!” Chorei, jogando minha cabeça para trás e empurrando meus quadris contra os dele.

“Continue montando em mim. Mostre-me o quanto você quer meu esperma dentro de você,” ele assobiou.

Ele puxou seus dedos novamente, me fazendo protestar e então gritar quando ele bateu na minha bunda com força.

“Vamos lá,” ele murmurou, me espancando novamente.

Por mais que eu tentasse, não conseguia mais me conter.

Puxei seu cabelo com tanta força que parecia que estava prestes a arrancá-lo, mas soltei para colocar minhas mãos de volta em seus ombros e me firmar.

“É isso,” ele rosnou. “Pooorra!”

Nós dois ficamos tensos quando nossos orgasmos chegaram.

Inclinei minha testa contra a dele, fechando meus olhos enquanto isso tomava conta de mim, me fazendo tremer e gemer.

“Linda. Tão linda,” ele murmurou, inclinando a cabeça para o lado e me beijando suavemente.

Eu me derreti nele e passei os braços ao redor de seu pescoço para mantê-lo perto, e com seu pau ainda dentro de mim, senti seu esperma fluir lentamente para fora da minha boceta, pingando em sua pele.

Nosso beijo se aprofundou enquanto sua língua se movia em minha boca, e com as mãos de volta na minha bunda, ele moveu meus quadris em círculos com seu pau ainda dentro de mim.

“É aqui que eu quero ficar. Enterrado profundamente, com sua boceta apertando meu pau,” ele sussurrou contra meus lábios.

Sorri e quebrei o beijo para olhar para ele, colocando minhas mãos em suas bochechas para fazê-lo encontrar meus olhos.

“Você me tem para sempre, Fennec. Sou sua.”

“Eu sei. Mas tenho a sensação de que quando estivermos de volta a Fairbanks, tudo vai para a merda.”

Eu fiz uma careta para suas palavras. “Porque você pensaria isso?”

“Porque vai ser difícil ficar longe de você.”

“Então não fique,” respondi com um sorriso.

“Vespyr,” ele suspirou, seus polegares roçando minha pele. “Se eu voltar para casa com você amanhã, Mama não hesitará em me fazer ir para a terapia. Não há outra razão para ela querer que eu vá.”

“Mas... isso não significa que não teremos tempo para ficar juntos,” eu disse.

Ele suspirou e depois riu.

Ele me fez levantar, e depois de beijar minha barriga, ele também se levantou e escovou meu cabelo para trás. “Você vai ver. Mama já tem tudo planejado. Tenho certeza que ela tem.”

“Mas ela não pode obrigar você a fazer algo que você não quer.”

“Não, ela não pode. Mas eu sei que será o melhor para mim.” Ele me olhou com atenção e deu um beijo na minha testa. “Você vai ver. As coisas vão mudar em breve.”

“No bom sentido?”

Ele sorriu, beijando a ponta do meu nariz. “Espero que sim.”



Acordei na cabana do Papa com os braços de Fennec apertados ao meu redor e minhas pernas enroladas com as dele.

Sitka já estava acordada, e me observava deitada ao lado do colchão enquanto eu me movia no abraço de Fennec.

Ele murmurou algo sob sua respiração e me puxou contra seu peito para me impedir de escapar, e quando virei minha cabeça para olhar para ele, eu sorri.

“Bom dia,” sussurrei, beijando sua bochecha suavemente e me virando para encará-lo.

Sua mão se moveu da minha cintura para a minha coxa, e ele puxou minha perna sobre seu quadril, pressionando sua virilha contra a minha.

“Eu não quero ir,” ele murmurou.

“Você prometeu. Além disso ... Sitka parece com fome e comemos toda a comida dela ontem à noite.”

Ele gemeu. “Cachorro estúpido. Não deveria tê-la trazido aqui.”

“Jason queria que eu trouxesse. Para me proteger,” eu disse a ele, acariciando o lateral de seu pescoço.

“Eu sou seu protetor. Não precisa de mais ninguém.”

Eu ri e me aproximei para beijar seus lábios, mas ele se virou e se apoiou no cotovelo para se inclinar sobre mim.

“Quero dizer. Não há mais ninguém que possa cuidar de você do jeito que eu faço. Eu a conheço melhor e não confio em ninguém mais perto de você.”

Sua seriedade e honestidade me fizeram engolir em seco e, graças a suas palavras, fiquei sem palavras.

“E também não confio em você perto dos outros.”

Desta vez, suas palavras me surpreenderam. “O que você quer dizer?”

“Você é muito vulnerável às vezes. Muitos homens tirariam proveito disso, e não acho que aguentaria ver alguém te usar assim.”

“Papa disse que sou forte,” sussurrei, sem saber em quem acreditar.

“Claro que você é forte, mas não quando se trata de certas coisas.”

“Como o quê?”

Ele não respondeu.

Em vez disso, ele se inclinou e me beijou suavemente depois de lamber os lábios.

Pode ser que as pessoas me vissem de uma maneira diferente, mas além de Fen, Papa e Mama, não havia realmente muitas pessoas na minha vida.

E nunca haveriam.

Eu tinha minha família, e o que eles pensavam de mim era o que mais importava, mesmo que as palavras de Fen doessem um pouco.

Eu o beijei de volta, mas virei minha cabeça para o lado para interromper o beijo, mas ele não me deixou agarrando meu queixo e me prendendo.

“Não faça isso,” ele rosnou, empurrando sua língua em minha boca e roçando a minha, fazendo seu gosto persistir.

Talvez ele não quisesse dizer isso.

Talvez minha vulnerabilidade fosse o que ele gostava tanto em mim, e quem era eu para fazer com que ele não gostasse de mim?

Você está exagerando, pensei, empurrando os pensamentos negativos de lado e me concentrando nele.

Sua mão se moveu para a minha coxa novamente, empurrando minhas pernas para o lado para se posicionar entre elas, mas seja o que for que ele

planejou, ele não conseguiu.

O telefone do Papa tocou na minha mochila, e Fennec xingou no beijo antes de virar de costas e esfregar os olhos.

“Desculpe,” sussurrei me desculpando antes de me virar para encarar Sitka e pegar minha mochila.

Eu tinha mandado uma mensagem para Jason ontem à noite, antes de ir para a cama, dizendo que estaríamos lá por volta das dez da manhã e que estaríamos prontos para ir para casa.

Pegando o telefone e atendendo, cumprimentei Jason. “Bom dia.”

“Você está bem, criança?” Ele perguntou.

“Sim. Você leu minha mensagem?”

“Claro que sim. Como você conseguiu fazer com que ele concordasse tão rápido?”

Sentei-me e olhei para trás para Fennec, que agora estava encostado na parede atrás dele, me observando enquanto eu falava com Jason.

Sorri para ele, deixando-o envolver uma mecha do meu cabelo em seus dedos. “Acho que sou muito convincente.”

“Como está Sitka?” Ele perguntou, mudando de assunto sem um aviso.

Movendo meu olhar de volta para ela, cocei sua cabeça. “Ela está feliz.”

“Bom. Traga-a de volta em segurança. Vejo vocês mais tarde.”

“Ok. Tchau.” Desliguei e coloquei o telefone de volta na minha mochila e deixei Sitka lamber minha mão antes de voltar para Fennec.

Ele não parecia feliz.

Aproximando-me, montei em seu colo e o fiz olhar para mim inclinando a cabeça para trás, mas por mais que tentasse fazê-lo sorrir, sua carranca apenas se aprofundou.

“Menino triste. O que há de errado?”

Ele suspirou pesadamente, seu peito subindo e descendo.

“Muita coisa está errada, Ves.” Ele agarrou minhas duas mãos e as puxou para os lábios, beijando-as gentilmente com os olhos fixos nos meus. “Mas este não é o momento para pensar em tudo isso ou se preocupar.”

Estudei seu rosto por um momento e balancei a cabeça quando ficou claro que eu não tinha como fazê-lo falar.

“Nós ainda temos alguns minutos,” sugeri, e sem responder, ele segurou meu rosto e me beijou novamente.

Quanto mais perto chegávamos de voltar para casa, mais preocupações surgiam.

Mas ele estava certo.

Não era hora de se preocupar.



Quando chegamos à cabana de Jason, ele já estava esperando do lado de fora em seu carro. Sitka correu para ele assim que soltei sua coleira, e eles se cumprimentaram como se não se vissem há um ano.

Sempre fui fascinada pela lealdade dos cães, mas nunca consegui cuidar de um sozinha.

“Você está bem?” Jason perguntou a Fennec.

“Sim. Obrigado por nos levar. Agradeço,” ele respondeu quando chegamos ao caminhão.

“Vou ficar na cidade pelo tempo que seu pai precisar ficar lá. Tenho ido e voltado muitas vezes para cá de carro.”

Isso significava que teríamos que ficar em Fairbanks até que Papa estivesse pronto para voltar aqui, mas estava tudo bem.

Fennec também precisava de algum tempo para se curar.

“Entrem. E avise sua mãe que estamos chegando,” sugeriu Jason.

Balancei a cabeça para ele e, quando estávamos dentro da caminhonete, avisei a Mama que estávamos a caminho, enviando uma mensagem a ela.

Apenas alguns minutos depois, ela respondeu para me informar que Papa havia voltado do hospital e que ela estaria nos esperando lá.

“Ela está animada para ver você de novo,” disse a Fennec, sorrindo.

Estávamos sentados no banco de trás e deixamos Sitka sentar na frente com seu dono, visto que eles tinham muito a dizer um ao outro depois de ficarem separados por uma noite inteira.

“Besteira,” cuspiu Fen. “Ela está empolgada por estar novamente no controle sobre mim.”

Ele não parecia muito feliz em voltar, mas havia me prometido que voltaria, e agora não podia recuar.

"Eu preciso de você perto."



CHAPTER 38
FENNEC

Houve momentos na viagem até Fairbanks nos quais eu queria pular para fora do caminhão em movimento.

Fugir e nunca ter que enfrentar a Mama, e tudo o que ela tinha planejado para a minha chegada.

Eu sabia muito bem que no momento em que eu chegasse em casa, ela iria querer falar comigo sobre coisas que ela achava que eram melhores para mim.

Mas eu não podia deixar Vespyr para trás, e fugir dela não me ajudaria a ficar melhor.

Eu precisava dela ao meu lado e não importava o que acontecesse, ela era a única pessoa que eu não podia perder.

Você não quer ficar melhor.

Cobrindo meus olhos com minha mão, tentei tirar aquelas vozes da minha cabeça antes que elas pudessem me manipular, e quando a mão de Vespyr tocou meu braço, eu tencionei e levantei meu olhar para encontrar o dela.

“Tudo certo?” Ela sussurrou com preocupação em seu rosto. “Estaremos em casa em breve.”

Já estávamos dirigindo pela rua principal em direção à casa de nossos pais e, quanto mais perto chegávamos, mais rápido meu coração começava a bater.

Por que diabos eu estava tão nervoso de repente?

“Sim, estou bem,” respondi, tentando sorrir para ela, mas falhando miseravelmente quando uma carranca profunda apareceu entre minhas sobrancelhas.

“Ficará tudo bem. Sei que Mama e Papa estão felizes em vê-lo novamente.”

“Papa me odeia,” eu disse a ela.

“Não, ele não odeia. Porque você diria algo assim? Você estava em choque quando ele caiu. Não foi sua culpa.”

Oh, minha doce e ingênua menina.

“Tudo vai ficar bem, Fennec.” Ela se aproximou de mim e colocou os braços em volta da minha cintura, apoiando o queixo no meu ombro e mantendo os olhos em mim. “Você vai ver. O pé do Papa vai sarar e vamos voltar ao acampamento mais cedo do que você pensa.”

Não, não voltaríamos, mas ela não entendia isso ainda.

Eu dei um beijo em sua testa e coloquei um braço em volta de seus ombros para mantê-la perto, e quando Jason finalmente entrou na nossa rua, inclinei-me para sussurrar em seu ouvido.

“Eu preciso de você perto,” disse a ela, beijando o ponto macio debaixo de sua orelha suavemente.

“Você sabe que nunca vou sair do seu lado,” ela sussurrou de volta.

“Eu preciso de você agora mais do que nunca, Ves. Não importa o que aconteça. Fique perto.”

A confusão surgiu em seus olhos quando eu olhei para ela novamente, mas então ela balançou a cabeça e sorriu para mim. “Ficarei.”

“Aqui estamos. Vocês vão ficar bem?” Jason perguntou.

Soltei Vespyr para alcançar a parte de trás e puxar nossa mochila. “Vamos ficar bem, Jason. Obrigado por nos trazer,” eu disse, já abrindo a porta.

“Vou ficar na cidade por cerca de um mês. Se seu pai estiver pronto para partir nessa hora, me ligue.”

“Nós vamos. Obrigada, Jason,” disse Vespyr, e depois de nos despedirmos de Sitka, saímos do carro e caminhamos em direção à casa.

Mama abriu a porta antes que tivéssemos a chance de tocar a campainha, e quando ela olhou para nós, havia algo em seus olhos que eu não consegui entender.

Ela parecia confusa, enojada, mas um tanto feliz em nos ver.

“Jason foi embora?” Ela perguntou.

Eu balancei a cabeça, então ela deu um passo para o lado para nos deixar entrar.

No caminho para dentro, Mama colocou a mão na nuca de Vespyr, sorrindo para ela com pena.

“Você está bem, querida?”

“Sim, estou bem, Mama. Onde está o Papa?”

“No quarto, descansando. Por que você não vai cumprimentá-lo enquanto ajudo Fennec com a mochila?”

Vespyr olhou para mim, sem saber se ela deveria ir cumprimentar o Papa.

“Está bem. Eu irei dizer oi para ele mais tarde,” eu disse a ela.

Eu não queria que ela se sentisse desconfortável, mas ela estava começando a perceber que algo estava errado.

Mama nunca agiu assim, e isso estava afetando muito Vespyr.

“Vá, estarei lá com você,” prometi com um sorriso e, depois de garantir que estava sendo honesto, ela tirou o casaco e os sapatos para ir até o Papa.

Em vez de falar, Mama tirou a mochila da minha mão e foi até o meu quarto, de repente me ignorando.

Eu a segui, mas parei na porta, observando-a colocar a bolsa na minha cama e abri-la antes de puxar a mochila de Vespyr e as roupas que decidimos trazer para casa do acampamento.

“Eu posso desempacotar sozinho,” eu disse, mas ela rapidamente me cortou.

“Estou decepcionada com você. A maneira como você tratou seu pai não foi correta, e agora fazer com que sua irmã seja a pessoa responsável não está bem para mim.”

“Mama—”

“Não quero ouvir uma palavra saindo da sua boca. Não antes de se desculpar com seu pai e sua irmã. Amanhã, você irá até a Sra. Irvine e falará sobre o que você fez.”

“Posso opinar sobre isso por mim mesmo?” Perguntei, observando enquanto ela colocava a mochila vazia ao lado da minha cama e pegava a mochila de Vespyr.

“Não. Eu já deveria ter feito isso há muito tempo. Falei com a Sra. Irvine esta manhã. Ela está esperando você amanhã às duas da tarde e você vai falar com ela.”

Ela nunca havia sido tão séria antes e eu sabia que isto continuaria até que eu fizesse o que ela mandou.

Não havia outra saída, mas talvez fosse necessário.

“Agora vá. Você tem sorte de eu ainda deixá-lo entrar nesta casa.” Sua voz estava trêmula, e eu poderia dizer que ela estava segurando as lágrimas quando sua mandíbula cerrou e seus lábios começaram a tremer.

“O que eu fiz errado?”

“Você sabe muito bem o que fez de errado, Fennec. O pobre do Papa poderia ter se ferido muito mais. Você tem sorte de não ter acontecido.”

Sem outra palavra, ela saiu do meu quarto e foi direto para a cozinha.

Sua família está lentamente se voltando contra você. Bom trabalho, amigo.

O riso e a zombaria delas não me subiram à cabeça. Isso só iria piorar as coisas.

Respirei fundo e me virei para caminhar até o quarto do Papa, e quando o cheguei e o empurrei para abrir, vi Vespyr sentada ao lado da cama com a mão do Papa na dela.

Papa tinha um gesso no tornozelo, e um curativo estava ao redor de sua perna onde ele havia sangrado por causa dos arranhões.

Quando meus olhos encontraram os dele, nenhum de nós falou.

Havia em seus olhos as mesmas emoções que nos da Mama, ambos cheios de desapontamento, confusão e, por alguma razão, medo.

“Papa já está melhor. O médico disse que seu tornozelo vai sarar em algumas semanas,” Vespyr disse alegremente, sem saber de toda a tensão negativa na casa.

Balancei a cabeça, olhando para o gesso, mas permanecendo ali. “Desculpe pela sua perna, Papa,” eu disse a ele. “E lamento não ter ajudado a tirá-lo do rio mais cedo, Ves.”

“Está tudo bem, Fennec. Aproxime-se. Papa acabou de me contar sobre esta idéia que ele teve sobre o acampamento. Que talvez dê mais espaço para uma cabana ainda maior, e—”

“Vespyr, querida,” Papa a interrompeu, levantando a mão e cobrindo seu rosto. “Por que você não vai ajudar a Mama na cozinha para que Fennec e eu possamos conversar, hein?”

Vespyr franziu o cenho e eu me perguntava se sua ingenuidade aumentava nesta casa de alguma forma estranha.

Ela é uma garota inteligente, mas às vezes eu me perguntava se havia algo de errado com ela também.

Obviamente.

“Sim, claro.” Ela sorriu para ele e se inclinou para beijar sua bochecha antes de se levantar e caminhar em minha direção para sair da sala.

Observei-a de perto e me afastei para deixá-la sair e, assim que ela saiu, fechei a porta atrás de mim para que Papa e eu tivéssemos um pouco de privacidade.

“Sinto muito,” disse a ele novamente, mas ele balançou a cabeça para mim.

“Seu pedido de desculpas não é o que eu preciso, Fennec. Tenho certeza de que sua mãe já lhe contou sobre a Sra. Irvine, e que ela está esperando por você amanhã.”

Assenti com a cabeça, com minha mandíbula tensa.

“Ela vai te ajudar a entender por que você faz essas coisas. Não é normal, e você sabe que, se eu ainda pudesse ficar em pé, não o pouparia de alguns socos merecidos.”

Violência contra seu próprio filho? Claro. Porque não?

Mas, ei... ele tinha suas razões, e eu definitivamente merecia um nariz ensanguentado e alguns golpes na minha cabeça retorcida.

“Posso ir agora?”

“Fique longe de Vespyr. Ela vai ver a Sra. Irvine amanhã também.”

“Por que?”

“Porque você a deixou doente. Ela não entende, e eu não quero que ela se transforme em algo que ela não é antes que seja tarde demais. Fique longe,” ele repetiu.

Suas palavras me irritaram, embora tudo o que ele falou fosse verdade.

Ele havia me dito para manter minha distância dela antes, mas da última vez que o fez, ele me fez reagir de uma forma que eu não deveria ter feito.

“Tenho que fazer xixi,” disse Vespyr ao Papa, e eu parei de caminhar para olhar para ela.

Eu tinha agido como um idiota ao seu redor, não deixando que ela se aproximasse ou que conversássemos.

Havia momentos em que eu queria estar sozinho para pensar. Para ter certeza de que não enlouqueceria, e depois de voltar para a selva com eles, as emoções negativas eram tudo o que eu sentia.

Durante dias, e eu não via uma saída.

Até me resfriei, deixando minha garganta dolorida e minha voz rouca eventualmente.

Não precisava falar de qualquer maneira, então fiquei quieto e tentei repousar um pouco, na esperança de acordar uma manhã e me sentir bem o suficiente para voltar a ser o meu eu habitual.

"Certo. Vá para trás daquela árvore. E fique de olho. Fique sempre de olho," disse-lhe Papa.

Antes de desaparecer atrás da árvore, ela olhou para mim, seus olhos grandes e inseguros.

Eu não a tinha tratado bem, não importava o quanto a amasse.

Eu tinha que me recompor.

Quando ela estava escondida atrás da árvore, Papa caminhou em minha direção para lhe dar alguma privacidade, e eu me virei para dar mais alguns passos para longe dele, estabelecendo uma distância entre nós.

Era desnecessário, já que ele me seguia perto de um penhasco.

Não estávamos muito acima, e lá embaixo havia um rio raso e gelado com neve ao redor.

"Não gosto do que você está fazendo," disse Papa, parando bem perto de mim e olhando para baixo para inspecionar onde estávamos de pé.

Mais um passo, e a neve debaixo de nossos pés cairia no rio.

"Do que diabos você está falando?"

"Você sabe muito bem do que estou falando, Fennec. Ela é sua irmã. Você não faz merdas como essa com sua irmã."

Por um momento, minhas pernas pareceram como se estivessem prestes a ceder, mas eu endireitei minhas costas e meus ombros para ficar ereto.

Levantei uma sobrancelha para ele, esperando que ele dissesse mais.

"Você acha que eu não vejo a maneira como você olha para ela? Ou a maneira como ela continua observando você com tanta admiração? Não da maneira como uma irmã deve olhar para seu irmão," ele assobiou, mantendo sua voz baixa.

“Por que você não cuida de seus próprios negócios?” Murmurei, dando um passo para longe do penhasco.

Ouvir suas palavras só piorou meu humor, e eu não o deixaria chegar até mim.

“Este é o meu negócio. Ela é o meu negócio! Fique longe dela!” Ele cuspiu.

Eu esperava por Deus que Vespyr não o ouvisse, e esperava que ela ficasse atrás daquela árvore por mais cinco segundos.

Algo em minha mente mudou, e sem pensar nisso, eu o empurrei com as duas mãos contra seu peito.

“Merda!” Sua voz estava mais alta agora. Bastante alta para Vespyr ouvir e eu já tinha ouvido ela se mexer na neve.

Papa tentou me agarrar e se firmar, mas quando ele agarrou meu casaco, tirei sua mão de cima de mim e o empurrei de volta.

“Fennec!” Ele gritou enquanto eu ficava ali parado, vendo-o escorregar e cair.

Culpa deveria ter sido a única coisa que eu sentia, mas não havia nada além de vazio.

Bastardo sortudo.



CHAPTER 39
FENNEC

Meus olhos estavam fixos em Vespyr o tempo todo.

Eu não podia tirar os meus dela enquanto jantava, e mesmo com os olhares furiosos do Papa, eu não afastava meu olhar da garota que amava.

Que se foda o que Papa disse.

Ela era minha, e nós dois sabíamos que não poderíamos viver um sem o outro.

Estávamos destinados a ser, e tê-lo me dizendo para ficar longe não ia mudar o que eu sentia por ela.

Nunca.

O jantar foi tranquilo, e apenas algumas vezes Vespyr tentou iniciar uma conversa com Mama.

Suas respostas foram curtas, o que fez com que o vinco entre as sobrancelhas de Vespyr crescesse cada vez mais.

“Papa vai ficar bem. Por que vocês estão todos tão chateados?” Vespyr perguntou, sua voz estava determinada a obter uma resposta real desta vez.

“Não é nada, querida. Você gostaria de mais esparguete?” Mama perguntou a ela, mas ela rapidamente balançou a cabeça.

“Quero que você me diga o que está acontecendo. Por que Fennec também está triste? O que você lhe disse?” Ela perguntou, olhando para o Papa.

“Vespyr,” ele suspirou, limpando a garganta e empurrando-se para cima para ajustar a perna que tinha apoiado na cadeira ao lado da de Mama. “Há coisas que você não tem que saber.”

“Não? Pensei que ela fosse da família. Ela deveria saber tudo o que está acontecendo,” cuspi, fixando meu olhar nele.

“Fennec,” Mama avisou. “É por isso que você vai à terapia amanhã. Seu comportamento é inaceitável.”

Eu ri, e a confusão de Vespyr só cresceu.

Pobre menina.

“Terapia? Por quê?” Ela perguntou.

Merda, ela não sabia que eles estavam mandando-a também?

“Você não disse a ela?” Perguntei, depois olhei para Vespyr. “Eles estão nos mandando para a terapia porque pensam que estamos doentes. Eles acham que eu te fiz ficar doente.”

“Eu não estou doente. Mama, o que está acontecendo?” Vespyr perguntou, as emoções em seus olhos correndo loucamente. “Por que você está nos obrigando a fazer isso?”

“Porque seu irmão empurrou seu pai daquele penhasco. Ele poderia tê-lo matado.”

Depois que as palavras da Mama vieram, ficamos todos em silêncio.

Meu corpo ficou tenso, e assisti como o rosto de Vespyr ficava pálido.

“Mentirosa,” ela sussurrou com os olhos nos meus, mas as palavras dela foram dirigidas à Mama.

“Eu não estou mentindo, Vespyr. Ele empurrou o Papa.”

O olhar dela se deslocou para o Papa, lágrimas enchendo seus largos olhos. “Isso é verdade? Papa... por favor me diga que não é verdade.”

Mas o Papa não falou.

Ele apenas desviou o olhar e deixou a verdade afundar.

“Por quê?” Vespyr cedeu, os olhos dela de volta para os meus.

Pensei que ela ia me questionar, mas em vez disso, ela se voltou para Mama enquanto engolia com força. “Por que eu tenho que ir à terapia? Não lhe pedi para marcar uma consulta para mim, e acho que Fennec também não o fez. Você não pode nos obrigar a ir,” ela chorou.

Ela te protegeu. Bastardo sortudo. Ela realmente te ama.

Eu me senti orgulhoso, sabendo que Vespyr não estava brava comigo pelo que fiz.

Ela sabia melhor do que deixar nossos pais nos tirarem o direito de decidir, e ela estava se defendendo. E a mim.

“Acho que não tenho que listar tudo o que Papa me disse sobre as coisas que ele ouviu vocês dois fazerem. É nojento, e eu não os criei assim.”

Mama ficou furiosa, enquanto Papa ficava ali sentado sem dizer uma palavra.

Vespyr se levantou de sua cadeira e bateu seu guardanapo ao lado do prato, depois apontou para a Mama. “Você não pode escolher quem eu amo. E você também não,” ela gritou, agora apontando para Papa.

“Não me importa o que você pensa, e não me importa se você me obriga a ir à terapia. Nada vai mudar o que eu sinto por ele!”

Ela saiu correndo, indo direto para seu quarto e eu não hesitei um segundo em me levantar e segui-la.

“Ei!” Mama gritou, sua cadeira arranhando o chão enquanto a empurrava para vir atrás de nós.

Uma vez que eu estava no quarto de Vespyr com ela, fechei a porta e nos tranquei dentro e, segundos depois, Mama batia na porta.

“Abra a porta, Fennec!”

Um livro voou pela minha cabeça, batendo na porta e caindo no chão ao lado dos meus pés.

“Deixe-nos em paz!” Vespyr gritou, e quando eu tinha certeza que Mama havia se afastado da porta, eu virei e puxei Ves para meus braços para segurá-la com força.

Escovei o cabelo dela, tentando acalmá-la e silenciosamente mostrar que eu a apoiava.

Beijei o topo da sua cabeça e a deixei chorar em minha camisa, dando a ela o tempo que precisava.

“Eu te amo,” sussurrei contra seu cabelo, precisando que ela ouvisse antes que sua mente lhe dissesse outras coisas.

“Nós vamos ficar bem. Eles não entendem, mas nós entendemos. E isso é a única coisa que me importa. Estou bem aqui, doce menina.”

Segurei-a em meus braços por um tempo até que a peguei para deitá-la em sua cama.

Ela imediatamente se abraçou a mim quando me sentei ao seu lado, e depois de puxar as cobertas, coloquei meus braços em volta de seu corpo novamente.

“Vai ficar tudo bem,” sussurrei. “É você e eu, doce menina. Para sempre.”



Vespyr havia adormecido em meus braços enquanto suas lágrimas não paravam de cair.

Falar com ela enquanto estivesse tão perturbada não era uma boa idéia, então eu a deixei em paz e esperei que quando ela acordasse, pudéssemos conversar sobre isso e fazê-la se sentir melhor.

Eu estava encostado às almofadas com ela deitada entre minhas pernas, e acariciei suas costas para acalmá-la para que ela tivesse um sono calmo.

Apesar de todas as coisas que Mama tinha jogado em cima de nós, ela não veio bater na porta novamente.

Eu os ouvi falando na cozinha, mas além de murmúrios, não entendi muito.

Melhor assim, porque eu ainda estava zangado.

Atacar eles também não era uma boa idéia, e ver Vespyr fazendo isso me fez repensar o que Mama tinha dito para mim.

Sempre soube que precisava de ajuda, mas aceitar isso nunca foi uma opção.

Ainda não queria concordar com ela, mas eram as vozes que me impediam.

Havia tantas coisas em minha mente, contradizendo meus próprios pensamentos e palavras, e tornando tudo pior num segundo, e tudo melhor no seguinte.

Eu detestava me sentir assim.

Era muito.

Vespyr se moveu em meus braços e eu olhei para baixo para ver seus olhos se abrirem lentamente.

Sorrindo, penteei o cabelo dela para trás e beijei sua cabeça antes que ela virasse para olhar para mim.

“Você está aqui,” ela sussurrou.

“Claro que estou. Como você está se sentindo?” Perguntei, colocando um fio de cabelo atrás da orelha dela.

“Eu não sei.” Ela se moveu novamente, levantando a cabeça até poder colocá-la no meu ombro. “Tive um sonho estranho,” ela sussurrou.

“Que tipo de sonho?”

Continuei a escovar seus cabelos e a observei de perto enquanto seus olhos olhavam diretamente para a porta de seu quarto.

“Eu estava sentada em um quarto vazio. Estava no chão e havia estas paredes ao meu redor, todas cobertas de pelo. Pelos de raposa.”

Ela franziu a testa, olhando para mim agora e suspirando.

“Acho que eu não estava respirando, e então você estava lá, mas... eu não o via.”

“Parece um sonho estranho,” eu disse, sorrindo para ela.

“Você dormiu um pouco?”

“Não. Não senti vontade de dormir. Tem muita coisa na minha cabeça.”

Já eram duas da manhã, e ela havia dormido algumas horas antes de voltar a abrir os olhos.

Ela estudou meu rosto por um tempo, depois acenou com a cabeça e começou a acariciar a lateral do meu pescoço com seus dedos suavemente.

“Você sabe... não me importa o que aconteceu entre você e Papa, mas não acho que devemos ignorar o que eles nos disseram.”

“Você quer dizer sobre terapia? Que devemos ir amanhã?” Perguntei, tentando entender onde ela vai com isto.

O que quer que ela quisesse fazer, e por mais contraditório que fosse, eu não podia deixá-la ir em frente sozinha.

“Sim. Eu sei que eles não podem nos obrigar a fazer algo que não queremos, mas e se for preciso?”

“Você sente que precisa falar com um profissional por alguma razão?”

Ela deu de ombros, com os olhos de volta na parede à sua frente.

“Muitas vezes eu tive esses sonhos. Sabe, aqueles em que eu era sonâmbula. Eu não os tinha há algum tempo, mas não quero que eles voltem. Não quero ter esses sonhos novamente, não importa o quão bem eles me fizeram sentir.”

Meu corpo ficou tenso enquanto ela falava de seus sonhos febris.

“Eu não sabia que eles a incomodavam tanto,” eu disse calmamente.

“Eles não me incomodavam. Mas eles me faziam me sentir estranha. Talvez se a Sra. Irvine escutar sobre eles, eu possa tentar entender por que

eles pareciam tão reais.”

“Você sabe que teria que explicar esses sonhos. Ser específica sobre eles, e não tenho certeza se você quer lhe contar sobre as coisas que eu fiz com você nesses sonhos.”

Vespyr ficou em silêncio por um momento, depois encolheu os ombros novamente e puxou as cobertas até o queixo. “Acho que isso ajudaria. Eu só quero respostas. Para saber por que aqueles sonhos eram tão vívidos.”

“Então o que você está dizendo, doce menina?”

“Estou dizendo que... vou falar com a Sra. Irvine amanhã. E acho que você deveria fazer o mesmo.”

Ela virou a cabeça para olhar para mim, e depois de examinar seu rosto, acenei com a cabeça. “Vou porque você quer que eu vá. E porque acho que Mama e Papa não vão largar isso se nós não formos.”

“Eles ainda não vão ficar felizes por nós, Fennec. Eles não querem que fiquemos juntos.”

Sua voz vacilou quando ela disse isso, e eu detestei ver o quanto as palavras duras de Mama a afetaram.

Coloquei minha mão em sua bochecha e escovei ao longo de sua pele com meu polegar, esperando que as palavras certas me viessem à mente.

“Essa vai ser a questão deles, não a nossa. Eu amo você e não vou deixá-la ir porque outros pensam diferente. É a nossa vida, Vespyr. Não vou deixar que eles me digam o que é certo ou errado. Você é meu futuro.”

Seus olhos se alargaram de surpresa, e eu me perguntava se ela já havia me imaginado em seu futuro.

Quando um sorriso se espalhou por seus lábios, ficou claro que ela tinha. “Você também é o meu futuro, Fen.”

Sorri de volta, colocando as mãos em seu rosto e puxando-a para mais perto para beijá-la.

Eu lutaria por ela.

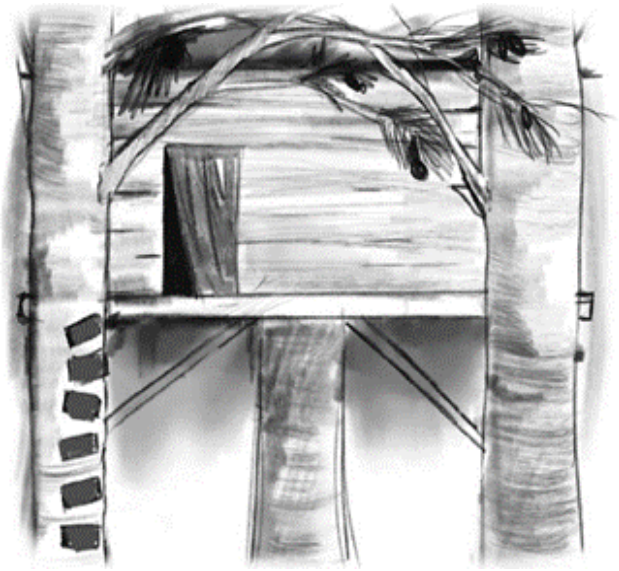
Por nós.

“Eu te amo,” sussurrei contra seus lábios, e sem precisar de uma resposta, aprofundei o beijo e lambi ao longo de seu lábio inferior.

Sua boca se separou para me deixar entrar, e agora, com ela agarrada aos meus quadris, abracei a parte de trás da cabeça dela e coloquei meu outro braço em volta de suas costas.

Talvez tudo que havia acontecido nas últimas quarenta e oito horas tivesse que acontecer, e desde que eu a tivesse perto, não havia razão para eu me preocupar.

"Ele é tudo para mim."



CHAPTER 40
VESPYR

Não era necessário que Fennec ou eu disséssemos uma palavra na manhã seguinte.

Levantamos, tomamos banho, nos vestimos, tomamos café da manhã com Mama e Papa e, em seguida, deixamos Mama nos levar ao consultório particular da Sra. Irvine.

Nenhum de nós disse uma palavra quando saímos do carro e entramos no prédio e, quando chegamos à recepção, Mama soltou um suspiro de alívio.

“Olá, meus dois filhos têm uma consulta. Vespyr à uma e Fennec às duas,” ela disse à senhora, que rapidamente verificou nossos nomes em seu computador.

“Preciso que eles preencham este formulário antes que a Sra. Irvine os veja. Podem ir sentar-se na sala de espera. Basta trazer os dois formulários antes das consultas, antes de ver a Sra. Irvine,” ela disse, entregando-nos duas pranchetas com canetas.

“Obrigada,” eu disse, pegando os dois e entregando um para Fennec.

Caminhamos até a sala de espera e nos sentamos, então comecei a preencher meu formulário assim como Fennec.

Eu estava nervosa, enquanto ele parecia não se incomodar em estar aqui.

Ele me disse para não falar sobre coisas com as quais eu não me sentia confortável, mas como a Sra. Irvine é psiquiatra, ela tinha que guardar para si as coisas que sua paciente lhe dizia.

Além disso, eu queria vir aqui para saber por que aqueles sonhos aconteciam, e contar a ela todos os pequenos detalhes sobre eles era a melhor maneira de obter uma resposta legítima.

“Você precisa de ajuda com alguma coisa?” Mama sussurrou, inclinando-se para olhar meu formulário.

“Não. Acabei,” disse a ela, depois me levantei para levar para a senhora na recepção.

Fennec me seguiu e, assim que viramos a esquina, ele me parou com a mão no meu pulso.

“Lembra do que eu te disse, certo? Tudo ficará bem e, quando terminarmos aqui, iremos embora. Juntos.”

Nós conversamos sobre isso também.

Fennec queria deixar Fairbanks e ir morar em algum lugar longe de casa.

Eu não sabia como isso funcionaria sem termos que encontrar um emprego, e sem nossa própria terra, não havia como começar uma nova vida na selva.

Teríamos que pensar nisso antes de arrumar as malas e partir sem um plano real.

Assenti, olhando para a prancheta. “É assustador abrir-se para estranhos,” sussurrei antes de olhar para ele de volta.

“Eu sei. Mas você vai ficar bem. É só uma hora, e se você não tiver mais vontade de falar, diga-lhe que está acabado. Ela não pode te obrigar a sentar ali.”

Sua mão se aproximou para curvar a parte de trás da minha cabeça, e depois de um beijo rápido mas gentil na minha testa, ele acenou em direção à mesa da frente.

“Vamos lá.”

Colocamos as pranchetas na mesa e voltamos para a sala de espera, e quando eu estava prestes a sentar na minha cadeira, a Sra. Irvine apareceu na entrada da porta.

“Prazer em vê-la novamente, Alena. Como você tem estado?” Ela perguntou à Mama, dando à Fennec e a mim um rápido sorriso.

“Estou bem, obrigada. Esta é a Vespyr, e este é o Fennec. Eles estavam animados para vir hoje.”

Mentirosa.

“É bom ouvir isso. Vespyr, você é a primeira, hein? Pode vir comigo. Tenho um sofá muito confortável para você sentar e, se quiser, pode beber algo e comer um lanche.”

Por mais atraente que ela fizesse soar, eu não pude deixar de revirar os olhos enquanto olhava para Fennec.

Um sorriso maroto apareceu em seus lábios, então ele me encorajou a seguir a Sra. Irvine com um aceno de cabeça.

“Vocês dois vão esperar aqui? Há jornais e revistas, e também uma máquina de venda automática na entrada.”

“Obrigada, Darla,” disse Mama.

O fato delas se conhecerem não parecia ajudar a Sra. Irvine a manter em segredo o que eu e Fennec disséssemos a ela, mas neste ponto, não havia nada mais a esconder dela de qualquer maneira.

Olhei mais uma vez para Fennec antes de seguir a Sra. Irvine até a sala onde eu teria que conversar com ela.

Era uma sala bem grande, com janelas amplas que deixavam entrar luz solar suficiente.

Quando ela fechou a porta, indicou que eu me sentasse.

Eu tinha duas opções.

Ou uma cadeira ou um sofá.

Ambos pareciam confortáveis, e como eu não queria ser uma das pacientes clichês que se deitava no sofá enquanto falava com um psiquiatra, escolhi sentar na cadeira.

“Você gostaria de um pouco de água?”

“Não, obrigado.”

Eu ainda estava com meu casaco e as mangas ainda estavam um pouco molhadas da neve caindo sobre ele, mas eu não queria tirá-lo.

O quarto estava frio e eu precisava de algo para ficar aconchegante e confortável.

“Então, Vespyr. Eu gostaria de saber sobre você. Por que não começa me contando sobre sua infância?”

E assim começou.

Tudo o que eu lhe dizia, interessante ou não, ela queria saber mais sobre isso.

Não tinha certeza de como isso a ajudava a descobrir se havia algo errado comigo, e não tínhamos começado a falar sobre esses sonhos até que eu os mencionei trinta minutos depois de nossa conversa.

Para mim, parecia que eu poderia ter perguntado ao Google o que havia de errado comigo.

Mas Mama queria que eu viesse, e eu fiz tudo isso apenas para agradá-la e espero não ser incomodada por ela posteriormente.

“Aqueles sonhos que você teve... quantas vezes eles aconteceram?”

Encolhi os ombros, olhando para baixo para minhas mãos e mexendo na pele ao redor de minhas unhas.

“Quando fui morar com Papa e Fennec pela primeira vez, foi quando eles aconteceram mais vezes do que antes. Fennec também me disse que eu era muito mais sonâmbula do que em casa.”

“E o que acontecia nesses sonhos? Você lembra de certas coisas melhor do que outras?”

“Não, eu lembro de todas elas da mesma forma. Algumas coisas eram…” Eu me detive porque sabia para onde esta conversa estava indo.

Não queria que ela soubesse sobre mim e Fennec.

“Inesperadas?” Ela perguntou.

“Bem, sim. Mas os sonhos não deveriam ser inesperados? Não se pode dizer à mente o que sonhar quando se está dormindo.”

A Sra. Irvine sorriu. “Sua mente tem a capacidade de controlar seus sonhos. Isso se chama sonho lúcido, e eu acho que foi o que aconteceu com você. No entanto, é muito possível que você tenha tido experiências diferentes que a fizeram pensar que estava sonhando.”

Franzi o cenho para ela. “Sim, provavelmente quando ando sonâmbula,” eu disse.

“O sonambulismo ocorre enquanto se está em estado de sono. O que eu estou pensando é outra coisa.”

Observei ela verificar algo em sua prancheta, o que ela vinha fazendo desde o início desta sessão, e quando ela olhou para cima novamente, estreitou os olhos e inclinou a cabeça. “Já ouviu falar de esquizofrenia?”

“Na escola,” respondi.

“É um pouco cedo para eu diagnosticar você, mas tenho mais de noventa por cento de certeza de que é com isso que você está lidando. A esquizofrenia pode fazer você alucinar ou delirar, e pelo que você me contou sobre esses sonhos, acho que você nunca sonambulou.”

De que diabos ela estava falando?

“Existem outros sintomas?” Perguntei, querendo saber se algo mais me parecia familiar.

Só porque eu tinha sonhos lúcidos, não significava que ela pudesse me diagnosticar com esquizofrenia.

“Alguns sintomas são distúrbios emocionais ou discurso desorganizado,” ela respondeu.

“Nunca tive essas coisas.”

“Você não precisa ter todos os sintomas para ter uma doença mental, Vespyr.” Ela estava calma enquanto meu corpo começava a tremer.

Eu não estava mentalmente doente.

Eu estava bem.

Eu sempre estive bem.

“Se estiver tudo bem com você, gostaria de lhe perguntar sobre Fennec. Você é muito próxima dele, não é verdade?”

“Ele é tudo para mim,” eu lhe disse, começando a sentir raiva dela.

Ela estava apenas fazendo seu trabalho, mas eu não estava preparada para ser rotulada como esquizofrênica.

“Entendo o amor que uma irmã pode ter por seu irmão, mas espero que você entenda que algumas linhas nunca devem ser cruzadas.”

“Isso não é da sua conta,” cuspi, cruzando meus braços sobre meu peito para me proteger das palavras dela. “Pensei que as pessoas vinham aqui para se sentirem melhor.”

“Estou aqui para entendê-la melhor, e para ajudá-la. E não posso fazer isso se você não falar comigo, Vespyr. Não vou lhe dizer o que fazer, mas gostaria que você aceitasse meu conselho. O que você faz com ele não está em meu poder, e eu certamente não a farei mudar de idéia. Mas depois de conversar com você pela primeira vez, sei que há algo que posso fazer para ajudá-la a deixar de ter esses sonhos lúcidos. Há tratamento, e falar comigo é a melhor maneira de começar.”

A Sra. Irvine era uma mulher doce, mas tive dificuldade em deixá-la me ajudar e aceitá-la quando não via que realmente precisava dela.

Olhei para trás e acenei com a cabeça, e para minha sorte, a hora estava lentamente chegando ao fim.

“Você se saiu muito bem, Vespyr, e eu ficaria feliz em vê-la novamente esta semana. Vir aqui duas vezes por semana nos ajudará a acelerar o

processo, e se seu irmão concordar em vir novamente também, posso me certificar de que vocês dois possam ter sessões consecutivas. Como isso soa?”

Eu me perguntava como Fennec reagiria a estas sessões.

Será que ele se abriria com ela o suficiente para deixá-la ajudá-lo?

“Certo,” sussurrei. “Eu gostaria de ir agora.”

“Eu a acompanho de volta à sala de espera.”

Nós duas levantamos, e antes de virar para caminhar até a porta, olhei a prancheta com todas as suas anotações e verifiquei.

Parecia que ela usava uma lista de verificação para descobrir o que havia de errado comigo, e quem era eu para dizer se isso era suficiente para diagnosticar alguém que você acabou de conhecer?

Diabos, eu mal terminei o ensino médio.

Eu não tinha nada a dizer sobre isso.

Quando voltamos para a sala de espera, Fennec ainda estava sentado no mesmo lugar, olhando para frente enquanto Mama lia alguma revista de moda.

“Como foi?” Mama perguntou à Sra. Irvine quando reparou em nós.

“Nos veremos novamente em breve. Vespyr e eu temos muito o que conversar ainda,” ela disse com um sorriso na minha direção.

Eu não reagi, mas olhei para Fennec, cuja expressão facial eu não conseguia ler.

“Fennec, você pode me seguir.”

Ele se levantou e tirou o gorro que estava usando, depois me entregou com os olhos fixos nos meus.

“Está frio lá dentro. Você deve mantê-lo só por precaução,” sussurrei.

Ele me estudou por um momento, depois pegou o gorro de volta e acenou com a cabeça. “Obrigado.”

Eu o vi sair com a Sra. Irvine, depois olhei para a Mama que estava esperando que eu falasse.

Apontei de volta para a entrada, não entrando no que aconteceu naquela sala. “Vou pegar um lanche.”

Ela pegou a dica e puxou sua carteira para fora, me entregando algum dinheiro. “Você decidiu voltar para outra sessão?” Ela perguntou quando eu estava prestes a virar as costas.

Dei nos ombros, olhando para ela novamente. “Eu realmente não tenho escolha, tenho?”

Não houve resposta, e eu estava lentamente começando a perceber que todos aqueles sonhos que eu tinha sobre Fennec não eram apenas minha imaginação.

Aqueles sonhos eram reais, mas minha mente optou por ignorar esse fato.

Alucinações.

Merda... Eu realmente preciso de ajuda.

"Ela estaria perdida sem mim."



CHAPTER 41
FENNEC

“Sua mãe me disse que você foi a um terapeuta quando era mais jovem, isso é verdade?”

Fiquei confortável no sofá, com os pés apoiados e cruzados na altura dos tornozelos e os braços atrás da cabeça.

“Não sabia que você tinha o direito de falar com minha mãe sobre meu passado.”

A Sra. Irvine sorriu e sentou-se em sua cadeira, pegando a prancheta na qual ela havia feito anotações quando estava conversando com Vespyr.

“Se entendi bem, você nunca teve uma sessão real com aquele terapeuta. Ela não chegou ao fundo dos seus problemas.”

Levantei uma sobrancelha para ela. “Que problemas?”

Ela me estudou por um momento, mantendo aquele sorriso presunçoso no rosto o tempo todo. “Entendo que é difícil admitir as coisas que você fez para seu pai e sua irmã, mas é por isso que você está aqui, certo? Por que não começamos do início? Conte-me sobre sua infância.”

“Não.”

“Fennec,” ela suspirou, então pigarreou. “Sua irmã fez bem em me contar sobre sua infância e ela mencionou algumas coisas que eu sei que você se lembra também. Isso me ajudaria a descobrir as coisas, conhecendo o seu lado da história.”

Isto não se tratava de Vespyr.

Ela não deveria sequer trazê-la e o que ela lhe havia dito.

Mas para acabar com isto, eu decidi apenas cooperar.

“Minha infância foi normal. Foi divertida e Vespyr estava comigo de qualquer maneira.”

“E ela é alguém que faz você se sentir melhor ou pior quando está por perto?”

Que tipo de pergunta era essa?

“Eu me sinto uma merda quando ela não está por perto.”

“E como você acha que ela se sente quando você está por perto?”

Eu ri. “Ela se sente melhor quando estou com ela. Ela me adora, e não posso deixar ninguém chegar muito perto dela. Ela estaria perdida sem mim.”

A Sra. Irvine já estava observando algumas coisas em sua prancha, e enquanto ela observava, eu olhava pela janela para ver a neve cair.

Era quase meados de janeiro, mas a neve continuava caindo.

“Você já ficou bravo com ela? Já houve momentos em que vocês dois brigaram por alguma coisa?”

“Nunca.”

“Nunca?”

Eu balancei minha cabeça. “Mas ela já ficou brava comigo antes.”

“Quando?”

Dando de ombros, mantive meus olhos na grande janela. “Naquele dia em que eu empurrei o Papa.”

Não há necessidade de manter isso em segredo.

Mama tinha contado a ela de qualquer maneira.

Provavelmente para alertá-la sobre seus filhos doentes.

“E como você se sentiu quando ela estava com raiva de você?”

“Depende.”

“De quê, Fennec?”

“De muitas coisas. Meu humor. Minhas emoções. Um dia eu estava chateado por ela estar com raiva, no outro eu não poderia me importar menos com seus sentimentos.”

Ela estava anotando as coisas de novo e, depois de virar a página, recostou-se, cruzou as pernas e inclinou a cabeça.

“Você costuma ter esse tipo de mudança de humor?”

“As vezes.”

“E elas mudam drasticamente? Indo de se sentir feliz e cheio de energia para, de repente, se sentir triste, perdido e pessimista?”

“Sim. Isso acontece com frequência.”

Tentei pensar em quantas vezes isso aconteceu no passado, mas havia tantas vezes que era impossível contar.

“Há momentos em que você se sente normal? Momentos em que você se sente como se nada estivesse errado?”

“Sim. Algumas vezes.”

A Sra. Irvine continuou a me fazer perguntas. Mais sobre mim do que sobre Vespyr, e enquanto o foco estivesse em mim, me sentia confortável o suficiente para me abrir mais para ela.

Nossa conversa fluiu, e eu não percebi como o tempo passou rápido até que ouvi os sinos da igreja do lado de fora.

“Se estiver tudo bem para você, gostaria de continuar nossa conversa em breve. Eu disse a Vespyr que posso garantir que vocês dois tenham sessões consecutivas nos mesmos dias. Que tal?”

Sentei no sofá e ajustei meu gorro. “Tudo bem por mim.”

“Perfeito. Eu sei que é difícil aceitar certas coisas, especialmente quando se trata de nossas mentes e nosso próprio bem-estar, mas posso prometer que já estamos no caminho certo.”

“Então você ainda não sabe o que há de errado comigo?”

“Gostaria de ler minhas anotações até nos encontrarmos novamente no final desta semana. Há algumas coisas que preciso revisar e repensar, mas estou indo na direção certa para diagnosticar você.”

“E qual é a conclusão da sessão de hoje?” Perguntei, querendo saber o que ela pensava que estava errado comigo.

Ela olhou para sua prancheta e franziu os lábios antes de sorrir de volta para mim novamente.

“Considerando suas mudanças extremas de humor, suspeito que você seja bipolar. Isso pode fazer com que uma pessoa se sinta extremamente triste, que são períodos de depressão, mas também pode fazer com que você tenha um humor elevado, que chamamos de períodos de euforia.”

Eu a observei se levantar e caminhar até sua mesa, onde tirou dois folhetos e os entregou para mim.

“Há algumas informações aqui. Você também pode acessar a Internet ou buscar livros em uma biblioteca, mas esses folhetos foram escritos por psiquiatras que conheço pessoalmente, e eles colocaram as informações mais importantes para ajudar a compreender melhor o transtorno.”

“Vespyr ganhou um daqueles panfletos também?”

“Não.”

“Por que não? Não há nada de errado com ela?”

Ela estudou meu rosto novamente, e com um sorriso que me irritou antes mesmo de eu entrar nesta sala, ela se virou para sua mesa e tirou outro folheto.

“Estou dando este para ela.”

Não consegui ler o título, mas logo descobriria quando voltássemos para casa.

Vespyr não iria esconder isso de mim.

Caminhamos de volta para a sala de espera onde Vespyr estava beliscando um chocolate, com duas outras embalagens no colo.

“Tudo pronto?” Mama perguntou.

“Sim. Vespyr, isto é para você,” Sra. Irvine disse, entregando-lhe o folheto.

Ela leu o que estava escrito nele, então o segurou perto do peito, escondendo de mim. “Obrigada.”

“Então, eu diria que vamos marcar horários para vocês dois. Duas vezes por semana seria um bom número de visitas, então podemos trabalhar de forma rápida, mas eficiente.”

Todos nós caminhamos até a recepção e, enquanto Mama falava com a sra. Irvine sobre as consultas, me aproximei de Vespyr e peguei sua mão, apertando-a suavemente.

“Você está se sentindo bem?”

“Sim, você?”

Seus olhos estavam brilhantes, e eu poderia dizer que ela já estava farta e queria ir para casa.

Foi uma longa tarde apenas sentados e conversando.

“Eu me sinto melhor quando você está ao meu lado.”

Ela sorriu com minhas palavras e entrelaçou seus dedos com os meus, e eu me inclinei para beijar sua testa, sem me importar com quem iria ver.

“Vejo vocês na sexta-feira, então,” Sra. Irvine disse, entregando a Mama dois cartões de lembretes de consulta.

Nos despedimos e saímos do prédio para ir ao carro de Mama e, assim que ela entrou, impedi Vespyr de abrir a porta.

“Mostre-me,” eu disse a ela, acenando para o folheto que ela estava segurando.

Ela olhou para baixo e lentamente o levantou para que eu pudesse ler o que estava escrito na frente.

Esquizofrenia.

Fiz uma careta, tirando-o da mão dela. “Ela já diagnosticou você?”

“Não. Ela... pensa que isso é o que há de errado comigo.”

Olhei-a de novo nos olhos, sorrindo na esperança de animá-la um pouco. “Vai ficar tudo bem. Hoje não foi tão ruim assim, certo? Vamos resolver as coisas, doce menina.”

Ela sorriu para mim e acenou com a cabeça, então eu devolvi o folheto e mostrei a ela os dois que a sra. Irvine me deu.

“Bipolar. Pelo menos essa é uma das muitas coisas que estão erradas comigo,” eu disse calmamente.

Vespyr olhou para os folhetos, estudando-os de perto antes de erguer o olhar novamente. “Eu sei que é difícil para você, mas estou feliz que você esteja fazendo isso comigo. E um dia, quando estivermos melhores, podemos começar a imaginar nosso futuro juntos. Você e eu.”

Eu não tinha muita esperança de me curar de algo tão complexo e intenso, mas com ela ao meu lado, parecia que tudo poderia acontecer.

“Você e eu,” sussurrei. “Para sempre.”

“Apenas nós dois.”



CHAPTER 42
FENNEC

Dois Meses Depois

A Sra. Irvine disse que eu usava "jogos mentais" para controlar minha família e meus amigos, mas principalmente Vespyr, e embora as pessoas com TPAS fossem charmosas e carismáticas, minha personalidade teve principalmente um impacto negativo sobre mim mesmo.

Havia muitos traços e sintomas que apontavam para que eu tivesse TPAS, tais como mentir para ganho pessoal, ser agressivo, e não sentir culpa depois de prejudicar ou maltratar os outros.

Tudo isso eu não podia negar.

Vespyr e eu conversamos sobre nossa saúde mental quase todas as noites, e isso nos ajudou a ver as coisas que fizemos de errado.

Bem, as coisas que eu fiz de errado.

Vespyr não sabia que as coisas que eu fiz com ela não eram corretas, e até conversamos sobre parar o que estávamos tendo.

Mas por mais doce que ela fosse, e com o amor que sentia por mim, ela estava determinada a ficar comigo.

Eu havia pedido desculpas a ela um milhão de vezes, e essas desculpas vieram facilmente depois que a Sra. Irvine me prescreveu aquele medicamento.

Isso manteve meu humor sob controle, e aqueles episódios de depressão não ocorreram com a frequência que costumavam acontecer.

A medicação também ajudou com as vozes na minha cabeça.

Elas não falavam mais comigo, e embora me ajudassem a não me sentir só às vezes, eu me sentia muito melhor sem elas.

Eu tinha Vespyr, e ela era tudo o que me importava.

Falávamos sobre tudo, tentamos nos ajudar mutuamente e descobrimos maneiras de nunca mais cair na escuridão.

Vespyr teve muito mais facilidade, mas ainda havia algo que eu tinha que dizer a ela.

Algo sobre o qual eu deveria ter sido honesto há muito tempo, mas senti que hoje era o momento certo.

Com Papa de volta à natureza, Vespyr e eu passávamos a maior parte de nossos dias em casa enquanto Mama ia para o trabalho.

O tornozelo do Papa havia cicatrizado bem e, antes de entrar no caminhão do Jason, ele disse que lamentava.

Parecia que ele tinha percebido que por mais imoral que fosse o que eu e Vespyr tínhamos, que não havia como ele nos separar.

Ele começou a cuidar de seus próprios assuntos, e ficou claro que estar sozinho na floresta era onde ele queria estar.

Sem nós.

Ele estava destinado a ficar sozinho.

Mama ainda se importava e muitas vezes tentava falar conosco sobre os problemas que nosso relacionamento poderia causar em nossa sociedade, mas como poderíamos causar problemas quando não era da conta de mais ninguém?

Eles não precisavam saber.

Já era tarde, e Mama voltaria do trabalho em breve.

Eu saí do meu quarto para encontrar Vespyr de pé na cozinha, bebendo um copo de água.

“Vespyr?”

Ela virou e colocou o copo na mesa, então sorriu para mim.

“Sim?”

“Quer vir falar comigo por um momento? Há algo importante que preciso dizer a você,” eu disse, mantendo minha voz calma.

Era fácil estar perto dela.

Ela fazia com que eu me sentisse seguro e em paz, mas o que mais importava era como ela me fazia sentir amado.

“Claro. Está tudo bem?” Ela se aproximou de mim e segurou minha mão, então inclinou a cabeça para tentar descobrir o que estava acontecendo.

“Sim, está tudo bem. Há algo que preciso tirar do meu peito, no entanto.”

Ela acenou com a cabeça e se inclinou para beijar minha bochecha, mas eu virei minha cabeça para que seus lábios pousassem nos meus.

Segurando sua bochecha, eu a mantive perto e a beijei apaixonadamente antes de interromper o beijo novamente para olhar para ela.

“Vamos,” sussurrei.

Entramos no meu quarto e fechei a porta para que Mama não nos ouvisse conversando caso voltasse para casa mais cedo.

“Você terminou a carta que a Sra. Irvine pediu que você escrevesse?” Ela perguntou quando nos sentamos na minha cama.

“Terminei ontem à noite quando você adormeceu. Você?”

“Terminei ontem também,” ela afirmou.

A sra. Irvine nos fez escrever uma carta. Manteríamos para nós mesmos, por mais que quiséssemos que o outro lesse.

Nós colocamos nossos corações e alma naquela carta, e em nossa última visita amanhã, a leríamos uma última vez antes de rasgá-las e queimá-las.

Foi ideia da Sra. Irvine, e Ves e eu fizemos o que ela sugeriu.

“O que você queria me dizer?” Ela perguntou, sua mão ainda na minha.

Observei enquanto seus dedos brincavam com os meus, nunca conseguindo ficar parados quando ela estava se sentindo insegura.

“Você não tem nada com que se preocupar, ok? Eu sei que deveria ter sido honesto naquela época, mas eu não queria perder você. Ou te chatear.”

Fiz uma pausa, esperando que as palavras certas aparecessem em minha mente.

Vespyr esperava pacientemente que eu falasse e, quando finalmente olhei para ela, ela sorriu para me encorajar.

“Lembra como a Sra. Irvine falou com você sobre interpretar a realidade de forma anormal? E como você disse que esses sonhos começaram quando você era mais jovem, mas se tornaram mais intensos quanto mais você envelheceu?”

Ela acenou para mim, seus olhos se estreitando antes de inclinar a cabeça. “Eles pararam agora,” ela apontou.

“Eu sei. Porém, aquelas noites em que você teve aqueles sonhos comigo quando veio pela primeira vez para a floresta …”

Parei, e depois de um tempo de silêncio, ela olhou de volta para nossas mãos, seus dedos ainda entrelaçados aos meus.

“Você quer dizer os sonhos febris que eu tive.”

“Sim, esses,” suspirei, mordendo meu lábio inferior antes de dizer o que estava me incomodando todo esse tempo. “Eles não eram sonhos, Vespyr.”

Eu deixei isso penetrar, mas não demorou muito para ela responder.

“Eu sei. Quer dizer, imaginei que não. Eles pareciam muito reais,” ela disse, sua voz suave.

“Você não está com raiva de mim por fazer você acreditar que eles eram? O que eu fiz com você durante aquelas noites não estava bem.”

“Não, não estava. Eu sei que mesmo se eu estivesse ciente disso, teria deixado você continuar,” ela me disse, suas palavras determinadas.

Eu não tinha certeza se ela percebia o quão errado era para mim usá-la dessa forma, mas antes que eu pudesse perguntar a ela sobre isso, ela falou novamente.

“Tudo o que você sempre me fez sentir eram coisas que eu queria sentir. Eu teria impedido você se fosse de outra forma. Eu sabia que queria as coisas que você fez para mim. Elas me fizeram sentir viva e me mostraram o quanto eu te amava naquela época. Você não é o cara mau aqui, Fennec, mas se fosse, eu seria tão má quanto você.”

Suas palavras foram honestas e verdadeiras, mas levei um momento para aceitá-las.

Para mim, fui eu quem a transformou na pessoa que ela era agora.

“Por favor, não se deixe abater,” ela sussurrou, segurando minha bochecha com uma mão e mantendo a outra na minha. “Estamos nos curando e, embora o passado nos tenha moldado, quero que olhemos para o futuro.”

Balancei a cabeça, mantendo meus olhos nela enquanto uma emoção avassaladora tomou conta de mim.

“Eu não mereço o seu amor, mas sou muito egoísta para deixar você ir.”

“Então não deixe,” ela disse, sorrindo suavemente. “Porque sou igualmente egoísta quando se trata de você, Fen.”



“Não tenho certeza se Papa vai concordar com isso,” Mama disse depois que eu contei a ela sobre a ideia que tive depois do jantar.

Seu comportamento em relação a nós havia mudado um pouco, e sua agressividade passiva era algo com o qual nos acostumamos nas últimas semanas.

Vendo como ela não poderia separar Vespyr de mim, ela teve que aceitar isso e seguir em frente com sua vida.

Ela poderia ter nos expulsado facilmente, mas isso teria causado mais problemas, visto que esta cidade sempre descobria quando uma família tinha uma merda para lidar.

Ela não tinha outra escolha, o que era obviamente uma coisa boa para mim e Ves.

“Pedir não faz mal a ninguém. A pior coisa que ele poderia nos dizer é não.”

Mama deu de ombros e se levantou para colocar os pratos na pia, e Vespyr se levantou para ajudá-la a limpar a mesa.

“Acho que ele vai dizer sim,” disse Ves com otimismo, e sorri para ela antes de me levantar e colocar a garrafa de água de volta na geladeira.

“Eu também acho. Vamos perguntar agora.”

Esperei que ela passasse por mim antes de olhar para Mama e, depois seguir Vespyr para o meu quarto, onde peguei meu telefone para discar o número de Papa.

“Você acha que o telefone dele está ligado?” Ela perguntou, olhando para o telefone que eu estava segurando no meu colo com o viva-voz.

“Ele disse que o deixaria ligado até que soubéssemos qual seria o próximo passo.”

E com certeza, ele atendeu. “Alô?”

“Papa, são Vespyr e Fennec,” eu disse.

“Ei, vocês dois estão bem?” Ele perguntou.

Ele parecia feliz.

O acampamento era sua casa, e nós o invadimos e arruinamos seu lugar seguro por um curto período de tempo.

Comecei a me sentir mal por ele, e muitas vezes me perguntava se me mudar para lá depois de me formar foi a coisa certa a fazer.

Ele poderia ter dito não, mas eu tinha apenas dezoito anos, e talvez ele pensasse que seria uma boa idéia me ter lá com ele.

“Estamos bem. Amanhã é nossa última sessão de terapia,” disse Vespyr com um sorriso brilhante.

“Isso é bom. Como está sua mãe?”

“Ela está bem. Papa, há algo que precisamos perguntar a você,” eu disse, olhando para Vespyr e recebendo um aceno encorajador dela.

“Solte.”

“Sabemos que você quer ficar sozinho aí em cima e respeitamos essa decisão, mas não podemos ficar aqui. Precisamos ficar sozinhos também, e o único lugar onde podemos estar é aí em cima na floresta.”

“Nós somos como você, Papa,” acrescentou Vespyr, com voz esperançosa.

“Não quero vocês no meu acampamento de novo,” afirmou ele, e por mais duro que parecesse, não nos machucou.

“Nós sabemos. É por isso que tive essa outra ideia. Você tem tantos terrenos lá em cima e, se permitir que nos acomodemos mais longe de seu acampamento, gostaríamos de construir o nosso em algum lugar. Não podemos ficar nesta cidade, ou em qualquer outro lugar que não seja a floresta.”

Papa não respondeu, e o silêncio estava deixando Ves e eu nervosos.

“Sua Mama está bem com isso?” Ele então perguntou.

Não precisávamos de seu consentimento para viver lá por conta própria. “Ela vai ficar feliz por sairmos desta casa, Papa,” apontei.

“Sim, Provavelmente.” Ele suspirou e nós o ouvimos andar pelo chão de sua cabana de madeira. “Certo. Não é como se vocês fossem ouvir o que tenho a dizer de qualquer maneira.”

Isso não era totalmente verdade.

Aprendemos muito com ele, mas quando se tratava de meu relacionamento com Vespyr, não tinha ninguém nos dizendo o que fazer.

“Obrigada, Papa!” Vespyr disse feliz, batendo palmas antes de me abraçar com força.

Ele zombou. “Sim, apenas me avisem quando estiverem prontos para subir aqui.”

“Avisaremos. Obrigado, Papa,” respondi antes de me despedir e desligar, depois coloquei os braços em volta de Vespyr para puxá-la para perto.

“Estaremos em casa de novo logo,” sussurrei na curva de seu pescoço, segurando-a com força contra meu corpo.

“Apenas nós dois.” Sua voz trêmula era um sinal de felicidade, e eu não pude evitar de derramar lágrimas de felicidade também.

Nossa vida dependia de nós decidirmos onde e como acabaríamos, e vivermos juntos sem outras pessoas por perto era onde deveríamos estar.

Eu me inclinei para trás para olhar seu lindo rosto, e quando me aproximei para beijá-la, ela colocou as duas mãos de cada lado da minha cabeça antes de pular no meu colo.

Minhas mãos estavam na parte inferior de suas costas, sentindo seu calor contra o meu enquanto nos derretíamos no beijo.

Um gemido suave escapou dela enquanto eu movia minhas mãos para o seu traseiro, e assim que nosso beijo ficou mais intenso, ela empurrou contra meu peito para olhar para mim novamente.

“Agora não,” ela sussurrou, encostando a testa na minha e fechando os olhos.

Eu não conseguia manter minhas mãos longe dela durante o dia, mas sempre que Mama voltava do trabalho, eu tinha que tentar mantê-las para mim mesmo até que ela adormecesse.

Não que ela não soubesse que estávamos dormindo na mesma cama todas as noites e fazendo coisas que ela não gostava, mas nós a respeitávamos muito para não esfregar nosso amor em sua cara.

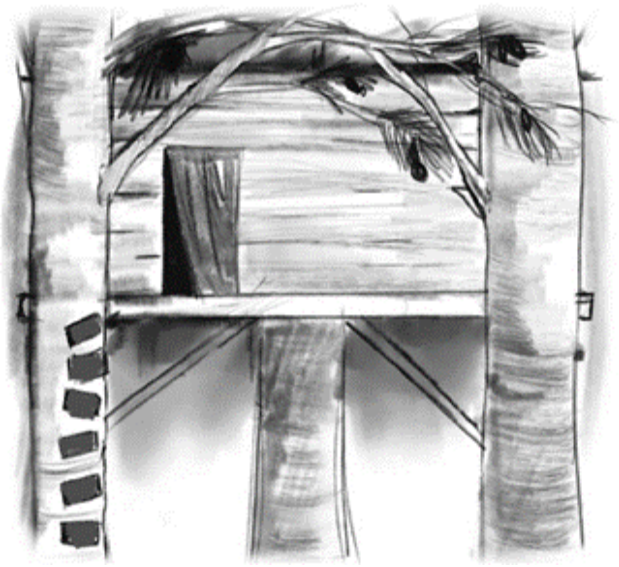
Era o mínimo que podíamos fazer depois do que ela havia feito por nós.

“Quando finalmente estivermos sozinhos, nunca haverá um ‘agora não’,” prometi a ela, fazendo-a rir e jogar a cabeça para trás com felicidade estampada por todo o rosto.

Sim... você é o filho da puta mais sortudo do planeta por chamá-la de seu verdadeiro amor.

E por Vespyr me chamar de seu.

"Você está presa a mim para toda a vida."



EPILOGUE
VESPYR

Filhotes de Malamute do Alasca eram as coisas mais afetuosas e amigáveis que eu já vi.

Depois de nos mudarmos para cá, onde Papa nos permitiu construir em suas terras, Fennec e eu nunca pensamos que precisaríamos de um terceiro membro em nossa família para nos fazer companhia.

Quando o cão de Jason Sitka faleceu há seis meses, ele decidiu arranjar um novo companheiro leal e para não ir sozinho para o próximo abrigo de animais, Fennec e eu fomos com ele para lhe fazer companhia.

Não esperávamos nos apaixonar por uma doce bolinha de pelos que não conseguia parar de uivar para nós enquanto Jason segurava sua irmã em seus braços.

Um olhar para Fennec, e eu peguei o pequenino para conhecê-lo melhor.

Poucos segundos depois, estávamos acabados.

Balto voltou para casa conosco naquele dia, e sua irmã Silla era a nova amiga de Jason.

Estava sentada no alpendre da cabana que tínhamos construído com a ajuda do Papa, esperando que Fennec voltasse da caça.

Balto estava mastigando os cadarços da minha bota enquanto eu terminava sua cama de cachorro.

Começamos a alimentar Balto com comida crua assim que voltamos do abrigo, o que Jason sugeriu que fizéssemos porque era muito mais saudável para os cães.

Ele gostou e sabia que quando Fennec voltava depois de ficar um tempo fora, ele teria um bom almoço e jantar pelos próximos dias.

Olhei para ele ainda mastigando meus cadarços, e quando coloquei sua cama ao meu lado, ele olhou para cima com grandes olhos castanhos.

“Venha aqui, Balto!”

Ele saltou e se apoiou nas duas patas traseiras, colocando as outras duas sobre meus joelhos.

Eu o peguei e o abracei no meu peito, e embora ele estivesse crescendo tão rápido, ele não era muito pesado ainda.

Beijei sua cabeça e o deixei lamber minha bochecha, e quando ele ouviu um barulho, virou a cabeça e uivou.

Latir não era seu ponto forte e, por algum motivo, suas cordas vocais só eram capazes de emitir sons altos quando ele uivava.

Achávamos isso adorável e bastava para nos avisar sempre que um animal estava por perto.

Olhei na direção que Balto estava olhando e, com certeza, Fennec apareceu entre as árvores.

Tinha dois coelhos pendurados em seus ombros e dois esquilos amarrados em sua mochila.

Balto uivou novamente, e eu o deixei correr para Fennec, que estava sorrindo brilhantemente quando nosso amiguinho o alcançou.

“Trouxe um bom jantar para você,” ele disse, pegando Balto e carregando-o de volta para mim.

Levantei e sorri, feliz por ver Fennec novamente depois de um longo dia de caça. “Bom dia hoje?” Perguntei, beijando-o antes de tirar Balto de cima dele para que ele não começasse a mastigar os coelhos.

“Muito bom dia. Vimos um veado, mas é o mesmo que vimos há dois dias. Acho que ainda estará por aí amanhã, e então vou precisar da sua ajuda para trazê-lo para cá,” ele me disse.

“Ok, parece bom.”

“O que vocês dois fizeram o dia todo? Sentiram minha falta?”

“Muito,” respondi, minhas bochechas ficando rosa com a maneira como ele sorriu para mim.

Nunca imaginei que pudesse amá-lo ainda mais do que no início, e a cada dia que passava, meu amor por ele crescia.

“Eu terminei sua cama. Foi uma boa ideia deixá-la bem maior para que ele nunca passe isso.”

Balto seria um cachorro grande quando crescesse totalmente, e subestimamos o quão rápido ele cresceria desde o dia em que o pegamos como um cachorrinho do abrigo.

“Parece aconchegante. Acha que ele vai dormir um pouco antes de eu preparar o jantar para todos nós?” Fennec perguntou.

Olhei para Balto e encolhi os ombros. “Espero que sim.”

Fen riu e deu um beijo na minha testa, depois acenou com a cabeça em direção à porta da frente de nossa cabana.

Era bem grande, com dois quartos de tamanho decente, uma cozinha, uma sala de estar e um banheiro.

Transformamos o segundo quarto no quarto de Balto com todos os seus ossos e brinquedos nele, e agora poderíamos finalmente colocar sua cama de menino lá para que ele não tivesse que dormir mais conosco.

Já estava cheio e ele ainda tinha alguns centímetros para crescer.

Virei-me e entrei com Balto em um braço, carregando sua cama com a outra mão.

Assim que coloquei ambos no chão, ele imediatamente inspecionou sua nova cama e sentou-se como se para me dizer que estava pronto para tirar uma soneca.

Eu tinha brincado com ele o dia todo, jogando sua amada bola de tênis para ele buscar.

Ajoelhei-me ao seu lado e coloquei seu bicho de pelúcia favorito na cama, então arranhei o ponto atrás de sua orelha e dei-lhe um beijo. “Durma bem, dorminhoco. Vou acordá-lo para o jantar,” disse a ele, então saí da sala e fechei a porta sem que ele se preocupasse ou gritasse por tê-lo deixado sozinho.”

“Espero que ele fique calmo quando ficar mais velho. Como Sitka. Ela era uma cadela muito boazinha,” disse Fennec enquanto colocava os coelhos e os esquilos na mesa da cozinha.

“Tenho certeza que ele será. Ele já se comporta bem, exceto quando ele mastiga minhas botas.”

“Acho que ele gosta delas,” disse Fen, pegando minha mão e me puxando para mais perto dele.

Passei meus braços em volta de seus ombros, passando minhas mãos em seu cabelo, que tinha crescido mais no ano passado.

Cortei alguns centímetros há meses, mas eles voltaram a crescer rapidamente, o que não me incomodou.

Eu amava seu cabelo comprido. O deixava mais bonito do que já era.

“Você está bem hoje?” Ele perguntou, acariciando minhas costas e caminhando lentamente para trás em direção ao nosso quarto.

“Tenho estado ótima. E você?”

Verificar a saúde mental um do outro se tornou um hábito e sempre que havia algo errado, conversávamos sobre isso e tentávamos ajudar um ao outro o melhor que podíamos.

Tomar a medicação da Sra. Irvine estava lentamente começando a se tornar uma eventualidade, e embora a tomássemos regularmente quando chegamos aqui pela primeira vez, não sentíamos necessidade de tomá-los diariamente.

Estávamos melhorando, e nossas mudanças se manifestavam a cada dia.

“Tenho estado ótimo,” ele repetiu minhas palavras, sorrindo e me deixando cair na cama quando bati na lateral dela com a parte de trás das pernas.

Ele se inclinou sobre mim, empurrando minhas pernas e se posicionando confortavelmente entre elas, com seu cotovelo direito apoiado ao lado da minha cabeça.

“Senti sua falta,” ele sussurrou, roçando o nariz no meu.

“Também senti sua falta,” respondi, colocando as duas mãos em seu suéter e puxando-o com cuidado, sugerindo que ele o tirasse.

Assim que o fez, ele beijou meus lábios e segurou meu queixo com a mão esquerda, empurrando sua virilha contra a minha.

Ele aprofundou o beijo inclinando minha cabeça para o lado e roçando sua língua contra meu lábio inferior.

Depois de me abrir com ele, eu o deixei ter total controle sobre o beijo, sentindo sua língua se mover ao redor da minha e brincar uma com a outra, fazendo minha boceta apertar e o calor aumentar.

Gemi quando senti sua dureza pressionar contra mim e comecei a circular meus quadris para sentir mais dele.

Ele moveu a mão do meu queixo até meu quadril, empurrando meu suéter para cima e acariciando minha barriga antes de enfiar a mão em minhas calças.

Massageando meu clitóris, ele continuou a me beijar apaixonadamente enquanto eu escovava ao longo de seu estômago, sentindo cada músculo

flexionar sob o meu toque.

“Tão molhada. Exatamente como eu gosto,” ele gemeu, deslizando dois dedos pela minha fenda antes de empurrá-los dentro do meu aperto.

Eu gemi, arqueando minhas costas.

Ele levantou a cabeça para olhar para mim e, com os olhos nos meus, começou a mover os dedos mais rápido para dentro e para fora.

“Que pena que você não está menstruada hoje,” ele disse, me fazendo sorrir.

Aprendi a amar suas perversões e, por mais nojentas que fossem para os outros, nunca o julguei pelas coisas que ele queria fazer comigo, ou vice-versa.

Era emocionante saber que havia muito mais coisas para explorar com Fennec.

“Em breve,” respondi. “Você ainda pode sentir o gosto da minha boceta,” acrescentei, sabendo que ele gostava quando eu falava assim.

Ele sorriu, então murmurou uma maldição e puxou os dedos para prová-los.

Eu o observei chupar e lamber os dedos, então ele os puxou e os empurrou de volta nas minhas calças para colocar um pouco mais dos meus sucos neles.

“É isso, doce menina. Aperte essa boceta em volta dos meus dedos da mesma forma que você fará com meu pau.”

Eu já estava com saudades do seu pau, querendo que ele me esticasse e me fizesse gozar de uma forma que só ele poderia.

Arqueei minhas costas novamente, sentindo seu polegar agora esfregando meu clitóris em círculos lentos.

“Diga-me o que você quer, Ves.”

“Eu quero que você me foda,” exalei, agarrando seu cabelo na parte de trás de sua cabeça com uma mão e seu ombro com a outra.

“Por favor,” implorei, movendo meus quadris para colocar seus dedos mais profundamente dentro de mim.

Ele os puxou logo depois, e sem nunca me deixar, tirou a calça e a cueca boxer para, em seguida, montar em mim e subir até que a ponta de seu pênis roçasse em meus lábios.

“Abra essa boca bonita para mim, doce menina,” ele ordenou.

Ele tinha feito isso antes, e era difícil para mim me mover embaixo dele, segurando minha cabeça no lugar com uma mão enquanto posicionava seu pau na minha boca com a outra.

“Mostre-me o quanto você adora chupar meu pau, Ves.”

Abri minha boca e o deixei deslizar seu eixo dentro dela eu olhava para ele, ajoelhado sobre mim.

Minha língua se moveu ao longo de seu comprimento enquanto ele enfiava mais fundo na minha garganta, e uma vez que atingiu a parte de trás, ele agarrou meu cabelo no topo da minha cabeça e a moveu para cima e para baixo.

Eu não tinha como escapar, mas nunca iria querer.

“Continue,” ele encorajou, meus olhos lacrimejando com a falta de ar atingindo meus pulmões.

Ele tinha me sufocado durante o sexo antes, mas não importava o que ele fizesse comigo, eu amava cada segundo disso.

Não havia nada que ele pudesse fazer que me assustasse, e havia aprendido muitas coisas sobre mim, coisas que nunca pensei que gostaria.

Quando fechei os olhos, ele saiu da minha boca e se afastou para se inclinar e me beijar, deixando sua saliva se misturar com a minha antes de seguir beijos por todo o caminho até a minha barriga, levantando meu suéter para ter melhor acesso a minha pele.

Observei quando ele puxou minha calça e calcinha para baixo e, enquanto o fazia, me livrei do meu suéter porque estava no caminho.

O mesmo aconteceu com meu sutiã esportivo.

“Malditamente linda. Isso é tudo meu. *Você* é minha,” disse ele com orgulho, me fazendo sorrir.

“Eu sou sua,” sussurrei.

Ele levou apenas alguns golpes de sua língua para fazer meu clitóris enviar faíscas por todo o meu corpo, mas ele se moveu de volta antes que eu pudesse gozar, esfregando sua ponta ao longo da minha fenda e empurrando para dentro de mim lentamente.

“Porra!” ele gemeu, seu peito subindo e descendo enquanto entrava. “Tão fodidamente apertada.”

Ajustei meu corpo e envolvi minhas pernas em torno de seus quadris enquanto ele se inclinava para me beijar, e com meus braços ao redor de

seus ombros, o mantive perto enquanto ele empurrava para dentro e para fora de mim com movimentos rápidos.

Seu pau latejava contra minhas paredes, me esticando enquanto sua língua dançava com a minha.

Não importa o quão selvagem as coisas entre nós ficassem durante o sexo, eu amava o quão bem ele me fazia sentir ao me amar com delicadeza.

Bem, tão gentil quanto ele poderia ser, mas tê-lo me segurando e me amando do jeito que ele me amava naquele exato momento era o suficiente para mim também.

Aos nossos olhos, nunca havíamos cometido erros.

Nosso amor não era errado, não importava o que passamos para chegar onde estávamos agora.

Era para ser, e nosso amor não estava fazendo mal a ninguém.

As pessoas eram cruéis às vezes, e eu não conseguia imaginar em quantos problemas poderíamos ter se nosso relacionamento fosse exposto.

Nosso objetivo não era deixar os outros desconfortáveis porque eles pensavam que nosso amor era imoral e distorcido, então decidir partir e viver por conta própria onde ninguém estava por perto foi a melhor decisão que poderíamos ter feito.

Senti a tensão em meu corpo aumentando enquanto minha boceta apertava em torno de seu pau e pulsava incontrolavelmente.

Eu estava perto, mas não queria ser empurrada para a borda sem que ele me seguisse.

Quebrando o beijo, inclinei minha cabeça para trás e gritei seu nome enquanto segurava meu orgasmo.

“Fen, por favor!” Implorei, minha voz falhando enquanto meu corpo tremia.

Meus joelhos apertaram seus quadris, e quando ele parou de se mover, eu sabia que finalmente poderia me soltar.

Era uma sensação familiar, mas, cada vez que eu sentia, era diferente.

Minha respiração parou quando nós dois atingimos nossos níveis máximos, e quando eu lentamente voltei para baixo, enterrei meu rosto na curva de seu pescoço, tentando colocar ar suficiente em meus pulmões.

Ele se moveu para se deitar ao meu lado, sem se retirar e me mantendo aninhada em seus braços.

Ele segurou com uma mão a parte de trás da minha cabeça, de modo a me proteger do mundo e me mostrar seu amor e afeto.

O mesmo que ele me deu desde que éramos pequenos, e continuaria a me dar para o resto de nossas vidas.

“Às vezes, não consigo encontrar palavras para expressar o quanto eu te amo.”

Eu sorri com suas palavras, colocando um beijo em sua pele quente. “Você me diz todos os dias, sem nunca dizer as palavras. Só de olhar para você eu sei que você me ama, Fennec,” sussurrei.

Ele moveu a mão das minhas costas para a minha bochecha, me fazendo virar a cabeça para olhar em seus olhos. “É o suficiente para você?”

Um grande ponto de interrogação apareceu acima da minha cabeça. “Seu amor?” Perguntei, então ri. “Claro que é o suficiente! É mais do que suficiente, Fen. Sempre foi,” eu disse a ele, segurando sua bochecha agora também.

“Nunca duvide disso. Você nunca vai se livrar de mim. Você está preso a mim para o resto da vida,” afirmei com uma voz severa.

“Bom. Acho que precisava ser lembrado,” ele riu, sorrindo para mim.

“Não se atreva a duvidar do meu amor por você nunca mais, entendeu?”

“É? O que você vai fazer se acontecer de novo?” Ele brincou.

“Então eu vou...” Comecei, mas parei quando nada veio à mente.

Afastei-me dele, deixando seu pau sair de mim enquanto o empurrava para trás e montava em seus quadris.

Apontando o dedo para seu peito, olhei para ele com uma cara séria, tentando parecer zangada. “Farei tudo o que estiver ao meu alcance para gravar nesse seu cérebro que você nunca mais terá que duvidar de si mesmo. Seu amor me faz sentir viva, e sem você, não creio que sobreviveria nem mesmo uma hora.”

Minha mandíbula estava cerrada, querendo mostrar a ele o quão sério eu estava falando sobre isso. Mas tudo que recebi em troca foi sua risada sincera.

“Pare,” murmurei, franzindo a testa para ele e batendo em seu peito. “Isso não deveria ser engraçado.”

“Sinto muito, doce menina,” ele disse, controlando lentamente sua explosão. “Você é adorável demais.”

“Estou falando sério,” eu disse a ele, cobrindo sua boca com a mão para impedi-lo de rir.

Eu o senti pressionar seus lábios em uma linha apertada, e quando ele tirou minha mão de sua boca, ele estendeu a mão para me puxar para beijá-lo.

“Chega de dúvidas,” ele prometeu a mim e a si mesmo, e antes de aprofundar o beijo, sussurrou: “Obrigado por tudo que você fez por mim. Você me ajudou a me tornar uma versão melhor de mim mesmo.”

Ele não precisava me agradecer por algo tão óbvio.

Porque no final, ele fez o mesmo por mim.

FIM.

Notas

[←1]
Filme de ficção cientifica.

[←2]

Crianças nascidas em sequência dentro do período de um ano.

[←3]
https://dogsbestlife.com/wp-content/uploads/2019/02/Alaskan-malamute.jpeg

[←4]

Rena ou caribu é um cervídeo de grande porte que habita tundra e florestas boreais.

[←5]

Em tradução livre seria: Sociedade Crua.

[←6]
Tipo de biscoito recheado.

[←7]

Um ovo cozido "de lado ensolarado" significa que ele é frito apenas de um lado e nunca virado. A gema continua completamente líquida e as claras na superfície quase cozidas.